



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE D  
**COIMBRA**

Catarina Sofia Martins Soares

**OS PROCESSOS DE CRISTIANIZAÇÃO DOS SÉCULOS IV  
AO VIII**

**A IMPORTÂNCIA DOS BATISTÉRIOS NA EVOLUÇÃO HISTÓRICA  
DA LUSITÂNIA, A PARTIR DO *CASE-STUDY* DE IDANHA**

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, orientada pelo Professor Doutor Pedro Jorge Cardoso de Carvalho, coorientada por Professor Doutor Tomas Cordero Ruiz, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2023

# FACULDADE DE LETRAS

## OS PROCESSOS DE CRISTIANIZAÇÃO DOS SÉCULOS IV AO VIII

### A IMPORTÂNCIA DOS BATISTÉRIOS NA EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA LUSITÂNIA, A PARTIR DO *CASE-STUDY* DE IDANHA

#### Ficha Técnica

Tipo de trabalho	<b>Dissertação</b>
Título	<b>Os processos de cristianização dos séculos IV ao VIII.</b>
Subtítulo	A importância dos batistérios na evolução histórica da Lusitânia, a partir do <i>case-study</i> de Idanha
Autor/a	Catarina Sofia Martins Soares
Orientador/a(s)	Pedro Jorge Cardoso Carvalho Tomas Cordero Ruiz
Júri	<b>Presidente: Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutor Pedro Jorge Cardoso Carvalho</b> <b>2. Doutor Catarina Maria Santos Guerra Tente</b>
Identificação do Curso	<b>2º Ciclo em</b>
Área científica	<b>Arqueologia e Território</b>
Especialidade/Ramo	Medieval
Data da defesa	<b>27-10-2023</b>
Classificação	<b>18 valores</b>

## **Agradecimentos**

Obrigada à minha família, à minha mãe Luisa, à minha irmã Soraia, ao meu cunhado Sérgio e ao tesouro dos meus olhos, o meu sobrinho Noah. E às minhas tias Zeza e Mites pelo apoio e suporte emocional.

Obrigada à minha família de Coimbra, à Andreia, à Kelly, à Sofia, ao Oliveira, ao Almeida, ao André e à Ana, por me ajudarem a manter os pés bem assentes na terra.

Aos meus orientadores Pedro Carvalho e Tomas Cordero Ruiz por aceitarem o desafio.

E a Coimbra por me acolher.

## RESUMO

### **Os processos de Cristianização dos séculos IV ao VIII. A importância dos batistérios na evolução histórica da Lusitânia, a partir do *case-study* de Idanha.**

As características do Cristianismo primitivo peninsular abarcam principalmente as basílicas cristãs identificadas, os martírios, a iconografia espelhada nos elementos arquitetónicos, o estudo das crono-tipologias do material cerâmico, das cidades episcopais (através da liturgia e de escavações arqueológicas) e a dispersão dos ritos do batismo refletida na integração social, política e administrativa do Cristianismo.

Neste trabalho efetuámos o estudo dos batistérios identificados no território da Lusitânia, prestando-se atenção à historiografia, campanhas arqueológicas e aos critérios utilizados na sua datação (materialidades, sequências estratigráficas, datações relativas e absolutas/físico-químicas). Criou-se um mapa atualizado da Lusitânia com os casos estudados: a Casa Herrera (Badajoz), San Pedro de Mérida (Badajoz), El Gatillo de Arriba (Cáceres), Garrovillas de Alconétar (Cáceres), Idanha-a-Velha (Castelo Branco), Villa romana de La Cocosa (Badajoz), Valdecebadar (Badajoz), Villa romana de Torre de Palma (Monforte), Vila Verde de Ficalho (Serpa), Mértola (Beja), Milreu (Faro) e Conimbriga (Condeixa-a-Nova).

Tipicamente datados do séc. VI/VII, analisamos criticamente a validade destas cronologias baseadas em critérios comparativos, tipológicos, estilísticos e de autoridade científica, característicos da forma como se investigava no séc. XX. Numa última fase, partiu-se dos resultados retirados das análises químicas de Radiocarbono ( $^{14}\text{C}$ ) e OSL (Optically Stimulated Luminescence) feitas ao Batistério Norte (datado da segunda metade do século IV) e o Batistério Sul (da primeira metade do séc. V) de Idanha-a-Velha (Castelo Branco), tentando reinterpretar, com base nessas novas balizas cronológicas, os restantes casos de estudo, por forma a verificar se as cronologias outrora apontadas como certas (e repetidas constantemente nas publicações) assentavam em dados sólidos e, assim, se poderiam ser questionáveis.

**Palavras-chave:** Batistérios, Antiguidade Tardia, Lusitânia, Arqueologia, Critérios Cronológicos.

## **ABSTRACT**

### **Christianity from the 4th to 8th centuries. The importance of baptisteries in the history of Lusitania, by analyzing the case-study of Idanha.**

The characteristics of early peninsular Christianity mainly include the Christian basilicas identified, the martyrdoms, the iconography mirrored in the architectural elements, the study of the chrono-typologies of the ceramic material, the episcopal cities (through the liturgy and archaeological excavations) and the dispersion of the rites of baptism reflected in the social, political and administrative integration of Christianity.

In this work we studied the baptisteries identified in the territory of Lusitania, paying attention to historiography, archaeological campaigns and the criteria used in their dating (materialities, stratigraphic sequences, relative and absolute/physico-chemical dating). An updated map of Lusitania was created with the cases studied: Casa Herrera (Badajoz), San Pedro de Mérida (Badajoz), El Gatillo de Arriba (Cáceres), Garrovillas de Alconétar (Cáceres), Idanha-a-Velha (Castelo Branco), Villa romana de La Cocosa (Badajoz), Valdecebadar (Badajoz), Villa romana de Torre de Palma (Monforte), Vila Verde de Ficalho (Serpa), Mértola (Beja), Milreu (Faro) and Conimbriga (Condeixa-a-Nova).

Typically dated to the 6th/7th century, we critically analyzed the validity of these chronologies based on comparative, typological, stylistic and scientific authority criteria, characteristic of the way research was carried out in the 20th century. In the last phase, we used the results of the chemical analyses of Radiocarbon ( $^{14}\text{C}$ ) and OSL (Optically Stimulated Luminescence) carried out on the North Baptistery (dating from the second half of the 4th century) and the South Baptistery (from the first half of the 5th century) of Idanha-a-Velha. V) of Idanha-a-Velha (Castelo Branco), trying to reinterpret the other case studies based on these new chronological markers, in order to check whether the chronologies that were once taken for granted (and constantly repeated in publications) were based on solid data and could therefore be questionable.

**Keywords:** Baptisteries, Late Antiquity, Lusitania, Archaeology, Chronological Criteria.

## ÍNDICE

1. Introdução .....	1
2. Objetivos e Metodologia .....	3
3. Historiografia .....	8
4. Breve Gênese do Ritual do Batismo .....	16
5. Contextualização do Mundo Tardorromano na Lusitânia .....	25
5.1. Os centros urbanos .....	28
5.2. O mundo rural e as <i>villae</i> romanas .....	32
6. Catálogo .....	38
6.1. Casa Herrera, Badajoz .....	42
6.2. San Pedro de Mérida, Badajoz .....	48
6.3. El Gatillo de Arriba, Cáceres .....	50
6.4. Garrovillas de Alconétar, Cáceres .....	55
6.5. Idanha-a-Velha, Castelo Branco .....	60
6.6. <i>Villa</i> Romana de La Cocosa, Badajoz .....	69
6.7. Valdecebadar, Badajoz .....	73
6.8. <i>Villa</i> Romana de Torre de Palma, Monforte .....	77
6.9. Vila Verde de Ficalho, Serpa .....	83
6.10. Mértola, Beja .....	87
6.11. Milreu, Faro .....	92
6.12. Conímbriga, Condeixa-a-Nova .....	97
7. Análise Crítica .....	102
8. Conclusões .....	108
9. Bibliografia .....	111
10. Anexos .....	125

## 1. INTRODUÇÃO

A problemática do estudo da Antiguidade Tardia deriva, na maioria das vezes, da falta de contextos bem estudados com base na metodologia arqueológica. Neste caso, a temática do Cristianismo primitivo e a sua introdução na Lusitânia depende efetivamente do número de edifícios religiosos tardo antigos identificados e conseqüentemente das suas publicações.

Para o que concerne este trabalho, teremos como prioridade um dos elementos dessas basílicas iniciais, os complexos batismais escavados no séc. XX/XXI, circunscritos à Lusitânia. Para tal, foi elaborado um inventário atualizado dos batistérios e conseqüente análise crítica do seu trabalho de campo e pós-campo. O enfoque será na metodologia utilizada na datação de cada um dos casos, se por critérios comparativos, pela sequência estratigráfica, as materialidades, análises químicas, critérios de autoridade ou estilísticos.

Com esse objetivo, o presente estudo está dividido em quatro partes. A primeira envolve um resumo da gênese do batismo (Capítulo 4) onde se privilegiou a utilização da iconografia como uma ferramenta de propagação do Cristianismo e das liturgias que foram sendo reunidas a partir do séc. I.

O que vem a ser espelhado no Capítulo 5, na adoção sistemática do Cristianismo em época imperial e nos séculos seguintes, progressivamente adicionado à vida social, política e administrativa dos centros urbanos e do mundo rural. Por conseguinte, está refletido no número de batistérios, basílicas, altares e martírios identificados na Lusitânia, espelhando diretamente o aumento dos batismos e a adoção total dos ritos cristãos.

Resta, nesta fase, a catalogação destes casos de estudo (Capítulo 6), onde demos a maior atenção na análise dos exemplos, a sua historiografia, campanhas arqueológicas e os critérios/elementos utilizados na sua datação tendo em conta o contexto científico do séc. XX. Tendo presente também a representação das suas plantas e fotografias de cada um dos batistérios.

Por fim, temos a Análise Crítica (Capítulo 7) que retomará as informações coletadas nos capítulos anteriores analisando estes sítios com base nos resultados cronológicos recentes dos batistérios de Idanha-a-Velha. Isto é, pretendemos pressupor cronologias semelhantes alicerçadas nos paralelismos entre os batistérios do catálogo e estes mencionados anteriormente. A importância desta revisão vem assente na relevância do cumprimento das

diretrizes estratigráficas na escavação de contextos antigos e na sua correta datação. No fundo será uma crítica às metodologias recorrentes no passado e a sua insuficiência quando aplicada aos sítios arqueológicos.

## 2. OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente estudo dedica-se principalmente à enumeração e revisão bibliográfica dos sítios arqueológicos com a presença de piscinas batismais, dos séculos IV ao VIII, no território lusitano<sup>1</sup>. Deste modo, com a iniciação à investigação da principal temática, múltiplas questões foram surgindo às quais pretendemos responder ao longo do trabalho.

Consequentemente estas questões incidem na reconstrução do ritual do batismo de forma a entender a sua planificação e relação com a construção das piscinas batismais, e por sua vez, num plano mais abrangente, analisar os elementos arquitetónicos constituintes dos primeiros contatos do Cristianismo no território. O estudo da época pós-romana, com enfoque na vida quotidiana destes grupos migratórios permitiram expor as principais infraestruturas que estas comunidades reconstruíram e, por conseguinte, a sua reocupação. Ainda assim, uma característica que se destaca nesta fase é a importância dada aos espaços de culto, entre eles, a existência de uma necrópole e uma basílica, sendo esta composta por um altar de onde seriam anunciados os sermões e um batistério por onde os catecúmenos iniciavam a sua vida cristã.

Relativamente à metodologia, a abordagem escolhida tem por base uma pesquisa exaustiva demonstrando passo a passo os caminhos tomados de forma a responder ao conjunto de questões que naturalmente surgiram aquando do aprofundar da investigação, que neste caso se centra no estudo dos complexos batismais na Antiguidade Tardia na Lusitânia.

Esta visão mais ampla da temática é necessária para a catalogação e análise crítica mais circunscrita de cada caso de estudo identificado tendo como foco os critérios utilizados na sua datação como sejam os estilísticos, tipológicos, comparativos e por vezes, de autoridade. Quando apontamos para a utilização de critérios de autoridade devemos ter em atenção a baliza cronológica que estamos a estudar e a mentalidade recorrente no séc. XIX/XX, onde a discussão dessas ideias estaria em voga e a investigação de um conjunto de autores se sobrepunha pela sua relevância.

No seguimento deste último ponto, será importante avaliar onde se baseiam as datações, desconstruir e verificar a sua veracidade uma vez que muitos dos critérios usados no decurso do séc. XX, não são concordantes com as perspetivas atuais da comunidade científica

---

<sup>1</sup>Esta dissertação de mestrado (formação avançada, pós-graduada) foi também elaborada no quadro do projeto de investigação *A aldeia histórica de Idanha-a-Velha: cidade, território e população na antiguidade (séc. I a.C. – XII d.C.)*(FCT.PTDC/HAR-ARQ/6273/2020), financiado pela **Fundação para a Ciência e Tecnologia e desenvolvido** pelas **Universidade de Coimbra e Universidade Nova de Lisboa**.

que realça a importância das escavações estratigráficas e de estudos interdisciplinares que recorrem a análises físico-químicas de materialidade arqueológica.

Através do estabelecimento dos objetivos e subsequentemente das perguntas de partida<sup>2</sup>, a melhor forma de atuação nesta etapa será uma reflexão cuidada, onde os resultados serão transferidos numa análise comparativa e por si mesma descritiva, que terá em conta os dados recolhidos de forma a garantir a sua confiabilidade e veracidade.

Assim, selecionamos o exemplo provindo dos resultados obtidos nas escavações das piscinas batismais de Idanha-a-Velha, com base numa análise estratigráfica precisa, nas tipologias de materiais bem definidas e nas datações absolutas obtidas a partir das análises de Carbono 14 (14C) e por Luminescência (OSL)<sup>3</sup> tentaremos corroborar ou questionar as datações dos casos de estudo segundo o critério tipológico e/ou comparativo.

Para a concretização deste objetivo, toda a bibliografia relativa ao assunto é analisada e classificada consoante o valor doado à pesquisa, por outras palavras, teremos em atenção quais os critérios utilizados na atribuição das cronologias, organizando-os em tabelas e esquemas que facilitam a sua análise e interpretação. Em suma, resume-se à pesquisa e leitura de um alargado conjunto de dissertações de mestrado, teses de doutoramento, artigos e publicações periódicas de obras publicadas referentes à temática. Para cada caso de estudo, foi igualmente efetuado, um levantamento minucioso e exaustivo do estado da arte, que após a devida ponderação delimitamos à Lusitânia a área de estudo para a Hispânia, na Antiguidade Tardia.

Em relação à documentação consultada, esta foi obtida através do acesso a diversas fontes consultadas em bibliotecas, como a do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra que reúne uma coleção de textos e artigos importantes para a historiografia do tema. Não menos importante foi a pesquisa online desde a consulta do Portal do Arqueólogo dos casos de estudo portugueses como de obras escritas por outros autores, o que no caso dos exemplos espanhóis tornou-se na ferramenta mais assertiva para o agrupamento de bibliografia.

---

<sup>2</sup>CARVALHO, 2007:73.

<sup>3</sup>FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo, CARVALHO, Pedro C., CRISTÓVÃO, José, SANJURJO-SÁNCHEZ, Jorge, DIAS, Patricia (2019) - Dating the early Christian baptisteries from Idanha-a-Velha – the Suebi-Visigothic Egítania: stratigraphy, radiocarbon and OSL. *In* Archaeological and Anthropological Sciences. Springer. ISSN: 1866-9557.

Na totalidade serão estudados 12 exemplos de piscinas batismais (Mapa 1), organizados e numerados pelo critério do Interior para o Litoral e do Sul para o Norte, desde os quais:

- Casa Herrera, Badajoz;
- San Pedro de Mérida, Badajoz;
- El Gatillo de Arriba, Cáceres;
- Garrovillas de Alconétar, Cáceres;
- Idanha-a-Velha, Castelo Branco;
- *Villa* romana de La Cocosa, Badajoz;
- Valdecebadar, Badajoz;
- *Villa* romana de Torre de Palma, Monforte;
- Vila Verde de Ficalho, Serpa;
- Mértola, Beja;
- Milreu, Faro;
- Conímbriga, Condeixa-a-Nova.

Sendo assim, a primeira etapa passa pela exposição dos casos de estudo aos quais já tínhamos conhecimento prévio, como o batistério Sul de Idanha-a-Velha, primeiramente identificado por Fernando de Almeida nas escavações entre 1950 e 1970. Ou o batistério Norte identificado por o arqueólogo José Cristóvão<sup>4</sup> nas últimas escavações do espaço religioso. Outro exemplo seria a piscina(s)? batismal de Mértola, descritas inicialmente por Cláudio Torres no século XX e o exemplo presente na *villa* romana de Torre de Palma, que desde 1970 detém o título de Monumento Nacional.

A pesquisa bibliográfica para os casos mais conhecidos, acima referidos e explorados no âmbito científico é positiva, com múltiplas publicações por parte dos investigadores envolvidos nos projetos tais como os especialistas em História da Arte ou em Arqueologia Cristã, neste caso Cristina Godoy Fernández que muitas vezes disputa ou atribui credibilidade às teorias propostas ao longo das décadas. Neste âmbito, a partir dos anos 60, como acima

---

<sup>4</sup>CRISTÓVÃO, José (2008) – A aldeia histórica de Idanha-A-Velha. Guia para uma visita. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. ISBN: 978-972-8285-42-5.

referimos, investigadores na Espanha, incorporam os exemplos visigodos portugueses aos modelos gerais espanhóis. No entanto, temos importantes autores alemães que seguiram esta via de investigação ao envolverem-se no estudo da arqueologia cristã hispânica na década de 70, como Schlunk<sup>5</sup> ou Ulbert<sup>6</sup> ao fazer uma compilação dos dados antigos. Nesta etapa do meu trabalho a tese da autoria de Mélanie Wolfram<sup>7</sup>; foi uma importante ferramenta na catalogação dos exemplos estudados ao explorar a lenta integração do Cristianismo no território, através das recolhas de dados arqueológicos, o estudo dos elementos arquitetónicos de três casos de estudo, aos quais o batistério da Vila Verde de Ficalho em Serpa<sup>8</sup>- terá um capítulo dedicado neste trabalho.

Esta facilidade de acesso à bibliografia espelhou-se perante os temas mais abrangentes aos quais serão referidos ao longo do trabalho, concretamente no capítulo que se foca nos primeiros impactos do Cristianismo no mundo ocidental e as suas manifestações através do ritual do batismo, desde os primórdios citados no Antigo Testamento do batismo de Jesus Cristo no rio Jordão, assim como à sua dispersão pelo império romano, a partir do séc. IV. A procura bibliográfica dos sítios arqueológicos localizados em território espanhol, como os dois em Mérida, em Cáceres e em Badajoz, passou na sua maioria pela leitura dos trabalhos de Caballero Zoreda<sup>9</sup>, Iturgaiz<sup>10</sup>, Godoy Fernández<sup>11</sup>, Cordero Ruiz<sup>12</sup>, entre outros.

A importância da recolha de informação dos exemplos referidos é reforçada com a utilização das ferramentas SIG, na elaboração de um mapa atualizado de todos os casos de estudo conhecidos, podendo posteriormente aferir as dinâmicas que o Cristianismo deteve na

---

<sup>5</sup>SCHLUNK, H. «Die frühchristlichen Denkmäler aus dem Nordwesten der Iberischen Halbinsel», *Legio VII Gemina*. León 1970, pág. 477-509; Id., «La Iglesia de San Gíáo, cerca de Nazaré. Contribución al estudio de las influencias de la liturgia en la arquitectura de las iglesias prerrománicas de la Península Ibérica», *Actas do II Congresso Nacional de Arqueología*, Coimbra 1971, págs. 509-528; en colaboración con T. HAUSCHILD, *Die Denkmäler der frühchensachen und westgotischen Zeit Hispania Antigua*, Maguncia 1978 *apud* GODOY FERNÁNDEZ, 1989b.

<sup>6</sup>ULBERT, *Frühchristliche Basiliken mit Doppelapsiden auf der Iberischen Halbinsel*, Berlin 1978 *apud* GODOY FERNÁNDEZ, 1989b.

<sup>7</sup>WOLFRAM, Mélanie (2011) – A Cristianização do mundo rural no Sul da Lusitânia. Tese de Doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia. Lisboa.

<sup>8</sup>Cfr. nota de rodapé anterior.

<sup>9</sup>CABALLERO ZOREDA, Luis, SAÉZ LARA, Fernando (2007) – La iglesia de el Gatillo de Arriba (Cáceres). Apuntes sobre una iglesia rural en los siglos VI al VIII. *In* Anejos de AEspA, LI, 2009, págs. 155-184.

<sup>10</sup>ITURGAIZ, D. (1968): *Baptisterios paleocristianos de Hispania*. “Analecta Sacra Tarraconensia”, XLI. Págs. 209-244. Fundación Balmesiana. Barcelona, 1969.

<sup>11</sup>GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (1989b) - Baptisterios hispánicos (siglos IV al VIII) arqueología y liturgia. *In*: Actes du XI e congrès international d'archéologie chrétienne. Lyon, Vienne, Grenoble, Genève, Aoste, 21-28 septembre 1986. Rome: École Française de Rome, 1989. pp. 607-634. (Publications de l'École française de Rome, 123); [https://www.persee.fr/doc/efr\\_0000-0000\\_1989\\_act\\_123\\_1\\_3480](https://www.persee.fr/doc/efr_0000-0000_1989_act_123_1_3480)

<sup>12</sup>CORDERO RUIZ, Tomas (2013) – El territorio emeritense durante la Antigüedad Tardía (siglos IV-VIII). Génesis y evolución del mundo rural lusitano. Instituto de Arqueologia de Mérida. ISBN: 978-84-00-09743-1

sua difusão pela Lusitânia, que desde já parece ter-se iniciado nos territórios e zonas rurais da península e sucintamente continuou o seu caminho até às comunidades litorais.

Desta maneira, após a recolha dos dados, numa última fase, no capítulo da análise crítica, temos por objetivo a utilização da cronologia obtida para ambos os batistérios de Idanha-a-Velha de modo a propor possivelmente novas datações associadas aos outros casos identificados e estudados. De modo nenhum, queremos criticar ou inferiorizar a metodologia seguida aquando das primeiras discussões sobre estes conjuntos arqueológicos já que espelhavam a mentalidade científica do séc. XX. Ainda assim, esperamos que este estudo ajude na inferência de uma nova proposta de datação para alguns dos casos de estudo ou mesmo a confirmação das cronologias associadas previamente.

### 3. HISTORIOGRAFIA

Uma das fases mais importantes no decorrer deste ensaio passou pela recolha de informação sobre os primórdios da investigação dos elementos arquitetónicos e estruturais que compuseram o rosto do Cristianismo rural na Península Ibérica.

O início da investigação em Portugal deu-se no âmbito do estudo da arte visigótica no que diz respeito às igrejas de São Fructuoso de Montélios e São Martinho de Dume, figuras importantes na historiografia da investigação portuguesa, levando à publicação em 1928<sup>13</sup>, por Correia, de uma obra que defende o impacto visigótico de influências bizantinas - obra que continuou a ser citada por todo o séc. XX<sup>14</sup>.

Os primeiros interessados nos monumentos cristãos na Espanha foram os especialistas vinculados à igreja: Camprubi para a *Centcelles* (Tarragona), na Catalunha; Aguiló para as ilhas de Maiorca; Marti Camps para Menorca e as obras de Iturgaiz para os batistérios da Hispânia<sup>15</sup> ou as de António Iniguez. Alguns destes investigadores estiveram vinculados diretamente com os trabalhos realizados pelo *Pontificio Instituto di Archeologia Cristiana de la Città del Vaticano*, como Junyent, Sotomayor ou Recio Verganzones<sup>16</sup>.

Ao analisar a documentação histórica concebida na época e que se encontra disponível para estudo vemos que assentam nomeadamente nas atas de reuniões eclesiásticas de concílios, conteúdos de carácter narrativo e histórico e, por fim, em relatos do quotidiano e das ações dos primeiros mártires cristãos. A abundância de fontes para a época anterior sofre uma redução com a viragem para o século III. Para além da sua escassez há uma quebra nos séculos seguintes IV e V, com um progressivo aumento de referências já no séc. VI. Ainda assim, estes textos e crónicas têm um carácter parcial sendo a maior parte obras de produção cristã - que encaram as invasões "bárbaras" como um episódio negativo e registam o subsequente desequilíbrio e queda da teologia pagã<sup>17</sup>.

Nos inícios dos anos 60, temos figuras como Ceballos Hornero onde o seu objeto de estudo não seria limitado pela teoria dos estilos ou pelas divisões impostas pelo discurso diacrónico da história, mas pela validade do rito entre os séculos V e XI, período em que a

---

<sup>13</sup>CORREIA, V., (1928): *Arte Visigótica, História de Portugal*, vol. 1, Barcelos, Portucalense Editora.

<sup>14</sup>SASTRE DE DIEGO, 2009:90.

<sup>15</sup>ITURGAIZ, D. (1968): *Baptisterios paleocristianos de Hispania*. "Analecta Sacra Tarraconensia", XLI. Fundación Balmesiana. Barcelona, 1969. Pág. 209-295.

<sup>16</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1989a:378-379.

<sup>17</sup>CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra (2007a) – El final de las villae en Hispania (siglos IV-VII d.C.) (Bibliothèque de l'Antiquité tardive, 7), Association pour l'Antiquité tardive / Brepols, Turnhout, 2007. Revue archéologique, Presses Universitaires de France, 2009, 1 (47), pp.149-152.

liturgia hispânica não esteve ativa em todas as partes do território peninsular. Expõe a organização e disposição de certos espaços na arquitetura hispânica de acordo com a sua utilização desde a construção de estruturas como as câmaras ao pé da igreja, os pórticos laterais, as igrejas de duas nave, a utilização destas em basílicas de três nave, a articulação da capela maior e das câmaras que as possam ter ladeado, a organização do transepto através de encerramentos e portões, a disposição da capela-mor e, por fim, a função das contra câmaras<sup>18</sup>.

Propõe a possibilidade de utilizar a arquitetura como uma fonte complementar no estudo da liturgia, como por exemplo na distinção visível do culto comunitário *versus* o culto privado, perceptível na distribuição espacial das igrejas hispânicas e a ocultação parcial do altar maior, muito diferente da busca de centralidade que este detém desde os finais do séc. XII. Assuntos normalmente referidos pelos autores que se debruçam sobre o tema da funcionalidade espacial da arquitetura alto medieval hispânica que, no entanto, necessitam de uma investigação mais aprofundada<sup>19</sup>.

O Instituto de Arqueologia Alemão contribuiu com um outro grande impulso para a arqueologia cristã hispânica. O investigador Schlunk cuja suas obras englobam tanto estudos de história da arte como de arqueologia, ou Hauschild, com trabalhos importantes em Marialba (Léon), São Gião da Nazaré ou no monumento de *Centelles* (Tarragona). Publicaram em conjunto um catálogo dos monumentos cristãos hispânicos, nos anos 70<sup>20</sup>, remetendo novamente para a premissa da liturgia como via de interpretação da arquitetura.

Outra obra de um investigador alemão que merece ser referenciado é o de Ulbert, ao qual se dedicou ao estudo das basílicas hispânicas de absides contrapostas, com a revisão e uma nova campanha de escavações na Casa Herrera, em Mérida, em Torre de Palma ou na igreja de Valdecebadar ao pé de Olivenza<sup>21</sup>.

Impossível não referir outro investigador, pioneiro na investigação da arqueologia cristã hispânica: Père de Palol<sup>22</sup>. Iniciou o seu percurso na Universidade de Barcelona, defendendo a sua tese de doutoramento em 1948, com a obra “*Bronces hispanovisigodos de origen mediterráneo. I, Jarritas y patenas litúrgicas*”, posteriormente publicada em 1950. Nesta primeira fase da sua carreira profissional, assume o cargo de professor na Universidade de Barcelona, ao mesmo tempo que aceita o cargo de Diretor do Museu de Arqueológico de

---

<sup>18</sup>CARRERO, RICO, 2015:240.

<sup>19</sup>*Ibidem*, nota de rodapé anterior.

<sup>20</sup>WOLFRAM, 2011:20.

<sup>21</sup>ULBERT, Thilo (1978) - Frühchristliche Basiliken mit Doppelapsiden auf der Iberischen Halbinsel: studien zur architektur-und Liturgiegeschichte. Berlin : Gebr. Mann Verlag, 1978. ISBN: 3786111464.

<sup>22</sup>JORGE, 2002:14.

Girona (1948 a 1956). A partir do ano 1956, passa a ensinar a cadeira de Arqueologia, Epigrafia e Numismática na universidade de Valladolid, obtendo o título de Delegado Regional do Serviço Nacional de Escavações Arqueológicas de Valladolid até 1970. Organiza a primeira Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica em Vitória em 1967<sup>23</sup>, um congresso nacional anterior à organização do VIII Congresso Internacional de Arqueologia Cristiana, decorrendo em Barcelona em 1969<sup>24</sup>. Os seus méritos valeram-lhe a criação e a docência em 1970 até 1988 da cadeira de Arqueologia Paleocristã e Alta Idade Média - a única em toda a universidade espanhola - que se manteve até aos dias de hoje.

Para além do seu percurso como docente, na década de 70/80 dirigiu múltiplos trabalhos de escavação e revisão dos antigos conjuntos cristãos na Hispânia, como nas Ilhas Balneares, nos sítios basilicais de Son Peretó, Sa Carrotxa, e nas ilhas Menorcas de Es Cap des Port de Fornells, Son Bou, Es Fornàs de Torelló e na ilha do Rei<sup>25</sup>. No território espanhol, há que mencionar as escavações na Necrópole Hallstattic de Can Bech d'Agullana (1943 e 1973), tal como, no castro visigótico de Puig Rom (na cidadela de Roses, Gerona), em três campanhas repartidas pelos anos 1946, 1947 e 1987, permitiram constatar a relação enigmática entre o mundo visigótico e o bizantino<sup>26</sup>. Na *civitas* romana da *Colonia Clunia Sulpicia* (Burgos), escavada entre 1968 e 1980, reconheceu a importância dos seus painéis musivos, concentrando o seu interesse nos mosaicos dedicados a Aquiles Skyros. De realçar os trabalhos em Bovalar (Serós, Lérida), de 1977 a 1987, que forneceram dados para a criação do modelo da primitiva basílica cristã e povoado de época visigótica na *Tarraconensis*, relevantes no estudo de estruturas desta tipologia na Hispânia Tardia.

Mas de todas as suas obras, realçamos a síntese Arqueologia Cristã da Hispânia Romana, publicada em 1967<sup>27</sup>, onde enumera todos os monumentos, desde os identificados em décadas anteriores até aos mais recentes, fazendo deste investigador a principal autoridade espanhola no estudo da arqueologia tardo antiga. Graças às suas investigações e publicações o estudo da arqueologia cristã elevou-se às reuniões e tribunas científicas, ganhando a atenção

---

<sup>23</sup>Vide 1º Reunión de Arqueología Paleocristiana Hispánica Vitoria 1967:380.

<sup>24</sup>Vide VIH CIAC, (Barcelona, 1969), Barcelona-Ciudad del Vaticano 1979.

<sup>25</sup>PALOL, P., ROSSELLO BORDOY-A, G., ALOMAR-J. GAÍPS, *Notas sobre las basílicas de Manacoi. en Mallorca*, Valladolid 1967. P. DE PALOL, «Catalunya i Baleara en temps paleocristians I visigòtics. Les noves descobertes arqueològiques i literàries». *Memoria de l'institut d'Arqueologia i Prehistoria*, Universidad de Barcelona, 1981, págs. 37-47; «La basílica des Cap des Port, de Fornells Menorca», *1ª Reunión d'Arqueologia Paleocristiana Hispánica*, (Montserrat, 1978), Barcelona 1982, págs. 353-404. R. PITA-P. DE PALOL, «La basílica de Bobala y su mobiliario litúrgico». *VIII CIAC*, (Barcelona, 1969), Barcelona-Ciudad del Vaticano 1979, págs. 383-401 *apud* GODOY FERNÁNDEZ, 1989a.

<sup>26</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1989a:380.

<sup>27</sup>PALOL, P. (1967) - *Arqueología Cristiana de la España Romana (siglos iv al vi)*, Madrid-Valladolid 1967 *apud* GODOY FERNÁNDEZ, 1989a.

dos mais prestigiosos investigadores na matéria, detendo uma participação contínua nos congressos internacionais. Continuou a publicar obras dedicadas à “Arte Hispânica da Era Visigótica” (1967) e em 1969, a “Arte Cristã Primitiva”, com o intuito de prolongar o diálogo sobre a arquitetura hispano-visigótica. Nesta colaboração interdisciplinar das ciências que têm por objetivo o estudo do Cristianismo antigo, cabe destacar a segunda Reunião Arqueológica Cristã Hispânica, celebrada em Montserrat em 1978, onde foram propostos outros estudos relacionados com a basílica cristã de Barcelona<sup>28</sup>.

Outro sector dedicado à arqueologia de época visigótica, está diretamente vinculada com os museus, como o Museu Arqueológico de Madrid e mais tarde no Conselho Superior de Investigações Científicas, representado por Caballero Zoreda, que realizou escavações em igrejas em Toledo e Mérida ou estabeleceu colaborações com o Instituto Alemão, sobretudo com Ulbert na Casa Herrera. Semelhantes trabalhos que merecem ser mencionados são os de Santa María de Melque (Toledo), a de Santa Lucía del Trampal (Alcuéscar, Cáceres) ou o El Gatillo de Arriba (Cáceres)<sup>29</sup>.

Não podemos esquecer os novos achados e notícias que permitem admitir uma investigação ativa e contínua nos finais dos anos 80, como o descobrimento da basílica de Ceuta<sup>30</sup>, ou de Gerena em Sevilha. Por sua vez, estes descobrimentos foram acompanhados pela aplicação das novas técnicas arqueológicas, como o estabelecimento de quadros tipológicos juntamente com as datações retiradas de liturgias fiáveis permitindo uma cronologia mais precisa, como na basílica do anfiteatro de Tarragona ou o de Almoína de Valência.

A escola espanhola também nos proveu de uma outra figura importante, na década de 80, no estudo da Hispânia cristã, vinda da História da Arte, temos Godoy Fernández<sup>31</sup> onde aponta para a necessidade, no âmbito da escavação arqueológica, de agir sempre com o maior dos cuidados em campo de modo a preservar os restos de mobiliário e instalações litúrgicas de condição frágil, ressaltando as distintas liturgias e ritos tardo antigos no contexto mediterrâneo. No decurso desta ideia, publicou nas Atas do Primeiro Congresso de Arqueologia Medieval Espanhola, em 1986, o seu contributo no estudo da funcionalidade litúrgica das piscinas batismais pequenas. Admite que a Lusitânia apresenta o maior número de casos conhecidos de complexos batismais à data. Ainda nesta obra apresenta as

---

<sup>28</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1989a:381.

<sup>29</sup>*Ibidem*, nota de rodapé anterior.

<sup>30</sup>BERNAL, D. (1989) - “La basílica paleocristiana de Ceuta”, *Revista de Arqueología*, 101, septiembre de 1989 *apud* GODOY FERNÁNDEZ, 1989a.

<sup>31</sup>JORGE, 2002:14.

características principais dos complexos batismais lusitanos e os possíveis paralelismos com os complexos africanos<sup>32</sup>. Uns anos mais tarde, no âmbito do XI Congresso Internacional de Arqueologia Cristã em 1989, publicou nas suas atas o seu compêndio de todos os sítios arqueológicos na Hispânia com a presença de batistérios, cruzando os dados arqueológicos com a liturgia, remetendo para as suas peculiaridades<sup>33</sup>. Em 1995, publicou a tese de doutoramento dedicada à relação entre a arqueologia e liturgia, mesmo que reduzida às manifestações arquitetónicas entre o séc. IV e VIII. Prestou atenção à análise do altar, à cabeceira da igreja, o coro reservado ao clero, as contra absides, as câmaras laterais, às absides e as naves e o espaço de celebração dos concílios hispano-visigodos. Por fim, centrou-se na organização dos espaços litúrgicos, onde abordou a relação ou dependência da arquitetura hispânica em relação aos exemplos/modelos norte-africanos e o uso das estruturas ocidentais (discussão da autora com Noel Duval)<sup>34</sup>.

Na Península Ibérica, o progresso da atividade arqueológica nos anos 90, associado a um maior cuidado e definição dos critérios estratigráficos durante as escavações arqueológicas a par do avanço da caracterização de tipologias cerâmicas, especialmente para as *Terra Sigillata* africanas e hispânicas tardias, e da cerâmica importada cujo fabrico se desenrolou até ao séc. VII, demonstrou a continuidade das trocas comerciais de produtos e pessoas, afastando a ideia do colapso final do mundo romano com as invasões bárbaras, o que por si permitiu iniciar o debate com maior precisão relativamente aos momentos finais da ocupação das *villae* romanas<sup>35</sup>.

A partir dos anos 90, vemos um grande número de estudos dedicados ao mundo tardo antigo principalmente no contexto da coexistência multicultural e num mundo tipicamente ligados às suas raízes romanas<sup>36</sup> que permitiram, em contrapartida, superar as teorias outrora passadas como verdades inquestionáveis. Como produto deste maior desenvolvimento científico surgiram múltiplas monografias que vieram contribuir para uma atualização do panorama da investigação sobre a liturgia e arquitetura hispânica alto medieval. Primeiro, a tese de Quevedo-Chiga<sup>37</sup> que focou a sua atenção na análise das cabeceiras, câmaras a ocidente e a dos lados do presbitério/capela-mor/altar-mor, pórticos, tribuna (espécie de púlpito alto do qual falam os oradores), etc., compilando ainda um anexo de fontes que se

<sup>32</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1986:125,134.

<sup>33</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1989b:611.

<sup>34</sup>CARRERO, RICO, 2015:241.

<sup>35</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:149.

<sup>36</sup>WOLFRAM, 2011:20; CORDERO RUIZ, 2013:22.

<sup>37</sup>QUEVEDO-CHIGAS, E. (1996) - Early Medieval Iberian Architecture and the Hispanic Liturgy: A Study of the Development of Church Planning from the Fifth to the Tenth Centuries, New York *apud* CARRERO, RICO, 2015.

estendem até ao séc. X, ampliando e completando a coleção de Puertas Tricas. Depois, o autor Bango Torviso<sup>38</sup> (1997) continua esta investigação dos sécs. VI-IX que constitui um período litúrgico unitário através de uma série de monografias/bibliografias (apartados monográficos?) sobre a arquitetura religiosa peninsular do séc. X, desde o átrio da igreja até à divisão desta em diferentes espaços e a sua organização com mobiliário litúrgico como portões, coros, púlpitos e cátedras episcopais.

Neste momento, são os trabalhos publicados na série Visigodos y Omeyas<sup>39</sup> e o Repertório de Igrejas de Extremadura, dirigidas pelo Instituto de Arqueologia de Mérida, os que definem as linhas de investigação na Lusitânia. Além dos trabalhos de Real<sup>40</sup> sobre a arte visigótica e moçárabe, fielmente citados em obras relacionadas com o complexo basilical da *civitas Igaeditanorum*<sup>41</sup> ou em relação à organização da diocese da Egítânia<sup>42</sup>, entre outras obras importantes sobre o entendimento dos espaços religiosos na Antiguidade tardia.

Com a viragem do século outros publicaram as suas investigações, como Arbeiter<sup>43</sup>, em 2003, que pegou na arquitetura da Extremadura como base, reviu a problemática da arquitetura *versus* a liturgia, cruzando-a com os novos dados saídos das intervenções arqueológicas em sítios datados até ao séc. IX, usando-os, todavia, como termo de comparação para possivelmente esclarecer algumas dúvidas em relação aos tipos de cabeceira e a sua organização tripartida.

A contínua persistência dedicada à temática da Antiguidade Tardia, no contexto do Congresso Internacional da Antiguidade Tardia de *Motovum*, na Croácia, em 2005, as autoras Ripoll e Chavarría Arnau<sup>44</sup> dedicaram-se à realização de um compêndio historiográfico que se focou primariamente nas incoerências no estudos dos altares hispânicos dos sécs. IV ao X, onde sublinham a ausência da interdisciplinaridade aquando do estudos destes altares, e no cruzamento de informações com a liturgia e a arquitetura no que diz respeito ao enquadramento temporal dos restos arqueológicos<sup>45</sup>.

---

<sup>38</sup>BANGO TORVISO, I. G. (2001) - «La vieja liturgia hispana y la interpretación funcional del templo prerrománico», en VII Semana de estudios medievales. Nájera, Logroño, 1997, pp. 61-120. Este artículo sería después ampliado y revisado en su libro *Arte prerrománico hispano. El arte en la España cristiana de los siglos VI al XI*, Madrid, 2001 *apud* CARRERO, RICO, 2015.

<sup>39</sup>CABALLERO ZOREDA, *et al.* 2012.

<sup>40</sup>REAL, 2000:21-75.

<sup>41</sup>SÁNCHEZ RAMOS, 2020a:145-182; 2020b:153-178.

<sup>42</sup>CORDERO RUIZ, 2019.

<sup>43</sup>ARBEITER, 2003.

<sup>44</sup>RIPOLL, CHAVARRÍA ARNAU (2003) - *Arquitectura religiosa en Hispania (siglos IV al VIII). En torno a algunos nuevos hallazgos. Hortus Artium Medievalium*. Brepols Publishers. Pags. 95-112.

<sup>45</sup>SASTRE DE DIEGO, 2009:85.

Em 2013, Sastre De Diego pegou neste tema e abordou-o de forma a valorizar a importância da liturgia na interpretação integral da arquitetura alto medieval, juntamente com as novas reflexões que têm em conta aspetos importantes normalmente esquecidos ou postos de lado como a acentuada desproporção do rural para o urbano no corpo dos edifícios preservados ou escavados, ou a importância do conjunto de igrejas de Terrassa (Barcelona) atendendo às novas intervenções e interpretações realizados entre 1995 e 2004.

Estas questões foram incorporadas no estudo feito por Caballero Zoreda e Sastre de Diego intitulado de "*Espacios de la liturgia hispana de los siglos V-X. Según la arqueología.*", que tentou sintetizar as relações entre a arquitetura e a liturgia da Alta Idade Média hispânica que reconhecem e validam o estudo de Sastre de Diego na sua tese de doutoramento. A distinção da arquitetura pós-romana e alto medieval "afetou a organização espacial dos edifícios" e em particular, a sua "organização litúrgica", porque os sistemas acima mencionados são estruturalmente obrigados "a compartimentar e reduzir o espaço utilizável" destas pequenas igrejas, "resultando na multiplicação de espaços e eixos litúrgicos e na importância de uma nave transepto"<sup>46</sup>. Este princípio foi justamente criticado por Carrero e Rico<sup>47</sup>, visto que no mesmo texto esta compartimentação dos espaços através da sua hierarquização admite ambas as tradições arquitetónicas o que por si só é uma contraposição, tanto nas basílicas tardo antigas como nos edifícios alto-medievais. A liturgia não tem presente esta mudança distinta na organização dos recintos religiosos, independentemente do tamanho da basílica, mas sim, a utilização de "*(...) cancelas de piedra o de madera, ambones, armarios, muretes, cortinas y pavimentos de distinto nivel o decoración*"<sup>48</sup>.

Nos últimos anos, com a referência de todos os artigos e monografias anteriormente publicadas, vemos uma nova abordagem ou uma preocupação para a importância que a interseção da informação provida pela correta contextualização estratigráfica, pela atribuição cronológica dos materiais encontrados em escavação através de quadros crono-tipológicos e o recurso aos métodos de datação absolutos como o radiocarbono e a luminescência, juntamente com a consulta das fontes que remetem para as liturgias antigas, dos manuais de arquitetura visigótica e da persistência e continuidade das campanhas arqueológicas, contemplamos uma visão científica que não se prende a características estilístico-comparativas e a critérios recorrentes no século anterior.

---

<sup>46</sup>CABALLERO, SASTRE DE DIEGO, 2013:260-261, 280.

<sup>47</sup>CARRERO, Eduardo; RICO, Daniel (2015) – La Organización del Espacio Litúrgico Hispánico entre los siglos VI y XI. *In AnTard*, 23, 2015, p. 239-248.

<sup>48</sup>CARRERO, RICO, 2015:243.

Deste modo, em 2019, publicou-se um artigo dedicado à datação dos batistérios da Egitânia, que propõe que o batistério Norte, descoberto em 1998, teria sido construído em meados do século IV e, por outro lado, o batistério Sul, no início do séc. V<sup>49</sup>, contrariando as datações previamente atribuídas por Fernando de Almeida em 1962<sup>50</sup> (aquando do batistério Sul), e muito replicadas em modelos comparativos dos aspetos construtivos ou estilísticos.

Por fim, este tópico será retomado nos capítulos seguintes de forma pormenorizada a cada caso de estudo escolhido desde o Norte a Sul da Lusitânia, tomando atenção às formas de datação designadas no contexto da sua descoberta e consequentemente do seu estudo.

---

<sup>49</sup>FERNANDEZ *et al.*, 2019.

<sup>50</sup>DE ALMEIDA, F. (1965) - O batistério paleocristão de Idanha-a-Velha (Portugal). Boletim dei Seminário de Estudos de Arte y Arqueologia XXXI:134-136.

#### 4. BREVE GÊNESE DO RITUAL DO BATISMO

O ser humano, no seu íntimo, um ser social e propício à convivência em comunidade, não seria de estranhar a sua ligação intrínseca no que diz respeito à criação de rituais que propiciam a sua reunião. Neste sentido, sabemos que a ligação do Homem à religião, no sentido de crer em algo intangível, imaterial e espiritual não é algo novo, são múltiplos os casos que demonstram esta afiliação mística desde as primeiras comunidades primitivas. Este olhar antropológico aquando da análise do que evidenciamos como ritual, tem por norma este carácter simbólico que foi transferido consoante as épocas referentes. Este comportamento tem por base a “(...) *repetitividad, complejidad, sociabilidad, religiosidad e intersubjetividad comunicativa o significatividad.*” criando um conjunto de atividades sociais no quadro de uma comunidade<sup>51</sup>.

A complexidade na interpretação destes rituais e símbolos ainda apresenta um ponto de discussão entre antropólogos pela sua variedade cultural ao ponto de não ser possível inferir um único ponto de origem ou de influência. Por outro lado, o facto das práticas rituais muitas vezes estarem no seio da legitimação de ações perante indivíduos em posição de poder interfere no dia-a-dia da sociedade<sup>52</sup>.

Nestes parâmetros a análise dos rituais do Cristianismo primitivo para além de demonstrar esta intenção de ajuntamento em função de um único objetivo coletivo, que neste caso passaria pela feitura dos ritos de modo a alcançar um outro patamar dentro da comunidade mas também, pela importância na resposta às fases voláteis que retratam os fins do império romano do ocidente.

Deste modo, não será de menosprezar a origem teológica do batismo, especialmente no que diz respeito ao Batismo de Cristo que reflete a construção destes monumentos religiosos de modo a recriar o ritual inicial. As imagens deste batismo inicial estão refletidas pela primeira vez nos frescos das catacumbas de San Callisto (Roma), representando a primeira iconografia desta passagem do Antigo Testamento, possivelmente datada do séc. III<sup>53</sup>.

Com a simples representação de Jesus Cristo e São João Baptista, sobre o rio Jordão e a descida do Espírito Santo juntamente com a purificação da água, a aparente imagem de

---

<sup>51</sup>CONTRERAS GALLEGU, 1998:2.

<sup>52</sup>*Ibidem*, nota de rodapé anterior.

<sup>53</sup>APOSTOLOS-CAPPADONA, 2011:1724-1725, 1727-1728. Site oficial do monumento consultado no dia 19/01/2023 - <https://www.catacombesancallisto.it/en/index.php>

Cristo não se encontra claramente definida. O que aparece na iconografia é a retratação de um neófito, desprovido de vestimentas das primeiras comunidades cristãs<sup>54</sup>. A inexistência de roupa obedece à ideia do ritual de imersão, confirmando as referências nas cartas paulinas e nos textos patrísticos<sup>55</sup> que mencionam o banho da purificação. No Cristianismo inicial, o batismo seria interpretado como uma experiência da morte e ressurreição através das águas<sup>56</sup>. Assim, no rio podemos encontrar motivos simbólicos associados à iconografia do Batismo de Cristo: os peixes e a cruz, os primeiros em consonância com os textos patrísticos, revelando que se trata de um rio com vida, benzido pelo próprio Cristo, por outro lado, a cruz, um símbolo do Cristianismo sobre o paganismo, está representado nos mosaicos a partir do séc. X.

Na perspectiva da continuidade e da descontinuidade, o acontecimento único do batismo de Jesus por João Baptista torna-se o catalisador da prática batismal cristã e, assim, nas suas componentes do batismo de arrependimento e confissão dos pecados, torna-se um modelo para o rito de iniciação na comunidade cristã<sup>57</sup>.

A personificação do batismo aparece representado múltiplas vezes na iconografia e na liturgia (Lucas 11:34-36) pela sua associação à luz ou à iluminação, o rompimento do mal deixando iluminar o crente. A inspiração do protagonismo da luz na iconografia pode explicar-se nos textos de Cirilo de Jerusalém *Las Catequesis Bautismales*, que refere a terminologia de iluminados aos novos batizados, agora dignos de receber o Espírito Santo<sup>58</sup>.

Se os autores apontam para a importância do elemento da luz também é necessário a revisão do elemento água neste âmbito. Após uma reflexão compósita, rapidamente chegamos à conclusão de que para todas as culturas, independentemente da época e da geografia, a componente aquática está intrinsecamente enraizada no seu núcleo. Desde o seu papel na agricultura, na irrigação dos campos, na alimentação, na higiene, na meteorologia, não é de estranhar a sua contínua ampliação para outros campos, como o ritualístico. Sendo algo proveniente de lagos, rios, mares e oceanos ou da água das chuvas, rapidamente o Homem

---

<sup>54</sup>LABAHN, 2011:344; RODRIGUEZ VELASCO, 2016:5.

<sup>55</sup>CADRECHA CAPARRÓS, Miguel Ángel (1983): p. 156. Ramelli refiere una inscripción griega de Edesa que en el siglo III habla del bautismo como “divino lavado” (*λουτρον*): RAMELLI, Ilaria (2003): p. 121 *apud* RODRIGUEZ VELASCO, 2016. Nas suas primeiras representações o desnudado Cristo, referindo o homem velho nu e a vestimenta do homem novo, que a partir dos finais do séc. XIV observamos uma progressiva incorporação do pano de pureza (*perizonium*) e humildade para revestir parcialmente a sua figura.

<sup>56</sup>APOSTOLOS-CAPPADONA, 2011:1726-1728.

<sup>57</sup>LABAHN, 2011:347.

<sup>58</sup>APOSTOLOS-CAPPADONA, 2011:1723. Outras referências a esta associação vêm da Epístola de Barnabé, datada do segundo quartel do séc. II, proveniente das comunidades cristãs da Síria e/ou Palestina (*Apud* BRAGANÇA, 1997:121); por parte do mártir Justino provindo da Palestina e martirizado em 165 (*Apud* BRAGANÇA, 1997:125) ou por Clemente de Alexandria, datado dos princípios do séc. III (*Apud* BRAGANÇA, 1997: 30).

percebeu a magnitude do seu impacto no seu quotidiano, remetendo para a sua dimensão cerimonial e simbólica, estando no centro da própria criação.

Aqui há que distinguir que o gesto central em volta do ritual batismo está ligado ao banho em si, traduzindo no seu poder de salvação da alma, renunciando todo o mal e comprometendo as próximas gerações ao Cristianismo<sup>59</sup>.

A partir do séc. V, a cena do Batismo de Cristo enriquece-se com a incorporação das figuras dos anjos que transportavam as vestimentas de Cristo, personagens secundárias que evidenciam a influência da liturgia, onde os diáconos tinham a túnica branca com a qual se cobria o neófito ao sair da piscina batismal<sup>60</sup>.

Quando Jesus Cristo instituiu o batismo pela primeira vez no rio Jordão, este, ao longo do tempo passou por uma evolução faseada. Em época apostólica, não haveria um rito batismal fixo, uma norma ao qual as primeiras comunidades seguiram. Deveria considerar-se a ideia de que nesta primeira fase as comunidades não possuíam batistérios como em épocas posteriores, recorreriam por outro lado, a linhas de água corrente como lagos, ribeiros, rios<sup>61</sup> ou até mesmo parte das instalações de termas em domínio privado onde se juntaria toda a população para celebrar a “(...) *synaxis o quizás los mikva'ot o piscinas para la purificación ritual de la tradición judía*”<sup>62</sup>.

Em meados do séc. V, o mosaico do Batistério Neoniano<sup>63</sup>, em Ravena, que introduz a imagem de Cristo adulto e com barba, seguindo a tradição síria inicia o desenrolar de uma iconografia mais completa. Na tradição bizantina é frequente a representação de Cristo gesticulando a bênção, referente à santificação das águas.

Em primeiro lugar, a liturgia representa o duplo ritual de imersão e aspensão, não especificado nos evangelhos, mas sim na *Doctrina de los Doce Apóstoles*, texto da igreja síria dos finais do séc. I e princípios do séc. II, presente no despejo de água sobre a cabeça de um neófito<sup>64</sup>. A partir do séc. XIV, as imagens revelam a prevalência do Batismo por aspensão, imposta progressivamente desde o séc. XII, o que não decreta o desaparecimento da imersão, como mostra o santo Tomás de Aquino, na *Summa Teologica*<sup>65</sup>.

Os iniciantes experienciavam rituais preliminares que os preparavam para a fase final de purificação do batismo realizados pelos oficiantes mediante abluções, unções, imersões ou

<sup>59</sup>ITURGAIZ, 1968:225; CONTRERAS GALLEGU, 1998:5.

<sup>60</sup>RODRIGUEZ VELASCO, 2016:7.

<sup>61</sup>VISCATILLO, 2008: 90; ÁLVAREZ CINEIRA, 2018:385.

<sup>62</sup>BELTRÁN DE HEREDIA *et al.*, 2017:174.

<sup>63</sup>Site consultado para a visualização dos mosaicos em questão, no dia 23/01/2023.

<https://mosaicartsource.wordpress.com/2007/02/06/neonian-baptistry-ravenna-italy/>

<sup>64</sup>PALOL, 1967:148.

<sup>65</sup>RODRIGUEZ VELASCO, 2016:10.

lavagens dos pés, elementos que remetem ao mundo egípcio e greco-romano. As analogias entre o batismo de Cristo e o batismo dos faraós foi proposto pelo egiptólogo Alan Gardiner. Apesar dos seus argumentos, esta ideia não foi apoiada pelos historiadores dedicados à História das Religiões. Neste prisma, esta escola apoia a similitude com os ritos de iniciação das religiões politeístas como as de Zeus, Eleusis, Dioniso, Atis, Isis, Mitra entre muitos outros aos quais utilizavam a água como meio de purificação<sup>66</sup>.

Porém, estas semelhanças com os ritos de iniciação greco-latinos ainda suscita algum ceticismo perante os investigadores devido à interpretação errónea dos textos que cristianizaram as cerimónias místicas. Tal como a utilização do elemento da água onde no politeísmo constituía parte do rito preliminar, ao invés do protagonismo que teria na iniciação ao Cristianismo e à comunidade cristã.

Em contrapartida, as aproximações ritualísticas parecem surgir com o mundo judaico uma vez que o movimento dos seguidores de Jesus Cristo surgiu dentro do Judaísmo e consequentemente, os seus conceitos e práticas. Desde os quais provindos da Lei de Moisés que continha uma coletânea de exigências rituais que envolviam a água nas abluções ou imersões de modo a obter a purificação. Porém dentro do culto judaico existe uma variedade de práticas purificadoras vinculadas a diferentes grupos aos quais a água teria um papel relevante, não obstante a falta de clareza dos textos patrísticos que dificultam o estabelecimento de vínculos entre as práticas judaicas e as origens do batismo cristão<sup>67</sup>.

O rito sacramental, tanto oriental como ocidental, consta de três partes: o catecumenato, o batismo e a primeira comunhão, sempre tendo em conta as variantes regionais que diferem na legislação conciliar, nos textos litúrgicos e na patrologia. A partir do séc. III, com o estabelecimento das diretrizes do batismo, estas entrelaçaram-se com outros ritos pré-batismais, com as suas particularidades litúrgicas consoante a sua geografia.<sup>68</sup> Esta configuração tripartida está traçada para desenrolar-se numa única cerimônia solene, como na vigília da Páscoa, em Roma no Pentecostes, o festejo da Epifania no Oriente e o Natal nas Gálias<sup>69</sup>.

Terminado o período de catecumenato segue-se o batismo. Neste âmbito não existe uma norma para a comunidade religiosa tendo em conta as variações provinciais, especialmente no contexto das celebrações prebatismais “(...) *como la bendición de la fuente*,

---

<sup>66</sup>RODRIGUEZ VELASCO, 2016:387.

<sup>67</sup>LAWRENCE, Jonathan D. (2006) - *Washing in Water: Trajectories of Ritual Bathing in the Hebrew Bible and Second Temple Literature*, Society of Biblical Literature, Atlanta.

<sup>68</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1995:21.

<sup>69</sup>PUERTAS, 1966:216.

*la renuncia a Satanás y la profesión de fe, las unciones pre y post bautismales, el lavatorio de pies — que se realizaba en algunas tradiciones occidentales—, la imposición de manos y la crismación (...)*<sup>70</sup> ou o estabelecimento do dia da cerimónia batismal. Aquando do batismo o candidato é acompanhado por um acólito ou diácono para o interior da piscina onde se realizava três imersões<sup>71</sup> do catecúmeno, o qual, por sua vez, confessava a crença nas três pessoas ou na, a Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo - simbolismo esse muitas vezes espelhado nos três degraus de acesso e de saída das piscinas batismais (três renúncias e três confissões), cumprindo a tradição bizantina<sup>72</sup>.

Nas fontes secundárias, reconhece-se o Batismo de Cristo nos escritos apócrifos conhecidos como o *Evangelio de los Hebrós*, *Evangelio de los Doces e as atas de Pilato*. O *De bautismo*, de Tertuliano<sup>73</sup>, de 198-206, merece ser mencionado por ser considerado como o primeiro tratado batismal, com indicações litúrgicas, a insistência do simbolismo da água e do Espírito Santo, intrinsecamente ligados.

A partir do séc. II, o Cristianismo expandiu-se além do Mediterrâneo, através dos militares, mercadores, viajantes e comerciantes<sup>74</sup> vindos do Oriente impressionando quase de imediato o mundo pagão com os feitos dos mártires cristãos. A difusão do Cristianismo não se deveu a nenhuma crise, mas sim, foi um processo muito complexo e lento. De agora em diante, o declínio das autoridades estatais deveu-se também à ascensão das comunidades cristãs que se mantiveram juntas, acabando por criar uma hierarquização nessas mesmas comunidades. Deste modo, aumentam o número de registos e fontes referentes a estes atos de fé ao longo do séc. II, devido ao aumento de seguidores de diferentes classes ao Cristianismo<sup>75</sup>.

Desde os finais do séc. III e no séc. IV, especialmente no Ocidente, a liturgia sistematiza-se, com textos como *Las Catequesis bautismales*<sup>76</sup> de São Cipriano de Cartago,

<sup>70</sup>ITURGAIZ, 1968:257-258; BELTRÁN DE HEREDIA *et al.*, 2017:175.

<sup>71</sup>PALOL, 1967:148; PUERTAS, 1966:215. Pelo menos até ao Concílio IV de Toledo (633) celebrava-se a cerimónia através da tripla imersão.

<sup>72</sup>ITURGAIZ, 1968:225,274; VICASTILLO, 2008:89, 95.

<sup>73</sup>PALOL, 1967:149; VICASTILLO, Salvador (2008) - “La estructura sacramental del Bautismo según Tertuliano”, *Estudios Eclesiásticos*, vol. 83, no 324, pp. 87-98.

<sup>74</sup>SOTOMAYOR, 1982:27; TORRES, 1993:26; JORGE, 2002:87-91. No meio destes viajantes estariam fiéis ao Cristianismo, presbíteros e apóstolos que acabariam por organizar as pequenas comunidades de crentes que surgiram nas cidades.

<sup>75</sup>O Bispo de Lyon, entre os anos 182 e 188, expressa a expansão das comunidades cristãs na Hispânia, ainda Tertuliano, uns anos mais tarde, fala-nos da difusão da crença por todo mundo conhecido, inserindo-se profundamente nos centros urbanos e com o aumento de seguidores criou-se uma hierarquização dentro do seio cristão.

<sup>76</sup>No ano 254, a Epístola 67 de Cipriano de Cartago, notoriamente a primeira referência documental que retrata a existência de uma comunidade cristã estruturalmente hierarquizada sob a liderança de um bispo em Mérida, capital da Lusitânia. Este relato é deveras importante porque demonstra que apesar dos fortes abalos geográficos

em 258, sendo ainda de referir, *Las Catequesis bautismales* de São Cirilo de Jerusalém, em 315-386 e os *Los Sacramentos* de São Ambrósio de Milão, em cerca de 340-397, texto que remete para a presença da Trindade na Jordânia, ideia também reforçada por Santo Agostinho. Esta tradição patrística foi custeada pelos mosteiros e, como consequência, ao longo da Idade Média, realizam-se numerosas cópias de manuscritos bíblicos e compilações evangélicas exegéticas, que preservam a conceção das prefigurações do Antigo e Novo Testamento, como as *Etimologias*, em 634 de São Isidoro de Sevilha.

A qualidade dos documentos aumenta no séc. IV, dando a conhecer as primeiras reuniões eclesiais, como o Concílio de *Iliberri*, em 308, que reuniu 24 presbíteros e 19 bispos, provindos alguns de Évora, Faro e Mérida. Esta última tem a documentação arqueológica mais rica para esta centúria na Hispânia<sup>77</sup>. Progressivamente vemos um aumento de reuniões e dos seus participantes, em especial provindos de centros urbanos anexados às principais vias de circulação e do Sudeste peninsular, “a região mais povoada e aberta aos influxos comerciais e às trocas de gentes e ideias que tal atividade implica”.<sup>78</sup>

Em 313, após o Édito de Constantino, que decreta a liberdade religiosa, dá-se o aumento das referências documentais no que diz respeito à expansão do Cristianismo e a sua consolidação na Hispânia. Sulpício Severo apresenta no séc. IV, uma crónica que se fixa em resumir o desenvolvimento do Cristianismo e das suas estruturas de culto, remetendo novamente para a sucessiva consolidação da hierarquização dentro da comunidade.

Na viragem para os séculos IV e V, uma época instável pela ascensão de inúmeras variações alternativas ao Cristianismo apostólico, tornou-se assim, imprescindível fixar o poder do bispo no controlo e manutenção da doutrina na sua diocese, que para além da comunidade delimita um território<sup>79</sup>. A nomeação de *Emerita* como capital da *diocesis Hispaniarum* proporcionou a reativação das estruturas públicas e a revitalização da cidade.

A partir do século IV, com aumento do número de batismos e conseqüentemente do número de fiéis este sistema não seria tão estável, podendo muitas vezes o bispo não estar presente pessoalmente no rito ou noutras cerimónias presididas por toda a comunidade. Os presbíteros e os diáconos passaram assim a assumir a responsabilidade do ritual do batismo, ficando ao encargo do bispo as cerimónias pós-batismais, como a confirmação e o crisma que se realizava na catedral principal de cada paróquia. Na liturgia Hispânica, em especial no

---

que enfraqueceram as fronteiras do império, seria a capital da Lusitânia um centro de reunião das pessoas que procuravam refúgio, refúgio este encontrado na comunidade fixa de cristãos e fiéis.

<sup>77</sup>CORDERO RUIZ, 2013:221.

<sup>78</sup>SOTOMAYOR, 1982:13; CARNEIRO, 2009:208.

<sup>79</sup>BELTRÁN DE HEREDIA *et al.*, 2017:176.

*Liber Ordinum*<sup>80</sup>, expõe esta ideia de que o batismo não seria exclusivo aos bispos, mas estaria nas mãos dos presbíteros e diáconos. Neste livro também são referenciadas as numerosas *ordines* da celebração do rito hispânico, sobre as cerimónias que só se celebram anualmente e que são de uma importância extraordinária para a interpretação litúrgica dos espaços religiosos. Temos de ter em conta que tanto a *Liber Ordinum* e o *Antifonario* de Léon, são adaptações realizadas pela igreja de Oviedo, capital do reino das Astúrias e Leão, e, assim sendo, a utilização destas rubricas deve ser feita com cautela<sup>81</sup>. Só podemos ter a certeza da antiguidade destes textos escritos em relação ao espaço comparando-os com testemunhos como a legislação conciliar ou os textos patrícios dos padres hispânicos. Assim, podemos ter uma interpretação do espaço litúrgico da época paleocristã e visigoda, podendo aplicá-los aos monumentos hispânicos contemporâneos, dos sécs. IV ao VIII<sup>82</sup>.

Na parte final do império romano são inúmeros os exemplos de batismos em adultos de modo a demonstrar o seu caráter religioso e muitas vezes evérgeta, tais como São Ambrósio, São Jerônimo, São João Crisóstomo e Santo Agostinho. Esta demora deveu-se à estipulação de dois anos do catecumenado pelo Concílio de Elvira<sup>83</sup>, nos inícios do séc. III/IV (de data incerta, mas entre 295 e 314 d.C.). Os catecúmenos assistiam à primeira parte da missa - a liturgia da palavra - sendo dispensados antes da celebração dos mistérios onde só poderiam assistir depois do seu batismo<sup>84</sup>. No século IV, o número de batismos seria tão alto que os bispos fixaram um número máximo de batismos e um tempo mínimo do catecumenado (passando para 15 dias), demonstrando a crescente afiliação entre a Igreja e o Império Romano<sup>85</sup>.

O reino visigodo converte-se ao catolicismo em 589, sofrendo reformas por indivíduos que seriam anteriormente ligados ao paganismo ou à idolatria, o que poderá explicar a difusão mais tardia do Cristianismo em certas zonas do império romano<sup>86</sup>. As igrejas surgiram como

---

<sup>80</sup>Esta fonte litúrgica compila textos até ao século XI, como os manuscritos de Silos. Esta dualidade proposta pelo *Liber Ordinum* pressupõe que desde a época visigoda a cerimónia batismal seria conferida pelos presbíteros e diáconos em qualquer altura do calendário litúrgico. *Liber Ordinum*, ed. M. Férotin 1904, pp. XI-XXIX.

<sup>81</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1995:27, 39.

<sup>82</sup>JORGE, 2002:33-37.

<sup>83</sup>Neste concílio participaram os bispos de *Emerita* (Libério), de *Ossonoba* (Vicente), de *Ebora* (Quinciano), *Astorga/Leão* (Decêncio), *Bracara Augusta* (*presbyter Luxurius?*), entre outros.

<sup>84</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1995:291.

<sup>85</sup>Para a *Terraconensis* temos o mesmo fenómeno, citando Beltrán de Heredia (2017:175): “En la Tarraconense a finales del siglo iv la duración mínima establecida por el papa Siricio en su epístola a Himerio de Tarragona era de cuarenta días; el II Concilio de Braga del 572 lo fijaba en veinte días, frente a la costumbre que se desprende del canon 49 del mismo concilio que pretendía reducir la instrucción cristiana a tan solo quince días.” Retirado por sua vez da Epístola I *Siricii Papae ad Himerium Tarraconensem Episcopum*: PL XIII, 1141-1147. La fecha de esta decretal el día 11 de febrero del año 385 parece fuera de toda duda: Cfr. Pérez Martínez 2012, 77, nota 305.

<sup>86</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1989b:610.

consequência da cristianização da Península na época paleocristã, mas a sua perduração chega à invasão muçulmana, tornando-se um dos marcos cronológicos do séc. IV ao VIII.

Todavia, há poucos exemplos de batistérios datados do séc. IV, apesar das evidências nas fontes escritas comprovarem esta prática na Hispânia neste século. Sendo assim, como refere Godoy Fernández<sup>87</sup>, não podemos inferir o sucesso do Cristianismo a partir do número de complexos batismais identificados em contexto arqueológico deste século IV<sup>88</sup>. Tal poderá ser explicado pelo facto de o Cristianismo ser um fenómeno urbano<sup>89</sup> que se ramificou para o mundo rural, daí a inexistência arqueológica de complexos batismais em meio citadino. No entanto, no Concílio de Elvira<sup>90</sup>, foi mencionada a existência de comunidades rurais organizadas por um diácono e um presbítero, onde proferiram batismos na sua paróquia por volta do séc. IV.

Desde o séc. VI, enumeram-se os abundantes testemunhos desde Gregório de Tours, Isidoro de Sevilha, e o *De Correctione* de São Martinho de Dume. Após o estabelecimento nos centros urbanos, a atenção recai sobre o mundo rural, onde Martinho de Dume se foca na sua evangelização, com a recomendação da participação na vida eclesiástica e a presença ativa nos locais de culto de modo a enfraquecer o culto pagão que continuava enraizado em templos situados em bosques e montes ou na periferia dos centros urbanos fortemente evangelizados. Todavia a construção de mosteiros é vista como uma forma de servir e atrair novos discípulos através da divulgação da mensagem cristã passada pelos monges nos atos de trabalho e dedicação à Fé.

Por conseguinte, o Cristianismo constituirá o principal factor de coesão social durante os tempos conturbados do séc. IV e V, séculos onde as fontes são escassas ou nulas. Mas pela intensificação do número de concílios rigorosamente registados a partir do séc. VI/VII, atestamos a sua consolidação com a hierarquização progressiva e estrutural das comunidades cristãs<sup>91</sup>. A reflexão deste movimento espelha-se na ornamentação e atos de evergetismo dedicado a estes complexos religiosos identificados na Hispânia onde se denota a “(...) a

---

<sup>87</sup>GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (1989) - Baptisterios hispánicos (siglos IV al VIII) arqueología y liturgia. In: Actes du XI e congrès international d'archéologie chrétienne. Lyon, Vienne, Grenoble, Genève, Aoste, 21-28 septembre 1986. Rome : École Française de Rome, 1989. pp. 607-634. (Publications de l'École française de Rome, 123); [https://www.persee.fr/doc/efr\\_0000-0000\\_1989\\_act\\_123\\_1\\_3480](https://www.persee.fr/doc/efr_0000-0000_1989_act_123_1_3480).

<sup>88</sup>BERNARDES, 2009:327.

<sup>89</sup>BELTRÁN DE HEREDIA *et al.*, 2017:176.

<sup>90</sup>ALARCÃO, J., 1988:178-179; GODOY FERNÁNDEZ, 1989b:607.

<sup>91</sup>*Cit.* PUERTAS, R. (1966): “El concilio de Braga II (572) (...) afirmará que el obispo bendecía el bálsamo que se utilizaba para la administración del Bautismo y luego se repartía por todas las iglesias de la diócesis. Por consiguiente, en todas ellas se bautizaba”.

importância do Cristianismo como foco dinamizador de uma nova mentalidade que continuando os tempos anteriores os vão transformando”<sup>92</sup>.

---

<sup>92</sup>BERNARDES, 2009:324.

## 5. CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNDO TARDORROMANO NA LUSITÂNIA

A explicação do contexto de transição, transformação e continuidade nas cidades tardorromanas e no mundo rural na Península Ibérica pôs de lado a ideia de decadência após a queda do império romano do ocidente, em 476<sup>93</sup>, uma narrativa tradicionalmente ligada à historiografia.

Um dos pontos decisivos foi definitivamente o triunfo do Cristianismo e a queda do poder de Roma que ininterruptamente conduziram à fragmentação do Império Romano do ocidente. Juntamente com o abrandamento ou a interrupção progressiva das trocas comerciais, do fornecimento de matérias-primas (madeira para construção, metais e produtos manufaturados), bens de primeira necessidade (trigo, *garum*, peixe, azeite, vinho, cânhamo, linho, lã), o desaparecimento gradual da circulação da moeda romana e a própria transição e assimilação de uma nova construção étnica<sup>94</sup>.

Tradicionalmente muitos investigadores têm defendido a forte influência do Cristianismo norte-africano nos primeiros passos deste na península. Alarcão<sup>95</sup> alude à possibilidade de “algumas tropas peninsulares que prestavam serviço naquela região e depois regressaram à Hispânia, convertidas à nova doutrina, devem ter contribuído para a difusão do Cristianismo”. Por outro lado, sabemos que a fundação de *Emerita Augusta* na época imperial permitiu estabelecer uma diretriz para as outras *civitates* na Hispânia. A verdade é que são múltiplas as razões que poderão ser apontadas para a nomeação de Mérida como capital da província da Lusitânia, no final do séc. I a.C., desde a presença da Legião VII *Gemina*, a importância das minas de ouro na região e o intercâmbio de pessoas, militares e civis, com o resto do mediterrâneo.

Arqueologicamente foi encontrado no território emeritense, o testemunho epigráfico mortuário cristão mais antigo da Península Ibérica. O *ladrillo* de Aceuchal, publicado pela primeira vez por Monsalud em 1901, apesar do seu contexto ser desconhecido. Os investigadores apontam para os sécs. III-IV, baseando-se na comparação paleográfica com o papiro de Doura-Europos (*Epitome Livii*), datado dos anos 224-235 ou, de acordo com uma segunda proposta, da primeira metade do séc. III, fundamentando-se também na liturgia acima

---

<sup>93</sup>ESCRIBANO PAÑO, 2012:139, 140.

<sup>94</sup>ARCE, Javier de (1982) - El último siglo de la España romana, 284-409. Alianza Universidad, Madrid. ISBN: 8420623474.

<sup>95</sup>ALARCÃO, 1988:178.

referida juntamente com a comparação com a ara identificada em Córdoba<sup>96</sup>. Teja<sup>97</sup> relaciona a possível contemporaneidade com a carta escrita pelos bispos de Basílides e Marcial, de León-Astorga e Mérida, ao bispo de Cartago Cipriano, remetendo para a presença de uma comunidade cristã em Mérida.

O primeiro testemunho litúrgico do Cristianismo na Península Ibérica é oferecido por Ireneo, nos anos 182-188. Conforme a instauração de um episcopado, a norma inerente na *ecclesia* a partir do séc. II seria moldada de acordo com o sistema de organização territorial romano que teria no seu centro a *civitas*. Deste modo, a autoridade do bispo estaria vinculada a um território incluindo a cidade e a periferia. Todavia, na sua base teria de existir uma comunidade cristã bem fixada e acomodada.

Entre 200 e 206, Tertuliano escreve uma obra contra os judeus, confirmando a expansão e dinâmica do Cristianismo durante os primeiros séculos da sua existência. Posteriormente, os imperadores romanos Décio, Valeriano e Diocleciano, produzem um maior número de textos testemunhais do Cristianismo. Décio, entre 249 e 251, organiza, pela primeira vez, uma perseguição aos cristãos, ao mesmo tempo que várias dioceses foram sendo estabelecidas na Península, como *Asturica-Legio*, *Caesaraugusta*, *Emerita* e *Tarraco*, a partir de 259<sup>98</sup>.

Diocleciano<sup>99</sup>, a partir de 284, inicia uma reforma de reestruturação e consolidação dos pilares económicos, políticos, administrativos e sociais numa sociedade fragilizada pelos anos de anarquia militar. Propôs a divisão do território em *provinciae*<sup>100</sup> na Hispânia, integrando-as na *diocesis Hispaniarum*, à qual englobaria também o Norte de África de modo a melhorar a sua gestão administrativa e fiscal<sup>101</sup>. Ainda assim, o imperador proibiu o Cristianismo e perseguiu os seus crentes pelo império do Ocidente. Coincidindo, todavia, com a martirização da Santa Eulália de Mérida. Em 330, constroem um *martyrium* em sua memória e na mesma instância celebraram o primeiro Concílio de Elvira<sup>102</sup>. Contudo, na Península Ibérica está

---

<sup>96</sup>A primeira proposta cronológica é de J. Mallon (1948:134-136) e a segunda por J. M. Navascués de Juan (1960:58) *apud* CORDERO RUIZ, 2013:70; ALARCÃO, 2017:299-300.

<sup>97</sup> TEJA, 1990:116; JORGE, 2002:93-97; DOMINGUEZ, 1997:26 *apud* MATEOS CRUZ, 2005:50; CORDERO RUIZ, 2013:70.

<sup>98</sup>ALARCÃO, 1988:178.

<sup>99</sup>JORGE, 2002:82-87; DE MAN, 2004:41; MATEOS CRUZ, 2005:50; RIPOLL, CHAVARRÍA, 2003:46; WOLFRAM, 2011:11; CORDERO RUIZ, 2020:36-38.

<sup>100</sup>As províncias hispânicas conhecidas são sete: *Tarraconensis*, *Baetica*, *Carthaginensis*, *Gallaecia*, *Lusitania*, *Mauritania Tingitana* e *InSulae Baleares*, esta última nos finais do séc. IV tem a sua própria legislatura.

<sup>101</sup>ALARCÃO, 2017:261, citando “A *diocesis* era superiormente governada por um *vicarius*; mas cada província tinha o seu governador, *praeses*, com categoria equestre (*vir perfectissimus*) ou conSular (*vir clarissimus*).”

<sup>102</sup>ITURGAIZ, 1968:211; JORGE, 2002:99-102; CABALLERO ZOREDA, MATEOS CRUZ, 1995 *apud* ALARCÃO, 2017:300.

documentado uma certa organização eclesiástica em função das províncias civis<sup>103</sup>. Com a sua abdicação, a nova política da Tetrarquia e os seus protagonistas, cessa a perseguição dos cristãos.

A crise característica do séc. III na Hispânia foi fundamentalmente económica, motivada pelas invasões “bárbaras” e pelo fracasso do regime instaurado por Diocleciano. Nessa época, *Emerita Augusta* não perde a sua importância como capital da província da Lusitânia, um polo atrativo comercial, político e social, com uma comunidade cristã presente e disseminadora do Cristianismo, num quadro em que é capital da *Diocesis Hispaniarum*, desde 298 até 409<sup>104</sup>.

Constantino<sup>105</sup>, em 313, publica o Édito de Milão, aceitando o Cristianismo como uma das religiões do Império<sup>106</sup>. Inicia uma série de medidas favoráveis ao clero a nível económico-social<sup>107</sup>, devolvendo os seus bens, fazendo generosas doações e impulsionando a construção de igrejas nas cidades e de *martyria*. Consegue integrar e promover a religião pagã e cristã como bases da ideologia imperial o que consequentemente beneficia da contínua utilização de elementos pagãos que ressaltaram a imagem do imperador e ao mesmo tempo favoreceram a igreja.

Nos finais do séc. IV, Teodósio o Grande proclamou o Cristianismo como a religião oficial do Império Romano<sup>108</sup>. Independentemente da decisão imperial, esta época está marcada pelo impulso dado ao Cristianismo anteriormente, tal como o crescimento exponencial do número de cristãos espalhados pelo Império. Numerosas referências textuais e litúrgicas referem a existência de edifícios de culto cristão desde meados do séc. III, referindo os complexos religiosos datados do séc. IV como resultado de ampliações ou reconstruções de estruturas preexistentes.

A ruptura na administração provincial lusitana, nos finais do séc. V, com as migrações dos suevos, vândalos e alanos, tornou-se rapidamente uma preocupação no órgão eclesiástico. Espelhado na carta enviada pelo Papa Simplício ao bispo emeritense Zenón, no ano 483, ao qual descrevia a sua tentativa de criação de laços diplomáticos com a corte sueva a fim de

---

<sup>103</sup>VILELLA MASANA, 1998:273, 279-281.

<sup>104</sup>ARCE, 1982:223,239; TEJA, 1990:121; VILELLA MASANA, 1998:269.

<sup>105</sup>DE MAN, 2004:41-42; CORDERO RUIZ, 2013:270. As reformas permitiram uma grande acumulação de riqueza o que levou a que esta classe comprasse e investisse nos seus grandes latifúndios rurais.

<sup>106</sup>WOLFRAM, 2011:11, nota de rodapé 3.

<sup>107</sup>BROWN, 1971:62 *apud* MATEOS CRUZ, 2005:50. Aparentemente, o imperador Constantino, decidiu apoiar o Cristianismo, graças à vitória sobre o imperador Maxêncio e a uma visão onde viu uma cruz antes da batalha de Ponte Milvio, segundo CHAVARRÍA ARNAU, 2021:164.

<sup>108</sup>LÓPEZ QUEJIDO, 1998:109; ALARCÃO, 2017:305. À chegada dos povos germânicos às províncias hispânicas, no séc. IV, o Cristianismo seria a religião principal da maioria da povoação hispano-romana.

restabelecer a harmonia dentro da igreja lusitana<sup>109</sup>. Talvez por não quererem o retrocesso das circunscrições religiosas, isto é, o agrupamento dos bispados submissos a uma autoridade capital provincial. Na Lusitânia, por falta de documentação, pressupomos que as regiões que permaneceram fora do controle do reino suevo continuaram sob a gestão da metrópole, *Emerita*. Por outro lado, a Lusitânia sueva, organizada sob a gestão de *Bracara Augusta*, a nível administrativo e eclesiástico, favoreceu o aparecimento de um quadro de poder articulando a função das cidades com poderio religioso. Os concílios suevos, de 561 e 572, instituem como sedes episcopais, as cidades de *Egitania*, *Veseo*, *Lamecum* e *Conimbriga*<sup>110</sup>.

A reunificação da igreja com a província culminou com a conquista visigoda do reino suevo, a partir do séc. VI. No entanto, estas peripécias forjadas durante estes dois séculos, encontrariam o seu reflexo na configuração da Lusitânia visigoda, e na evolução dos seus núcleos urbanos, incluídos no reino visigodo de Toledo.

### 5.1. Os centros urbanos

Se fora a partir dos contatos comerciais do Oriente ou pela proximidade geográfica ao Norte de África, a verdade é que não há um exemplo arqueológico de uma igreja dessa fase primitiva muito menos a possibilidade de designar uma origem única de conversação para o Cristianismo<sup>111</sup>. Durante os primeiros séculos do Cristianismo, este está circunscrito aos centros urbanos, o que atrairia todo o tipo de população, desde comerciantes, artesãos e as elites urbanas<sup>112</sup>. O que, por sua vez, com a instituição eclesiástica e do bispo, que passaram a ser as autoridades civis, permitiu a continuidade das cidades romanas no tempo novo que surgia.

Nos finais do séc. III, *Emerita Augusta*, capital da *Diocesis Hispaniarum*<sup>113</sup>, inicia na cidade uma série de reformas urbanísticas que acabam por mudar a sua fisionomia<sup>114</sup>. Como sabemos, o Cristianismo floresceu primeiro nos centros urbanos. Neste caso sendo a capital da diocese lusitana, Mérida torna-se o exemplo a seguir nas outras cidades, mantendo a sua contínua influência de *civitas* cosmopolita da Lusitânia<sup>115</sup>. Por conseguinte, nos outros centros

<sup>109</sup>THOMPSON, 1982:201-202 *apud* CORDERO RUIZ, 2020:38.

<sup>110</sup>CORDERO RUIZ, 2020:38.

<sup>111</sup>RIPOLL, CHAVARRÍA ARNAU, 2003:47; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:165, propõe três possíveis razões para a falta de evidências arqueológicas que espelham esta intenção: os restos arqueológicos não sejam visíveis ou não foram encontrados, ou que estas igrejas teriam sido destruídas durante as perseguições de Diocleciano, ou ainda pela associação errada de cronologias a estruturas ultimamente datadas da época de Constantino.

<sup>112</sup>WOLFRAM, 2011:14; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:159.

<sup>113</sup>No concílio de Calcedônia, em 451, cânone 17, descreve e aponta para a sobreposição da divisão eclesiástica recorrente com a divisão administrativa romana precedente.

<sup>114</sup>MATEOS CRUZ, 2000:498, 502-505.

<sup>115</sup>WOLFRAM, 2011:15.

urbanos também estão presentes arqueologicamente um conjunto de medidas urbanísticas que caracterizavam o séc. IV na Hispânia.

As invasões germânicas não romperam com a configuração do sistema administrativo da Hispânia, mantiveram-se as estruturas fiscais estabelecidas, não obstante, com o passar dos anos, se tenham diluído com o desaparecimento do poderio romano<sup>116</sup>. Um exemplo claro foi a construção de um edifício público sobre o *forum* romano amortizado de *Emerita Augusta*, coincidindo com a conversão da *civitas* na sede régia sueva<sup>117</sup>.

As evidências arqueológicas serviram para reconhecer as transformações dos edifícios do período clássico que por vezes desaparecem, foram transformados ou tipicamente substituídos por outras construções. A nova tendência permitiu observar o mundo urbano, o progressivo desaparecimento dos modelos-urbanos padrão reticulares, o abandono dos grandes edifícios públicos, assim como a sua reutilização, bem como a reorganização do mundo funerário<sup>118</sup>. O que implica mudanças nos *suburbia* e a aparição de um novo tipo de habitação que se desapega do ideal citadino organizado<sup>119</sup>. Segundo Mateos Cruz<sup>120</sup>, só podemos, através desta análise, assinalar tendências evolutivas e comportamentais a partir de interpretações subjetivas. Às vezes esta renúncia leva ao abandono na totalidade ou de grande parte da cidade espelhado arqueologicamente nos níveis de colmatação total da fase anterior, possibilitando a reabilitação urbanística<sup>121</sup>.

As cidades não sofrem mudanças assim tão drásticas, mas sim variações no trama urbano desde a ocupação progressiva das vias públicas, atribuídas a iniciativas privadas como a atuação dos próprios poderes públicos, vistos arqueologicamente numa evolução dinâmica do espaço urbano e periurbano durante o séc. II/III<sup>122</sup>. Sendo assim, dá-se o estreitamento das ruas ou até o seu desaparecimento total, provocando a desvinculação parcial do plano ortogonal. O fenómeno não é exclusivo da época tardia, mas definitivamente existem múltiplos exemplos dessa época. Mostra-se em força em *Emerita Augusta*, na ocupação dos

---

<sup>116</sup>No entanto, não existe consenso nas datações, como refere Escribano Paño, 2012:137: “(...) los cultos tradicionales romanos habían cedido su lugar al Cristianismo, pero no hay acuerdo sobre cuándo y cómo.”

<sup>117</sup>AYERBE VÉLEZ, MATEOS CRUZ, 2015 *apud* CORDERO RUIZ, 2020:37.

<sup>118</sup>Apesar da dualidade do Cristianismo e paganismo, citando BERNARDES, 2017:372: “Independientemente del local de enterramiento, todo el creyente, por una cuestión de caridad e de misericordiosa obligación cristiana, tenía el deber de enterrar a quien quisiera que fuese que necesitase de sepultura.”

<sup>119</sup>MATEOS CRUZ, 2000:494; ESPARRAGUERA, 2002:444; ESPARRAGUERA, RÁNCHEZ RAMOS, 2009:134; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:160.

<sup>120</sup>MATEOS CRUZ, 2005:49.

<sup>121</sup>ESPARRAGUERA, 2002:445. Para este segmento é importante citar o autor: “Pero el resultado final siempre será el mismo: una imagen arqueológica que romperá claramente con la que ofrecía el modelo urbanístico anterior, y que apesar de ser uno de los sellos distintivos de la Antigüedad tardía, se gestó en algunas ciudades en los siglos anteriores.”

<sup>122</sup>MATEOS CRUZ, 2000:492.

pórticos durante todo o período da Antiguidade Tardia e/ou na construção de estruturas nas vias, como termas ou *domus*<sup>123</sup>. A reativação das obras públicas e a revitalização da cidade, leva à criação de um novo urbanismo com uma dinâmica urbana distinta da anterior<sup>124</sup>.

A partir do séc. IV, os grupos eclesiásticos são reconhecidos no território vivendo de acordo com os seus ideais e práticas, fiéis convertidos voluntariamente e liderados por um bispo, sobretudo onde haveria uma maior densidade populacional cristã. A existência destes grupos implicaria uma espécie de hierarquização embrionária<sup>125</sup>, podendo justificar a falta de uma arquitetura ostentosa ou pela sucessão contemporânea de episódios periódicos de perseguição por parte do poder imperial, pelo menos antes do período de Constantino. Estas sedes episcopais primitivas provavelmente seriam lugares improvisados e/ou em espaços privados.

Os bispos ou as diferentes comunidades cristãs acabariam por comprar, doar ou através de expropriações por parte do Estado, no espaço fora ou intramuros ou até em casas particulares, a fim de construir uma sede física<sup>126</sup>. Nesta fase inicial, estes centros religiosos dentro do espaço amuralhado<sup>127</sup>, seriam espaços mais marginais, primariamente ligados ao culto martirial<sup>128</sup>, porque a religião pagã continua a ser a tradição no centro da cidade. Nesta fase embrionária<sup>129</sup>, “a transformação de edifícios públicos não cristãos em igrejas não ocorre com tanta frequência como se tem dito”, nesta altura o *forum* teria funções comerciais<sup>130</sup>, “quando já não lhe era reconhecido o valor político”.

O próximo passo seria a construção de basílicas nos *suburbia*, começando lentamente, mas intensificando-se no séc. V, quando a maioria das cidades se encontravam equipadas com uma topografia eclesiástica. Aquando da sua monumentalização no séc. IV, o Cristianismo já não era uma religião perseguida, mas sim vinculada ao poder político<sup>131</sup>. A construção no espaço intramuros parece depender da consistência económica da comunidade, como foi referido acima, e do próprio papel do bispo<sup>132</sup>. Até porque os fundos citadinos seriam

<sup>123</sup>MATEOS CRUZ, 2000:496.

<sup>124</sup>CORDERO RUIZ, 2013:220.

<sup>125</sup>VILELLA MASANA, 1998:271.

<sup>126</sup>JORGE, 2002:158; ALARCÃO, 2017:306. Não sabemos, no entanto, as cronologias exatas para este fenómeno.

<sup>127</sup>Exemplos estão presentes em Ostia, Brescia, Bolonha, Barcelona, entre outras.

<sup>128</sup>MACIAS, 2006:267, *cf.*: “Os batistérios surgiam por vezes ligados a santuários martirológicos implantados em necrópoles na periferia das cidades.”. FÉVRIER, 1987b:129,134,135,138 *apud* MACIAS, 2006:267, *cf.*: “ (...) la multiplication des lieux de culte, le besoin de s'assurer la protection des martyrs et des saints, l'introduction d'autels nombreux dans les basiliques comme dans les baptistères traduisent un besoin qui est ressenti de plus en plus fortement dans la conscience chrétienne.”

<sup>129</sup>BARRAL I ALTET, 1995:113 *apud* DE MAN, 2004:34.

<sup>130</sup>DE MAN, 2004:34.

<sup>131</sup>WOLFRAM, 2011:15.

<sup>132</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2021:170.

canalizados para os afazeres episcopais, desde a ajuda das autoridades na construção das basílicas, facilitada pela confiscação dos templos por Constantino, o que resultou na maior disponibilidade de património para adaptar, converter e incorporar à propriedade da Igreja<sup>133</sup>. O *Codex Theodosianus* (XVI, 2,4), reconhecia à Igreja o poder judicial de acumulação de bens<sup>134</sup>.

A presença de manifestações urbanísticas de carácter cristão durante o séc. IV pode considerar-se diminuta, vinculando-se às primeiras estruturas de *martyrium*<sup>135</sup>. Este conceito supõe uma mudança no contexto urbano, visto que pela lei romana, são proibidos os enterramentos intramuros, mas surgem pontualmente em época tardo-romana. A partir do séc. III, por iniciativa dos bispos, começaram a planificar-se os primeiros cemitérios cristãos. Neste seguimento, tanto os fiéis como os futuros mártires seriam enterrados nestes cemitérios comunitários, o que deu lugar posteriormente à construção de monumentos em sua honra e memória<sup>136</sup>.

Infelizmente, não existe uma realidade material que reflita esta hipótese<sup>137</sup>, tal como os exemplos de *martyria* que conhecemos para a Lusitânia estão localizados nas zonas rurais. Poderíamos mencionar o exemplo de Mérida. Na origem da necrópole estaria no seu interior um edifício de carácter martirial que acolhia o enterramento das relíquias de Santa Eulália, executada a mando de Maximiliano nos começos do séc. IV. Posteriormente, incorporou-se o *martyrium* na basílica construída em época visigoda por cima, sendo reconstruída no séc. VI<sup>138</sup>. Este tema, todavia, continua a atrair muitas questões, como seja o facto do lugar do *tumulus* ser o mesmo que o do *martyrium*, ou até de atualmente só termos conservadas as relíquias com as ossadas de Santa Eulália, e nada do seu suposto santuário<sup>139</sup>.

Uma das características que mais se destaca na paisagem da cidade tardia são as novas formas de habitação nos ambientes urbanos que tomariam partido do abandono e da perda da função principal das grandes infraestruturas públicas alto imperiais<sup>140</sup>. Por todo o território

---

<sup>133</sup>DE MAN, 2005:44,56.

<sup>134</sup>DE MAN, 2004:43.

<sup>135</sup>MATEOS CRUZ, 2005:54. No Ocidente, os *martyria* mais conhecidos estão preservados na sua forma primitiva. Tanto na Gália como na Itália, os exemplos conhecidos são da segunda metade do séc. IV, que adotam as plantas de monumentos funerários familiares, por exemplo, mausoléus com salas quadradas ou retangulares, que se rematam por vezes numa abside, e que no séc. V, estão adjacentes ou transformam-se em basílicas.

<sup>136</sup>BERNARDES, 2017:369; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:243.

<sup>137</sup>CORDERO RUIZ, 2013:298.

<sup>138</sup>CABALLERO ZOREDADA, MATEOS CRUZ, 1998; MATEOS CRUZ, 2005:54; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:192.

<sup>139</sup>MATEOS CRUZ, 2000:500. As escavações arqueológicas no interior da igreja de Santa Eulália confirmaram a construção de um edifício nos inícios do séc. IV, possivelmente relacionado com o culto martirial da Santa, mas não é possível confirmar com certeza.

<sup>140</sup>ESPARRAGUERA, 2002:451; MATEOS CRUZ, 2005:52, 58.

esta situação está presente, desde o saque e a reutilização do espaço para novas estruturas públicas, aproveitamento e reorganização dos antigos edifícios como espaços habitáveis, apontamos o exemplo de *Bracara Augusta* e da conversão das suas termas. Ou o *forum* da cidade de Conimbriga<sup>141</sup> que aparenta, no séc. IV, estar ainda em funcionamento, sofrendo a sua ruína, saque e reocupação no séc. VI, julgando pelos materiais cerâmicos que proporcionaram essas camadas arqueológicas de abandono<sup>142</sup>.

Mas atualmente mantêm-se dúvidas relativamente à origem destas ocupações, se seriam espontâneas ou planeadas de modo a reaproveitar o antigo espaço público. Ainda, os dados arqueológicos permitem observar como o fenómeno ocupacional não é homogêneo, mas que se deteta com clareza nos finais do séc. V e de forma maioritária no séc. VI.

## 5.2. O mundo rural e as *villae* romanas

Dado que as transformações nos centros urbanos são difíceis de apontar, como já referimos anteriormente, para o mundo rural não temos os mesmos tipos de problemas<sup>143</sup>, estando muitas vezes dependentes das atas martiriais e dos primeiros concílios do séc. III, IV e das primeiras décadas do séc. V. O séc. IV constitui o período máximo do esplendor da arquitetura residencial ou doméstica da Hispânia rural. Se nos focarmos na província da Lusitânia vemos uma representação muito significativa nos territórios de Mérida e de Beja. Nos espaços residenciais destas *villae* está claro o investimento e o cuidado dedicado a espaços representativos da riqueza do *dominus*, como seja o peristilo, o *triclinium* e as termas<sup>144</sup>.

A maior parte destas quintas senhoriais tardo antigas aproveitam as estruturas intactas das *villae* romanas, objeto de reformas, associadas geralmente ao séc. IV, como a construção de novos edifícios, o abandono de outros ou até a sua substituição<sup>145</sup>. Através de um processo evolutivo claro, mas variado, possibilitado pelos estudos monetários e a sua circulação, os materiais cerâmicos, as suas crono-tipologias e as remodelações estruturais, fornecem informação estratigráfica de modo a contextualizar os achados e a própria estrutura<sup>146</sup>.

A monumentalização tanto das residências rurais como as urbanas, ao longo do séc.

---

<sup>141</sup>ALARCÃO, ÉTIENNE, 1977:166-169 *apud* ESPARRAGUERA, 2002:453.

<sup>142</sup>ESPARRAGUERA, 2002:451; ESPARRAGUERA, SÁNCHEZ RAMOS, 2009:134, 138; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:159. Os exemplos disponíveis demonstram como o abandono e a reocupação não são fenómenos seguidos, o saque parece ser uma consequência de uma imediata reocupação e não do uso prolongado do edifício abandonado como pedreira.

<sup>143</sup>ARCE, 1982:254; RIPOLL, CHAVARRÍA ARNAU, 2003:47; BERNARDES, 2017:371.

<sup>144</sup>ARCE, 2007:238; CORDERO RUIZ, 2013:275.

<sup>145</sup>ARCE, 2007:240.

<sup>146</sup>RIPOLL, ARCE, 2001:25,26.

IV, interliga-se com as mudanças no cerne político, social e económico da aristocracia romana e refletem o modo como expressavam a sua autoridade e poder. A qualidade e decoração das residências romanas estão diretamente ligadas ao estatuto e classe social do proprietário<sup>147</sup>. Estariam estruturadas por diferentes zonas consoante a sua utilidade, desde as residências, as áreas de serviço, as de armazenamento e transformação de produtos provenientes da exploração agropecuária, o que exigia vínculos bem definidos entre os proprietários e os seus dependentes (os trabalhadores, os escravos, os *coloni*). Estas estruturas normalmente construídas com o propósito de durabilidade, seriam um polo atrativo para novas ocupações, vistas a partir do séc. IV/V, aquando da fragmentação do poder administrativo romano.

Sendo assim, não é de estranhar a conexão direta do seu *status* com a planificação da sua propriedade, em relação às suas necessidades, da sua família, da sua produção agrícola e dos seus dependentes, visto que só uma parte da produção estava destinada ao mercado<sup>148</sup>. Daí a grande atenção dada aos estudos destas *villae* por refletirem o quotidiano das famílias dedicadas ao *otium et negotium*<sup>149</sup>.

As fontes escritas revelam que nos finais do séc. IV as comunidades rurais continuam a praticar rituais pagãos relacionados com a fertilidade da terra. Sobretudo no território lusitano, o registo material comprova a perseverança dos cultos tradicionais, pelo menos no séc. IV e, pela presença notável de templos vinculados às *villae*. Os exemplos mais conhecidos encontram-se em Milreu, São Cucufate, Torre de Palma, Quinta do Marim, Los Castillejos e Carranque, erguidos na maioria em pleno séc. IV, contemporâneos à monumentalização das *villae*. A sua proximidade à *pars urbana* e o seu programa decorativo não deixam lugar para dúvidas sobre o facto da sua planificação estar relacionada com as reformas por parte do *dominus*.

As investigações tradicionais associam a fase tardia das *villae*, no séc. IV, a uma fase de crise e decadência, consequência da instabilidade do séc. III e ao aparente abandono das cidades por parte das aristocracias urbanas. Deste modo, o verossímil declive de vida levou à deslocação da classe aristocrática romana para as suas residências de campo. Atualmente, sabemos que este panorama de ruína e abandono das cidades não foi tão transparente ou linear como pensávamos. Até porque as cidades mais importantes continuaram a exercer e a manter o seu prestígio económico, social e político, como seja a esplêndida *Emerita Augusta* ou *Tarraco*.

---

<sup>147</sup>BERNARDES, 2009:344; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:205.

<sup>148</sup>VERA, 1983:168.

<sup>149</sup>WALLACE-HADRILL, 1988:52, 84-86 *apud* CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:94.

A verdade é que certos espaços e funções administrativas deixaram de existir, como é o caso do *forum* e das *curiae*, no entanto tal não implicou o abandono das cidades. Todavia, os principais postos de poder foram ocupados por uma nova aristocracia, com a reestruturação iniciada por Diocleciano e continuada com os imperadores seguintes, o que levou à consolidação do seu estatuto social e naturalmente da sua riqueza pessoal. Através da análise dos exemplos vemos isto mesmo, a “*construcción y embellecimiento de sus residencias*” e a relevância dada ao *otium*, parte aprazível da vida desta nova aristocracia nas suas *villae*<sup>150</sup>.

Não esquecer que estes indivíduos detêm de um interesse acrescido em ocupar cargos na hierarquia eclesiástica, como sendo a nova carreira tradicional a seguir, passando muitas vezes pelo evergetismo, promovendo a construção de edifícios cristãos e o seguimento das crenças associadas a esta religião.

As *villae* romanas teriam uma impressionante influência na vitalidade das cidades ao longo do séc. IV, afastando a ideia da “ruralização” das aristocracias urbanas. Por outro lado, no que diz respeito à relação económica entre o campo e a cidade, uma não deixa de abastecer a outra pelo facto de ser controlada pelos proprietários rurais e as aristocracias urbanas, sendo estas compostas pelos mesmos indivíduos<sup>151</sup>. Tal é comprovado pelos achados em comum nas *villae* e nos centros urbanos que continuam a refletir os vínculos entre a cidade e o campo, pelo menos em meados do séc. V. Temos notórios exemplos desses vínculos em São Cucufate e *Pax Iulia*<sup>152</sup>, em Torre de Palma, Centcelles e La Olmeda, no que concerne também à circulação monetária, refletindo a sua economia de mercado e o papel das cidades como centro recetores e distribuidores<sup>153</sup>.

A Arqueologia diz-nos que as vivendas rurais continuam a manter o seu carácter residencial durante as primeiras décadas do séc. V, que é revelado pelos estudos estilísticos dos pavimentos musivos e dos materiais cerâmicos<sup>154</sup>. Para a Lusitânia, a documentação é muito imprecisa para poder determinar se mantinham a sua função residencial, apesar de serem claros em certos exemplos, como o de Torre de Palma ou Milreu, uma etapa de remodelações e monumentalização das *villae*.

A partir da segunda metade do séc. V é cada vez mais difícil detetar a presença de uma aristocracia proprietária das residências rurais hispânicas. As materialidades importadas

---

<sup>150</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:112.

<sup>151</sup>*Ibidem*, 2007:113; CORDERO RUIZ, 2013:269.

<sup>152</sup>ALARCÃO, J. *et al.*, 1990:298 *apud* CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:113.

<sup>153</sup>CORDERO RUIZ, 2013:269.

<sup>154</sup>A contínua ocupação das *villae*, só foi possível ser provada graças às novas escavações e o progresso do conhecimento material cerâmico ao encontrar paralelos noutras zonas do Império Ocidental, como a *Gallia* e a Itália.

escasseiam e as cerâmicas que existem têm características comuns ou imprecisas que não permitem uma datação precisa. Em contrapartida, os novos residentes não utilizavam as residências como as mesmas nuances que os antigos proprietários, o *otium* não faria parte dos seus ideais de quotidiano ou da cultura aristocrática, como a receção de *amici y clientes*<sup>155</sup>.

A verdade é que, em contexto arqueológico, podemos ver um conjunto de transformações funcionais nas *villae*, iniciadas nos sécs. III e sucessivamente. Na organização planimétrica das áreas residenciais, dos espaços termais e nos espaços de receção, vão-se transmutar frequentemente com a destruição dos pavimentos musivos e a sua substituição por pavimentos em *opus signinum* ou em terra batida, a compartimentação do espaço, a construção de paredes e muros ou pela abertura de sepulturas. Este processo de transformação foi generalizado sobretudo na parte ocidental da Península.

A interpretação que é feita destes vestígios arqueológicos permite observar um conjunto de reformas arquitetónicas com a instalação de estruturas viradas para a produção<sup>156</sup>. Representada pela reutilização de muros para a compartimentação do espaço com materiais perecíveis (adobe, madeira), construídos diretamente sobre os antigos pavimentos, tanques ou depósitos, canalizações, prensas, *dolia*, fornos para a atividade artesanal vinculados à manufatura de cerâmica, metais ou vidro<sup>157</sup>. Também pela identificação de buracos de poste, silos, lagares e fornos relacionados com a atividade metalúrgica<sup>158</sup>. Ou a abertura de sepulturas de inumação, localizadas em edifícios secundários desativados, como no espaço residencial da *villa* ou nas antigas termas<sup>159</sup>.

Por fim, temos a conversão de parte do edifício num espaço de culto cristão<sup>160</sup>, numa igreja, evidenciado pela reutilização ou reestruturação arquitetónica, com a adição de cabeceiras semicirculares ou planas, de elementos litúrgicos como altares, cancelas, e a existência de um batistério ou de um oratório privado. A vinculação entre as *villae* e as igrejas levou a que a comunidade científica tenha apreciado o papel das aristocracias rurais, o seu papel fundamental na difusão da crença cristã graças à sua atenção dada na construção de

---

<sup>155</sup>ARCE, 2007:241.

<sup>156</sup>ARCE, 2007:241; CORDERO RUIZ, 2013:291; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:211.

<sup>157</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:126.

<sup>158</sup>*Ibidem*, 2007:129; BERNARDES, 2009:327. As complexidades presentes nos níveis arqueológicos desta época resultam em grande parte nas transformações quase invisíveis e impercetíveis, devido ao reaproveitamento de determinados espaços que apenas precisam de, por exemplo, repavimento ou muros de compartimentação, muito difíceis de datar.

<sup>159</sup>RIPOLL, CHAVARRÍA ARNAU, 2003:49; CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:134; 2021:211, 228. BERNARDES, 2017:370, 373. Desde o séc. IV, com a difusão do Cristianismo, a documentação arqueológica evidencia a contínua disposição dos defuntos com vestimenta, enxoval, elementos distintivos da sua classe social e do seu género.

<sup>160</sup>RIPOLL, ARCE, 2001:27; CARNEIRO, 2009:210-212; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:210, 212.

igrejas na sua propriedade. Mas a ideia de que haveria um certo consenso entre o bispo e os proprietários rurais para cristianizar a população rural não é aceite, visto que estes ao construir as basílicas no seu terreno, passariam despercebidos ao domínio do bispo e por vez, ao pagamento de impostos.

A cristianização do mundo rural, aponta para certas diferenças fundamentais entre os grandes edifícios urbanos e as construções rurais como vimos anteriormente. Desde o seu tamanho, oferecendo igualmente uma planta basilical de uma ou três naves, rematada numa abside na cabeceira, podendo estar integrado numa estrutura tripartida, e, em certos casos, numa abside ocidental. Em resumo, paralelamente à construção das basílicas urbanas desenrolou-se na paisagem rural, ao longo do séc. VI, a construção de igrejas, com a presença de enterramentos e mausoléus para as elites rurais.

Apesar de que a nível arqueológico a construção de igrejas na Hispânia ocorre supostamente a partir do séc. V e ao longo do séc. VI/VII, depois dos edifícios perderem o seu carácter residencial, serem abandonados ou então são construídas no local onde anteriormente foi enterrado o *dominus* e a sua família<sup>161</sup>. Pode refletir que talvez o seu papel não seja assim tão evidente aquando das primeiras manifestações do Cristianismo no território. Contudo, não deixa de ser em geral a única arquitetura religiosa de qualidade desses séculos, num período onde seriam construídas com técnicas e materiais rudimentares e perecíveis<sup>162</sup>.

Portanto, a utilização de símbolos cristãos em pavimentos musivos ou cerâmicas, poderiam ser elementos informativos de que esta religião estaria a manifestar-se em algumas *villae* de aristocratas urbanos, como nas *villae* do *Fortunatus* (Fraga, Huesca), *Centcelles* (Catalunha, Espanha) e Quinta das Longas (Elvas, Portugal), remetendo para a segunda metade do séc. IV<sup>163</sup>. Mas atualmente este argumento não é considerado suficientemente forte para dar como garantia a cristianização dos proprietários das *villae* lusitanas.

A construção destas igrejas, segundo a documentação arqueológica e textual, permite determinar que foi faseada. Existem poucos exemplos que remetem para a construção destas igrejas contemporâneas ao funcionamento das estruturas residenciais do séc. IV e V<sup>164</sup>. Propôs-se que estas foram construídas para uso privado ou como espaços abertos a uma comunidade mais ampla de modo a serem batizados sob a jurisdição do bispo<sup>165</sup>. Mas a maioria surge no séc. VI e VII, quando as *villae* se encontram em plena transformação ou

---

<sup>161</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2021:218.

<sup>162</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:126; BERNARDES, 2009:344.

<sup>163</sup>ARCE, 1982:254; CORDERO RUIZ, 2013:298.

<sup>164</sup>RIPOLL, CHAVARRÍA ARNAU, 2003:47; CORDERO RUIZ, 2013:308; RODRIGUES VELASCO, 2016:5; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:208.

<sup>165</sup>BELTRÁN DE HEREDIA, GODOY FERNÁNDEZ, 2017:178, 179.

teriam sido abandonadas, o que, neste caso, torna muito mais difícil precisar a construção da igreja.

Em suma, podemos apontar para casos de igrejas construídas dentro do recinto residencial de uma *villa*, aproveitando um dos seus compartimentos. Ou para os edifícios cristãos construídos perto da *pars urbana* da *villa*, tipicamente reutilizando estruturas preexistentes, a partir de um edifício funerário como um mausoléu<sup>166</sup> ou de um templo pagão. Temos exemplos em Milreu, no Monte da Cegonha, na *villa* de La Cocosa, na igreja de Torre de Palma, na Lusitânia, correspondendo aos sécs. VI ou VII. Presumem-se numerosos os mausoléus construídos no séc. IV/V e convertidos em igrejas a partir do séc. VI, VII e VIII, apesar de não termos as evidências arqueológicas que o comprovem<sup>167</sup>.

---

<sup>166</sup>Dos casos estudados, podemos evidenciar tipologias de mausoléus de planta retangular, quadrangular, com absides somente num lado ou quadrangulares com absides opostas.

<sup>167</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2021:254. Poderá ser justificado pela sobrevivência de algumas famílias aristocráticas romanas, mantendo a sua identidade ao conservar pseudo-relíquias nos lugares de culto privado, explicando a atração dos antigos espaços funerários como lugar predileto para a construção de igrejas.

## 6. CATÁLOGO

É crucial salientar a importância da Arqueologia no fornecimento de informações complementares e/ou confirmações que enriquecem o entendimento dos documentos litúrgicos. Evidentemente, a maioria das estruturas cristãs antigas foi ora anexada a edifícios pré-existentes, sejam eles civis ou religiosos, ora construída sobre as fundações. Este facto atesta uma transição gradual e harmoniosa do paganismo para o novo culto cristão, sem conflitos evidentes. A escassez de vestígios arqueológicos desse período inicial pode sugerir uma certa fragilidade nas primeiras comunidades cristãs, assim como um desenvolvimento gradual ao longo do tempo ou a sua destruição nos contextos citadinos modernos. A construção de edifícios de grande porte era frequentemente viabilizada através do apoio financeiro dos bispos, um factor que desempenha um papel significativo na maioria das igrejas urbanas da época.

Além disso, a existência de batistérios fora das cidades episcopais é um indicador valioso da influência da ação episcopal. Nesta análise vamos ter em conta se os complexos batismais (no caso de se confirmar) têm as divisões necessárias para o rito do batismo, desde a sala da piscina, *Consignatorium* ou *Crismarion* (lugar de administração do crisma), um *catecumeneo* (sala adaptada para a reunião dos catecúmenos para a instrução prebatalismal) ou *agnile* (sala de espera) e, um vestíbulo de modo a manter a intimidade do ato. Normalmente os batistérios tripartidos, distribuídos em três espaços diferenciados correspondem, por sua vez, às três etapas da cerimónia<sup>168</sup>.

A relação entre o batistério e a igreja é muito variável, todavia teriam de estar fisicamente conectados de alguma forma, visto que primeiro seria celebrada a missa e depois os batismos. Deste modo, os complexos batismais podem estar localizados em edifícios independentes ou conectados a uma igreja por um átrio ou um corredor, sendo na mesma arquitetonicamente independentes. Seriam construídos tipicamente junto ao presbitério ou da fachada, a este do altar, ou ao lado do próprio edifício<sup>169</sup>.

No caso dos altares dos batistérios, poderiam ser utilizados como mesa auxiliar para o cibório ou para pousar as relíquias aquando dos batismos para fortalecer a ligação com o culto dos mártires, visto que a primeira missa dos novos catecúmenos deveria ter de ser assistida no espaço central da igreja.

---

<sup>168</sup>ITURGAIZ, 1968:259-267; ULBERT, 1978:168. Cfr possível interpretação do complexo batismal de São Pedro de Alcântara (Málaga), nos anexos, fig. 1 (pág.127).

<sup>169</sup>RIPOLL, CHAVARRÍA ARNAU, 2003:48; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:113-114.

Na maioria dos exemplos estudados, o complexo batismal está inserido no interior de uma basílica, a sua localização numa sala à parte ou numa determinada divisão isolada da nave central ou da sacristia, lembrando o seu típico emprego associado à época cerimonial da Páscoa. Através da planta da igreja, podemos recriar o trajeto da procissão que o clero e os catecúmenos percorreriam, visto que este estaria interdito a certas zonas reservadas aos fiéis estabelecidos na comunidade cristã<sup>170</sup>. O investigador Ulbert<sup>171</sup> recriou como seria este procedimento. Para exemplos como a Casa Herrera, El Germo, San Pedro de Alcántara e para a basílica de Torre de Palma, estes apresentam uma planta do edifício bem definida e explícita, daí a esta possibilidade<sup>172</sup>.

O segundo conjunto, refere-se às piscinas batismais em dependência de um complexo arquitetónico que formam a basílica<sup>173</sup>. Palol<sup>174</sup>, afirmou que são inúmeras as plantas associadas a este núcleo, com claras inspirações sírias e africanas<sup>175</sup> onde a sua cronologia poderia confirmar as conceções litúrgicas. Ainda assim, estas comparações a partir de estilos construtivos têm uma base frágil visto que apesar de se notar semelhanças (inspirações) as construções podem não ser contemporâneas<sup>176</sup>.

As piscinas batismais geralmente apresentam uma planta central redonda, quadrada, cruciforme e octogonal<sup>177</sup>. Por outro lado, existem batistérios de planta retangular com extremidades em forma de abside ou semicircular<sup>178</sup>. Ademais, no Mediterrâneo Ocidental, as mais comuns são as de planta cruciforme, estando diretamente ligada à carga simbólica que carrega a sua forma. Geralmente, estas são as evoluções construtivas mais tardias das plantas mais simples, de forma quadrangular e circular, podendo ser comprovada arqueologicamente no mesmo complexo batismal. Esta originalidade supera as típicas plantas das basílicas onde estão inseridos estes batistérios, se nos referirmos aos casos lusitanos, por exemplo. Na maioria dos casos, a técnica construtiva mais uniforme e mais comumente usada é em alvenaria, executada com pedras irregulares e tijolos unidos por uma argamassa de cal.

---

<sup>170</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2021:118.

<sup>171</sup>ULBERT, 1978:166.

<sup>172</sup>Consultar anexos para o exemplo recriado referente à Casa Herrera e a Torre de Palma, casos estudados neste trabalho, figs. 2 e 3 (págs. 127-128).

<sup>173</sup>BELTRÁN DE HEREDIA *et al.*, 1989:178.

<sup>174</sup>PALOL, 1967:150.

<sup>175</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1986:134; ULBERT, 1978:139.

<sup>176</sup>GODOY FERNÁNDEZ (1995).

<sup>177</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2021:112, citando: “*El número ocho recordaba el día de la Resurrección de Cristo y, por lo tanto, era sinónimo de regeneración y salvación tal y como el obispo Ambrosio hizo escribir en la decoración del baptisterio de la basílica nova en Milán.*”

<sup>178</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2021:114. A abside poderia ter sido usada para albergar uma plataforma onde estaria o bispo pronto a abençoar os novos batizados.

Nalguns exemplos não foram encontrados os mecanismos de enchimento e descarga da piscina, conhecendo a possibilidade do aproveitamento de estruturas termais anteriores<sup>179</sup> ou podemos ainda supor que nalguns casos seria feito manualmente ou naturalmente. Porém, o seu interior seria sempre impermeável, com a utilização para o efeito de *opus signinum* e, em raras exceções, de placas de mármore<sup>180</sup>.

Outro aspeto a retratar, são as piscinas batismais de diferentes tamanhos e profundidades. Tradicionalmente associada ao batismo das crianças<sup>181</sup>, presentemente a ideia mais recorrente aponta para a probabilidade de estas serem de cronologias distintas e não contemporâneas. No exemplo de Son Peretó (fig. 4), na ilha de Menorca, a piscina monolítica amortizou os materiais arqueológicos pertencentes à escadaria da primeira piscina<sup>182</sup>.

Uma outra tipologia presente principalmente nas ilhas baleares, em especial em Menorca, na basílica de Fornás de Torelló (fig. 5) ou na basílica da Isla del Rey (fig. 6), são os batistérios de planta circular<sup>183</sup>. Nem todos os batistérios dispõem de escadas de acesso e de saída, podendo ser um problema de conservação visto que a norma litúrgica exige seis degraus independentemente da sua profundidade ou forma. Por exemplo, no caso de piscinas circulares, poligonais ou quadradas, poderiam estar em torno da própria piscina. Já nas piscinas retangulares é normal a presença de três degraus para o acesso e outros três (opostos) para a saída, tipicamente orientados de Oeste para Este<sup>184</sup>.

É necessário referir ainda a existência de pequenos tanques que muitas vezes se encontram ao lado das piscinas batismais principais. Provavelmente serviriam para a ablução, um dos atos preliminares do batismo, mencionado no Concílio de Elvira<sup>185</sup>. A evolução do ritual do batismo de adultos e crianças levou a uma redução progressiva do tamanho e da profundidade de algumas piscinas ou até a sua substituição por outra piscina. Há que mencionar a este propósito o caso de *Egitania* ou da *villa* Torre de Palma.

Desde o séc. VI, a generalização do batismo infantil conduziu, de uma forma não homogênea ou linear, em algumas zonas, à substituição das piscinas batismais por pias monolíticas isoladas. Não obstante, levou também à construção de numerosos batistérios monumentais, refletindo diretamente o poder do bispado e a generalização do batismo. Este tema está refletido em três cânones do II Concílio de Braga, na segunda metade do séc. VI,

<sup>179</sup>BERNARDES, 2017:373-374.

<sup>180</sup>RIPOLL, CHAVARRÍA ARNAU, 2003:48; BELTRÁN DE HEREDIA, GODOY FERNÁNDEZ, 2017:173.

<sup>181</sup>Defendida anteriormente por Orlandos, Iturgaiz, Palol, Ulbert, Beltrán de Heredia e Godoy Fernández.

<sup>182</sup>RIPOLL, CHAVARRÍA ARNAU, 2003:58; RIERA RULLÁN, *et al.*, 2019 *apud* CHAVARRÍA ARNAU, 2021:115.

<sup>183</sup>PALOL, 1967:165.

<sup>184</sup>BELTRÁN DE HEREDIA *et al.*, 1989:191; CHAVARRÍA ARNAU, 2021:221.

<sup>185</sup>MCCONNELL, C. D. (2005) *apud* CHAVARRÍA ARNAU, 2021:117.

realçando a importância do batismo das crianças e principalmente o pagamento de impostos à igreja<sup>186</sup>.

Independentemente disso, estas tipologias requerem o seu reconhecimento pois “*no existe ninguna norma fija en Hispania y que los ejemplos se reparten uniformemente en lugares diversos.*”<sup>187</sup>.

Devido a estes critérios decidimos não incluir o exemplo mencionado por Conceição Lopes e Rafael Alfenim<sup>188</sup> em 1994, de uma piscina batismal no Monte da Cegonha. O sítio sofreu escavações desde 1985 até 1992, expondo uma *villa* romana de grandes dimensões com um complexo termal, acompanhado pela presença de materiais do séc. I ao IV, apresentando remodelações no período de Trajano (figs. 7 e 8). Na transição para o séc. IV/V, constrói-se uma basílica de três naves com uma cabeceira tripartida, orientada Este-Oeste, pavimentado a *opus signinum*, do qual ainda se preserva um relicário<sup>189</sup> forrado por placas de mármore, identificado na campanha de 1989. Será esta a caixa-relicário que os responsáveis sugerem ser um batistério<sup>190</sup>.

Na nossa opinião, pela falta de fotos, planos, desenhos, relatórios que impliquem a sua utilização como uma piscina batismal não é sustentável. Não podemos ponderar esta possibilidade porque ostenta somente uma referência no artigo acima citado que infelizmente, não foi explorado na posterioridade. Este exemplo espelha um dos problemas que presenciamos ao longo da investigação. Apesar de ser referenciado noutros trabalhos posteriores<sup>191</sup>, nenhum deles comprovam a existência de um batistério no Monte da Cegonha, simplesmente limitam-se a citar as mesmas referências bibliográficas.

Todavia, a basílica do Monte da Cegonha faz parte da rede de igrejas rurais na Lusitânia refletindo a cristianização da paisagem campesina, semelhante a São Cucufate (Vidigueira), ao Montinho das Laranjeiras (Alcoutim), São Miguel de Odrinhas em Sintra e outros exemplos de basílicas cristãs que não brindam da presença de um batistério.

Atualmente, na Lusitânia existem doze casos de sítios arqueológicos com a presença de basílicas com batistérios associados aos inícios do Cristianismo<sup>192</sup>. Neste segmento, estão

---

<sup>186</sup>ITURGAIZ, 1968:215.

<sup>187</sup>PALOL, 1967:162. Atualmente o pequeno batistério de Burguillos (Badajoz) encontra-se destruído.

<sup>188</sup>LOPES, Maria da Conceição e ALFENIM, Rafael António Ezequiel (1994) - Monte da Cegonha. In *Informação Arqueológica*. Lisboa. 9, p. 108109.

<sup>189</sup>SILVA, Maria Adília Rocha Moutinho Alarcão e, LOPES, Maria da Conceição e ALFENIM, Rafael António Ezequiel (1995) - A caixa relicário do Monte da Cegonha Selmes (Vidigueira). *Arqueologia e laboratório*. In 4ª Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica, Lisboa. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, (Monografies de la Secció Històrica Arqueològica, 4), p. 401406.

<sup>190</sup>ALFENIM, LOPES, 2005:389-399 *apud* JORGE, 2002:54.

<sup>191</sup>JORGE, 2002:54-55.

<sup>192</sup>JORGE, 2002, tabela 3, pág. 74.

presentes seis exemplos localizados no território espanhol e seis em território português, estudados e analisados pela coletividade científica<sup>193</sup>. Exemplos estes que continuam a suscitar dúvidas em relação às balizas cronológicas que a elas se associam, a partir muitas vezes da inferência de paralelos ou de critérios que transmitem alguma incerteza ou mesmo pela falta e/ou ausência dos registos das escavações.

### 6.1. Casa Herrera, Badajoz

Entre os casos mais notórios temos o sítio arqueológico da Casa Herrera, situado a 7 km a Norte de Mérida, na Espanha. O sítio foi descoberto em 1943, após a identificação por Serra i Rafols de um fuste em mármore que se conservava sob uma sepultura, e em redor, a uns 500 m, observou ainda um conjunto de silhares. Localiza-se numa pequena colina que faz fronteira a um riacho no lado Oeste, fazendo parte da rede de igrejas pertencentes à circunscrição da sede episcopal fixada em Mérida<sup>194</sup>.

As intervenções arqueológicas permitiram escavar o complexo por completo por Serra i Rafols<sup>195</sup>. No entanto, nenhuma publicação foi feita desta intervenção, somente o desenho da planta do monumento publicada por Gómez Moreno<sup>196</sup>. Esta planta espelha os restos de uma basílica de três naves (ao qual o arqueólogo propôs a sua integração num “mosteiro”), datada do séc. VI, face ao conjunto de achados, encontrados na área periférica da estrutura religiosa. De entre esses achados, encontra-se um tramo secundário, que corre de Norte para Sul, do aqueduto romano, conhecido por Rabo de Buey-San Lázaro, que se dirigia a *Emerita Augusta*<sup>197</sup>.

Em 1968, o complexo religioso foi objeto de uma intervenção de limpeza por parte da *Deutsches Archaeologisches Institut* de Madrid, de modo a possibilitar o desenho das ruínas conservadas, resultados depois publicados por Ulbert em 1969. Este investigador acabou por dirigir nos anos 70, juntamente com Caballero Zoreda, duas campanhas de escavação, tendo na sua posse os registos fotográficos da primeira campanha feita por Serra i Rafols,

---

<sup>193</sup>BELTRÁN DE HEREDIA *et al.*, 2017:173.

<sup>194</sup>BARRAL I ALTET, X., 1982: 123; CORDERO RUIZ, 2013:169.

<sup>195</sup>CORDERO RUIZ, SASTRE DE DIEGO (2010); SASTRE DE DIEGO, SABIO GONZÁLEZ, 2020:293. Foram identificados um conjunto de fragmentos de fustes em mármore e de um pequeno jarro cerâmico, que levaram a que Serra i Rafols pensasse que estivesse perante uma *villae* romana.

<sup>196</sup>GÓMEZ MORENO, M. (1964) - Prémices de l'art chrétien espagnol, *L'Information d'Histoire de l'Art*, 5, fig. 13.

<sup>197</sup>CABALLERO ZOREDA, ULBERT (1976); GODOY FERNÁNDEZ (1995); CORDERO RUIZ, SASTRE DE DIEGO, 2010:94.

focando-se no interior da basílica, “(...) *completando la exhumación de las tumbas, y alcanzando los niveles de pavimentación y cimentación del edificio*”<sup>198</sup>.

Descrevendo agora os restos arquitetónicos conservados temos um edifício formado por uma basílica de naves contrapostas, com orientação Este-Oeste. Em torno da basílica estão localizados um grupo de salas anexas possivelmente construídas numa segunda fase, associada à segunda metade do séc. VII <sup>199</sup>.

Neste âmbito, é importante referir que a primeira campanha permitiu individualizar duas fases de construção da basílica (fig. 9). A primeira, corresponde a uma planta quadrada dividida por três naves, às duas absides e às câmaras de ambos os lados da abside oriental. A segunda, compreende a adição do batistério conectado a nordeste com uma câmara onde está presente o altar<sup>200</sup>.

No centro deste recinto, identificou-se os vestígios do que pareceram ser quatro bases de assentamento de uma mesa de altar. Entretanto estes suportes desapareceram, restando somente a sua descrição. Tratar-se-ia de pilares em mármore de planta octogonal onde após a sua montagem foi vertido *opus signinum* na base dos pilares. Infelizmente, só um possível fragmento chegou aos nossos dias, do tampo da mesa, cujas medidas rondam 1,90 m por 1,10 m<sup>201</sup>. Apesar do excelente estado de preservação do *opus*, referido por Caballero Zoreda e Ulbert, este deteriorou-se na zona onde seria a mesa de altar com o levantamento de uma sepultura<sup>202</sup>. Visto que, o sacramento da iniciação cristã culmina com a primeira comunhão dos neófitos, não é de estranhar a existência de altares junto aos batistérios<sup>203</sup>.

A identificação da sacristia, localiza-se na área do extremo Este da basílica, definida pela inexistência de sepulturas, pelos vestígios da delimitação deste espaço e a concentração de fragmentos de cozinha<sup>204</sup>.

Atendendo à descrição das estruturas identificadas, os investigadores envolvidos no projeto vacilaram na datação das duas fases. No entanto, propuseram uma datação relativa através da análise dos materiais retirados das sepulturas<sup>205</sup>, de entre eles, um conjunto de inscrições que datam o *terminus ante quem* da construção da igreja e a sua remodelação<sup>206</sup>.

<sup>198</sup>CORDERO RUIZ, SASTRE DE DIEGO, 2010:91; SASTRE DE DIEGO, SABIO GONZÁLEZ, 2020:294.

<sup>199</sup>CABALLERO ZOREDA, ULBERT, 1976:235.

<sup>200</sup>CABALLERO ZOREDA, ULBERT (1976).

<sup>201</sup>SASTRE DE DIEGO, SABIO GONZÁLEZ, 2020:311, 315.

<sup>202</sup>*Ibidem* 1976:36; CORDERO RUIZ, 2013:170.

<sup>203</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1989b:632; BELTRÁN DE HEREDIA *et al.*, 2017:192; MATEOS CRUZ, CABALLERO ZOREDA, 2003:153.

<sup>204</sup>CABALLERO ZOREDA, ULBERT, 1976:63.

<sup>205</sup>Segundo Ulbert, os materiais cerâmicos não ofereceram uma crono-tipologia somente confirmam a existência do complexo durante o século VI e o VII.

<sup>206</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1995:286.

Caballero Zoreda admite que a única datação absoluta que possuem advém da inscrição de *Asella*<sup>207</sup>, do ano 528, que apareceu em escavação. Não obstante, para dois outros exemplos recua a sua datação: a inscrição *Salutius*<sup>208</sup> aponta para o ano 500 e a *Sabinianus auriga*<sup>209</sup>, considera-a a mais antiga, dos finais do séc. IV.

Os materiais escultóricos parecem apoiar as duas fases associadas à igreja tardo antiga. Os exemplos associados à primeira fase apresentam traços mais geométricos que datam a partir dos finais do séc. V até aos inícios do séc. VI, coincidindo com a fase de construção da basílica. Uma das peças que apoia esta cronologia é um pilar de mármore rosado, com a peculiaridade do seu corpo ser quadrado invés de cilíndrico e a sua base está por terminar, como seria a tradição até ao séc. IV/V. Demonstrando a mudança nas produções escultóricas, talvez indicando a perda de habilidade na realização de peças de secção circular<sup>210</sup>. Em compensação, como já foi referido anteriormente, identificou-se um fragmento de uma mesa de altar em mármore branco, que de acordo com a sua morfologia mantém a tradição romana com a emolduração do bordo, indicando, possivelmente, a sua datação tardorromana.

O segundo conjunto escultórico integra a fase mais tardia, da segunda metade do séc. VI, e envolve uma peça *in situ* saída do *baptisterium*, com iconografia de temas vegetais sob fundos planos<sup>211</sup>.

Quanto à basílica, esta apresenta grandes dimensões, possivelmente das maiores no contexto da Península Ibérica. Na nave central verificou-se no seu interior os vestígios de 12 bases de coluna, onde parte delas encontradas nas escavações de 1943 *in situ*, apenas um número reduzido se conservou na revisão feita por Caballero Zoreda e Ulbert<sup>212</sup>. Relativamente à sua planta interior, esta está dividida por pórticos e cancelas, tanto na parte Norte como a Sul, de modo a dividir o espaço religioso. Outro ponto a referir é a conservação, na nave lateral Sul, de pequenas áreas do revestimento do chão em ladrilhos, aparentemente destruído pela abertura das sepulturas<sup>213</sup>, sendo reutilizado estes ladrilhos como tampas<sup>214</sup>.

Os recintos exteriores, no lado Norte, na maioria, ainda se encontra visível o geológico ao qual os autores admitem ser o nível de circulação da igreja. Contrariamente, o lado Sul,

<sup>207</sup>CABALLERO ZOREDA, ULBERT, 1976:156-158.

<sup>208</sup>*Ibidem*, 1976:160-161.

<sup>209</sup>*Ibidem* 1976:178-182.

<sup>210</sup>SASTRE DE DIEGO, SABIO GONZÁLEZ, 2020:309-310, 314. Peça estudada anteriormente por Cruz Villalón, em 1985.

<sup>211</sup>*Ibidem* 1976:235-236; CORDERO RUIZ, 2013:171.

<sup>212</sup>Citando CABALLERO ZOREDA, ULBERT, 1976:20: “Pero solamente en dos casos se pueden comprobar con seguridad sus sitios originales.” ULBERT, 1978:19.

<sup>213</sup>Os investigadores identificaram no total 65 sepulturas na basílica da Casa Herrera.

<sup>214</sup>CABALLERO ZOREDA, ULBERT, 1976:28,30.

conserva uma pequena área de ladrilhos situada na parte oriental, por onde a comunidade circulava, diretamente assente sob o substrato rochoso. E tal como nas outras zonas, estes lateres foram retirados numa fase posterior e utilizados nas tampas de sepulturas<sup>215</sup>.

Em 2007<sup>216</sup>, deu-se uma nova intervenção arqueológica numa área próxima da basílica<sup>217</sup>, intervencionada anteriormente por Ulbert, numa tentativa de contextualização da basílica e a “(...) *obtención de nuevos datos materiales que nos permitieran determinar mejor la evolución del yacimiento.*” Infelizmente, no setor ocidental, devido à escassa potência estratigráfica, a afetação das estruturas pelos trabalhos agrícolas antigos com ação do arado condicionou os trabalhos de campo, que somente incidiram nos níveis de construção e cimentação. Ainda assim, foi possível observar os restos construtivos de um edifício de grandes dimensões, de função indefinida, fazendo-o coincidir com a primeira fase da basílica.

No setor oriental, os trabalhos foram frutuosos, conseguiu-se observar a maior parte das estruturas outrora documentadas, de função indefinida. São ainda visíveis pelo menos dois níveis de derrube, um do séc. VIII e outro do séc. VI/VII, com a presença de fragmentos de cerâmica de construção e utilitária. Perante estes restos de “muraria”, destaca-se a existência de um cruzamento de dois muros, possivelmente anterior às outras acima referidas. Os investigadores propõem ser de uma etapa mais antiga, prévia à construção tardo antiga identificada, por não surgir correlações estratigráficas<sup>218</sup>. Ainda assim, esta fase está fixada entre os sécs. IV-V, pela sua cultura material residual e quiçá sustentada pela referência de Caballero Zoreda e Ulbert (1976)<sup>219</sup>, da presença de *Terra Sigillata* clara D, no exterior da basílica. A propósito disso, o edifício aqui identificado, de possível função habitacional ou armazenagem, seria usado contemporaneamente à basílica, no séc. VII.

Sabemos que após, as prospeções feitas em 2007 e 2008, por Cordero Ruiz, Sastre de Diego e a sua equipa, que a extensão do núcleo populacional se prolongava por toda a área a noroeste da basílica, tal como para Sudoeste, como já teria sido documentado previamente<sup>220</sup>.

---

<sup>215</sup>*Ibidem* 1976:32,33.

<sup>216</sup>CORDERO RUIZ, SASTRE DE DIEGO (2010) - El Yacimiento De Casa Herrera En El Contexto Del Territorio Emeritense (Siglos Iv-Viii). Espacios urbanos en el occidente mediterráneo (s. VI-VIII):211-218.

<sup>217</sup>O sector selecionado situa-se a 80 m a sudoeste da basílica.

<sup>218</sup>CORDERO RUIZ, SASTRE DE DIEGO, 2010:92.

<sup>219</sup>Também documentada por Th. Ulbert (1991:187-190), onde apontou para os inícios de uma fase tardorromana, nas suas sondagens em 1987, *apud* CORDERO RUIZ, SASTRE DE DIEGO, 2010:93.

<sup>220</sup>*Ibidem*, 2010:94. Posteriormente, Isaac Sastre de Diego e uma equipa provinda de Oxford, deu início a duas campanhas de escavações, em 2012 e 2013, focadas em três áreas de interesse: atrás da abside oriental, a segunda localizada a 60 m a Sul da basílica, e por fim, uma sondagem ao lado da anteriormente aberta em 2008 onde se descobriu a continuação do aqueduto romano. MARTÍNEZ JIMÉNEZ, Javier; SASTRE DE DIEGO, Isaac (2022).

Para este estudo, interessa-nos a estrutura batismal (fig. 10) detetada numa sala de planta trapezoidal, a Norte da abside ocidental<sup>221</sup> associada à segunda fase. Foi identificada por cortar um dos muros a Este da antiga câmara lateral Norte da primeira fase (de modo a criar um acesso ao batistério). Os arqueólogos, por sua vez, detetaram duas etapas de construção do próprio batistério graças à conservação das estruturas e do *opus signinum* no acesso ao batistério que depois foi remendado *a posteriori* com fragmentos de ladrilho<sup>222</sup>. O segundo acesso à piscina batismal a Norte, também em *opus signinum*, não se encontraria conservado nos anos 70/80.

A primeira fase relativa à construção de uma piscina retangular com 1,5 m de profundidade, 3,40 m de comprimento e meio metro de largura, com um conjunto de sete degraus contrapostos, sob um baldaquino apoiado por seis colunas. Em meados do séc. VI adicionaram duas piscinas mais pequenas de cada lado da piscina principal<sup>223</sup>.

O complexo batismal foi escavado diretamente no geológico, estando as paredes laterais ladrilhadas. Em ambos os lados opostos da piscina central, encontra-se uma escadaria com sete degraus que desciam até ao fundo coberto por uma laje de mármore no interior batismal. Os lados interiores estão cobertos por estuque avermelhado de boa qualidade que engrossa nas zonas de contato entre os degraus e as paredes laterais.

A piscina pequena Norte, de planta ovalada, mostra três degraus a Oeste que conduzem para o seu interior; esta apresenta um metro de comprimento, 0,40 m de largura e 0,65 m de profundidade da piscina. As mesmas observações foram feitas na análise da piscina Sul, aparentando ser de menor tamanho, com 0,70 m de comprimento, 0,35 m de largura e 0,55 m de profundidade.

A adição das piscinas de pequenas dimensões deu-se no lado Norte e Sul da piscina batismal maior o que acabou por destruir parte das paredes laterais da mesma. Ambas as piscinas não dispõem do mesmo cuidado construtivo registado na piscina principal, têm em falta o revestimento argamassado da superfície dos degraus. O material utilizado para o revestimento das paredes não são lateres, mas sim pedras de alvenaria e, em última análise, a própria consistência da argamassa não revela boa qualidade da utilizada na piscina principal.

---

<sup>221</sup>CABALLERO ZOREDA, ULBERT, 1976:33-36; CORDERO RUIZ, 2013:171; CABALLERO ZOREDA, SASTRE DE DIEGO, 2013:275-276. A sala está dividida em três partes, desde a capela, a antecâmara e a sala batismal. Na capela, documentou-se os negativos dos pés de uma mesa de altar, posteriormente ocupado por um túmulo.

<sup>222</sup>CABALLERO ZOREDA, ULBERT, 1976:30-32; GODOY FERNÁNDEZ, 1995:290; ULBERT, 1978:140.

<sup>223</sup>CABALLERO ZOREDA, ULBERT, 1976:33; ULBERT, 1978:19, 154; GODOY FERNÁNDEZ, 1986:125, 1995:290; CORDERO RUIZ, 2013:171.

Infelizmente o mau estado de conservação do complexo batismal deve-se à utilização do espaço para a abertura de duas sepulturas numa fase seguinte<sup>224</sup>.

Durante os anos 70/80, a explicação mais citada para as piscinas cruciformes está ligada ao batismo infantil e à generalização deste durante do séc. VI<sup>225</sup>. Godoy Fernández (1986) propõe que as construções das piscinas mais pequenas numa fase posterior não substituem a principal, mas sim seriam usadas contemporaneamente. Apesar da proposta cronológica apresentada pelos investigadores das primeiras campanhas, estas ainda suscitam claras dúvidas no seio científico. Por exemplo, Ulbert e Palol propõem outra baliza cronológica, desta vez colocando o exemplo da Casa Herrera na tipologia de batistérios de planta cruciforme, datados por paralelismo com o conjunto do Monte Nebo, na Jordânia. Esta ideia é rapidamente contestada por Godoy Fernández (1986, 1989), tanto no que se refere à identificação de duas fases no batistério, assim como a datação por comparações arquitetónicas. Outros investigadores, como Orlandos<sup>226</sup>, Palol<sup>227</sup>, Testini<sup>228</sup>, Iturgáiz<sup>229</sup> também defendem que o funcionamento estaria ligado à prática dupla do ritual do batismo de adultos e crianças, visível a partir do séc. VI.

Em suma, as propostas sobre a construção de piscinas adjacentes mais pequenas, tal como a atribuição de cronologias da própria estrutura, têm por base a sua comparação com outros exemplos. Caballero Zoreda e Ulbert apontam, para a Península Ibérica, as basílicas de abside contraposta de San Pedro de Alcántara (Málaga), El Germe (Cordova) e em Torre de Palma (Monforte); e possivelmente o exemplo de La Cocosa (Badajoz), Bruñel (Jaén) e a igreja de Alconétar (Cáceres)<sup>230</sup>. Até para estes paralelismos os investigadores têm as suas dúvidas, tendo em conta a falta de publicações que discorde ou difere dos outros estudos já publicados. Seja como for, a maioria admite a influência norteafricana.

Atualmente, não há elementos que comprovem cada uma destas teorias. Assim, por enquanto, continuará um tema em aberto a novas propostas e discussões. Com as escavações em 2002, da piscina meridional de Idanha-a-Velha<sup>231</sup>, surge outro exemplo na Lusitânia que

---

<sup>224</sup>CABALLERO ZOREDA, ULBERT, 1976:34; ULBERT, 1978:19, 20.

<sup>225</sup>PALOL, 1967; SCHLUNK, HAUSCHILD, 1978; ULBERT, 1978.

<sup>226</sup>ORLANDOS, A. C. (1957) - «Les Baptistères du Dodécane» en Actes du V\* Congrès International d'Archéologie Chrétien. Città del Vaticano. Paris, 1957, pp. 199-212, cfr. por Th. ULBERT, op. cit., pp. 158-159.

<sup>227</sup>PALOL, P. DE, (1967) - Arqueología Cristiana de la España Romana, (siglos IV al VI), CSIC, Instituto Enrique Flórez, Madrid-Valladolid.

<sup>228</sup>-P. Testini, *Il complesso paleocristiano di Cornus (Regione Columbaris) in Sardegna*, VIII *CIArchCrist*, Barcelona - Città del Vaticano, 1972, p.537-561, p.549." *apud* GODOY FERNÁNDEZ, 1986:621, nota de rodapé 36.

<sup>229</sup>ITURGAIZ, 1968:7.

<sup>230</sup>CABALLERO ZOREDA, ULBERT, 1976:69.

<sup>231</sup>CRISTÓVÃO, 2002:14-15; CORDERO RUIZ, *et al.* 2020.

exemplifica esta repartição dos braços laterais da piscina principal. As escavações permitiram expor a sua construção no séc. V num único momento, negando o discurso de Ulbert<sup>232</sup>, baseado na adição posterior das piscinas mais pequenas laterais. No entanto, não permite corroborar a hipótese de Godoy Fernández<sup>233</sup>. Assim sendo, podemos colocar em causa as múltiplas fases associadas à construção da piscina batismal da Casa Herrera, podendo esta também ter sido construída toda a estrutura ao mesmo tempo.

Examinando o complexo batismal os autores apontam como paralelo mais evidente o batistério de Torre de Palma. No que diz respeito à sua planta retangular da primeira fase, estão ainda afiliados os exemplos de La Cocosa (Badajoz), San Pedro de Mérida (Badajoz), Valdecedabar (Badajoz) e em Alconétar (Cáceres). E para a adição das piscinas mais pequenas, numa segunda fase construtiva, estão associados os exemplos de Alconétar e o de Idanha-a-Velha, que teriam uma utilização contemporânea à piscina principal<sup>234</sup>.

Referir, por último, que atualmente a maioria dos investigadores concorda que o edifício basilical apresenta duas fases construtivas. A primeira aproximadamente no ano 500, com base na própria arquitetura da basílica de três naves com absides contrapostas, divididas por duas filas de colunas de mármore. A segunda, datada da segunda metade do séc. VII com a construção do batistério e a edificação das salas anexas ao corpo principal da basílica.

## 6.2. San Pedro de Mérida, Badajoz

A aldeia de San Pedro de Mérida, situa-se a seis quilómetros a Este de Mérida. Aqui estão registados vestígios de canalizações romanas e na aldeia em si abundam fragmentos de fustes de colunas. A igreja está atualmente dentro do núcleo urbano de Valverde de Mérida e encontra-se perto de duas vias romanas: o *Per Lusitaniam ab Emeritam Caesaraugustam* e o *Alio itinere ab Emerita Caesaraugustam*.

A primeira referência conhecida a esta basílica data do séc. XVII, por parte do historiador Moreno de Vargas<sup>235</sup> que a associou a um “*mosteiro con señales de que lo fué en tiempo de los godos, porque son suyos los edificios y piedras que allí se hallan, y aún hay algunos entierros de romanos por donde se descubre es más antigua que esto su población*”. Nos finais da década de 50 séc. XX, o sítio é escavado por Almagro-Basch e Marcos Pous, permitindo, pela primeira vez, documentar a disposição litúrgica da igreja de época visigoda.

---

<sup>232</sup>ULBERT, 1978:150.

<sup>233</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1986:135.

<sup>234</sup>ULBERT, 1978:141.

<sup>235</sup>MORENO DE VARGAS, B., 1981:443 *apud* CORDERO RUIZ, 2013:196.

A basílica primitiva de San Pedro de Mérida<sup>236</sup> (fig. 11), orientada a Este-Oeste, apresenta uma planta quase perfeitamente quadrada, com 8,30 m por 9,10 m (medidas interiores), pavimentada com uma argamassa de cal, bem conservada, menos nos sítios onde foi cortada pelos enterramentos do cemitério moderno. O edifício seria coberto por um telhado de duas águas<sup>237</sup>. Sobressai, no lado Este, o recinto retangular da abside, constituído em silhares de granito, de paramento distinto do resto do edifício, com medidas de 3,45 m por 2,30 m. A porta de entrada está no lado Sul, dando para uma nave retangular no centro e que comunica, com uma espécie de presbitério anterior ao altar, separado do mesmo por cancelas e um espaço central de entrada comunicando com o mesmo altar.

No *chorus*, o altar está separado por duas pilastras de mármore e uma cancela; no centro do recinto tem ainda a parte inferior/base da mesa, suportada por quatro pernas (cujas bases ainda estão conservadas)<sup>238</sup>. O presbitério tem uma câmara lateral Sul separada e unicamente em comunicação com a nave central da basílica, estando o nível de circulação a uma cota mais baixa. A nave está dividida em dois setores transversais (Norte-Sul), como a planta da igreja da *villa* romana de Fraga. Aqui, os dois recintos têm uma largura distinta, mais estreita no extremo Oeste, separados por dois muros apoiados nos extremos da igreja, pelos lados tanto Norte como Sul e por dois pilares quadrados em granito.

Uma piscina batismal (figs. 12 e 13) apareceu no contexto dos trabalhos de restauro do edifício<sup>239</sup>, na nave direita (edifício passa a ter 14,10 m de comprimento, todavia é uma medida máxima relativa porque o complexo religioso não foi escavado na totalidade<sup>240</sup>). Trata-se de uma piscina retangular, ligeiramente mais estreita numa das extremidades, que termina em forma arredondada. Tem quatro pequenos degraus conservados de cada lado e um fundo mais estreito, com a profundidade de 1 m. É de notar que o bordo lateral maior da piscina é mais largo formando uma bela moldura que se vê perfeitamente em planta, feito de *opus signinum*, com a utilização de argamassa de cal e pedra<sup>241</sup>. Tem similitudes com o exemplo de La Cocosa, correspondendo às tipologias do séc. VI.

Os investigadores Almagro-Basch e Marco Pous propõem para a basílica uma cronologia da primeira metade do séc. VII<sup>242</sup>, pelo espólio recolhido numa sepultura situada a

<sup>236</sup>ALMAGRO-BASCH, MARCOS POUS, 1958:83-88; PALOL, 1967:97-99; ITURGAIZ, 1968:77-78; ULBERT, 1978:128,148-149; GODOY FERNÁNDEZ, 1995:281-284; MATEOS CRUZ, 1995:239-263; JORGE, 2002:50-51; CORDERO RUIZ, 2013:195-197.

<sup>237</sup>UTRERO AGUDO, 2006:574. Apesar de ser contestado por Godoy Fernández (1995:284), pela falta de evidências.

<sup>238</sup>ALMAGRO-BASCH, MARCOS POUS, 1958:85, fig.6; CORDERO RUIZ, 2013:196.

<sup>239</sup>PALOL, 1967, nota de rodapé 36.

<sup>240</sup>CORDERO RUIZ, 2013:196.

<sup>241</sup>PALOL, 1967:168.

<sup>242</sup>ALMAGRO-BASCH, MARCOS POUS, 1958:22.

Sudoeste do edifício que marcaria a data mais recente dessa baliza cronológica. Estes autores afirmam a continuidade do povoamento romano em época visigoda e sublinham que a presença deste templo cristão não pertenceria a um *municipium* em concreto, mas sim, a um conjunto de *villae* rurais. Por fim, incorporam outros elementos da investigação, associando-os à existência de um possível “monasterio”<sup>243</sup> (apesar de não terem provas<sup>244</sup>). Esta datação, contudo, foi negada por Palol<sup>245</sup>, ao defender uma datação do ano 600 devido à decoração arquitetónica e ao material saído da sepultura mencionada anteriormente. Esta proposta foi apoiada também por Arbeiter<sup>246</sup>, que considera que a presença de uma piscina batismal indica uma construção do séc. VI/VII devido ao seu desaparecimento durante esta centúria<sup>247</sup>. Mateos Cruz<sup>248</sup>, fixa este exemplo no grupo das “*iglesias - ya sean de una o tres naves - donde el eje vertical y el horizontal - el espacio de tránsito - conforman una cruz latina*”, datadas do séc. VII.

Parece que a destruição da igreja cristã primitiva se deu como consequência das invasões muçulmanas. E no pós-reconquista julgou-se importante restaurar a basílica, já em ruína, e procedeu-se à construção de uma nova igreja<sup>249</sup>. É interessante destacar que esta basílica não é um edifício isolado no território. A dispersão de materiais romanos nas imediações de San Pedro de Mérida permitem pensar numa rede de núcleos populacionais tardo antigos na zona<sup>250</sup>. Contudo, Cordero Ruiz<sup>251</sup> explica que não é possível assegurar o papel deste edifício cristão como ponto de referência que uniria estes pequenos aglomerados devido à escassez de dados. Este autor lembra ainda que não é possível datar o momento de abandono e pós-abandono da basílica por falta de documentação.

### 6.3. El Gatillo de Arriba, Cáceres

O sítio, situado no vale no município de Cáceres, conheceu uma intervenção arqueológica em 1985/86/87, sob encargo de Caballero Zoreda, financiada pela Junta da Extremadura<sup>252</sup>. Em seu redor, foi descoberto um conjunto de ruínas do que seria um

---

<sup>243</sup>ALMAGRO-BASCH, MARCOS POUS, 1958:98, 1962:129 *apud* CORDERO RUIZ, 2013:49.

<sup>244</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1995:283; CORDERO RUIZ, 2013:49.

<sup>245</sup>PALOL, 1967:97.

<sup>246</sup>ARBEITER, 2003:76 *apud* CORDERO RUIZ, 2013:197.

<sup>247</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1989b: nota de rodapé 9.

<sup>248</sup>MATEOS CRUZ, 1995:256-257.

<sup>249</sup>ALMAGRO-BASCH, MARCOS POUS, 1958:128 *apud* ITURGAIZ, 1968:243.

<sup>250</sup>ALMAGRO-BASCH, MARCOS POUS, 1958:77-78.

<sup>251</sup>CORDERO RUIZ, 2013:197.

<sup>252</sup>Este desconfia que escondido neste vale estaria uma via terciária, um atalho que conduziria à via que ligava Mérida a Toledo, a caminho do rio Almonte.

reservatório provavelmente romano; a 500 m a Norte, estaria ainda erguida uma torre medieval de “*Casujón*”. Ao mesmo tempo, a Sul da igreja e nas zonas de periferias, apareceram fragmentos de *tegulae*, assim como lajes de sepulturas e de material de construção a Norte da própria igreja.

A dispersão dos achados nos arredores da igreja do El Gatillo, segundo Caballero Zoreda<sup>253</sup>, podem ser explicados pelo facto de, numa primeira fase, o sítio ter uma espécie de ocupação primária, dando-se depois a criação de outros dependentes dado o seu crescimento populacional. Por exemplo, pela existência inicial de uma exploração agrícola romana, onde numa fase tardia, seria composta por vários edifícios, de função habitacional, produtiva e comercial que funcionavam em simultâneo com a igreja.

As campanhas dos anos 80, dedicaram-se à limpeza superficial da sala frontal direita, do mausoléu posterior e de parte da abside principal<sup>254</sup>. Em 1987<sup>255</sup>, Caballero Zoreda publica uma proposta tipológica dos elementos arquitetónicos do culto cristão visigodo, a partir da análise da igreja do El Gatillo e do El Trampal.

Por conseguinte, na segunda campanha conservou-se uma divisão transversal em três zonas dentro do edifício a oriente e ocidente. Por fim, a última campanha, ocupou-se principalmente do levantamento das sepulturas<sup>256</sup>.

A verdade é que os investigadores admitem que não foram descobertos vestígios anteriores à construção da igreja e do seu piso, apesar de referirem a possibilidade de o espaço continuar a ser ocupado sem perder a sua função litúrgica. Aludem ao facto de serem estruturas de difícil datação<sup>257</sup>, já que “*si aparecen, los elementos de cronología están en posición secundaria formando parte de los contextos más modernos.*”

As escavações propõem uma cronologia de abandono no final do séc. IX, inícios do X, a partir do material cerâmico recolhido nas camadas pertencentes ao nível de destruição. Para além desta baliza, as escavações não conseguiram esclarecer datações absolutas das diferentes fases construtivas da igreja. Apesar de não haver provas arqueológicas, os arqueólogos conseguiram propor quatro fases, na publicação de 1991, no entanto, não são de fácil compreensão. A primeira fase, seria entre 400/450, a segunda, no ano 500, a terceira ligada

---

<sup>253</sup>CABALLERO ZOREDADA, GALERA, GARRALDA, 1991:471; CABALLERO ZOREDADA, SAÉZ LARA, 2007.

<sup>254</sup>*Ibidem* nota de rodapé anterior. MATEOS CRUZ, CABALLERO ZOREDADA, 2003:156.

<sup>255</sup>CABALLERO ZOREDADA, L (1987), *II CAME*, Madrid, págs. 62-98.

<sup>256</sup>CABALLERO ZOREDADA, GALERA, GARRALDA, 1991:472. A estratigrafia documentada apresenta um nível de destruição, de ocupação, de cobertura das sepulturas, de restos ósseos e até final.

<sup>257</sup>CABALLERO ZOREDADA, SAÉZ LARA, 2007:155.

somente à piscina batismal de planta cruciforme, por volta de 550/600, e a quarta, e última, após 711<sup>258</sup>.

Na publicação feita em 1991<sup>259</sup>, foi proposta uma data para a construção da igreja, entre os inícios e meados do séc. V, com base nos conjuntos materiais funerários antigos, tendo em conta que estas sepulturas são posteriores ao primeiro edifício. Para a segunda fase, apontam o ano 500, contemporânea à construção do batistério com uma piscina batismal retangular, também pela ausência de *Terra Sigillata* Hispânica Tardia e a tipologia da abside semicircular. A terceira fase contempla a refração da abside e a instalação de uma piscina batismal de planta cruciforme.

Em resumo, ao nível arquitetural, a igreja primitiva sofreu múltiplas ampliações (fig. 14). Inicialmente teria uma planta retangular com uma abside semicircular no interior, e no exterior retangular (ligeiramente trapezoidal). Estaria conservada no seu interior, *in situ*, o pé do altar<sup>260</sup>. Ficou registada a cobertura, uma abóbada de tijolo em forma de leque suportada por um arco triunfal, também de tijolo. Os muros foram construídos em alvenaria poligonal bem assente, alternando entre o xisto e o calcário, com os cantos e ombreiras em silhares de granito reaproveitados. Nesta primeira fase, os investigadores explicam que o edifício poderia ter duas ou três portas, uma na sua fachada Oeste, e outras duas na dianteira esquerda e direita. Apareceram todas cobertas e tapadas com sepulturas<sup>261</sup>.

Rapidamente surgiu opiniões contraditórias a estas cronologias, Godoy Fernández<sup>262</sup>, explica que as datações associadas à terceira fase são com base em comparações tipológicas feitas aos batistérios, neste caso com o batistério do Monte Nebo na Jordânia, carecendo de fundamentos arqueológicos. As outras fases são meramente aproximações relativas<sup>263</sup>, em especial o ano 711, como o de abandono, devido à chegada dos árabes, pela batalha de Guadalete.

Por outro lado, na publicação de Caballero Zoreda e Saéz Lara, em 2007<sup>264</sup>, creem a existência de seis fases evolutivas invés das quatro iniciais. Neste modo, duas são

<sup>258</sup>CABALLERO ZOREDA, GALERA, GARRALDA, 1991:487-488.

<sup>259</sup>CABALLERO ZOREDA, SÁNCHEZ SANTOS, 1990:452; CABALLERO ZOREDA, GALERA, GARRALDA, 1991:487.

<sup>260</sup> Um pé de altar, constituído por um bloco de granito, sem qualquer vestígio para além de um pequeno *loculus* na parte superior.

<sup>261</sup>CABALLERO ZOREDA, GALERA, GARRALDA, 1991:473; RIPOLL, CHAVARRÍA ARNAU, 2003:49; CABALLERO ZOREDA, SAÉZ LARA, 2007:156-164.

<sup>262</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1995:318.

<sup>263</sup>CABALLERO ZOREDA (2007:155) explica que “*es en la cronología relativa de la estratigrafía en la que nos tenemos que basar para acercamos a una datación aceptable.*”

<sup>264</sup>CABALLERO ZOREDA, Luis, SAÉZ LARA, Fernando (2007) – La iglesia de el Gatillo de Arriba (Cáceres). Apuntes sobre una iglesia rural en los siglos VI al VIII. In Anejos de AEspA, LI, 2009, págs. 155-184.

efetivamente tardo antigas, outras duas seriam islâmicas, a sexta seria o pós-abandono do edifício, e por fim, a fase intermédia está na base da compreensão da evolução e cronologia do edifício.

A simplicidade da igreja dificulta a sua inclusão nas tipologias ibéricas, a característica trapezoidal exterior da sua abside pode levar-nos a considerá-la um exemplar único, encontrando similitudes com a planta da igreja de Santa Margarida de Rocafort, segundo os autores<sup>265</sup>. Explicam que este exemplo deve ser visto como uma variante da tipologia de planta circular interior e exteriormente retangular, associados aos sécs. V e VI. E inclusivamente ao tipo circular (interna e externamente), encontrados na zona ocidental em casos de igrejas de absides contrapostas como Casa Herrera, Mértola, Torre de Palma e as de plantas cruciformes de Valdecebadar e Mosteiros. A escavação da abside pôs a descoberto um piso de ladrilhos reutilizados, sobrepostos em “*abanico*”, unidos por argamassa em barro. Os anéis radiais da abóbada são suportados pela construção anterior do arco, também radialmente colocada, estudados *posteriori* por Utrero Agudo<sup>266</sup>.

O batistério<sup>267</sup>, na fase primitiva, na divisão dianteira direita, teve uma piscina batismal descentrada a Sul, da qual se conservou parte da parede Norte e a escadaria nascente, com pelo menos três degraus. Fora construída com ladrilhos e lajes de xisto, com dimensões de 2,10 m por 0,90 m<sup>268</sup>. Todavia, corrige a sua primeira interpretação e admite que afinal seria uma “*excepcional sepultura de muretas de ladrillos, que antes suponíamos una piscina bautismal, y que es un indicio de la finalidad del espacio*” (sepultura 17)<sup>269</sup>. Justificam esta permuta pela desinformação criada pela perda do espólio das escavações anteriores, que por sua vez, afetaram o aspeto final da estrutura (por exemplo, na rutura do muro oriental ao ponto de parecer dois degraus de acesso à piscina batismal). A absoluta ausência de elementos de revestimento, quer as argamassas impermeáveis quer as lajes de mármore, a sua descentralização e a inexistência de escadas contrapostas de acesso e saída.

Na segunda etapa discutida pelos arqueólogos (na publicação de 1991, terceira na de 2007)<sup>270</sup>, a divisão posterior Sudoeste, construída aos pés da nave lateral, constitui-se um complexo batismal, amortizando a piscina primitiva (ideia descredibilizada posteriormente pelo autor), embute-se assim na parte dianteira uma abside abóbada com uma suposta função

---

<sup>265</sup>CABALLERO ZOREDA, SAÉZ LARA, 2007:167-168.

<sup>266</sup>UTRERO, 2006:191-192 *apud* CABALLERO ZOREDA, SAÉZ LARA, 2007:168.

<sup>267</sup>CABALLERO ZOREDA, GALERA, GARRALDA, 1991:478-479.

<sup>268</sup>CABALLERO ZOREDA, SAÉZ LARA, 2007:158.

<sup>269</sup>*Ibidem*, 2007:163, 169.

<sup>270</sup>Passando a ser a terceira fase na publicação de 2007.

de santuário. Deste modo, o seu corpo desenrolou-se para Sudeste, alargando-se até à fachada Oeste.

Teria sido possivelmente colocada uma nova cancela na porta que separava ambas as divisões, ainda assim presume-se que ambas teriam funções ligadas ao rito batismal. A piscina batismal (fig. 15), de planta cruciforme, orientada a Sul em relação à orientação original do edifício, construída com ladrilhos revestidos com uma fina camada de *opus signinum*, de medidas 2,50 m x 0,50 m x 0,68 m e escadaria contraposta com quatro degraus. Revelou-se que o fundo da piscina foi elevado 0,05 m num segundo momento e o seu degrau superior oriental foi encurtado, passando de 0,60 m para 0,25 m de comprimento. Por outro lado, as piscinas laterais, nos braços da principal, têm por medidas, 0,48 m por 0,30 m e 0,27 m por 0,42 m, contemporâneas à piscina retangular principal. Acabando por na fase seguinte (Etapa 4, na publicação de 2007) também ser amortizada<sup>271</sup>, abrindo-se um ossário e um novo piso de circulação.

Enumera a peculiaridade desta piscina batismal<sup>272</sup>, desde o acesso direto ao exterior do batistério, sem uma divisão intermédia ou de conexão, somente a porta de entrada na sala batismal<sup>273</sup>, salvaguardando a “*intimidad del ato*”. De ressaltar a ausência de reformas tipicamente presentes na maioria das piscinas conservadas ou o facto de as duas piscinas laterais não terem sido adicionadas num momento posterior, contemporâneas à construção da planta total da piscina cruciforme e a do piso de ocupação. Por fim, a posterior amortização da piscina batismal e a colocação de um ossário, mantendo, porém, a cabeceira com o seu altar.

A piscina batismal foi datada consoante a metodologia recorrente no séc. XX, através de comparações por tipologias. Caballero Zoreda comenta a similitude aparente entre o caso de El Gatillo e Casa Herrera<sup>274</sup>, desde o seu corpo adelgado e cruciforme, mas independente do espaço da igreja. Também aponta para a sua planta retangular e compara-a aos exemplos do nordeste peninsular de Tarragona, Bovalar e Fraga, genericamente datadas dos inícios do séc. VI. Remeteu ainda para a sua forma cruciforme, com a adição de duas piscinas menores contrapostas, pressupõem que o conjunto seria de uma época mais tardia, equivalente à de Alconétar, Casa Herrera, Torre de Palma e a piscina Sul de Idanha a Velha<sup>275</sup>, datada da segunda metade do séc. V.

---

<sup>271</sup>Acerca do batistério consultar CABALLERO ZOREDA, SAÉZ LARA, 2007:159, 172.

<sup>272</sup>CABALLERO ZOREDA, SAÉZ LARA, 2007:173; CABALLERO ZOREDA, SASTRE DE DIEGO, 2013:277,278.

<sup>273</sup>A distância entre a porta de entrada e o batistério em si é de somente um metro.

<sup>274</sup>MATEOS CRUZ, CABALLERO ZOREDA, 2003:154; CABALLERO ZOREDA, SAÉZ LARA, 2007:174.

<sup>275</sup>CABALLERO ZOREDA, GALERA, GARRALDA, 1991:479.

Sem embargo, as datações para este batistério, consoante a sua organização e problemáticas na funcionalidade, possibilitaram a acreditação de uma datação mais avançada do ano 700 d.C. Contudo Caballero Zoreda admite que esta datação perde credibilidade através da análise da sua arquitetura datada da segunda metade do séc. VII até ao longo das primeiras décadas do séc. VIII<sup>276</sup>.

Recapitulando, a imediata construção do mausoléu, a aparição da inscrição celebrativa do séc. VII (cerca do ano 635 d.C.) apoiam esta premissa. Muitos investigadores, como Godoy Fernández<sup>277</sup> ou Real<sup>278</sup>, duvidam das cronologias que Caballero Zoreda propõe, refutando com a possibilidade da perda de informação pelo estado muito degradado da estrutura, podendo esta ter uma planta de maiores dimensões. Por outro lado, o batistério, ao contrário de Alconétar ou Torre de Palma, onde a uma piscina primária foi anexada posteriormente duas menores nas suas laterais, no El Gatillo, a construção da piscina maior e as duas menores auxiliares foi contemporânea.

Apesar destas publicações, a retificação das conclusões originais, por parte de Caballero Zoreda, demonstra as possibilidades aquando da revisão dos trabalhos, dos materiais e novas campanhas arqueológicas que permitem reescrever ideias que se tomavam por certas, tal como o sucedido nos batistérios de Idanha-a-Velha.

#### **6.4. Garrovillas de Alconétar, Cáceres**

Alconétar situa-se na união do rio Almonte e do Tejo (entre Cáceres e Plasencia), nos seus cruzamentos passaria a via romana conhecida como Via de la Plata. Esta área em concreto apresenta importantes vestígios da Idade do Bronze (o *dólmen* do cerro do Garrote, nos anos 30) e, na sua periferia foi identificado uma *mansio* na via da Prata. Conhecem-se também, duas pontes romanas que atravessam os rios em dois pontos, edificadas ao tempo de Trajano ou de Adriano. São abundantes os achados romanos, desde inscrições, moedas e material construtivo, que se pressupõe ter sido reutilizado na construção do castelo de Floripes<sup>279</sup>.

Os trabalhos no sítio arqueológico de Alconétar desenvolveram-se no contexto da construção do aproveitamento hidroelétrico em Alcântara, que secou o sítio onde se focaram

---

<sup>276</sup>CABALLERO ZOREDADA, SAÉZ LARA, 2007:179.

<sup>277</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1995:113.

<sup>278</sup>REAL, 1995:17, nº3 *apud* MATEOS CRUZ, CABALLERO ZOREDADA, 2003:153.

<sup>279</sup>CABALLERO ZOREDADA, MATEOS CRUZ, P., 2003:57-58.

as escavações da primeira campanha em 1969, a cargo de Caballero Zoreda, Fernández Miranda e Lomas Salmonte. Este último, foi responsável pela descoberta do conjunto batismal, localizado na zona III dos trabalhos arqueológicos.

As campanhas de 1969 repartiram-se em secções: uma sondagem na dita via romana para entender a sua construção; outra junto à via, à saída da ponte, de onde saiu muito material arqueológico (desde objetos metálicos, como moedas e um fragmento de uma fíbula romana, vidros, fragmento de lucernas, *sigillatas*, cerâmicas finas e de uso comum); e, por fim, uma terceira zona entre a ponte romana e o hotel de La Magdalena, resultando na descoberta de dois edifícios de caráter religioso e cristão.

Numa das suas primeiras propostas os investigadores admitem que estes edifícios poderiam estar localizados numa antiga *villa* tardo-romana (possivelmente ocupada do séc. I ao séc. IV). No entanto, é impossível confirmar totalmente esta ideia devido à grande destruição dos muros e à falta de uma estratigrafia clara<sup>280</sup>.

Os trabalhos arqueológicos na zona III, a 50 m a Norte da ponte, pôs a descoberto uma ocupação, com a presença de cerâmicas dos sécs. I/II ao séc. V (TSH Tardia), ao qual se encontra associado uma possível entulheira que se estendia até ao alojamento turístico de La Magdalena. A Norte, foram encontrados os restos de uma basílica cristã, construída a partir da reutilização do material construtivo de estruturas de uma fase anterior ao séc. V<sup>281</sup>.

Os muros faziam parte de uma basílica (fig. 16) de planta retangular (orientada a Este-Oeste), com muros em taipa e/ou silhares de granito sob alçadas de cantos arredondados. Apresentava três naves separadas por arcadas onde foram reutilizadas bases de granito. A cabeceira divide-se em três espaços, o central seria em forma de abside e os outros mais pequenos. Com a contínua análise e escavação do espaço, os investigadores apontam para a existência de um transepto, se tivermos em conta os vestígios que parecem indicar a existência de uma arcada transversal. A Sul deste deveria existir outro espaço reservado, uma espécie de abside, situado na nave central, que acaba por ser apontado como absides contrapostas<sup>282</sup>.

Adossada à nave central estão uma série de divisões a Norte, onde a contínua expansão da sondagem fez surgir duas piscinas batismais (fig. 17). A partir deste ponto, os

---

<sup>280</sup>CABALLERO ZOREDA, ARRIBAS CHAPADO, 1970:34; GODOY FERNÁNDEZ, 1995:292-294; BOAVENTURA, Rui (2001) - O sítio calcolítico do Pombal (Monforte). Uma recuperação possível de velhos e novos dados. Dissertação de Mestrado de Pré-História e Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa (1997-1999); MATEOS CRUZ, CABALLERO ZOREDA, 2003:154.

<sup>281</sup>CABALLERO ZOREDA, ARRIBAS CHAPADO, 1970.

<sup>282</sup>MATEOS CRUZ, CABALLERO ZOREDA, 2003:59, 153. Os autores explicam que não se pode assegurar que fora uma igreja de absides contrapostas, como explica GODOY FERNÁNDEZ (1995:294) devido à suposta abside ocidental corresponde possivelmente a um segundo momento.

trabalhos focaram-se no nível de circulação da basílica expandindo-se para Sudeste no exterior e para Noroeste em alguns pontos específicos no seu interior. Apenas se encontraram “*restos de suelos, de cal, ladrillos y arena; y solo un sepultura, exterior al edificio y violada*”<sup>283</sup>.

Através da observação das estruturas muradas postas a descoberto são visíveis os vários momentos de reconstrução. É evidente a difícil distinção sequencial em certas zonas. Não obstante, foi possível recolher a nível superficial muitos elementos arquitetónicos, desde uma base de capitel em granito *in situ*, um fuste de granito, duas bases em mármore branco e dois fragmentos de mós. Será de realçar o achado de um conjunto de fragmentos de cerâmica *sigillata*, cerâmicas comuns locais, uma moeda dos inícios do séc. IV, objetos metálicos como uma agulha de fíbula e, por fim, dois fragmentos de fundos de ânforas mal conservados o que dificultou a sua classificação tipológica, somente podendo associá-los aos meados do séc. IV<sup>284</sup>.

Numa fase posterior, na divisão Noroeste da basílica, onde estão localizados os batistérios, foi identificado a construção de um muro, Norte-Sul (possivelmente medieval) por cima do complexo que acabou por selar o nível de abandono das piscinas batismais. Desenterrados dessa camada selada temos uma “*cantonera de hierro*”, um fragmento de *terra sigillata*, tipologicamente datado dos meados do séc. III, fragmentos de cerâmicas de imitação de paredes finas e um grande número de fragmentos de cerâmicas comuns e dois de *dolia*<sup>285</sup>.

Será também de mencionar, o edifício situado a Norte da basílica, talvez de carácter religioso. No seu interior havia uma abside orientada a Oeste e no seu centro um silhar *in situ* semelhante a um altar maciço, com 50 cm de altura. Na face superior do silhar existe um orifício que faz lembrar o dos blocos de construção romanos para serem içados para o local da construção, possivelmente retirado da ponte romana nos arredores<sup>286</sup>.

Passando o enfoque para a arquitetura do complexo batismal, devemos referir que este é composto por duas piscinas anexadas lado a lado, com escadaria contraposta de três degraus, possuindo duas mais pequenas a Norte e a Sul, de planta retangular, de orientação Este-Oeste.

---

<sup>283</sup>MATEOS CRUZ, CABALLERO ZOREDA, 2003:59.

<sup>284</sup>CABALLERO ZOREDA, ARRIBAS CHAPADO, 1970:42.

<sup>285</sup>*Ibidem*, 1970:59.

<sup>286</sup>*Ibidem*, 1970:119; CABALLERO ZOREDA, SÁNCHEZ SANTOS, 1990:461; MATEOS CRUZ, CABALLERO ZOREDA, 2003:60.

A piscina batismal que aparenta ser construtivamente mais antiga<sup>287</sup> apresenta 1,70 m de comprimento total exterior e 1,15 m de largura; por outro lado, no seu interior, mede 1,15 m de comprimento e 0,55 m de largura. Era construída com material laterício e estucada a vermelho, merecendo a atenção o estuque dos cantos em ângulos côncavos no interior da piscina<sup>288</sup>. Supõe-se que este primeiro batistério estaria no centro da cabeceira da capela, que depois se deslocaria com a adição e construção da nova piscina batismal.

Em contrapartida, a nova piscina apresenta um maior comprimento exterior, de 2,11 m. Todavia, difere na largura que diminui para 1,10 m e no seu interior nota-se o mesmo fenómeno, com 1,85 m por 0,40 m. Exibe a mesma técnica construtiva, formada por *lateres*, com uma escadaria de três degraus em ambos os extremos; por sua vez, o primeiro patamar detém uma planta semicircular pouco conservada, tanto do lado Nascente como Poente. Esta segunda piscina sofreu várias remodelações, numa fase inicial estaria coberta pelo mesmo estuque vermelho, mas numa fase seguinte foi revestida por painéis de mármore branco, possivelmente reaproveitados de outro edifício. Estas placas de mármore foram fixadas com espigões e grampos de ferro a uma camada de argamassa previamente preparada para assentar e fixar estas mesmas. Alguns destes materiais apareceram no interior da piscina batismal aquando da sua escavação, como sejam duas placas de ferro retangulares e quatro de diferentes tamanhos, e ainda foi possível distinguir um castiçal com 32 cm, sem nenhum paralelo encontrado, tornando impossível a atribuição de uma cronologia a estes materiais<sup>289</sup>.

Caballero Zoreda aponta para uma terceira fase para ambas as piscinas. Contemporaneamente à construção da segunda piscina teria sido acrescentado duas piscinas mais pequenas à principal. Das piscinas menores, aquela situada no extremo Norte tem por medidas exteriores 0,40 m por 0,42 m, e 0,30 m por 0,30 m no interior, sendo composta por quatro *lateres* completos e tendo o seu interior estucado com a mesma argamassa vermelha. Todavia, a outra piscina mais pequena, na extremidade Sul, tem por forma um semicírculo anexado à parede Sul da piscina maior, revelando a mesma tipologia construtiva com *lateres* e estuque no interior, medindo exteriormente, 0,55 m por 0,90 m e interiormente 0,30 m por 0,455 m.

Pretendeu-se nesta etapa apontar uma possível cronologia de construção destas estruturas que infelizmente careciam de níveis arqueológicos associados e de uma fraca

---

<sup>287</sup>Proposta refutada por Th. Ulbert (1978:148, 149), não há provas em como a piscina maior e as mais pequenas não têm uma construção contemporânea.

<sup>288</sup>Caballero Zoreda e F. Arribas Chapado (1970:63) associam a atenção dada ao estucamento da piscina à técnica romana de construção de estruturas para conter água. Aponta também para a inexistência de vestígios do baldaquino ou do sistema de irrigação e deságue.

<sup>289</sup>CABALLERO ZOREDADA, ARRIBAS CHAPADO, 1970:49.

conservação das ruínas existentes. Deste modo, os investigadores consideraram os muros sobreviventes e tentaram propor uma linha temporal dos mesmos, somente conseguindo assumir as possíveis sucessões construtivas (cronologia relativa), como por exemplo a piscina mais antiga estaria no centro da basílica, tendo em conta o recuo da parede principal a Norte.

Outra forma de afinar uma possível datação dos complexos batismais, muito comum como vimos, passa pela indicação de paralelos estilísticos e construtivos. Neste caso, a planta geminada dos batistérios seria uma novidade na Hispânia, não obstante, a planta retangular de cada um dos batistérios está bem representada em exemplos na Síria (Doura Europos), na França (Aquileia), Túnez (Iunca), Argélia (Hipona) e em Tripolitana (Sabratha), datados do séc. IV. Na Espanha, também foram encontrados exemplos comparativos deste tipo de plantas em Tarragona, em Mérida (Casa Herrera e San Pedro), em Badajoz (La Cocosa) apontando para uma datação mais tardia, do séc. IV ao VI.

Após esta análise comparativa, os autores assinalam o reaproveitamento dos materiais de construção da *villa* tardia para a implantação da basílica, provavelmente nos finais do séc. V e começos do séc. VI. Sendo assim, por esta altura a população constrói também o batistério inicial de planta retangular e a escadaria contraposta, seguindo-se posteriormente no séc. VII a edificação da segunda piscina maior e das mais pequenas laterais, restaurando a própria basílica que diminuía as suas dimensões.

Estas cronologias poderão ser sustentadas pelo estudo feito nos anos 70 do material ósseo recolhido da necrópole visigoda identificada (apesar de ser em pouca quantidade estaria em bom estado de conservação). Os resultados apontam para o séc. VI/VII<sup>290</sup>.

Contudo, os autores admitem um problema perante a análise da função das piscinas menores laterais, com outros paralelos em San Pedro de Mérida e na Casa Herrera, ou a recorrência das piscinas de planta cruciforme no território peninsular em San Pedro de Alcântara (La Vega del Mar, Málaga) e no batistério Sul de Idanha-a-Velha (Castelo Branco). Recorreram ao uso litúrgico proposto por Palol<sup>291</sup> que aponta para a sua utilização no batismo infantil. Ainda assim, os investigadores não chegaram a uma proposta consensual.

Posto isto, encaixam o exemplo de Alconétar no conjunto dos complexos batismais emeritenses de planta retangular com escadaria contraposta. O modelo foi difundido a partir do Norte de África, com o exemplo da Síria (séc. IV) e a sua inspiração chegou à Lusitânia,

---

<sup>290</sup>VARELA LÓPEZ, T. A. (1974-75) - Estudio antropológico de los restos óseos procedentes de necrópolis visigodas de la Península Ibérica, *Trabajos de Antropología*, 17, págs. 2-4.

<sup>291</sup>PALOL, 1967:149, nota (12), 165 e 172.

espelhando-se em Alconétar, onde afirmam novamente a sua construção posterior à primeira metade do séc. V<sup>292</sup>.

Novamente, esta utilização de critérios tipológico-constructivos comparativos não é plenamente aceite pela comunidade arqueológica. De entre os investigadores, temos Godoy Fernández que defende que não é clara a articulação do espaço interior da igreja devido às descrições conferidas pelos arqueólogos somente pela existência do batistério<sup>293</sup>. Não só refere a inexistência de mobiliário litúrgico da igreja, como mostra a sua incredulidade perante a orientação Este-Oeste dada à suposta basílica quando não terá sido detetado o altar e a consequente localização do santuário<sup>294</sup>.

Infelizmente o sítio arqueológico de Alconétar encontra-se submerso pela albufeira da barragem de Alcântara, sendo impossível o vislumbre da basílica e consequentemente do seu complexo batismal, um exemplar único em território peninsular. Logo, a revisão deste caso de estudo foi baseada nos resultados da campanha de escavações dos anos 60/70, o que teremos em consideração aquando da análise dos factores utilizados para a sua datação.

## 6.5. Idanha-a-Velha, Castelo Branco

A aldeia de Idanha-a-Velha, localizada no ocidente peninsular, assenta na margem direita do rio Pônsul, um dos afluentes do rio Tejo. Este foi um dos elementos naturais que atraíram os povos pré-romanos à exploração aurífera do rio Pônsul traduzindo-se na sua ocupação contínua e consequente fossilização da topografia romana e medieval até à atualidade.

A *civitas Igaeditanorum* foi criada *ex-novo* durante o reinado de Augusto, em 16 a.C., estrategicamente implantada junto à via que vai de *Emerita* a *Bracara Augusta*. Para além do seu grande repertório epigráfico, conserva ainda de parte da impressionante muralha do Baixo-império<sup>295</sup> (com 750 m de extensão, torreões circulares e quadrangulares, duas portas principais identificadas), uma *domus* musealizada e de parte do *forum* ou *podium* do templo principal da *civitas* augustana. Este último começou a ser construído a 4-6 d.C, quando o

---

<sup>292</sup>CABALLERO ZOREDA, ARRIBAS CHAPADO, 1970:68.

<sup>293</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1989b:630-632.

<sup>294</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1995:294.

<sup>295</sup>A muralha do Baixo Império, em anos recentes tornou-se uma fonte de matéria-prima para outras construções na aldeia e para a povoação de Alcafozes.

território de *Igaeditini* foi estabelecido. Atualmente, sobra desta obra o pódio e as primeiras fileiras de silhares, sendo posteriormente, a torre de menagem templária de Idanha<sup>296</sup>.

No séc. V, a cidade passou a formar parte do reino suevo, alterando o seu nome para Egitânia. Por volta de 569, eleva-se a bispado, sendo mencionada, nesse mesmo ano, pela primeira vez, no Concílio de Lugo. E, uma segunda vez, no Concílio de Braga, em 572, contando com a participação em ambos do bispo de Egitânia *Adoricus*<sup>297</sup>.

Em 585, a cidade foi integrada ao reino visigodo, mas mantém o seu estatuto de bispado, com a participação regular dos bispos nos Concílios de Toledo até o séc. VII<sup>298</sup>. Várias moedas foram cunhadas na cidade por Recaredo (586-601) até ao último rei visigodo Rodrigo (710-711). Dados deste período, restam em *Ydania*, os batistérios suevo-visigóticos<sup>299</sup>.

Presume-se que com as invasões árabes, a basílica primitiva teria sido transformada numa mesquita, no entanto, não existem fundamentos que o provem. Com a Reconquista, as ruínas da basílica primitiva cristã, estaria nos socalcos da atual Sé de Santa Maria, provavelmente construída nos finais do séc. IX e/ou inícios do séc. X<sup>300</sup>. D. Afonso Henriques doa a Egitânia conhecida na altura como *Ydania* aos cavaleiros Templários em 1165. Seria um bispado até 1199 até ser transferido para a Guarda.

As escavações entre 1950 e 1970, às mãos de Fernando de Almeida na igreja de Santa Maria, pôs a descoberto um batistério (a Sul da Sé), e umas estruturas a Oeste, conhecidas como Paço Episcopal, posteriormente publicadas<sup>301</sup>. O batistério Sul (fig. 18) apresenta uma planta cruciforme, sendo conduzindo ao seu interior (0,80 m de profundidade) por dois degraus contrapostos, estando o seu interior revestido por placas de mármore<sup>302</sup>.

A Sé (fig. 19), nesta fase, estaria em ruínas estando no seu interior o cemitério da aldeia. Do edifício original resta pouco devido às reconstruções, remodelações e o restauro que recuperou a igreja dos finais do séc. XVI<sup>303</sup>. Inequivocamente, é possível distinguir três naves separadas por duas filas de colunas com arcos em ferradura e seis portas (duas datadas do séc. XVI). No espaço situado entre o pinhão e o arco, há esculturas em relevo retratando

---

<sup>296</sup>FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ *et al.*, 2019; CORDERO RUIZ, 2019:481-484; SÁNCHEZ RAMOS, 2020a:146-148.

<sup>297</sup>CORDERO RUIZ, 2019:484-493; SÁNCHEZ RAMOS, 2020a:146-148.

<sup>298</sup>JORGE, 2002.

<sup>299</sup>CORDERO RUIZ, 2019:493-499.

<sup>300</sup>FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ *et al.*, 2019.

<sup>301</sup>DE ALMEIDA, F., 1965,1966.

<sup>302</sup>SÁNCHEZ RAMOS, 2020a:162-164.

<sup>303</sup>CRISTÓVÃO, 2002:14.

Cristo crucificado, uma esfera armilar e quinas coroadas. Além disso, as paredes apresentam altares reutilizados e inscrições romanas.

Fernando de Almeida propôs a datação do séc. VI para o batistério Sul, pelas suas características orientais (semelhantes ao batistério da basílica de Side, na Turquia) e do Norte de África<sup>304</sup>. Por ser possivelmente contemporâneo à construção da igreja primitiva datou-o do séc. VI. Também pelos elementos encontrados em escavação reutilizados (capitéis) nas paredes da igreja, datados da segunda metade do séc. VI<sup>305</sup>. Mas na maioria, as datações propostas para a cidade e para o batistério Sul por Fernando de Almeida não têm um fundamento material, tendo em conta que o seu *background* não é em Arqueologia, o que prejudica a veracidade das cronologias somente suportadas por paralelos.

Diferentes autores como Domingo Magaña<sup>306</sup> e Fernandes<sup>307</sup> suportam as balizas cronológicas dos sécs. V-VII propostas por Caballero Zoreda<sup>308</sup>; Torres<sup>309</sup> para o séc. VI/VII ou Barroca<sup>310</sup> para a segunda metade do séc. VI. Sánchez Ramos e Morín Pablos, sugerem a segunda metade do séc. VI, quando a *Egitania* se tornou sede de bispado<sup>311</sup>. Da escola alemã, Schlunk, Hauschild<sup>312</sup> e Ulbert<sup>313</sup> opinam que o batistério Sul seria da segunda metade do séc. VI baseando-se nos paralelos tipológicos na Jordânia e no Norte de África. Vendo bem, as cronologias propostas acabam por coincidir com as referências mais antigas que relatam o bispado da Egitânia<sup>314</sup>. Rapidamente estas propostas foram refutadas, tanto por Godoy Fernández<sup>315</sup> como Cristóvão<sup>316</sup>, explicam que a cronologia revela que o batistério é mais antigo que a atual catedral. Por outro lado, Real<sup>317</sup> propõe a reconstrução no fim do séc. IX ou inícios do séc. X depois da conquista da cidade por Afonso III das Astúrias. Infelizmente, a

<sup>304</sup>DE ALMEIDA, 1965:134-135; PALOL, 1967:172; CORDERO RUIZ *et al.*, 2020:7-8.

<sup>305</sup>JORGE, 2002:46-47.

<sup>306</sup>DOMINGO MAGAÑA, A. (2011) - Capiteles tardorromanos y visigodos en la Península Ibérica (siglos IV-VIII d.C.). Tarragona: Edición Institut Català d'Arqueologia Clàssica.

<sup>307</sup>FERNANDES, P. A. (2006) - Antes e depois da Arqueologia da Arquitectura: um novo ciclo na investigação da *mesquita-catedral* de Idanha-a-Velha. *Artis* 5:49-72.

<sup>308</sup>CABALLERO ZOREDA, 2006:266-272.

<sup>309</sup>TORRES, C. (1992) - A Sé Catedral da Idanha. *Arqueologia Medieval* 1:169-178.

<sup>310</sup>BARROCA, M. J. (2012) - S. V. Idanha-a-Velha (conjunto cultural de). In: Alarcão J, Barroca M (eds) *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto, Figueirinhas, págs. 183-184.

<sup>311</sup>SÁNCHEZ RAMOS, MORÍN PABLOS, 2014:70.

<sup>312</sup>SCHLUNK, H.; HAUSCHILD, T. (1978) - *Die Denkmäler der frühchristlichen und westgotischen Zeit*, Mainz am Rhein, Verlag Philipp von Zabern - Deutsches Archäologisches Institut Madrid, Madrid.

<sup>313</sup>ULBERT, 1978:50. Na teoria, o autor propôs uma divisão da planta em duas fases. A primeira fase sendo a piscina principal, retangular e as duas pequenas piscinas adicionadas a Oeste e Este, como a segunda fase.

<sup>314</sup>FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ *et al.*, 2019.

<sup>315</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1995.

<sup>316</sup>CRISTÓVÃO, J. (2002) - A aldeia histórica de Idanha-a-Velha. Guia para uma visita. Idanha-a-Nova, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

<sup>317</sup>REAL, Manuel (1995) - Inovação e resistência. Dados recentes sobre a Antiguidade Cristã no Ocidente Peninsular. IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica, Lisboa, págs. 17-68. ISBN: 84-7283-300-3.

maioria destas datações também são suportadas por crono-tipologias e seguem as de Fernando de Almeida ou o facto da maioria destes investigadores nunca ter visitado o sítio em si perdem parte da fiabilidade dos dados que publicam.

A existência de duas piscinas menores no batistério Sul suscitou também discussões entre os investigadores. Palol<sup>318</sup>, destaca que as piscinas adjacentes poderiam estar dedicadas ao batismo infantil. Uma ideia apoiada por Schlunk e Hauschild<sup>319</sup> e, por fim, por Ulbert<sup>320</sup>, que a explica pela generalização do batismo infantil no séc. VI. Estas opiniões foram contestadas novamente por Godoy Fernández<sup>321</sup>, que aponta para a funcionalidade dos lugares estarem ligados à localização do oficiante e do ajudante durante o batismo.

Em 1990, o IPPAR (Direção Regional de Arqueologia de Coimbra e a Câmara de Idanha-a-Nova) promoveram escavações no centro histórico da vila. A escavação ao pé da Sé levou à descoberta do segundo batistério, a Norte<sup>322</sup>. As primeiras escavações nesta área foram conduzidas em 1998/1999, seguindo-se com a segunda campanha em 2002, onde se escavou totalmente o batistério. Também nesta campanha, os setores que não foram escavados por Fernando de Almeida foram escavados até às fundações da atual igreja, de modo a proteger as estruturas do batistério Sul.

O batistério Norte (fig. 20), tem uma planta retangular, com escadaria contraposta, infelizmente perdeu-se o contorno/bordo superior da piscina, datado do séc. IV/V<sup>323</sup>. Identificou-se um troço da parede associada ao batistério, fazendo possivelmente parte do templo cristão inicial<sup>324</sup>. Esta cronologia recebeu críticas desde a sua publicação. Fernandes<sup>325</sup> explica que a igreja pode ser mais tardia quando o batismo por imersão deu lugar ao batismo por aspersão ou Caballero Zoreda<sup>326</sup> propõe a possibilidade de o batistério Norte ser mais recente que o Sul. As diferentes possibilidades não puderam ser respondidas pela falta de informação para estabelecer uma cronologia precisa<sup>327</sup>. A datação destes batistérios foi baseada em características construtivas ou estilísticas, na contextualização histórica da construção e a relação estratigráfica entre as estruturas sobreviventes.

Sánchez Ramos e Morín Pablos (2014) acreditam que a localização da igreja episcopal da *Egitania* estaria situada a Sul da Sé de Santa Maria e do batistério Sul. Contrapõem, o

<sup>318</sup>PALOL, 1967:172.

<sup>319</sup>SCHLUNK, HAUSCHILD, 1978:149-150 *apud* CORDERO RUIZ *et al.*, 2020:8.

<sup>320</sup>ULBERT, 1978:175-179.

<sup>321</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1986:132-133, 135.

<sup>322</sup>CRISTÓVÃO, 2002:14-15.

<sup>323</sup>SÁNCHEZ RAMOS, 2020a:162.

<sup>324</sup>SÁNCHEZ RAMOS, MORIN PABLO, 2014:69-70.

<sup>325</sup>*Vide* nota de rodapé 309.

<sup>326</sup>CABALLERO ZOREDADA, 2006 *apud* FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ *et al.*, 2019.

<sup>327</sup>ALARCÃO, 2017:307; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ *et al.*, 2019.

facto do batistério Sul só encontrar, na maioria, paralelos em contextos rurais, que a basílica da Egítania se situaria também a Sul do batistério meridional<sup>328</sup>, seguindo o exemplo de Torre de Palma<sup>329</sup>. Não o localizaram onde foi identificado o pavimento em *opus signinum*, apesar de admitirem que este pertenceria a uma fase anterior de uma possível *domus episcopalis*, presentes no Paço episcopal de Barcino em Barcelona ou no *xenodochium* de Emerita<sup>330</sup>.

Em 2019, ambos os batistérios passaram por um novo estudo e campanha arqueológica de modo a evidenciar uma possível datação para a construção e abandono dos batistérios, combinando a estratigrafia, o material arqueológico retirado da piscina batismal e as datações por Radiocarbono<sup>331</sup> e OSL (Optically Stimulated Luminescence)<sup>332</sup> no *opus signinum*, da argamassa e dos tijolos (com a presença de quartzos) usados nas estruturas batismais. Deste modo ambos os batistérios foram escavados sob a coordenação de Cristóvão, consoante o método estratigráfico e datação relativa/ absoluta dos materiais (cerâmica e material orgânico) retirados, de maneira a sequenciar as diferentes fases (construção, abandono e pós-abandono). Igualmente, prestou-se atenção ao registo textual, fotográfico e o desenho arqueológico e de campo.

A descrição dos resultados e conclusões que vão ser descritos agora foram retirados diretamente da publicação feita em 2019, pelos responsáveis deste novo estudo, Adolfo Fernández Fernández, Pedro C. Carvalho, José Cristóvão, Jorge Sanjurjo-Sánchez e Patrícia Dias<sup>333</sup>.

Por conseguinte, o batistério Norte (fig. 21) apresenta uma estratigrafia extensa, incluindo os depósitos que foram cortados para construção da piscina. A primeira ocupação registada é do período imperial inicial, o perfil da parede (UE 67 e 81), a vala de fundação associada (UE 66 e 68), a camada de destruição e abandono (UE 64) e o colapso do telhado

---

<sup>328</sup>SÁNCHEZ RAMOS, MORIN PABLO, 2014:70-72.

<sup>329</sup>PALOL, 1967:174-175; SCHLUNK, HAUSCHILD, 1978:149-150 *apud* CORDERO RUIZ *et al.*, 2020:8; ULBERT, 1978:151-153.

<sup>330</sup>SÁNCHEZ RAMOS, MORÍN PABLOS, 2014:82-88.

<sup>331</sup>FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ *et al.*, 2019, *cf.*: Quatro amostras foram selecionadas, duas do Batistério Sul da UE 31 (unidade de depósito), unidade rica em material cerâmico, infelizmente já tinha sido parcialmente escavado, e não existia amostras orgânicas relacionadas com o colapso da estrutura pode ser identificado, as amostras escolhidas são de um osso animal e um fragmento de madeira; as duas amostras do Batistério Norte, não foi possível identificar o contexto que cortou a construção do batistério, mas foi possível recolher amostras relacionadas ao colapso e reocupação o que pode indicar uma data de abandono da estrutura, foi selecionado um osso humano de um enterramento do lado Sul do batistério e um osso de animal provindo do interior da cisterna batismal. Extração do colágeno dos ossos que foi analisado pela Beta Analytics (Miami, EUA).

<sup>332</sup>A análise foi feita na Universidade de Corunha, na Espanha.

<sup>333</sup>FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo, CARVALHO, Pedro C., CRISTÓVÃO, José, SANJURJO-SÁNCHEZ, Jorge, DIAS, Patricia (2019) - Dating the early Christian baptisteries from Idanha-a-Velha – the Suebi-Visigothic Egítania: stratigraphy, radiocarbon and OSL. *In* Archaeological and Anthropological Sciences. Springer. ISSN: 1866-9557.

(UE 69) foram encontrados em associação a um grande conjunto de materiais do período augustano (TS aretina, lamparinas itálicas e ânforas), de meados do primeiro século pela TS do Sul da Gália e dos inícios do séc. II com variadas formas de Terra *Sigillata* Hispânica.

Estas materialidades revelam uma ocupação contínua do espaço desde o período augustano até à primeira metade do século II. Um denário (UE 64), cunhado entre 196-198, marca o abandono da estrutura imperial inicial, antes do início do terceiro século. Por cima desta camada inicial, um grupo de UE's (62, 61, 59, 56, 39, 23/34) cobriu e nivelou a área. Daqui saiu materiais do início do império, do segundo/terceiro milénio como TS Hispânica, e materiais da primeira metade ou meados do séc. IV. Os materiais encontrados neste nível cortado pela vala de fundação escavada para a construção da piscina batismal foram pertinentes para uma possível datação da construção do edifício. Um grande prato Hayes 50 (TS Africana C), dos finais do terceiro a meados do séc. IV e os depósitos cortados pela vala também confirmam esta datação. Igualmente a ausência de Terra *Sigillata* Hispânica Tardia, normalmente muito comuns na cidade desde a segunda metade do século IV e finais do V, como nos níveis cortados na construção do batistério Sul; as *sigillatas* Hispânicas tardias são raras ou inexistentes em contextos da primeira metade do séc. IV como explica Fernández Fernández<sup>334</sup>.

Estão em falta, tal como no batistério Sul, os contextos depositados por cima da piscina e da utilização do batistério. A parte de cima da estrutura está desaparecida, possivelmente removida durante o período medieval quando a área foi usada como cemitério. A sequência final possibilitou a evidência de uma data de abandono do batistério Norte<sup>335</sup>, o *terminus post quem* é dos finais do séc. IV e inícios do V para o abandono da estrutura, o que confirma a construção do batistério Norte<sup>336</sup>.

No caso do batistério Sul (fig. 22), a sequência estratigráfica mais consistente é constituída pelos depósitos que foram cortados na construção da estrutura. Muitas das unidades são cronologicamente mais antigas datando do período inicial do Império e das primeiras ocupações do sítio, estes contextos incluem uma secção de parede (UE 83, 84 e 95) associada a um pavimento de *opus signinum* (UE 79) e uma lareira construída de lateres (UE 91).

<sup>334</sup>FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ *et al.*, 2018 *apud* FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ *et al.*, 2019.

<sup>335</sup>O interior do batistério foi escavado durante as escavações de 1998, identificando a UE 56 e 57, os materiais de diagnóstico associados a estes contextos incluem TS Africana D1 Hayes 58B, TS Africana C Hayes 46, TS Hispânica tardia Ritt 8t, drag 37t do vale do Ebro e do Douro, muitos com o bordo decorado.

<sup>336</sup>CORDERO RUIZ *et al.*, 2020:6-7. O radiocarbono também aponta para estes séculos, com duas amostras tiradas do enchimento da piscina e de restos osteológicos.

Algumas destas unidades correspondem diretamente ao abandono da estrutura romana (UE 80 e 85 – depósitos encontrados debaixo do pavimento em *opus* e da lareira), e com materiais de época imperial como Terra *Sigillata* Hispânica, Aretina e Gálica; incluindo uma moeda de Antonino da série Divo *Claudio* (270 d.C) e um *Nummus* de Constantino II, da série *Gloria Exercitus*, emitida entre 335 e 337, fornecendo um *terminus ante quem* do abandono da estrutura. A UE 71 (em cima da parede fragmentada) também está relacionado ao abandono com materiais do início do império (TS aretina e Gálica, uma ânfora 70 Haltern e uma lamparina de Emerita Augusta) e do pós-abandono (UE 28 e 29), associado a fragmentos de imbrice, osso e cerâmicas (Africana C Hayes 50 e TS Hispânica tardia) o que data o depósito dos inícios do séc. IV.

A UE 31 sela estas unidades de cima, um depósito parcialmente cortado pela vala de construção do batistério; contexto rico em material orgânico (ossos de animais, Terra *Sigillata* africana D1, prato raso Hayes 61 A/B4, fragmento de fundo decorado com palmetas e trevos Hayes Style A – possibilitando a datação dos inícios do século terceiro e TS Hispânica de transição e tardia – Ritt. 8t, Drag. 37t típicos do vale do Douro e do Ebro, cerâmicas tardias regionais). Apesar da maior parte dos fragmentos indicar o século IV, a presença de dois fragmentos de Drag. 37t e as cerâmicas africanas apontam para os inícios do séc. V.; um *Nummus* de Constantino II, da série *Securitas Reip*, emitida entre 337-340 que determina um *terminus post quem* para meados do séc. IV.

Esta seria tapada pela UE 30, anteriormente removido por antigas escavações, estando ao mesmo nível da altura máxima preservada do batistério. Estão em falta os níveis de utilização do batistério e os depósitos que estariam elevados à altura máxima do batistério, destruídos na antiguidade, o que ajudou a definir um guia da construção e abandono da estrutura batismal. As camadas 31/30 parecem ter estado ao mesmo nível que a altura máxima original da estrutura, seriam assim as camadas mais recentes a ser depositadas antes da escavação do fosso para a piscina batismal. Baseado nas cerâmicas finas e nas evidências disponíveis, o batistério Sul foi construído depois do início do século V, as datações de radiocarbono confirmam apontando para a segunda metade do séc. IV.

Em conclusão, segundo os resultados da investigação, o batistério Norte foi construído em meados ou na segunda metade do séc. IV. Os materiais encontrados dentro da piscina sugerem que o edifício foi abandonado quase de imediato após a sua construção nos inícios do séc. V ou nos finais do séc. IV. Usado possivelmente durante 50-60 anos, a data de abandono do batistério Norte coincide com a cronologia de construção do batistério Sul. A UE 31 determina o *terminus post quem* do séc. V, confirmado pelas datações de radiocarbono

que apontam para o séc. IV chegando aos inícios do séc. V. Já o radiocarbono associado à argamassa usada nos tijolos chega a meados ou início do séc. V, mas consistente com as datações por OSL<sup>337</sup>. Em relação à data de abandono do edifício batismal Sul não há nada definido visto que os contextos que cobriam a estrutura e que enchiam a piscina principal e as laterais foram escavados sucintamente por Fernando de Almeida.

A datação sugerida para a construção de ambos os batistérios e o abandono do batistério Norte são consistentes com as apontadas por OSL. Este método é viável para a datação da construção dos edifícios e os resultados são circunscritos às datas fornecidas pela arqueologia, estratigrafia e o radiocarbono. O abandono das estruturas iniciais da época imperial, anteriores ao séc. IV, indicam que o tecido urbano onde a igreja de Santa Maria se estabeleceu foi reorganizada anteriormente em meados do séc. IV, para a construção dos primeiros edifícios cristãos dentro da cidade, como a igreja e o batistério.

Os dados sugerem que o batistério Norte foi abandonado logo após a sua construção, onde se ergueu de seguida o batistério Sul, estes são consistentes com a análise arquitetónica de ambas as estruturas, nas quais técnicas e materiais semelhantes foram utilizados. Podiam ter sido construídos e/ou utilizados ao mesmo tempo durante um curto espaço de tempo, tal como em Son Peretó e Alconétar. Possivelmente os dois batistérios foram construídos pela mesma pessoa ou pelo menos o batistério Sul teve como referência o batistério Norte na sua construção. No entanto, ainda apresentam diferenças como a sua localização e na sua planta. O rápido abandono do batistério Norte deveu-se possivelmente a um contexto histórico ou a outros factores relacionados com a nova estrutura batismal, que implicou o redireccionamento litúrgico, religioso (fundação de um novo templo), institucional e o desenvolvimento arquitetónico do Cristianismo na cidade<sup>338</sup>.

As antigas datações apontadas para os batistérios de Idanha-a-Velha são baseadas em critérios históricos e arquitetónicos, traduzindo-se no século IV/V para o batistério Norte e primeira metade do séc. VI para o batistério Sul. As novas datações baseadas agora em métodos empíricos como o OSL, o radiocarbono e a sequência estratigráfica, apontam para meados e finais do séc. IV para o batistério Norte e a primeira metade do séc. V. para o batistério Sul, havendo uma sobreposição de utilização dos batistérios<sup>339</sup>.

---

<sup>337</sup>CORDERO RUIZ *et al.*, 2020:7-9.

<sup>338</sup>FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ *et al.*, 2019.

<sup>339</sup>CORDERO RUIZ *et al.*, 2020:11-12.

Estes resultados contrariam os do levantamento arqueológico e topográfico, elaborado por Sánchez Ramos e Morín de Pablos em 2012, com o auxílio do GPS e *laser scanner* das estruturas do Paço Episcopal. Estes acreditam que o batistério e a piscina batismal Norte compunham um complexo cristão inicial, com datação estimada para o final do século IV ou início do século V. Assumem também que o batistério Norte poderia estar situado adjacente a uma igreja ainda não identificada. Além disso, observam que o compartimento mais oriental, que se encontra adossado à fachada Norte da igreja atual e possui um pavimento de *opus signinum*, pode ter sido a cabeceira de um templo que funcionaria em conjunto com o batistério Norte<sup>340</sup>. As conclusões cronológicas recentes permitem a veracidade de que a piscina Norte é uma estrutura isolada, não tendo qualquer relação com as estruturas posteriores, deste modo não há um “complexo cristão inicial”<sup>341</sup>.

A publicação dos resultados deste estudo com as metodologias enumeradas acima provocou dúvidas retratadas na publicação de Edgar Fernandes<sup>342</sup> (2020), sobre o levantamento planimétrico (feito em 2012) e a observação da disposição dos muros, com o objetivo de “compreender as relações espaciais entre a atual igreja, o batistério Norte e as duas piscinas baptismais”. Deste modo, aperceberam-se que a cota do batistério Sul é inferior em relação às outras estruturas e que o topo do batistério Norte se encontra conservado “à mesma altura da soleira da porta noroeste” da igreja de Santa Maria, sendo a original do templo inicial. Rejeitam a hipótese de haver três fases construtivas, somente existindo duas: uma delas sendo a da piscina Sul, isolada espacialmente do resto do complexo religioso e a do batistério Norte e a Igreja de Santa Maria que “se articulam entre si ao nível das altimetrias e planimetrias”. A nosso ver, este estudo de uma outra perspetiva, é importante para a continuidade da investigação da aldeia de Idanha-a-Velha, mas não nos parece que invalida os resultados das metodologias de datação relativa e absoluta que regrediram a baliza cronológica para ambos os batistérios<sup>343</sup>.

Respondendo à dúvida colocada por Alarcão<sup>344</sup> (2017), confirmando que “a primeira igreja e o primeiro batistério correspondem a uma “paróquia” dos fins do séc. IV ou de inícios do V, dependente de Mérida, e que a muralha e o segundo batistério (com uma nova basílica) terão sido edificadas quando *Egitania* se tornou sede episcopal”.

---

<sup>340</sup>SÁNCHEZ RAMOS, MORÍN PABLOS, 2014:69.

<sup>341</sup>Cfr. a secção de Discussion and Conclusions, do artigo FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ *et al.*, 2019.

<sup>342</sup>FERNANDES, 2020:174-178.

<sup>343</sup>*Ibidem*, 2020:185-198.

<sup>344</sup>ALARCÃO, 2017:307. Jorge de Alarcão não foi o primeiro a propor esta ideia, Virgílio Lopes (2013:280).

## 6.6. *Villa Romana de La Cocosa, Badajoz*

O próximo caso de estudo situa-se novamente na província de Badajoz, a 16 km Sul da capital, na Quinta La Cocosa, atualmente propriedade da Diputación de Badajoz, e gerida diretamente pela Área de Desarrollo Rural y Sostenibilidad. O sítio arqueológico localiza-se no vale médio do Guadiana.

Em 1944, no âmbito de trabalhos agrícolas feitos pelos donos do terreno, ao recolher pedras para edificar a sua *dehesa*/quinta, encontraram um pavimento de mosaico. Identificado posteriormente, como uma *villa* romana (fig. 23 e 24) com um pequeno primitivo *martyrium* cristão<sup>345</sup>, os trabalhos arqueológicos foram iniciados por Rodríguez Amaya, entre 1946 (nos meses de outubro e novembro) até 1949. Todavia, será Serra i Rafols que publica as memórias destas campanhas em 1952<sup>346</sup>.

O assentamento rural, construído em meados do séc. I, é constituído por um conjunto de edificios organizados a partir de um edificio central que, por sua vez, se organizava em torno de um peristilo porticado retangular (17 m por 13 m), com múltiplas galerias que dariam acesso às divisões habitacionais. No setor nordeste, identificou-se um importante mosaico policromado representando um tritão<sup>347</sup>, conservado no *Palácio de la Diputación Provincial de Badajoz*. Por outro lado, nas termas/*balneum* retiraram-se múltiplas cabeças masculinas (as de carácter mais tosco seriam do séc. IV) e placas de estuque decorado com motivos geométricos<sup>348</sup>. De acrescentar que a Oeste e sudeste do edificio principal apareceram umas estruturas de carácter rústico.

A segunda fase, de monumentalização do setor residencial no séc. IV e/ou inícios do séc. V, corresponde também à construção do mausoléu situado à 250 m da *pars urbana*. O mausoléu primitivo, situado a sudeste do peristilo, apresenta 20 m de comprimento, orientado a Norte-Sul, ao qual beneficia de uma sala quadrada, com medidas quase perfeitas, de 6,60 m por 6,50 m. Os lados Norte e Sul são coroados por cabeceiras em semicírculo, estando o lado Norte ligeiramente descentrado e separado da sala quadrada por uma pequena sala retangular<sup>349</sup>. No espaço em redor do complexo martirial foram recolhidos fragmentos de

---

<sup>345</sup>ULBERT, 1978:106.

<sup>346</sup>SERRA I RAFOLS, J C. (1952) - La villa romana de la dehesa de la Cocosa. *In* Revista de Estudios Extremeños, Supl. 2, Vol. 34. Badajoz.

<sup>347</sup>ÁLVAREZ MARTÍNEZ, 1983:380-385. No que está descrito nos trabalhos de Serra i Rafols (1952), o painel teria 5,80 m por 2,80 m.

<sup>348</sup>SERRA I RAFOLS, 1952:155-156; RUIZ CORDERO, 2013:287.

<sup>349</sup>SERRA I RAFOLS, 1952:63-72; CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:262.

*Sigillata* Clara, datada do séc. IV e de TS Hispânica Tardia, decorada a molde, com cronologias compreendidas entre os sécs. IV e VII.

Destaca-se o grande conjunto de 60 peças agrícolas romanas em ferro encontrado e publicado com os respetivos desenhos, em 1952, por Serra i Rafols<sup>350</sup>. Consistiam essencialmente em cabos de alfaías agrícolas, ferramentas, partes de fechaduras, ferragens e dobradiças, diretamente ligadas aos trabalhos de lavoura. Assim como oito foices, uma bigorna, uma enxada, um arado e um chocalho. Por outro lado, o ofício da forja está representado nas ferramentas recuperadas, com dois raspadores, tenazes e uma possível bigorna. Também estão representadas ferramentas do trabalho da madeira, como uma furadeira em forma de colher, um cinzel e uma enxó. Elementos utilizados em portas, portões e janelas, como cavilhas e encaixes. Instrumentos utilizados na cozinha e um punhal. No entanto, há um grupo de achados em ferro de forma indeterminada ao qual não foi possível associar uma função.

Todavia, este edifício é o único ao qual os investigadores<sup>351</sup> concordam ser de intenção religiosa, por não estar localizado dentro do espaço residencial, mas sim a 2 m deste<sup>352</sup>. Conforme a descrição das escavações, a maioria das paredes estão unidas por uma sólida construção em alvenaria e argamassa bem compactada e uniforme, à parte da pequena abside a leste. A interpretação tradicional identifica-o como, um possível oratório, apoiado pela presença de absides, de sepulturas de *tegulae* na abside Sul e, por fim, na descoberta de um fragmento de asa de uma *paterna* em bronze com uma inscrição e cruz cristã (onde se lê: *EX OF/ ASEELI/ VTER/ FELIX. IN DEO.*)<sup>353</sup>. Chavarría Arnau<sup>354</sup> propõe que se trataria de um mausoléu construído quando a *pars urbana* estaria parcialmente em ruínas<sup>355</sup>.

As transformações mais relevantes deram-se na terceira fase, após o abandono da *villa* como residência, afetando a própria *villa* e o mausoléu primitivo. Serra i Rafols<sup>356</sup> aponta para as reformas estruturais e reorganização do espaço, como por exemplo explica a evidente

---

<sup>350</sup>SERRA I RAFOLS, 1952:148-152; RUIZ CORDERO, 2013:291; TEICHNER, DURR, 2020:896, 901-902. Estas peças foram examinadas mais a fundo, em 1998, por Guillermo S. Kurtz Schaefer, na altura, seria o diretor do Museu Arqueológico. Provin. Badajoz. Só foi publicado em 2011, através de um trabalho recopilatário dos achados de ferro no Noroeste, atual Catalunha, por Josep Casas e Josep M. Nolla, focando-se na datação e funcionalidade.

<sup>351</sup>SERRA I RAFOLS, 1952; PALOL, 1967.

<sup>352</sup>Semelhante ao que acontece com o caso de Torre de Palma.

<sup>353</sup>SERRA I RAFOLS, 1952:164-166; RUIZ CORDERO, 2013:139-140. Apesar de que, segundo Palol (1967:140), poderá não corresponder a contextos litúrgicos.

<sup>354</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:264.

<sup>355</sup>PALOL, 1967:138-140, 350.

<sup>356</sup>SERRA I RAFOLS, 1952:56; RUIZ CORDERO, 2013:297, 303, 320.

sobreposição da parede de fecho do *triclinium/oecus*, na ocupação posterior do espaço com um curral ou com uma finalidade semelhante.

Após o abandono deste setor deu-se a construção de dois mausoléus. No exterior do peristilo, no lado nordeste, atrás do *triclinium/oecus*, documentou-se a presença de uma construção de planta retangular de 4,70 m por 5,50 m e uma abside, do lado Norte, de 2,20 m de diâmetro. No centro deste edifício menor, existe uma sepultura, que permitiu assim identificá-lo como um mausoléu. Serra i Rafols<sup>357</sup>, acredita que contemporaneamente à sua construção parte da *villa* já estaria abandonada.

O segundo mausoléu localiza-se num edifício de planta exterior retangular (12,85 por 7,95 m), erguida a uns 250 m das estruturas previamente descritas. Estaria organizado no interior por um pequeno vestibulo Oeste (6,52 m por 1,50 m), uma sala polilobada e, ao fundo, uma cripta (*Martyrium?*) acedida por uma porta com três degraus separados por pilastras. No centro apareceu um sarcófago de mármore branco (orientado a Este-Oeste). O interior do edifício estaria decorado com paredes pintadas e o teto poderia estar coberto de mosaicos com *tesselae* de pasta vítrea. Para além disto, apareceram várias colunas com capitéis decorados de cronologia tardia. Interpretou-se como um mausoléu datado dos finais do séc. IV/V.

Este mausoléu do séc. IV, converte-se numa basílica com um batistério no séc. VI/VII<sup>358</sup>. Documentou-se também uns fragmentos de treliças/*celosías* datáveis do séc. VI e uma mesa de altar do séc. VI/VII, segundo Palol e Sastre de Diego<sup>359</sup> que confirmam estas cronologias. Em redor deste edifício escavou-se parcialmente uma divisão anexada ao muro Sul ao qual se pôs a descoberto um batistério, datado por Ristow<sup>360</sup>. Em torno deste, foram construídas três salas, integrando assim o complexo batismal. Entramos na primeira sala através de um porticado decorado que comunica com a segunda por uma porta que não se abre nessa direção, mas sim mais a Norte, de modo que o seu interior não pudesse ser visto.

Foi nesta divisão que se construiu o batistério (fig. 25), de planta retangular, com três degraus contrapostos, com 0,60 m de profundidade, “*con su borde ligeramente elevado por encima del nivel del suelo*<sup>361</sup>”. A sala do *baptisterium* está ligada ao *martyrium* através de um corredor. Citando Sanjuán del Olmo<sup>362</sup>, “*el baptisterio está organizado según las fases*

<sup>357</sup>SERRA I RAFOLS, 1952:60-61.

<sup>358</sup>SOTOMAYOR, 1982:16; MATEOS CRUZ, 2005:54; CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:264; CABALLERO ZOREDA, SASTRE DE DIEGO, 2013:264.

<sup>359</sup>PALOL, 1967:144; MATEOS CRUZ, CABALLERO ZOREDA, 2003:154; SASTRE DE DIEGO, 2005:106 *apud* CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:264.

<sup>360</sup>RISTOW, S. (1998) - *Frühchristliche baptisterien* (Vol. 27). Aschendorff.

<sup>361</sup>ULBERT, 1978:148.

<sup>362</sup>SANJUÁN DEL OLMO, 2013:13.

*litúrgicas del bautismo, en donde cada habitación corresponde a un momento concreto del ritual: neófito, bautismo y acceso a la comunidad creyente.”*

Localizaram-se também estruturas de planta quadrangular, construídos em taipa e pedra, com a reutilização fragmentos de *opus testaceum* e com pavimentos preferencialmente em terra batida<sup>363</sup>. Chavarría Arnau<sup>364</sup> pressupõe que fariam parte de uma “*aglomeración de casas instalada en relación al edificio de culto y la villa tras su abandono como centro residencial.*”

A ênfase é colocada na ausência de vestígios de destruição ou de elementos que possam estar relacionados com a destruição causada pelas invasões germânicas, supondo assim um abandono gradual do assentamento<sup>365</sup>.

São múltiplos os problemas que este sítio arqueológico coloca, tanto no pequeno número de achados recolhidos em escavações, como na maneira como o próprio arqueólogo responsável conseguiu diferenciar certos elementos corretamente e, conseqüentemente, as múltiplas fases construtivas. Palol e Ulbert apontam exatamente para esta dificuldade. Dos poucos materiais analisados, estes apontam para o séc. IV, não sendo suficientes para datar a arquitetura da basílica e muito menos para comprovar a sua função, visto que carece de certas características comuns aos edifícios de dupla-abside.

Os problemas também se verificaram na datação associada à basílica. Esta, tem por base a participação de Serra i Rafols na campanha na Casa Herrera e nas similitudes tipológicas entre batistérios, fixando-a assim no séc. VI<sup>366</sup>. Este tipo de proposta cronológica baseada em paralelos tipológicos, inferindo-se cronologias a partir de semelhanças construtivas, muitas vezes com base em estruturas que carecem também de uma cronologia segura, não será a mais fiável, uma vez que não assenta em critérios estratigráficos e em datações absolutas resultantes de achados arqueológicos contextualizados. Seja como for, neste caso, podemos afirmar que a basílica se encaixa numa segunda fase de construção mais tardia da *villa* romana inicial.

Apesar de terem sido identificadas várias fases construtivas e de reconstrução, não sendo muito explícito estas últimas, esta campanha suscitou outras discussões devido a certos tópicos terem ficado por explicar. Aquando da análise de Ulbert, nos anos 70<sup>367</sup>, este explicou

<sup>363</sup>SERRA I RAFOLS, 1952:145; SANJUÁN DEL OLMO, 2013:4-5.

<sup>364</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:264, RUIZ CORDERO, 2013:319.

<sup>365</sup>SERRA I RAFOLS, 1952:166.

<sup>366</sup>PALOL, 1972:181 *apud* ULBERT, 1978:109. Palol examina este caso no contexto dos edifícios de culto cristão, apontando para o seu caráter simples no que diz respeito aos outros casos presentes no mundo rural.

<sup>367</sup>ULBERT, Thilo (1978) - Frühchristliche Basiliken mit Doppelapsiden auf der Iberischen Halbinsel : Studien zur Architektur-und Liturgiegeschichte. Berlin: Gebr. Mann Verlag, 1978. ISBN: 3786111464.

que o estado das estruturas não permitiu uma nova análise por estarem já cobertos.

Serra i Rafols estimou que a extensão das construções no latifúndio seria de 10 hectares. O plano existente do complexo, com as suas numerosas construções anexas e ampliações, mostra o que tipicamente acontecia neste tipo de sítios durante o desenrolar da etapa imperial tardia. Isto é visível em Torre de Palma (Monforte), Torre Águila (Badajoz), Milreu (Faro) e em São Cucufate (Beja).

A partir dos elementos encontrados, a sua extensão e natureza, demonstrou ainda que esta *villa* fora outrora um grande centro de exploração agrícola. É considerada uma das *villae* romanas mais completas do território peninsular. Possivelmente fundada a partir do séc. I d.C. e abandonada por volta dos sécs. VI-VIII<sup>368</sup>.

No entanto, esta sequência evolutiva pode não se aplicar ao panorama rural lusitano. Das conclusões mais significativas de Serra i Rafols<sup>369</sup> temos a proposta de implantação do sistema de *villae* no vale do Guadiana a partir do séc. I; a continuidade das grandes *villae* simultaneamente à perda do poder imperial na península; por fim, é no séc. IX que este tipo de *villae* serão destruídas. Apesar das propostas serem geralmente aceites, perdem parte da sua credibilidade pelas incongruências nas metodologias de escavação usadas em La Cocosa.

## 6.7. Valdecebadar, Badajoz

Um exemplo que se destaca no território espanhol, fica localizado entre as herdades de Valdequinteros e Valdecebadar ou Valdecebadal, no Norte de Olivenza, na região de Badajoz. Foi a partir desta última que o sítio arqueológico<sup>370</sup> obteve o seu nome, juntando-se aos outros casos identificados na Extremadura.

As primeiras intervenções deram-se nos finais dos anos 60, sob a direção de Ulbert e o *Deutsches Archäologisches Institut* de Madrid, para além da sua escavação foi feito um levantamento planimétrico do sítio. Estes trabalhos foram publicados pela primeira vez em 1973, por Ulbert<sup>371</sup>.

---

<sup>368</sup>SANJUÁN DEL OLMO, 2013.

<sup>369</sup>SERRA I RAFOLS, 1952:161-167.

<sup>370</sup>A propriedade agrícola privada intitulada Cortijo de Valdecebadar, está situada nas coordenadas 38° 44' 22,89"N 7° 5' 16,87"W.

<sup>371</sup>ULBERT, Thilo (1978) - *Früchtichstliche Basiliken mit Doppelapsiden auf der Iberischen Halbinsel: Studien zur Architektur-und Liturgiegeschichte*, Berlin, Gebr. Mann Verlag, 1978. ISBN: 3786111464.

Analisando a planta de cruciforme<sup>372</sup> da basílica (fig. 26), com uma abside semicircular, esta aparentava ter divisões isoladas do corpo central por corredores estreitos e por possíveis arcos duplos no transepto sob pilares que poderiam ter suportado uma cúpula central. O pavimento aparenta estar coberto por *opus signinum*, circunscritos por muros de alvenaria de cal e materiais de construção romanos reutilizados, bem construídos e suficientemente homogêneos para suportar presumivelmente abóbadas<sup>373</sup>. Outro detalhe a destacar em Valdecebadar é a posição da única porta de acesso, no extremo Sul do transepto, uma característica atípica numa igreja que estaria inquestionavelmente classificada como visigótica.

Na zona central da basílica estaria presente uma mesa de altar em mármore, onde se conservaria o arranque das pernas onde assentaria o tampo, a entrada estaria delimitada por duas placas de cancela<sup>374</sup>. Por outro lado, foi descoberto um pequeno fragmento de uma *mensa* (integrado atualmente no Museu Arqueológico Provincial de Badajoz<sup>375</sup>), no entanto a sua proveniência não é certa podendo ter sido encontrada em Mérida<sup>376</sup>. Sabemos a relevância da identificação das salas onde estariam por exemplo, os altares em contexto arqueológico, visto que fazem parte dos principais elementos que constata a existência de um complexo religioso da Antiguidade Tardia, para além do batistério e do palácio episcopal. Sendo assim, a identificação destas placas de cancelas permitem pressupor a indicação destes componentes.

No que concerne, a piscina batismal (fig.26) situa-se numa sala no braço Oeste da nave central, no canto superior, de planta retangular, de 1,50 m de longitude, 0,60 m de largura e 1 m de profundidade. A estrutura tem dois pequenos lanços de escadas, cada uma com três degraus contrapostos<sup>377</sup>. A Norte da piscina principal, estaria uma mais pequena e circular<sup>378</sup> posta a descoberto nas campanhas mais recentes. A isolamento do batistério do corpo principal, poderá sugerir uma diferenciação simbólica dos espaços, visto que teriam propósitos distintos, um para a Eucaristia e outro para o Batismo, como vemos em Torre de Palma. De aludir que as sepulturas encontradas no interior da basílica, nenhuma se encontra perto nem do batistério nem do espaço dedicado ao altar<sup>379</sup>.

---

<sup>372</sup>MATEOS CRUZ, CABALLERO ZOREDA, 2003. Tem de longitude de braço uns 18 m.

<sup>373</sup>Ideia defendida por MATEOS CRUZ, 2003:167.

<sup>374</sup>UTRERO AGUDO, 2006:227; RUIZ CORDERO, 2013:209.

<sup>375</sup> <http://museoarqueologicobadajoz.juntaex.es/web/view/portal/index/standardPage.php?id=141> consultado no dia 2 de março de 2023.

<sup>376</sup>ULBERT, 1973, lám. 38a *apud* GODOY FERNÁNDEZ, 1995:305.

<sup>377</sup>MATEOS CRUZ, CABALLERO ZOREDA, 2003:96-97.

<sup>378</sup>ULBERT, EGGER, 2006:231.

<sup>379</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2015:35.

Godoy Fernández critica os resultados da campanha arqueológica de 1968, admite que as datações de Ulbert são baseadas em comparações tipológicas da planta em cruz da basílica, pela forma da abside em ferradura e do próprio batistério de planta retangular. Assim sendo, encaixa o complexo episcopal nos meados do séc. VII, encontrando paralelos no mausoléu de San Fructuoso de Montelios (perto de Braga e Santa Comba de Bande, em Ourense)<sup>380</sup>. Esta proposta é refutada por Palol e Ripoll<sup>381</sup> mas estes também acreditam no paralelismo com San Fructuoso de Montelios, no entanto inserem-nos nos anos finais do séc. VI (por volta do ano 600).

Em 2001 e 2003, Ulbert e Eger iniciaram novas campanhas de escavações, publicando os resultados em 2006. A zona central do transepto seria delimitada por arcos duplos em cada um dos braços, dos quais apenas se conserva os seus suportes centrais<sup>382</sup>. O processo construtivo em alvenaria de boa qualidade, onde os cantos seriam em silhares de granito com marcas de grampos e provêm possivelmente de um túmulo monumental ou templo romano próximo<sup>383</sup>.

Nas campanhas mais recentes, de 2001 e 2003, escavou-se uma fossa identificada outrora na planta de 1973, dentro do complexo batismal, revelando uma sepultura dupla de inumação infantil<sup>384</sup>. Os escassos materiais recuperados das sepulturas apontam para uma baliza cronológica entre os sécs. VI e VII<sup>385</sup>.

Entretanto, Ulbert<sup>386</sup> aponta a data de meados do século VII ser antecipada para o final do século VI ou início do século VII, consoante os materiais estudados de algumas das sepulturas da necrópole Este coetânea à basílica. De entre eles, um jarro com asa (sécs. V/VI), uma jarrita (segunda metade do séc. VI), um pendente “*con manguito acanalado*” (sécs. VI e VII), uma fivela de cinto (cronologia baixo-medieval) e uma ponta de lança que não corresponde aos modelos antigos (atípica nos enterramentos na zona Norte peninsular)<sup>387</sup>. Deste modo, os novos trabalhos publicados em 2006, não adicionam nenhuma informação cronológica somente confirmam a sua construção no séc. VI e a sua utilização ao longo do séc. VII.

---

<sup>380</sup>Citando GODOY FERNÁNDEZ, 1995:305., em relação à referência bibliográfica mencionada na nota de rodapé 2, pág. 90, fig. 66, placa 123.

<sup>381</sup>PALOL, RIPOLL (1988:147) *apud* GODOY FERNÁNDEZ, 1995:305.

<sup>382</sup>ULBERT, EGGER, 2006:227.

<sup>383</sup>*Ibidem*, 2006:223-224.

<sup>384</sup>ULBERT, 1973:207. Só outras três sepulturas foram identificadas dentro da basílica para além destas, conhecidas como sepulturas de privilégio.

<sup>385</sup>ULBERT, EGGER, 2006:252.

<sup>386</sup>ULBERT, 1978 - Frühchristliche Basiliken mit Doppelapsiden auf der Iberischen Halbinsel. Archäologische Forschungen, 5, Berlin.

<sup>387</sup>RUIZ CORDERO, 2013:209.

Utrero Agudo<sup>388</sup> sublinha que o argumento principal da cronologia corresponde a um único momento construtivo inicial, lembrando que o nível de arrasamento do sítio é elevado comprometendo os dados estratigráficos fiáveis. Apesar de na zona da abside a presença de paramentos mais grosseiros poderia supor uma secção abobadada, a autora assinala que também poderá ser uma abóbada de um quarto de esfera, assente sob um arco cujas colunas estão conservadas *in situ*<sup>389</sup>.

Deste modo, não é possível associar com certeza este exemplo no conjunto das basílicas lusitanas. A equipa de Ulbert ainda implica que o *sanctuarium* estaria localizado na única abside existente<sup>390</sup>, apesar da inexistência de vestígios das cancelas nessa abside, simplesmente porque a sua ocorrência na arquitetura religiosa hispânica é frequente. Dos outros componentes arquitetónicos religiosos a basílica dispõe de um batistério com uma piscina de planta retangular construído numa sala que estaria ligada por um corredor Norte à nave central da basílica.

Outra censura argumentada por Godoy Fernández, refere a associação do braço Este ao espaço reservado ao clero, uma espécie de sacristia, por Ulbert. Explica que “*este tipo de acceso unívoco por esta zona haría verosímil una interpretación de este espacio en relación con las cámaras de servicio del clero, pero, teniendo en cuenta que no ha sido individualizado el espacio reservado a los actores de la liturgia, nos parece un tanto peligroso hacer este tipo de afirmaciones.*” Neste sentido, continuam as dúvidas acerca da forma original da igreja e a sua evolução, muitos propõem<sup>391</sup> que seria um templo de três naves e três cabeceiras que sofreu uma reestruturação numa fase tardia.

Nas suas conclusões, Ulbert e Egger<sup>392</sup>, consideram a basílica como um centro religioso dos assentamentos rurais limítrofes, datados dos sécs. VI e VII, não sendo possível estabelecer o momento de abandono do edifício. Cordero Ruiz<sup>393</sup>, propõe que poderia estar em causa uma dependência a uma família de nobres que custearam a construção da basílica.

Lamentavelmente, segundo os interessados na área, quaisquer vestígios de decoração, colunas, pilastras e outros elementos arquitetónicos desapareceram há muito tempo, apenas a planta e alguns dos alicerces e dos suportes nos permitem deduzir as características originais. Hipoteticamente a fragmentação do espaço interno em pequenas divisões, sem uma ligação ou

---

<sup>388</sup>UTRERO AGUDO, 2009:141, 147.

<sup>389</sup>UTRERO AGUDO, 2006:579.

<sup>390</sup>ULBERT, 1973:213 *apud* GODOY FERNÁNDEZ, 1995:305.

<sup>391</sup>Caballero Zoreda, Ulbert, Palol, Godoy Fernández.

<sup>392</sup>ULBERT, EGGER, 2006:252.

<sup>393</sup>RUIZ CORDERO, 2013:330. Não obstante, não existem outros exemplos de edifícios religiosos desta cronologia que nos permitam estabelecer ligações.

um propósito aparente, estavam seguramente associadas com as peculiaridades do culto, com a separação dos fiéis iniciantes, correspondendo à segmentação do espaço, com cancelas, dos que já estavam totalmente integrados no seio religioso.

A única certeza que temos é a existência de um batistério, onde ali se praticava batismos, se anteriormente seria um mausoléu ou uma capela de um mosteiro ou pertencente ao *fundus* de uma *villa* tardorromana, não sabemos.

### 6.8. *Villa* romana de Torre de Palma, Monforte

O sítio arqueológico de Torre de Palma localiza-se junto à fronteira portuguesa com Badajoz, a 17 km a noroeste de Elvas, Portalegre, num terreno superficialmente plano e muito fértil. Tal como muitos outros exemplos já mencionados, o complexo eclesiástico foi construído sob as ruínas de uma grande, vasta e sumptuosa *villa* romana, tendo ocupação pelo menos até ao séc. XII, após a reconquista cristã.

No que diz respeito ao sítio arqueológico, muito próximo de duas das principais estradas romanas<sup>394</sup>, uma que ligava *Olisipo* a *Emerita Augusta*, e outra que passaria em *Ebora* e seguiria para Norte ligando-se à via que seguia até *Emerita Augusta*. Esta localização e relação com a rede viária poderia ser um dos fatores que explica a contínua ocupação do sítio arqueológico de Torre de Palma.

A descoberta de parte da *villa*, feita no mês de março de 1947, foi transmitida a Manuel Heleno, do Museu Nacional de Arqueologia, que rapidamente se deslocou de Lisboa e começou os trabalhos arqueológicos nesse mesmo ano. No ano 1964, estava visível uma *villa* de peristilo central com esplêndidos mosaicos, sendo os mais conhecidos os mosaicos dos cavalos, o Coro das Musas, a sala das flores e a sala do mosaico das estrelas, por exemplo. O reaparecer dos temas mitológicos surge paralelamente à ascensão do Cristianismo, especialmente quando a religião cristã passa a ser a oficial no séc. IV<sup>395</sup>.

Infelizmente, desta primeira intervenção, a maioria dos resultados ficaram por publicar, restando apenas umas pequenas notas publicadas na revista *O Arqueólogo Português*<sup>396</sup>. Para não falar do que foi publicado, verifica-se claramente a dedicação dada ao estudo dos painéis musivos, sendo feita uma enumeração daqueles escavados e

---

<sup>394</sup>CARNEIRO, 2009:218.

<sup>395</sup>WOLFRAM, 2011:100.

<sup>396</sup>HELENO JÚNIOR, Manuel Domingues (1962) - A “villa” lusitano-romano de Torre de Palma (Monforte), *O Arqueólogo Português*, 4-2, (1962), págs. 313-338.

posteriormente conservados. O enfoque em entender as fases associadas à construção da *villa* e da escavação da *pars urbana* transparece neste artigo de Manuel Heleno, deixando por descrever e interpretar a época pós-romana, apesar de ter publicado a primeira planta do batistério de Torre de Palma (fig. 27). Segundo Heleno, a *villa* pertenceria a um tal de *Basilius*, pelo achado de um carimbo em escavação com uma inscrição: EME BASILI VIVAS/ IN CONTVBERNIVM. A família *Basilii* ocupou a *villa* nos finais do séc. I ou inícios do séc. II até ao final do séc. IV<sup>397</sup>, escolhendo um local aprazível num sopé de uma encosta e de clima ameno propício para a construção de uma residência permanente ou de retiro temporário como tantos outros espalhados pela Hispânia.

Em 1971, Fernando de Almeida conduziu outra campanha de escavações na Torre de Palma. Num Congresso em Barcelona em 1969 apresentou pela primeira vez a planta da basílica aquando das escavações (fig. 28). Na década seguinte, publicou em 1974 uma nova planta da igreja, continuou a persistir as dúvidas sobre a evolução do complexo e a sua datação. Novamente, esta planta não contemplou um plano geral do sítio ou uma descrição de todos os achados. Todavia, conseguiu exemplificar a relação da basílica com a *villa* e o pequeno complexo residencial.

Ulbert publica, em 1978<sup>398</sup>, as suas observações resultantes da sua visita a Torre de Palma. Começa por verificar que apesar dos trabalhos de limpeza anuais das estruturas que compunham o complexo basilical, estas começaram a perder a sua solidificação, relativamente aos muros e ao próprio pavimento. Assim, este descreveu no seu livro o seu primeiro registo visual, descrevendo as medidas da igreja: de longitude total teria 44,50 m e de largura total, 24 m, sendo uma das maiores observadas na Península Ibérica. Construída com grandes blocos de granito como a da Casa Herrera, esta basílica ainda revelava alguns elementos visíveis na primeira campanha de 1968. Em contrapartida, já não se encontravam no sítio, o pavimento em mármore dentro da abside ou o pilar de mármore, identificado na planta de Almeida<sup>399</sup>, que provavelmente pertencia ao altar localizado no complexo batismal.

Em 1983<sup>400</sup>, Maloney com Hale, iniciou o Projeto Arqueológico de Torre de Palma com parceria da Universidade de Louisville (Kentucky, EUA). O objetivo original dos trabalhos entre 1983 e 1986 passaria pela escavação da igreja e dos cemitérios circundantes, com o intuito de documentar rigorosamente a sua estratigrafia e a recolha de materiais

---

<sup>397</sup>HELENO JÚNIOR, 1962:6; CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:267.

<sup>398</sup>ULBERT, 1978:92.

<sup>399</sup>*Ibidem*, 1978:94.

<sup>400</sup>Citando GODOY FERNÁNDEZ, 1995 com referência a MALONEY, S. J. (1989) - Excavations at the Early Christian Church of Torre de Palma. Final Report, Allen P. Hite Art Institute, University of Louisville, Louisville, 1989, ao qual não tive acesso.

datáveis, de forma a determinar as suas fases construtivas. O projeto da equipa norte-americana, que terminou em 2000, conseguiu abranger a *villa* inteira, incluindo as zonas intocadas previamente por Heleno (fig. 29).

Assim sendo, Maloney focou-se na interpretação dos monumentos mais tardios, neste caso da basílica tardo antiga, localizada a 150 m a Norte da *villa*, ao qual identifica três fases construtivas distintas. A primeira, situada entre a segunda metade do séc. III e inícios do séc. IV, incluía a construção de uma basílica de três naves com uma abside em cada lado (este e oeste), erguida sob uma necrópole altoimperial, talvez por “(...) questões de sinalização e enquadramento funerário do que com uma função cultural”<sup>401</sup>, datada dos finais do séc. IV, pelo achado de nove moedas *in situ* de Constâncio II (337-361)<sup>402</sup>. O edifício teria cerca de 33 m de comprimento e 11,50 m de largura, seis colunas por fila que dividiram as três naves e o altar estaria fixo na abside ocidental semicircular, situando-se na esquina sudoeste um humilde batistério <sup>403</sup>.

A fase II, segundo Maloney abarcava a reabilitação da abside Oeste, no âmbito da construção de uma escadaria circular de modo a colmatar a diferença de cota com a nave principal. No entanto, não foi possível evidenciar uma data de construção em concreto.

Por fim, a terceira fase, engloba uma remodelação total da planta interna da igreja, com a ampliação da nave central construindo-se absides contrapostas no lugar que seria antes o vestíbulo e o pátio. Ao mesmo tempo, constrói-se uma ala batismal, com seis salas, adossadas ao muro Sul da nave central, onde se pavimenta a abside Este. Apresenta placas de marmoreado rosa, branco e cinzento, como as que cobrem as paredes dos batistérios. Segundo os investigadores, estas reformas foram feitas entre os finais do séc. VI e os princípios do séc. VII, a partir, uma vez mais, da análise de critérios tipológicos da piscina batismal, não assentando assim em fundamentação arqueológica segura. Por outro lado, para a época de abandono, os materiais mais recentes encontrados nas duas sepulturas<sup>404</sup>, dentro do batistério, apontam para o final do séc. VII e os princípios do VIII.<sup>405</sup>

Em suma, o mais provável é que a primeira basílica de Torre de Palma tenha sido construída ainda no séc. IV (apesar das poucas evidências materiais), consistindo num edifício de grandes dimensões, de planta retangular, de orientação nordeste-suroeste, dotada de

<sup>401</sup>WOLFRAM, 2011:29; BERNARDES, 2017:381.

<sup>402</sup>Consultar proposta de Ulbert (1978) da planta para esta fase I, nos anexos, fig. 28, pág. 145. No entanto, Ruiz Cordero (2013:308) e Chavarría Arnau (2007:216-217), explicam que os materiais usados para datar a igreja não parecem indicar a sua construção.

<sup>403</sup>ULBERT, 1978:100, este autor propõe na sua obra quatro fases de construção da basílica. CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:103.

<sup>404</sup>Ainda visíveis na visita de Thilo Ulbert ao sítio arqueológico de Torre de Palma, nos anos 70.

<sup>405</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1995:298; CARNEIRO, 2009:213; BERNARDES, 2009:336.

absides contrapostas contemporâneas à sua construção inicial<sup>406</sup>. A abside Este exercia a função de santuário, visto terem sido documentadas marcas de um possível altar ou espaço funerário<sup>407</sup>, devido à presença de sepulturas. No entanto, atualmente, as interpretações da basílica por parte de Maloney devem ser consideradas com precaução ou com as devidas reservas, a única certeza que parece haver é a de que a piscina batismal de Torre de Palma tem duas fases construtivas.

Se focarmos agora a nossa atenção na sala batismal, rapidamente percebemos a importância que o culto religioso teve para as pessoas que viviam nesse *fundus*, num local que se tornou paróquia cristã na Antiguidade Tardia. O presbitério era ladeado por duas pequenas salas, uma das quais tinha uma pequena piscina batismal com degraus no lado Norte. A equipa norte-americana aponta para duas fases de construção do batistério (fig. 30). O primeiro, associado à sua edificação inicial, da fase I, descrita previamente e outra referente à terceira fase. A primitiva piscina teria uma planta quadrada, poderia estar coberta por um baldaquino, um conjunto de escadas do lado Oeste e Norte, revestida por uma fina camada de argamassa e estaria localizada na câmara Sudeste na cabeceira da basílica. A sua ampliação, no séc. VI, implicou a criação de um complexo batismal, composto por seis salas edificadas junto ao muro mais a Sul do edifício religioso<sup>408</sup>.

A piscina quadrangular ou retangular primária teria quatro degraus de cada lado e com uma profundidade de 1 metro. Ao meio da piscina abre-se uma cavidade em forma de ferradura, de 0,80 m de comprimento e 0,55 m de largura sem nenhuma divisão. Ampliou-se a piscina para Sul, agora cruciforme, com dois braços, com 0,40 m de comprimento e 0,30 m de largura, com profundidade de um metro. Uma das primeiras conclusões que podemos depreender é a impossibilidade da total imersão de um adulto dentro de ambas as piscinas, problema discutido por Godoy Fernández (1989) onde explica que não se pode extrair conclusões fixas das liturgias em relação ao porquê de haver muitas vezes duas piscinas de diferentes profundidades. Quando uma piscina não permite a imersão completa, a solução passaria a uma cerimónia mixa de infusão e imersão, facto que em nada afetaria a validade da cerimónia.

---

<sup>406</sup>RIPOLL, CHAVARRÍA ARNAU, 2003:48; CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:104, 269.

<sup>407</sup>Ideia defendida por Godoy Fernández, 1995:301.

<sup>408</sup>MALONEY, 1989:3, 13-16 *apud* GODOY FERNÁNDEZ, 1995:303; CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:269; WOLFRAM, 2011:115; MALONEY, 2022:32,76.

A análise por radiocarbono das argamassas do batistério original e de uma camada fina branca que pavimentou o chão da basílica poderiam confirmar estas balizas cronológicas se tivéssemos acesso aos resultados ou se tivesse associada a uma estratigrafia bem registada<sup>409</sup>.

Godoy Fernández<sup>410</sup> explica que esta ampliação não pode só ser observada no revestimento em mármore do pavimento, das paredes e do interior da piscina batismal<sup>411</sup> de uma simples igreja paroquial, mas sim na atenção dada ao engrandecimento da própria paróquia a um centro de peregrinação<sup>412</sup>, atraindo um conjunto de fiéis à devoção do rito batismal como um símbolo teológico-litúrgico.<sup>413</sup> Contudo, esta hipótese é construída com base na imponência do sítio arqueológico como um todo, destarte não tem fundamentos para tal interpretação.

Suscita curiosidade o facto de só numa das salas do complexo batismal estar o batistério de planta singular cruciforme, onde esta especificidade fora atribuída anteriormente ao batismo infantil possibilitado pelas duas piscinas laterais mais pequenas. Segundo Godoy Fernández<sup>414</sup>, Beltrán de Heredia<sup>415</sup>, Ulbert<sup>416</sup>, Testini, Iturgáiz e Palol, este exemplo encontra paralelos em Alconétar (Cáceres), no batistério de Vila Verde de Ficalho (Serpa, Alentejo), na Casa Herrera (Badajoz) e no Norte de África, em Iunca (Tunísia), sendo uma disposição frequente no sudoeste peninsular. No entanto, esta ideia de que se faria uma prática dupla do ritual do batismo, a partir do séc. VI, carece de provas, continuando a ser atualmente uma ideia discutida.

As propostas de Palol<sup>417</sup> encaixam na primeira fase mencionada por Maloney, da segunda metade do séc. IV, atribuindo importância à relação contínua com a *villa* romana. Ou nas de Almeida, no que refere a baliza cronológica relativa às obras de ampliação do complexo batismal, colocando-as entre os finais do séc. V e o séc. VI. Também neste caso,

---

<sup>409</sup>MALONEY, 2022.

<sup>410</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1995:303. Ulbert também defende a existência de duas fases construtivas do complexo batismal, citando T. ULBERT, *Frühstückstische Basiliken mit Doppelapsiden auf der Iberischen Halbinsel*, Berlin 1978.

<sup>411</sup>MALONEY, 2022:76.

<sup>412</sup>Citando CARNEIRO, 2009:218: “(...) constroem-se pequenos conjuntos monásticos em zonas próximas de grandes eixos de comunicação, funcionando possivelmente como pontos de apoio para peregrinos. (...) mas em alguns casos, como Torre de Palma, conseguimos perceber a relação com a via existente nas proximidades.”

<sup>413</sup>Citando MALONEY, 2022:76 “A área em frente à abside oriental foi realçada com placas de mármore semelhantes às que foram usadas no batistério, para ligar as absides este e Oeste foi construído um *solea* ou passeio e as naves laterais foram pavimentadas com tijoleira.” Ideia apoiada por VIZCAÍNO SÁNCHEZ, 2007:443, e acrescenta a similitude com o exemplo da Casa Herrera.

<sup>414</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1989b:615.

<sup>415</sup>BELTRÁN DE HEREDIA *et al.*, 2017:190.

<sup>416</sup>ULBERT, Thilo (1978) - *Frühstückstische Basiliken mit Doppelapsiden auf der Iberischen Halbinsel*, Berlin 1978.

<sup>417</sup>PALOL, 1966:79-82.

difícilmente se conseguirá inferir uma datação, somente admitir certas características arquitetónicas semelhantes às da basílica da Casa Herrera.

É claro o programa de obras entre séc. I ao séc. V, sofrendo outras intervenções no período visigótico, entre os sécs. V e VII. Deste investimento, finalizados entre os anos 350-360, construiu-se a basílica cristã, o batistério, o lagar de azeite, as termas ocidentais<sup>418</sup>, novos edifícios a Sul da basílica e a casa sudoeste. Ideia também reforçada pela presença de enterramentos cristãos no cemitério noroeste datado do séc. V<sup>419</sup>. É presumível pensar que este processo de monumentalização foi generalizado por toda a Península, no entanto, as grandes reformas sofridas pelos edifícios não permitem reconhecer factualmente esta ideia<sup>420</sup>.

Atualmente, considera-se que o mais provável seria que a basílica seja posterior ao séc. VI, que corresponderia à construção de um edifício com planta retangular, de três naves, divididas por colunatas e de orientação nordeste-sudeste, com um vestíbulo e um pequeno átrio. Dotava de duas absides contrapostas contemporâneas na sua construção, a abside ocidental teria uma função funerária. Em ambos os lados da abside oriental existiriam duas salas, ao qual, numa delas estaria uma pequena piscina batismal quadrangular com degraus no lado Norte e revestida por uma camada fina de argamassa. Num terceiro momento, entre os finais do séc. VI/VII, o edifício de culto sofreu novas reformas incluindo a repavimentação do edifício com placas de mármore, a instalação de placas de cancelas decoradas e a construção do grande complexo batismal anexado à parede Sul do edifício com seis salas. Uma delas teria uma piscina cruciforme revestida por placas de mármore e as outras salas teriam a presença de inumações<sup>421</sup>.

O setor Oeste sofre reformas com a adição de uma pequena basílica interpretada como *martyrium* para onde terão sido transferidos os restos mortais venerados na abside ocidental da igreja primitiva. Estão documentadas 39 sepulturas dentro da basílica, 40 no cemitério noroeste e 18 no setor sudoeste, datadas entre os sécs. IV e VII, apesar de não existir muitos elementos publicados que permitam esta atribuição cronológica<sup>422</sup>.

Com efeito, reconhece-se a grande dificuldade na elaboração desta ficha de catálogo para o batistério de Torre de Palma. O facto de não haver uma estratigrafia clara, tanto para a basílica como para o complexo batismal, não permite estabelecer balizas cronológicas

---

<sup>418</sup>HELENO JÚNIOR, 1962:7, citando: “Ela apresentava um corpo central, de forma trapezoidal, medindo do lado WSW, 92,5 m e de WSW para ENE, 100 m, de que se destacavam umas termas importantes a Ocidente uns banhos (*balineum*) mais modesto a leste, com *frigidarium* e *caldarium*, possivelmente para uso da família serva.”

<sup>419</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:269; CORDERO RUIZ, 2013:304; MALONEY, 2022:32.

<sup>420</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:89.

<sup>421</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:149-150, 269.

<sup>422</sup>*Ibidem*, 2007a:151.

fidedignas. Para além de que os registos de campo e o relatório das escavações de Maloney não estarem acessíveis à comunidade científica<sup>423</sup>, continuando assim a sequência cronológica apresentada para os edifícios a suscitar muitas dúvidas.

## 6.9. Vila Verde de Ficalho, Serpa

O próximo caso está enquadrado no distrito de Beja, no município de Serpa, na Vila Verde de Ficalho. O sítio identificado na Igreja moderna de São Jorge não é o único assinalado em Serpa. De entre eles, as *villae* romanas ocupadas e depois cristianizadas de Alpendre de Lagares, da Herdade da Abóbada e do Monte da Salsa. Outros sítios congruentes com a etapa visigoda estão identificados no Carrascalão, em Nossa Senhora das Pazes e no Assento de Chico Roupa. E graças às prospeções de Monge Soares foi possível reconhecer o sítio da Torre Velha 3, também associado ao período tardo-romano e visigótico.

Os primeiros trabalhos associados à Igreja de S. Jorge surgem em 1986, sob o projeto “O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana (Concelhos de Serpa e Moura)”, durando um ano. No começo da década, em 1991, foi descoberto o batistério e escavado por Monge Soares, publicando pela primeira vez a sua planta (fig. 31). Os trabalhos arqueológicos ocorreram no contexto da continuação das escavações iniciadas na década de 80 nos arredores da igreja de São Jorge, com o objetivo de transformá-la no Museu de Ficalho.

Em 1996, as tarefas focaram-se na prospeção e levantamento arqueológico do concelho para a publicação da Carta Arqueológica do Concelho de Serpa. Chegando ao entendimento de que provavelmente a atual Vila Verde de Ficalho correspondia à antiga *Fines*, sob a responsabilidade de Conceição Lopes, Carvalho e Melo<sup>424</sup>. No ano seguinte, em 1997, foram feitas prospeções preventivas “ao longo dos troços de conduta do sistema adutor do aproveitamento hidráulico da barragem do Enxoé, no concelho de Mértola”<sup>425</sup>.

Os trabalhos no séc. XXI, focaram-se na realização de um levantamento das ocorrências patrimoniais mencionadas na bibliografia relacionada com a área abrangida pelo projeto "EIA - IP8 Beja - Vila Verde". Além disso, foi realizada uma prospeção no terreno

---

<sup>423</sup>A descrição arqueológica deste sítio, na sua maioria, foi feita a partir do livro de Cristina Godoy Fernández (1995) e Chavarría Arnau (2007a).

<sup>424</sup>“(…) sendo então simultaneamente um limite de província entre a Bética e a Lusitânia e um ponto de fronteira entre as cidades de Pax Ivliá e Arucci.”, mencionado no Itinerário de Antonino, citando a informação anunciada no Portal do Arqueólogo.

<sup>425</sup>Projeto EIA - Sistema Adutor do Aproveitamento Hidráulico do Enxoé, Serpa/Mértola, sendo os responsáveis Cláudio Torres, Santiago Macías e Virgílio Lopes.

para identificar possíveis sítios e estruturas de interesse histórico e científico. Outros trabalhos de prospeção<sup>426</sup> e de acompanhamento de obras estão mencionados no Portal do Arqueólogo.

Fixando agora na igreja de São Jorge (construída na primeira metade do século XVI), destaca-se pela sua particularidade ao reutilizar elementos arquitetónicos romanos na sua construção. Um exemplo disso é o púlpito que repousa sob um fragmento de coluna e uma base de coluna, enquanto o chão possui de duas lajes de mármore de São Brissos<sup>427</sup>, também reaproveitadas.

Durante a limpeza da canalização ao longo do limite oriental do setor Norte, que ressurgia novamente a Sul da igreja, foi surpreendentemente descoberto que a mesma datava da época romana. Essa descoberta levou ao início das escavações arqueológicas na área. Diversas campanhas de escavação foram realizadas, resultando na definição de dois setores distintos: o setor A, localizado a Norte da igreja, e o setor B, ao Sul.

Infelizmente, constatou-se que o cemitério e o ossário, construídos durante a rematação do antigo cemitério, tinham destruído grande parte das estruturas antigas e perturbado significativamente a estratigrafia existente. A situação representou um desafio para os arqueólogos, pois a estratigrafia havia sido revolta ou removida devido a essas intervenções posteriores.

Durante as escavações arqueológicas, foi revelado que a canalização mencionada anteriormente continua sob a igreja e termina no setor B, onde se encontra um depósito de decantação de água. Essa estrutura repousa sob uma construção anterior e é seguida por um amplo tanque retangular revestido em *opus signinum*. Apesar das grandes destruições causadas pelas sepulturas dos séculos XIX e XX, as estruturas romanas encontradas sugerem uma possível *mansio/mutatio*<sup>428</sup>. Em 1934, a umas dezenas de metros a sudeste foram registados vestígios de um hipocausto, despontando a ideia de um complexo termal.

No decorrer das escavações no setor B, a área a Norte revelou interessantes reaproveitamentos tardios das estruturas romanas. Vários compartimentos foram encontrados, caracterizados por pavimentos feitos de *opus signinum* e paredes com revestimentos parietais pintados. Além disso, foram descobertas diversas sepulturas tardias embutidas na argamassa da igreja.

Porém, uma descoberta particularmente significativa ocorreu quando uma sepultura contendo uma placa de mármore datada do ano 626 e com uma cruz pátea foi registada<sup>429</sup>,

---

<sup>426</sup>WOLFRAM, 2011:23.

<sup>427</sup>Confira LOPES, CARVALHO, GOMES, 1997:121-123, para ver mais informações sobre as lajes funerárias.

<sup>428</sup>LOPES, 2003:41,54-55,213.

<sup>429</sup>WOLFRAM, 2011:44.

confirmando que a área em questão se tratava de uma basílica, indicando “(...) uma cristianização já a decorrer no século V”. A basílica, por sua vez, reutilizou um espaço pré-existente que fazia parte da *pars rustica* de uma *villa* ou talvez de uma *mansio/mutatio*<sup>430</sup>. A construção atual da igreja de São Jorge foi feita sobreposta à basílica, indicando uma justaposição de edifícios construídos ao longo de um período de dez séculos. A sobreposição pode sugerir a existência de uma igreja medieval anterior, uma vez que foram encontradas sepulturas dos séculos XIV/XV parcialmente abaixo ou adjacentes à parede Sul da igreja, fornecendo mais evidências nesse sentido<sup>431</sup>. A correspondência entre a igreja de São Jorge e a nave central da basílica, segundo os arqueólogos responsáveis, é notavelmente precisa. Os compartimentos visíveis nos setores A e B são quase paralelos aos muros da igreja quinhentista e provavelmente faziam parte das naves laterais da basílica tardo antiga. A orientação do edifício religioso era Este-Oeste, ligeiramente mais inclinada para o Norte em relação à igreja atual.

Em 2010, ocorreu uma intervenção sob a responsabilidade de Wolfram e Monge Soares, concentrada no setor A, localizado a Norte da igreja de São Jorge. A intervenção teve como objetivo principal a limpeza e o registo das estruturas existentes (nomeadamente do batistério), bem como a revisão do material, principalmente da *Terra Sigillata*<sup>432</sup>, descoberta nas escavações realizadas nas décadas de 80 e 90, mas que se encontravam na sua maioria descontextualizadas.

O complexo batismal<sup>433</sup> (fig. 31) é formado pela piscina tal como o espaço circundante, cujo “chão é composto por *opus signinum* (rosa-alaranjada) e que se encontra parcialmente fechado por diversos muros”. A piscina sofreu danos parciais na parte Nordeste devido à abertura do ossário durante o encerramento do cemitério. Contudo, no lado Sul, a parte superior das paredes encontra-se 25 cm mais baixa (cota - 1,40 m) em comparação com a parte superior Noroeste (cota - 1,14 m). A diferença de cota ocorreu devido à destruição causada pela escavação de uma sepultura moderna nesse lado da piscina.

O método construtivo da piscina é homogêneo e consiste principalmente em tijolos medindo 30 por 47 cm, sustentados com uma argamassa esbranquiçada e completamente revestidos por *opus signinum*. A estrutura da piscina não apresenta grandes variações, exceto numa parte da parede Sul da pequena piscina, onde foram utilizadas duas pedras,

---

<sup>430</sup>WOLFRAM, SOARES, 2014:59.

<sup>431</sup>WOLFRAM, SOARES, 2014:60.

<sup>432</sup>Sendo a maioria *Terra Sigillata* Clara A e C, com balizas cronológicas entre meados do séc. II e os finais do séc. III.

<sup>433</sup>WOLFRAM, SOARES, 2014:63-65.

possivelmente reaproveitadas de uma coluna. Além dessa pequena variação, não foram identificados outros remendos ou modificações na planta da piscina, sugerindo ser uma construção única e que manteve a sua forma original ao longo do tempo.

O batistério remanescente é composto por uma piscina retangular (piscina 1), orientada Norte-Sul, com as seguintes medidas: 2,10 m de comprimento interno, 65 cm de largura e 80 cm de profundidade máxima. A entrada para a piscina é feita a Sul, por meio de três degraus com alturas variando entre 20 e 33 cm, sendo o degrau central o mais baixo. Pelo lado Norte, há quatro degraus, com alturas variando entre 23 e 40 cm, sendo o segundo degrau também o mais baixo, assim como o degrau oposto. Embora a parte superior Sul tenha sido destruída, é possível presumir que a entrada por esse lado também fosse composta por quatro degraus, assim como no lado Norte. O espaço interno da piscina central mede 76 por 60 cm e apresenta um pequeno orifício circular no canto nordeste, provavelmente para o escoamento da água<sup>434</sup>.

No meio da piscina principal, ao longo de sua parede ocidental, encontra-se uma segunda piscina localizada 80 cm acima. A piscina 2 mede 52 por 60 cm, ao qual os autores<sup>435</sup> sugerem que “a presença de uma pequena piscina lateral é difícil de perceber, poderá ter a ver com o sítio onde se posicionaria o membro do clero enquanto batizava ou, então, onde seriam batizadas as crianças”.

No centro da parede ocidental da piscina 1, foi construída uma estrutura que aparenta ser um suporte para uma possível conduta que conectava as duas piscinas. Essa estrutura estende-se por toda a altura da piscina 1, medindo 30 cm de largura na parte inferior e estreitando para 20 cm na parte superior. Entre os tijolos superiores dessa estrutura observou-se os vestígios de um tubo de chumbo que permitia a chegada da água<sup>436</sup>. Dessa forma, puderam concluir que é altamente provável que as duas piscinas ficassem submersas ou, pelo menos, a pequena piscina pudesse ficar húmida com a chegada da água por meio da conduta, sendo a intenção encher a piscina maior<sup>437</sup>.

A extremidade da piscina é finalizada por uma parede de tijolos que provavelmente percorreria todo o perímetro da piscina. Ao seu redor encontra-se preservada a canelura em *opus signinum* no chão, particularmente contra as paredes Norte e Noroeste. Assim como ao longo da parede da piscina 2.

---

<sup>434</sup>Vide, nota de rodapé 437.

<sup>435</sup>WOLFRAM, SOARES, 2013:67.

<sup>436</sup>Um pequeno trecho dessa conduta também foi registado próximo à piscina, a oeste.

<sup>437</sup>WOLFRAM, SOARES, 2014:64.

Ao observarem a planta geral da piscina batismal, ficou evidente que não seguia exatamente o alinhamento dos muros, orientados de Nor-noroeste a Su-sudeste. A orientação da piscina é estritamente colocada no eixo Norte-Sul em relação à sua escala, enquanto a pequena piscina segue o eixo Este-Oeste, essa orientação é perfeitamente paralela à igreja do século XVI. Todavia, os muros a Leste da piscina estão alinhados no eixo Norte-Sul, paralelos a esta, o que sugere que esses muros foram construídos para delimitar o espaço do batistério. Essa reestruturação pode indicar uma clara intenção de criar um ambiente separado e dedicado ao ritual do batismo dentro do contexto preexistente<sup>438</sup>.

Resumindo, o batistério apresenta uma piscina central retangular com degraus contrapostos e uma piscina mais pequena a Oeste. Os arqueólogos apontam similitudes, para a piscina maior, a outros casos na Lusitânia, como Milreu, Torre de Palma, La Cocosa, Valdecebadar, Alconétar, San Pedro de Mérida e na Casa Herrera. Por outro lado, a particularidade de uma ou mais piscinas aparece noutros exemplos como Torre de Palma, Alconétar e na Casa Herrera<sup>439</sup>.

Foi possível identificar dois momentos construtivos distintos para a basílica cristã comprovado também noutros sítios por toda a Lusitânia, como na Casa Herrera ou em Alconétar, este seria mais um exemplo de uma igreja construída entre estruturas pré-existentes adaptando-se ao espaço disponível<sup>440</sup>. Este exemplo, como tantos outros, torna-se difícil de discutir os elementos cronológicos porque as publicações disponíveis não nos parecem muito credíveis pelo facto de não disporem de uma estratigrafia concordante ou os materiais não receberem a atenção devida.

## 6.10. Mértola, Beja

A cidade de Mértola está fortemente relacionada com a sua localização estratégica, implantada num ponto elevado, rodeado a leste, pelo rio Guadiana e, a ocidente, pelo ribeiro de Oeiras, detendo condições naturais de defesa excelentes. Por outro lado, o facto de estar posicionado no ponto mais extremo possível de ser navegado do rio Guadiana, torna-a o último ponto de desembarque.

---

<sup>438</sup>*Ibidem*, 2014:68.

<sup>439</sup>*Vide*, nota de rodapé anterior.

<sup>440</sup>WOLFRAM, 2011:44.

Durante os últimos 30 anos de escavações da cidadela, a encargo do Campo Arqueológico de Mértola<sup>441</sup>, foram postas a descoberto as estruturas que compõem o “complexo religioso” de Mértola (fig. 32), onde estaria o antigo *forum* romano de *Myrtilis*. O interior deste edifício religioso é constituído por um pátio ou um espaço aberto<sup>442</sup>, um compartimento a Norte com um corredor em cotovelo, um espaço adossado à abside, delimitado a Sul e a Norte por uma galeria porticada<sup>443</sup>. As paredes interiores seriam reforçadas por pilastras<sup>444</sup>, “ligeiramente mais estreitas que o embasamento, em cujo topo assentaram os madeiramentos que suportavam os telhados”. A basílica de planta retangular contém no seu interior um tanque ou uma piscina batismal octogonal (1), rodeada por um deambulatório. No espaço central, abre-se a Leste uma abside em arco de ferradura contemplando no chão um negativo indicando um possível pé de altar<sup>445</sup>. O pavimento da galeria porticada e do deambulatório estavam revestidos por um belo tapete de mosaicos (identificado em 1999) do qual restam apenas fragmentos<sup>446</sup>.

Virgílio Lopes deu-nos a conhecer um piso em mosaico retratando uma cena de caça de um cavaleiro a caçar com a ajuda de um falcão e encontra para ele similitudes em alguns lugares: num mosaico de Cartago, datado do séc. V ou inícios do séc. VI; no mosaico funerário de *Crescentinus* (Tabarka), do séc. V, atualmente exposto no Museu de Bardo na Tunísia, nas proximidades de Hergla, datado do séc. VI; e, em Argos, também com a mesma cronologia do séc. VI<sup>447</sup>.

A piscina batismal 1 (fig. 33), de planta octogonal, apresenta uma altura máxima de 1,07 m, e no interior teria uma largura entre 1,12 m na base e 1,5 m na parte de cima; apresenta ainda como medidas perimetrais, 3,5 m Norte-Sul e 4,46 m de Este-Oeste. O acesso ao batistério era feito por duas escadarias simétricas, cada uma com dois lanços de degraus, a Nascente e Poente<sup>448</sup>.

---

<sup>441</sup>Cláudio Torres em 1977 criou o Campo Arqueológico de Mértola, no âmbito da continuação dos trabalhos de Estácio da Veiga.

<sup>442</sup>Virgílio Lopes (2013a:177-178) acredita que o pátio media cerca de 25 m de comprimento e 15 m de largura, de planta retangular, com paredes de xisto argamassada de bom calibre.

<sup>443</sup>MACIAS, 2006:328-333; LOPES, 2013a:176, 2015:109, 2018:4.

<sup>444</sup>LOPES, 2013a:178. Ao todo seriam visíveis seis pilastras no muro Ocidental, três no muro Norte e sete no muro Oriental.

<sup>445</sup>*Ibidem*, 2013a:184.

<sup>446</sup>LOPES, 2015:111, cfr: “La organización del espacio litúrgico alrededor del baptisterio de Mértola se asemeja a otros sitios de la misma época. Los catecúmenos caminarían, en cortejo, por el pórtico de los mosaicos entrando en el batistério por la puerta Oeste, e se dirigirían a la fuente batismal. Ya bautizados, los neófitos subían las escaleras en dirección al altar donde serían recibidos por el obispo para una primera comunión. Teniendo en cuenta que en esa época el bautismo se celebraba únicamente en la Pascua, este conjunto arquitectónico pudo ser utilizado también para los catecúmenos, o sea como lugar destinado a preparar a los aspirantes a cristianos.”

<sup>447</sup>LOPES, 2005:915,921; MACIAS, 2006:327-328; BERNARDES, 2009:341.

<sup>448</sup>LOPES, 2013a:181, 2017:4.

Todavia, seria abastecido por um sistema hidráulico composto por uma tubagem inserida na canalização em alvenaria, de 22 cm de largura e 27 de altura, que por sua vez estaria ligada à piscina por um orifício de 15 por 15 cm. Posteriormente, a água seguia para um pequeno tanque quadrangular (de 30 cm de lado e 2,80 m de profundidade), continuando através de um outro tubo até ao pináculo perfurado de onde sairia a água, localizado no centro da piscina batismal. Lopes acredita que o pequeno pináculo (fig. 34), encontrado fora da piscina em dois fragmentos, faria parte do pé de suporte de uma pia, como exemplificado no museu de *Antiquarium del Celio*, que encaixaria no centro da base da piscina<sup>449</sup>.

Por outro lado, a piscina foi inteiramente construída em *opus latericium*, delimitada por oito pequenos absidiolos, com um ressalto em forma de degrau que serviria de assento e em certas zonas de acesso ao interior está revestido por painéis de mármore (*opus sectile* aparece na parede exterior do batistério). Seriam reaproveitamentos de outras fases pela sua diversidade policromática e tipológica. Perto da piscina foram encontrados um pequeno fuste de coluna e dois fragmentos de cornija trabalhada<sup>450</sup>, possivelmente integrados no complexo batismal, sugerindo a existência de um baldaquino ou uma cúpula ou um *cimborium*<sup>451</sup>. Neste âmbito Lopes acredita que esta presumida piscina, pela planta e paralelos em Barcelona (a piscina octogonal de Saint Jean veio substituir a mais antiga piscina cruciforme), em Ligúria (Itália), na Tunísia (Cartago), na Ljubljana (Emona, Eslovénia), coloca cronologicamente o exemplo de Mértola, entre os séculos IV e VII<sup>452</sup>.

A imagem e a descrição estrutural da piscina quase de imediato nos faz pensar na possibilidade de não ser um batistério, mas sim uma fonte ornamental no centro de um *impluvium*. Esta incerteza é desde logo referida pelo próprio Lopes<sup>453</sup>, explica a sua dificuldade na distinção de um *frigidarium* e um *baptisterium*, devido à existência de estruturas com a tipologia octogonal relacionados aos complexos termais. Apesar dos exemplos em Conimbriga, Évora ou em Antioquia (Balneário C), na cidade de Mértola não foram identificadas as termas da capital da *civitas* romana. Também é sugerida por Alarcão<sup>454</sup> a possibilidade desta piscina ser uma fonte ornamental presente numa residência de uma família rica, também pelo facto de o edifício onde está inserido não ter uma planta típica de uma basílica cristã.

---

<sup>449</sup>*Ibidem*, 2013a:180.

<sup>450</sup>*Ibidem*, 2013a:184-185.

<sup>451</sup>Em Portugal, só na basílica de Torre de Palma sobreviveu aos arranques de quatro pilares sugerindo a construção de um baldaquino.

<sup>452</sup>MACIAS, 2006:333-337; LOPES, 2013a:179,181; 2015:110-111.

<sup>453</sup>MACIAS, 2006:328-329; LOPES, 2013a:275-279, 2018:14-17.

<sup>454</sup>ALARCÃO, 2017:308.

Dado ao seu planeamento cuidado em termos de construção, à sua monumentalidade e aos seus acabamentos idealizados, Torres diz que esta estrutura se manteve em uso entre os sécs. V e VII. Proposta que se deve também face ao descobrimento de um fragmento de fundo de *sigillata* foceana tardia, datada dos meados do séc. V a meados do séc. VI, retirada ao desmontar os blocos da abóbada da abside, podendo assim datar a sua possível construção entre os sécs. V-VII<sup>455</sup>. No entanto, face ao contexto do achado e ao facto desses elementos terem sido retirados da abside que ficaria a 5 m do chamado batistério 1, perdem parte da sua relevância como elemento cronológico do próprio batistério pela sua distância. Outro elemento que é apontado para o carácter cristão do edifício tem a ver com a identificação de uma cruz pátea de mármore cinzento durante as campanhas arqueológicas de 1981<sup>456</sup> ou a recolha de um fragmento de mármore branco<sup>457</sup>, possivelmente proveniente de uma mesa de altar, “reutilizada nas paredes da casa islâmica implantada na zona do batistério”.

Ao longo dos anos 80, foram realizados trabalhos arqueológicos na zona intermédia da encosta do Castelo de Mértola, sendo o enfoque principal a investigação da necrópole medieval e nos vestígios do bairro islâmico<sup>458</sup>. Nas últimas décadas, a zona serviu de espaço de aprendizagem para os alunos do curso profissional de Assistente de Arqueólogo da Escola Profissional ALSUD<sup>459</sup>.

Em 2013, o CAM, com o objetivo de compreender a estratigrafia na encosta do castelo, prosseguiu com o desmantelar progressivo das estruturas islâmicas pondo a descoberto um edifício<sup>460</sup> com 23 m por 7,75 m de medidas exteriores e de orientação Este-Oeste. A Sul, o edifício conserva um muro de 60 cm de largura e 2,74 m de altura, e do seu lado oposto, um muro com cerca de 55 cm de largura e com 19 m de extensão. A Norte, outro muro com parte do seu reboque ainda intacto e com largura de 80 cm. Embutida entre estes dois muros encontra-se uma canalização retangular que termina numa construção com três degraus num nível superior. No seu compartimento central descobriram-se duas bases de coluna e um fragmento de cancela que poderá sugerir a localização do altar<sup>461</sup>. Ao nível das cronologias, os arqueólogos propuseram que a construção do edifício basilical ocorreu a partir de 356/358, devido a uma moeda encontrada no fundo da piscina batismal funcionando como

<sup>455</sup>MACIAS, 2006:332-333; LOPES, 2017:7-8.

<sup>456</sup>TORRES et al., 1991:45 *apud* LOPES, 2013a:197.

<sup>457</sup>WOLFRAM, 2011:51,87; *Cfr:* ficha de catálogo nº29, LOPES, 2013:212. Apresenta um comprimento de 30 cm e a largura máxima de 29 cm e está envolvida por uma moldura em meia cana, separada nos cantos por uma palmeta.

<sup>458</sup>MACIAS, S., (1992) – “Silos 4 e 5 de Mértola – proposta de datação do espólio cerâmico”, in *Arqueologia Medieval*, nº1, CAM/Afrontamento, Porto, pp.35-38.

<sup>459</sup>LOPES, 2013a:251.

<sup>460</sup>*Ibidem*, 2013a:242-247, 2013b:823-829, 2018:8-13.

<sup>461</sup>*Ibidem*, 2015:113-116.

*terminus post quem*, há falta de outros elementos de datação mais precisos e recolhidos em contextos mais seguros.

O batistério 2 (fig. 35 e 36), no que diz respeito às suas dimensões exteriores, tem 4,8 m de largura, incluindo as estruturas laterais do absidiolo com o portão; a sua largura interior média é de 3,25 m; tem de profundidade máxima 1,52 m, com 1,16 m de profundidade para o orifício de drenagem. O seu interior, construído em *opus caementicium*, apresenta uma escadaria com diferentes alturas (o primeiro degrau tem 32 cm de altura, o segundo e o terceiro têm 41 cm e o quarto tem 34 cm), mantendo a sua planta octogonal, sendo o fundo forrado por duas placas de mármore irregulares. O único paralelo associado é o de Marselha.

Nos níveis de derrube, na zona exterior Sul e dentro do designado batistério, foram identificados tijolos e fragmentos de frescos que permitiram reconhecer um programa pictórico<sup>462</sup> com “*varias figuras humanas, motivos geométricos y florales, y posibles símbolos*”. Estes achados poderiam fazer parte de um baldaquino ou de uma abóbada. Os restos identificáveis “parecem assemelhar-se aos programas pictóricos das pinturas das catacumbas de Roma” ou aos frescos identificados nas proximidades do batistério de Barcelona<sup>463</sup>, permitindo assim, face a estes paralelos, datar os frescos do séc. VI<sup>464</sup>.

Do pouco material cerâmico proveniente dos derrubes, incorporados nas argamassas das paredes, identificaram-se dois fragmentos de *Terra Sigillata* africana clara D, balizada entre o ano 450 e a primeira metade do séc. VI e o segundo, datado dos anos 350 e 450. Da mesma camada saiu um denário datado de 103 a.C. Neste caso, os arqueólogos não conseguem justificar o seu achado, visto que saiu de um contexto selado mais tardio, pressupondo assim a utilização da moeda em época muito posterior ou então seria resultado de um acaso. Outro numisma surgiu do interior da piscina batismal: um bronze de Constantino I, com cronologias 341 a 348<sup>465</sup>.

A escavação proporcionou um amplo conjunto de fragmentos de cancelas vazadas (fig. 37), de diferentes tipos de mármore e decorações, “parece(ndo) tratar-se de painéis quadrangulares, trabalhados em ambas as faces (...) para serem vistos dos dois lados”. Estes surgiram no interior e no exterior do batistério, na abside central e do pequeno tanque a Norte do batistério. Apresentam algumas características semelhantes com as cancelas de “Tipo V” de Algezares (Murcia), datadas do séc. VI-VII<sup>466</sup>.

---

<sup>462</sup>*Ibidem*, 2013a:259-26, catálogo nº142-161, 2015:114.

<sup>463</sup>Conservados no Museu de História de Barcelona.

<sup>464</sup>LOPES, 2018:9.

<sup>465</sup>LOPES, 2013a:263, 2013b:829-836.

<sup>466</sup>WOLFRAM, 2011:57; LOPES, 2013a:264-265.

Durante os sécs. V-VI, a arquitetura religiosa foi construída nos subúrbios e na área da antiga acrópole. As edificações do possível *forum* foram reformadas e adaptadas às novas necessidades surgidas com a chegada do Cristianismo<sup>467</sup>. O tema do ritual do batismo, também neste caso, criou dúvidas e questões, especialmente em relação à profundidade dos supostos batistérios de Mértola. Ambos não permitem a total imersão de um adulto, só se este se pusesse de cócoras ou de joelhos dentro da piscina. Como já foi referido noutros capítulos, Godoy Fernández<sup>468</sup>, defende a possibilidade de um ritual misto, por imersão ou por aspersão - “*acción de echar agua sobre la cabeza de quien se bautiza*”.

As dúvidas relativamente ao designado “batistério 1”, e à sua interpretação como tal, são inteiramente legítimas. A sua composição estrutural ou até a própria estrutura onde este está inserido, assemelha-se muito mais a uma fonte ornamental localizada num pátio central do que a uma piscina batismal. Na verdade, o único que podemos dizer ser uma piscina batismal é o “batistério 2”. A planta do edifício onde este se encontra, apesar de só estar dotada de uma nave principal, tem as características de uma basílica cristã, como o coro e uma abside quadrangular, datado da segunda metade do séc. V, mantendo-se em funcionamento nos séculos seguintes. Convém, por último, ainda referir que a ideia de que Mértola teria um “complexo religioso” perde credibilidade também por não existir testemunhos escritos de que Mértola teria um bispo durante a Antiguidade Tardia<sup>469</sup>.

## 6.11. Milreu, Faro

Um dos últimos exemplos que compõem este catálogo situa-se no Sul português, na costa algarvia, na *villa* romana de Milreu. O sítio arqueológico de Milreu encontra-se localizado num pequeno outeiro, no sopé da serra de Monte Figo, na margem esquerda do rio Seco, próximo da atual povoação de Estói, a cerca de 9 km da cidade de Faro<sup>470</sup>.

Uma das primeiras menções das ruínas surgiu no volume publicado por Fr. Vicente Salgado, em 1786, *Memórias Ecclesiasticas do Reino do Algarve* e no *Catálogo dos Bispos do Bispado do Algarve*. Em 1674, nas *Constituições Synodales da Diocese*, D. Francisco Cano explica que se deveria escrever sobre as “*muytas ruinas & columnas*” que existiriam em Estói<sup>471</sup>.

---

<sup>467</sup>LOPES, 2013a:175-207.

<sup>468</sup>GODOY FERNÁNDEZ, 1989b:611-613, LOPES, 2013a:273-274.

<sup>469</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2021:176.

<sup>470</sup>ALARCÃO, 1976, 1988:112-114.

<sup>471</sup>FRANCO, Mário Lyster (1943).

Séculos depois Estácio da Veiga identifica assertivamente o sítio e realiza escavações extensivas a partir de 1877, resultando na publicação de uma planta geral detalhada da *villa* romana que incluía estruturas e compartimentos, atualmente enterrados (figs. 38 e 39). Vinte anos após as suas campanhas e investigações, o Cónego Pereira Botto<sup>472</sup>, focou a sua atenção na *villa* romana de Milreu, auferindo na sua publicação da *Ichnographia parcial das construcções luso-romanas de Milreu*. Infelizmente ambos “abandonaram seus trabalhos sem os ter dado por findos”<sup>473</sup>.

Lamentavelmente, o sítio arqueológico foi deixado ao abandono por quarenta e poucos anos, apesar de estar classificado de Monumento Nacional desde 1932. Os trabalhos recomeçaram em 1941, sob a direção dos Monumentos Nacionais com o intuito de manutenção, proteção, conservação, restauro e consolidação das estruturas, especialmente no templo<sup>474</sup>.

A partir da década de 70 do século XX, as pesquisas arqueológicas em Milreu foram realizadas como parte de projetos conduzidos pelo Instituto Arqueológico Alemão (sob a orientação de Hauschild<sup>475</sup> e Lyster Franco<sup>476</sup>). Todavia, também em conexão com a construção do Museu Monográfico das Ruínas de Milreu, em 1985, desta vez sob a direção de Pedro M. Fialho de Sousa.

Os diversos trabalhos arqueológicos, ao longo dos sécs. XIX, XX e XXI<sup>477</sup>, permitiram identificar vestígios estruturais e artefatuais de uma *villa* romana imponente, com várias fases de construção e ocupação, datadas do séc. I ao séc. VII d.C., além de materiais relacionados ao séc. VIII e início do séc. X.

A escolha deste local para implantar a *villa* romana, com edificação datada do séc. I ou inícios do séc. II, seja uma paisagem rica em nascentes de água<sup>478</sup>, possibilitando o desenvolvimento da atividade agrícola, com destaque para a produção de azeite e vinho (*torcularia* - cinco prensas para azeite e outras três para vinho<sup>479</sup>). A *pars urbana* da *villa* de Milreu está disposta em torno de um amplo peristilo, cujo piso está revestido com mosaicos

---

<sup>472</sup>Este senhor foi o fundador do Museu Arqueológico de Faro.

<sup>473</sup>Vide nota de rodapé 475.

<sup>474</sup>Vide nota de rodapé 475; HAUSCHILD, 2008:17,18.

<sup>475</sup>O infame investigador Theodor Hauschild dirigiu campanhas nos anos 70, 80 e 90 (1971, 1988, 1991) e consequentes publicações de 1997, 2002 e 2008.

<sup>476</sup>Mário Lyster Franco é responsável pelos trabalhos arqueológicos de 1941 e publicações em 1994, 1997, 2001, 2002, 2008, 2010 e 2012.

<sup>477</sup>HAUSCHILD, TEICHNER, 2002:8-13; CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:279. Consulte Teichner (2008b:93-270) para uma descrição sucinta da historiografia do sítio arqueológico de Milreu.

<sup>478</sup>TEICHNER, 2008b:102-107.

<sup>479</sup>TEICHNER, 2006:212 *apud* RUIZ CORDERO, 2013:322; CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:280; TEICHNER, 2008b:618. Apesar da diminuição da produção de vinho e azeite, entre os sécs. VI e VII, o *torcularia* de Milreu continuou a ser utilizada.

adornados com motivos marinhos e geométricos<sup>480</sup>. As paredes são decoradas com pinturas, havendo também, um *impluvium* central e um jardim. No lado leste, encontra-se o *atrium* com vários compartimentos privados e uma cozinha, enquanto no lado Oeste situa-se o *triclinium*<sup>481</sup>. As termas (*balneum*) estão localizadas a Sudoeste, com vestígios preservados de diversos compartimentos, um vestiário de dimensões consideráveis e uma pequena piscina de água fria com mosaicos nas paredes e nos degraus, retratando temas marinhos, além de restos dos sistemas de canalização<sup>482</sup>. Na área nordeste da parte residencial, são identificadas as estruturas funcionais da *pars rustica*, como os lagares para a produção de vinho e azeite, áreas de armazenamento para produtos agrícolas (*dolia*) e compartimentos destinados a servos e escravos<sup>483</sup>.

Para além dos achados arquitetónicos foi identificado espólio remetente à etapa imperial, tais como, recipientes cerâmicos, materiais de construção, artefactos metálicos e em vidro, peças escultóricas<sup>484</sup>. Desde um busto de *Agripina* menor (datado do séc. I), de Adriano (do séc. II), de Galieno (do séc. III); para além de dois fragmentos de bustos femininos, outros dois masculinos, um busto de Baco jovem, entre outros.

Nas escavações de 1998, sob a responsabilidade da empresa ERA Arqueologia<sup>485</sup>, possibilitou a contabilização de um conjunto de *Terra Sigillatas* Itálicas, Sudgálicas e Hispânicas (em maior percentagem), na sua maioria pertencentes “à primeira fase de produção de cerâmica hispânica, de meados do século I a fins do século II” ou o exemplar cerâmico com decoração em folha de água, associado à segunda metade do séc. I, suportam a baliza cronológica fornecida pelos bustos acima descritos. Há que sublinhar a coleção de *Terra Sigillatas* Claras D, C e A que suportam as ocupações a partir do séc. II até ao séc. IV.

Os diversos projetos de construção e remodelação ocorridos na *villa* de Milreu entre os sécs. II e IV d.C. evidenciam o crescimento económico e a maior grandiosidade arquitetónica e artística, refletindo o elevado *status* social dos seus proprietários. Na *pars urbana* assentou-se novos painéis musivos<sup>486</sup>, “sem que a planta do séc. III tenha sofrido substanciais alterações.”

No séc. IV d.C., ocorre a construção do templo na zona Sul da *villa*, apelidado Santuário da Água, confiado ao culto das Ninfas ou das águas (fig. 40). No que lhe concerne,

<sup>480</sup>TEICHNER, 2008a:733-738, ótima descrição pormenorizada da *pars urbana*.

<sup>481</sup>*Ibidem*, 2008b:114-181.

<sup>482</sup>*Ibidem*, 2008b:181-207.

<sup>483</sup>*Ibidem*, 2008b:207-232.

<sup>484</sup>O espólio escultórico está disperso pelo Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, o Museu Regional de Lagos e o Museu Nacional de Arqueologia.

<sup>485</sup>MACEDO *et al.*, 2000:76.

<sup>486</sup>TEICHNER, 2008b:93-270; ALARCÃO, 2017:271.

tinha uma planta quadrangular com uma extensão em forma de abside para o Sul, com medidas de 31 m por 24,50 m, alcançando uma altura de aproximadamente 10 metros, totalmente construído em *opus latericium*<sup>487</sup>. Pavimentado com *opus sectile*, com as paredes revestidas com placas de mármore e a respetiva canalização que implica a sua finalidade de “templo-ninfeo”<sup>488</sup>. Foi também construído sob um pódio elevado e a sua área central estaria rodeada por uma galeria de colunas com capitéis coríntios, acessível mediante três degraus na entrada a nordeste. O edifício era ricamente decorado, apresentando um amplo painel musivo em volta da parede do pódio, com motivos aquáticos (peixes, golfinhos, um tritão, um monstro e motivos geométricos relacionados com a mitologia do mundo marinho<sup>489</sup>) e, tanto o piso quanto as paredes eram revestidos com mármore policromáticos.

Seguindo os padrões investigativos do séc. XX, este edifício religioso insere-se na tipologia dos “templos perípteros de tipo galo-romano”, típicos nas províncias imperiais romanas do Noroeste, como a Britânia, Germânia e Gália. Em território português, estas características foram identificadas no Sul da Lusitânia, na Quinta do Marim (Faro) e em São Cucufate (Beja), todos construídos em meados do séc. IV<sup>490</sup>. Outro fundamento para esta datação é a existência de “capitéis da colunata da galeria com as folhas expressamente vegetalistas” ou os tijolos nas zonas das cornijas, na verdade, acentuadamente verticais, sendo a proporção total das cornijas e o alinhamento das saliências numa linha reta imaginária indicam uma época tardia romana. Em plena escavação, num destes lateres foi encontrado um selo da oficina do fabricante, com o nome “*Frontinianvs*”, apenas tendo paralelos em *Astigi* (Sevilha). Para além destes elementos temos o material cerâmico e uma moeda datada da primeira metade do séc. IV<sup>491</sup>.

Inicialmente, o templo associado ao culto de divindades aquáticas, sofreu obras posteriormente, onde converteram a *cella* do antigo templo pagão ao Cristianismo (possivelmente no séc. IV ou séc. V<sup>492</sup>), abrigando um mausoléu, várias sepulturas e a construção de uma piscina batismal<sup>493</sup>. Sem embargo, o registo estratigráfico ambíguo não transmite nitidamente essa evolução<sup>494</sup>, admitindo outros autores que a conversão do edifício cultural poderá ter sido nos sécs. VI ou VII<sup>495</sup>.

<sup>487</sup>FRANCO, M. L. (1943); HAUSCHILD, TEICHNER, 2002:49-55; TEICHNER, 2008a:738, 2008b:250-256.

<sup>488</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:279-380.

<sup>489</sup>HAUSCHILD, 2008.

<sup>490</sup>HAUSCHILD, TEICHNER, 2002:54. Quando, neste século, existiria um bispo da cidade próxima de *Ossonoba*.

<sup>491</sup>HAUSCHILD, 1984/88: 145 *apud* HAUSCHILD 2008:20; TEICHNER, 2008b:254.

<sup>492</sup>JORGE, 2002:53; CARNEIRO, 2009:213.

<sup>493</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007a:104, 148.

<sup>494</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007b:210; RUIZ CORDERO, 2013:298, 305.

<sup>495</sup>CHAVARRÍA ARNAU, 2007b:213; RUIZ CORDERO, 2013:328.

Em contrapartida, a piscina batismal (fig. 41) de pequeno tamanho, localizada na ala direita, completamente revestido em *opus signinum*, de 1,60 m de comprimento e 0,80 m de largura, com três degraus opostos (24-26 cm por 14 cm) e com uma bacia quase quadrada (75 cm por 70 cm), está registada na planta de Estácio da Veiga, desde o séc. XIX<sup>496</sup>. É da opinião de Lyster Franco (1943) que pela sua diminuta dimensão, “devia servir apenas para crianças ou para qualquer cerimónia muito especial” e que “não é fácil conceber a existência de pés de adulto que conseguissem equilibrar-se em tão estreitos degraus, nem corpo de gente grande que pudesse movimentar-se em abluções portão pequeno recipiente.” Ainda assim, dataram esta piscina do séc. VI ou VII<sup>497</sup>, por ter sido erguida sob duas sepulturas de carácter cristão<sup>498</sup>.

O *fundus* da *villa* também apresenta diversas áreas sepulcrais, evidenciando as profundas transformações religiosas e rituais ocorridas na Antiguidade Tardia. Por exemplo, dentro da basílica foi indicado um pequeno mausoléu<sup>499</sup> e duas sepulturas visigóticas, pela forma retangular dos jazigos, a sua localização num espaço outrora sagrado e, por fim, pelos achados cerâmicos grosseiros e de formas simples dentro das sepulturas<sup>500</sup>. Estas não seriam as únicas sepulturas “cristãs” postas a descoberto, nas escavações de 1998<sup>501</sup>, no setor I, junto ao caminho, no limite Oeste da área residencial, destacam-se dois sepulcros. O espólio recolhido aponta para uma baliza cronológica dos finais do séc. IV e inícios do séc. V, “fase em que o templo terá sido cristianizado”.

Compilando, tanto no interior como em volta do grande templo, construído no séc. IV (plausível), presenciou-se, a partir do séc. V, um conjunto de enterramentos associados a uma comunidade cristã em crescimento. Eram construídas a partir dos materiais reutilizados da antiga *villa* e cobertos por pavimentos em *opus signinum* ou por lajes. Outros indícios da fase anterior foram retirados destas sepulturas como fragmentos de lateres, placas de mármore, soleiras de portas, restos da cancela de mármore que circundava o altar do templo, por sua vez, empregues num segmento do muro Noroeste do peristilo principal<sup>502</sup>.

A pesquisa arqueológica tem revelado que a maioria dos templos romanos na Hispânia não foram convertidos em igrejas cristãs, apesar de muitos desses edifícios continuarem a

<sup>496</sup>TEICHNER, 2008b:267-268.

<sup>497</sup>HAUSCHILD, TEICHNER, 2002:55-56.

<sup>498</sup>TEICHNER, 2001:190; BERNARDES, 2009:332-335.

<sup>499</sup>Composto por uma pequena abside semicircular ressaltando para este, que BERNARDES (2009:334, 2017:377), propõe ser um pequeno oratório, semelhante ao *locus funebris* de São Cucufate.

<sup>500</sup>Associado a uma cronologia anterior à do batistério do séc. VI.

<sup>501</sup>MACEDO *et al.*, 2000:71, 82.

<sup>502</sup>BERNARDES, 2009:333; BERNARDES, 2017:374-376.

existir dominando a paisagem<sup>503</sup>. Um exemplo desse cenário é o caso do templo de Milreu, cujo espaço também foi cristianizado e utilizado para sepultamentos paleocristãos, justificado pelas análises aos sedimentos compostos por *tesselae*, em vidro ou com folha de ouro, incrustadas nas argamassas<sup>504</sup>, comprovando que o “templo já estaria degradado na altura em que se fizeram os enterramentos paleocristãos no século V.”

Lamentavelmente, aquando dos trabalhos das escavações às mãos do Instituto Alemão, segundo os relatórios das escavações, foram desmontados “alguns muros assentes sobre as estruturas do séc. IV”, espelhando a desvalorização associada às fases construtivas posteriores ao apogeu do séc. IV no Sudoeste Peninsular<sup>505</sup>.

Independentemente das circunstâncias, nas proximidades da “basílica”, foram identificadas inscrições funerárias em árabe, que parecem fazer referência a uma família possivelmente nativa da região. Esses elementos epigráficos, juntamente com um conjunto de fragmentos de recipientes cerâmicos com características tardias, sugerem que a área da *villa* de Milreu permaneceu ocupada entre o século VII e as primeiras décadas do século X<sup>506</sup>. Não é de estranhar que a basílica, ainda funcional, também foi de grande importância, de acordo com testemunhos escritos, uma população outrora cristã agora se converteu ao Islão<sup>507</sup>.

A Sul do edifício de culto, sobre as ruínas romanas, encontra-se uma casa rural de planta retangular, com cantos cilíndricos, seguindo os padrões arquitetónicos rurais fortificados da época moderna<sup>508</sup>.

## 6.12. Conimbriga, Condeixa-a-Nova

Por fim, o último caso, localiza-se na antiga capital de *civitas* romana de Conimbriga. Situada numa plataforma proeminente na paisagem, circundada em grande parte por uma muralha, fluindo ao longo da escarpa natural que marca a vertente Sul, a ribeira de Rio de Mouros.

Durante os séculos V e VI, Conimbriga passou por mudanças significativas na sua estrutura e funcionamento, algumas delas continuando tendências do período anterior. A reconfiguração geral da paisagem urbana passa pela construção de novos edifícios modestos,

---

<sup>503</sup>ARCE, 2006:121-124; BERNARDES, 2009:334-335, 2017:379.

<sup>504</sup>TEICHNER, 2008b:252.

<sup>505</sup>BERNARDES, 2009:328.

<sup>506</sup>HAUSCHILD, TEICHNER, 2002:57; TEICHNER, 2008b:256.

<sup>507</sup>TEICHNER, 2008b:107.

<sup>508</sup>HAUSCHILD, TEICHNER, 2002:59.

por vezes feitos de materiais perecíveis e as grandes *domus* foram transformadas em várias residências ou oficinas de trabalho. No interior dos espaços domésticos, foram abertas fossas para detritos cortando os antigos pavimentos romanos. Os registos de sepulturas dentro da área urbana são encontrados em vários pontos da cidade.

Das ocupações nos séculos seguintes existem testemunhos espalhados pela cidade, tais como, cerâmicas e sepulturas em decúbito lateral com orientação SO-NE, indicando a presença de população islâmica, especialmente durante o período califal, coexistindo com a população cristã. A reutilização dos antigos espaços, intensificou-se, como evidenciado pelo cemitério adjacente à casa de *Tancinus*, que esteve em funcionamento do século IX ao X até os séculos XV e XVI. Outro exemplo é o antigo anfiteatro, utilizado entre os séculos IX e XIII, onde a ocupação da cidade parece diminuir no início da Idade Média.

A Casa de *Tancinus*<sup>509</sup>, “situada na ínsula mais meridional deste setor da cidade”, foi posta a descoberto, ao longo de duas campanhas realizadas a partir de 1964 por Correia e Alarcão (fig. 42). Nos registos torna-se claro os restos de um grande edifício e de uma possível piscina central sobrepostos a uma *domus*, perto das muralhas da cidade. Tanto Correia como Alarcão acreditam que se trata de uma basílica com um batistério, provavelmente construído no início do séc. V<sup>510</sup>. Nos *fouilles*<sup>511</sup> está representada a sua planta com as diferentes fases de reorganização espacial da basílica<sup>512</sup>. Esta apresenta uma planta retangular, de 20 por 35 m, orientada a Este/Oeste, “paralel(a) ao limite Sul da casa atribuída a *Cantaber*”<sup>513</sup>, ainda que não apresente infelizmente um quadro estratigráfico nítido.

Estes autores creem também que esta estrutura poderia ser dedicada a um mártir durante os finais do séc. IV ou inícios do séc. V<sup>514</sup>, possuindo uma nave principal com uma pequena capela lateral criando uma área isolada, que provavelmente funcionou como presbitério. Além disso, há outro espaço delimitado por pilastras, conhecido como coro, que leva a uma área cuja natureza - se aberta ao ar livre, ou fechada, como uma cripta - ainda é desconhecida. O ponto central da basílica era a capela-mor, separada da nave por uma cancela situada entre colunas. Essa capela era bastante reduzida em tamanho, apresentando nichos nas paredes. No centro, havia um altar cuja base se encaixava numa pedra de granito com um entalhe quadrangular.

---

<sup>509</sup>REIS, CORREIA, 2006:302. Este nome advém de uma inscrição de um tal de *Tancinus*, encontrada dentro do *impluvium*.

<sup>510</sup>RUIVO, CORREIA, 2017:217.

<sup>511</sup>ALARCÃO, ETIENNE, 1977, plano 52.

<sup>512</sup>DUVAL, 1990:174 *apud* JORGE, 2002:44. A entrada da basílica daria diretamente para o batistério, o que segue as liturgias, sendo necessário ser batizado para poder assistir à missa.

<sup>513</sup>LÓPEZ QUIROGA, 2013:20.

<sup>514</sup>BARRAL I ALTET, 1982:123.

A *domus* de *Tancinus* está dividida em três setores<sup>515</sup>, o poente, “aberto para a via a Oeste da casa de *Cantaber*”; o central, enquadrando o peristilo e o setor nascente, “o mais afetado pela basílica”. A parte ocidental da casa foi construída numa área onde o geológico subjacente estaria quase exposto ao nível do solo. Como resultado, os alicerces são limitados e os muros foram desmantelados, restando apenas em algumas áreas o socalco deixado pelo rebaixamento da rocha ao lado da linha onde os muros foram completamente arrasados<sup>516</sup>. Independentemente, esta planta espelha duas salas, uma grande e outra mais pequena, que possivelmente estariam ligadas à funcionalidade do edifício primário, sendo o peristilo porticado, o elemento articulador entre o setor oriental e ocidental<sup>517</sup>. É possível que, num determinado momento, o piso de circulação da dita basílica estivesse revestido a *opus signinum*<sup>518</sup>, pois “não são visíveis remates ou costuras entre sucessivos espaços”. Podemos presumir que, independentemente da sua datação, estes espaços foram utilizados na mesma circunstância.

Sem embargo, Correia acredita que as primeiras estruturas naquele local não seriam possivelmente de época augustana, tendo sido identificado um conjunto de ruínas, com orientação discordante às estruturas mais tardias, provavelmente demolidas de modo a erguer a *domus* e as termas encostadas à muralha. Com base nesta ideia, acredita-se que na primeira fase da estrutura habitacional esta terá sido loteada e reorganizada após a construção da casa de *Cantaber*. Neste âmbito, dá-se contemporaneamente a construção do complexo termal público, também sobreposto a estruturas anteriores<sup>519</sup>.

Aparentemente foi identificado um conjunto de sepulturas de inumação que não foram imediatamente associadas ao edifício de culto. Dividiram-se em dois grupos: o grupo Oeste, com cinco enterramentos, sem espólio associado, apresentava a típica orientação cristã, em decúbito dorsal. O segundo grupo, a Oriente, apresenta três sepulturas lajeadas<sup>520</sup>, não havendo registos sobre a sua escavação. Todavia, a análise feita por De Man (2011<sup>521</sup>) não teve em conta, segundo Correia<sup>522</sup>, “a própria qualidade das informações preliminares sobre as

---

<sup>515</sup>LÓPEZ QUIROGA, 2013:21.

<sup>516</sup>Vide nota anterior 519. Este método construtivo é algo muito comum nas construções datadas do séc. I em Conimbriga.

<sup>517</sup>Cfr. REIS, CORREIA, 2006:302: “(...) ao qual se acede por uma estreita *fauces*, que poderá ter exercido o papel de entrada principal da casa.”

<sup>518</sup>CORREIA, 2014:137.

<sup>519</sup>CORREIA, 2014:134. Este trabalho faz um apanhado de todos os elementos falíveis da publicação de López Quiroga (2013) citada neste texto. No entanto, tentei rever com cuidado as citações de López Quiroga, de modo a não inferir o leitor em erro.

<sup>520</sup>DE MAN, 2004:66.

<sup>521</sup>DE MAN, 2011 *apud* CORREIA, 2014:136.

<sup>522</sup>CORREIA, 2014:136,138.

fases imperiais, que em retrospectiva carecem de sustentação”. A resposta estaria numa evolução natural da densa necrópole urbana, supostamente datada do séc. V, em volta de um espaço que poderá ser interpretado como um edifício de culto cristão.

Outra linha de pensamento a seguir surge do grande conjunto escultórico estudado por Vidal Álvarez sobre os fragmentos arquitetónicos, datados dos sécs. VI a IX/X, com a simbologia típica de círculos secantes, videiras e uvas (em frisos), palmetas (em pilastras) e um grafito de uma pomba representativa do Espírito Santo, e outras mais simples gravadas num bloco de calcário<sup>523</sup>. O problema está no facto de estes elementos estarem completamente descontextualizados. Independentemente desta premissa podem espelhar a existência de um ou múltiplos edifícios de culto<sup>524</sup>, aos quais não seriam todos pertencentes à basílica identificada, devido à sua pequena dimensão.

Possivelmente, existiria uma basílica dos primeiros cristãos que ficou de fora do perímetro da cidade no momento da construção da muralha do baixo império e depois “substituído pelo pequeno edifício de culto, centro da necrópole medieval”. Todavia, não existe uma base material que suporte esta hipótese. Alguns elementos decorativos foram reaproveitados nos muros limítrofes da necrópole.

Será no séc. VI, aquando do primeiro Concílio de Braga, que os bispados de Viseu e Conimbriga são mencionados pela primeira vez, pressupondo a sua existência anterior a 561<sup>525</sup>. Neste contexto, o *Parochiale Suevo*, retrata Conimbriga como sede de bispado e *Aeminium* a sua paróquia, o que suporta esta possibilidade da existência de múltiplos edifícios de culto cristão<sup>526</sup>.

Por fim, o componente mais importante para este estudo, a suposta piscina batismal (fig. 43). Apresenta uma planta com “dois canteiros retangulares com um recorte semicircular central, colocados em oposição de forma a ocupar todo o *impluvium* excepto um *lacus* central, axial”<sup>527</sup>. Carece da escadaria típica vista nos outros batistérios na Lusitânia, o que implica a incredulidade de muitos autores, como Palol<sup>528</sup> ou De Man<sup>529</sup>, na sua utilização como batistério. A questão que permanece é assim a seguinte<sup>530</sup>, se “o tanque do batistério foi construído expressamente com esse fim nessa época, ou se foi reaproveitado o tanque do jardim pré-existente.” Por outras palavras, o sítio aparenta ter um edifício de culto na fase

---

<sup>523</sup>DE MAN, 2004:58

<sup>524</sup>CORREIA, 2014:138.

<sup>525</sup>DE MAN, 2004:47.

<sup>526</sup>*Ibidem*, 2004:42.

<sup>527</sup>REIS, CORREIA, 2006:303; LÓPEZ QUIROGA, 2013:22.

<sup>528</sup>PALOL, 1967:168-169.

<sup>529</sup>DE MAN, 2004:58.

<sup>530</sup>*Ibidem*, nota de rodapé anterior.

tardo antiga, que incluiria um batistério arquetizado no anterior *impluvium* da *domus*. Correia<sup>531</sup> explica que para tal, “as colunas do peristilo que rodeava o *impluvium*, passaram a suportar um *ciborium*, os muros envolventes foram reforçados e a colunata Norte do peristilo foi fechado por outro muro, que criou um corredor de acesso à nave da basílica, com duas entradas para as alas envolventes do batistério sob o cibório, a Oeste e a Leste”. A verdade é que os autores concordam que não existem elementos que comprovem esta proposta, sendo este um dos problemas no estudo do Cristianismo nas cidades - muitas hipóteses e pouca materialidade associada que as sustente.

Sistematizando, o *impluvium* aparenta ter três fases: primeiro, a construção do tanque inicial; segundo, a modificação para a planta reproduzida também nos *impluvii* da casa de Cantaber e da casa dos Repuxos, revestidos integralmente em *opus signinum*; e, por fim, a terceira fase tardia, objeto de múltiplas reformas, recebendo “um novo revestimento de argamassa no seu lado Oeste” e uma nova canalização constituída por *tubuli* em cerâmica. O facto de as canalizações serem em cerâmica é um elemento único em Conimbriga, visto que na maioria dos casos, as canalizações seriam todas em chumbo, estando tal hipoteticamente ligado ao desuso do chumbo e à procura de soluções mais económicas. Reis e Correia<sup>532</sup> relacionam este fenómeno com “a transformação do *impluvium* em batistério”.

Contrariamente a outros exemplos explorados neste catálogo, não foi possível perceber certas informações e características da presumível piscina, desde a sua estratigrafia integral e envolvente, as suas medidas, o material cerâmico associado ou até a confirmação do reaproveitamento do *impluvium* numa terceira fase, como a piscina batismal. Destarte, seja mais acertado propor que seria antes uma fonte ornamental, inserida num *impluvium* central de uma *domus*. Teve ocupação nos séculos seguintes como aconteceu com as outras *domus* de Conimbriga, mas não nos parece credível apontar uma adaptação religiosa da *domus*.

---

<sup>531</sup>CORREIA, 2014:137.

<sup>532</sup>REIS, CORREIA, 2006:303.

## 7. ANÁLISE CRÍTICA

Neste capítulo tentaremos propor uma série de analogias com os dados que foram sendo recolhidos em cada caso de estudo. Na etapa anterior fizemos questão de enumerar todos os elementos utilizados para a classificação cronológica de cada batistério de modo a preparar a leitura para as ideias que serão expostas de seguida.

Como já foi mencionado, vamos partir do caso das piscinas batismais de Idanha-a-Velha, recentemente estudadas, nomeadamente o batistério Sul, onde se escavou uma área com níveis selados que não tinha sido escavada por Fernando de Almeida, e o batistério Norte, descoberto e escavado nos anos 90 e depois em 2002, ambos datados com o recurso de análises físico-químicas, estratigráficas e à datação dos materiais cerâmicos através de crono-tipologias, num estudo publicado em 2019<sup>533</sup>.

Uma das conclusões mais significativas deste estudo aponta para a antiguidade do batistério Norte, centrando a sua cronologia de utilização na segunda metade do séc. IV. É, portanto, neste momento, o mais antigo batistério identificado na Península Ibérica, com base em datações absolutas, e é um dos testemunhos mais recuados do Cristianismo em território português, localizado no centro de um espaço urbano. Neste mesmo quadro, o recuo da datação do batistério Sul para a primeira metade do séc. V, anteriormente associado ao séc. VI/VII, traduz uma sucessão da utilização de ambas as piscinas batismais.

Começamos o nosso raciocínio pela análise das plantas das piscinas batismais, dividindo-as em dois grupos: as retangulares, por um lado, e as cruciformes, por outro (figs. 44, 45, 46 e 47). De imediato esta divisão arquitetónica exclui o batistério 2 identificado em Mértola, tanto pela sua planta octogonal (fig. 48) como pelas dúvidas que persistem em relação à sua contextualização e interpretação. Ou o suposto batistério descrito para Conimbriga, pelo facto de não apresentar uma escadaria de acesso ao interior da piscina, uma característica indispensável para as liturgias, sendo a sua função como fonte ornamental a mais reconhecida e defendida atualmente. Também vamos excluir o exemplo de San Pedro de Mérida e o batistério da Casa Herrera, porque fazem parte da realidade rural pós-romana que começa a configurar-se nos meados do séc. V.

Este exercício encontra outras dissonâncias, tais como, as piscinas que aparentam ter duas ou mais fases de remodelação, o que em certos casos muda significativamente a sua

---

<sup>533</sup>FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo, CARVALHO, Pedro C., CRISTÓVÃO, José, SANJURJO-SÁNCHEZ, Jorge, DIAS, Patricia (2019) - Dating the early Christian baptisteries from Idanha-a-Velha – the Suebi-Visigothic Egítania: stratigraphy, radiocarbon and OSL. *In* *Archaeological and Anthropological Sciences*. Springer. ISSN: 1866-9557.

planta e inserção num dos dois grupos, sendo mais comum nos exemplos que vamos indicar para as cruciformes. Nesta situação, vamos separar as piscinas da primeira fase que tendencialmente têm uma planta retangular simples *versus* as ampliações que serão incluídas no grupo das cruciformes.

Para além desta compartimentação, sugerimos que os exemplos de Idanha-a-Velha, sejam considerados como uma espécie de “fósseis diretores” para cada grupo. No primeiro grupo temos o batistério Norte com uma planta tendencialmente retangular/quadrangular, com escadaria contraposta, datado da segunda metade do séc. IV. Isto reflete-se na possibilidade de os batistérios enquadrados neste grupo serem os primeiros a serem construídos na Lusitânia. Ainda assim, devemos ter em conta a falta de documentação arqueológica e litúrgica que não nos permite ir mais longe do que efetuar, mais uma vez, comparações tipológicas.

Cinco exemplos estão incluídos neste primeiro grupo: o batistério Norte de Idanha-a-Velha, o de La Cocosa, de Milreu e os batistérios da primeira fase de Alconétar e de Torre de Palma.

Começamos pelo exemplo de Torre de Palma, apesar das dificuldades mencionadas na descrição deste caso, consideramos que o batistério pode incluir duas fases construtivas. Para este efeito, o batistério inicial tem algumas semelhanças com o batistério Norte de Idanha-a-Velha no que concerne à sua planta simples com escadaria contraposta. A sua possível construção no séc. IV também se aplica à construção da basílica que, por sua vez, concorda com a monumentalização da *pars urbana* da *villa* de Torre de Palma.

Outro dos exemplos faz parte da comarca de Badajoz: o batistério de La Cocosa. Se aplicarmos as datações do batistério Norte de Idanha-a-Velha ao de La Cocosa, anteriormente datado do séc. VI/VII, tal pressupõe que pouco tempo depois da construção do mausoléu, na fase de monumentalização da *villae*, este teria sido convertido numa basílica com a sua piscina batismal, o que não nos parece descabido. No entanto, a transformação do mausoléu em basílica parece mais tardia, algo que não podemos assegurar por completo, pelo facto de a informação ser muito antiga e incompleta. Ainda assim, seria uma hipótese de trabalho que poderia ser explorada no futuro. A verdade é que esta fase de monumentalização das *villae* romanas tem exemplos por toda a Lusitânia, incluindo a adição de uma basílica e uma piscina batismal, como acontece em Torre de Palma e em Milreu.

Ainda sob o raio de influência de *Emerita Augusta* indicamos o caso da piscina batismal original de Alconétar. Na campanha dos anos 70 foi possível estabelecer a sua fase de edificação nos finais do séc. V/inícios do séc. VI. Se aplicarmos novamente a crono-tipologia do batistério Norte de Idanha-a-Velha, a nova datação coincide com o espólio,

provindo da reutilização de materiais de construção de uma *villa* romana anterior, identificado na basílica de Alconétar. Isto é, difere dos casos em que a construção destes complexos religiosos estão ligados à fase de monumentalização das *villae* romanas. Poderia assim demonstrar a importância do sítio para os núcleos populacionais na periferia, visto que passaria por ali a Via da Prata. Pressupõe-se que esta via de comunicação continuaria a ser um ponto de referência na paisagem tardo antiga, tanto para o transporte de mercadorias e pessoas, como também do próprio Cristianismo que continuaria a sua difusão para o interior.

Se seguirmos para o Sul da Lusitânia, também está incluído neste grupo o exemplo da *villa* romana de Milreu. Talvez a sua posição geográfica possa ser um fator que apoia a sua viável construção primitiva nos finais do séc. IV, devido à presumida influência do Cristianismo do Norte de África.

No caso de Milreu, apesar dos diferentes autores não terem uma opinião coincidente, o espólio cerâmico e arquitetónico permite suportar a hipótese de uma monumentalização da *villa* a partir do séc. III/IV. Neste sentido, se o templo das Ninfas está datado do séc. IV então a adaptação da estrutura para um edifício de culto cristão pode ocorrer nos finais do séc. IV, incluindo o seu mausoléu e respetivas sepulturas, reforçando, assim, o apoio dado à população rural na transição do paganismo para o Cristianismo.

O discurso que redigimos com base no segundo grupo, foi feito com muitas reservas sendo na maioria apenas hipóteses a serem exploradas futuramente. Deste modo, este grupo dispõe das piscinas cruciformes, também com degraus opostos para possibilitar a entrada e a saída dos catecúmenos, como o batistério Sul da Egitânia, datado a sua construção da primeira metade do séc. V. Aqui incluímos o batistério da Casa Herrera, o do Gatillo de Arriba, a ampliação secundária do batistério de Alconétar e de Torre de Palma.

Talvez o aumento do número de batismos infantis, que passa a acontecer após o nascimento da criança, resultou na necessidade de remodelar o complexo batismal. Pressupõe-se aqui que a maioria da população já estaria totalmente cristianizada ao ponto de continuar a tradição do batismo para as gerações vindouras. Muitas vezes as reformas passavam pela adição de piscinas laterais mais pequenas anexadas à piscina original. Ou, como no caso de Idanha seria construída uma piscina cruciforme de raiz na primeira metade do séc. V. A verdade é que esta planta se dispersou pelo território lusitano apesar de que a maioria dos casos identificados estejam nas zonas rurais da Lusitânia.

Em Torre de Palma, a continuidade de ocupação do sítio permite interpretar que a comunidade estaria fixa em pequenos núcleos residenciais em redor dos principais edifícios, neste caso, da basílica. Deste modo, a tradição cristã estaria enraizada no dia a dia das

peças, o que se poderá refletir, como já foi referido, na ampliação da sua piscina batismal. Esta ampliação coincide com a construção de várias salas de apoio ao batismo, em redor da piscina batismal. A segunda monumentalização, apesar de estar presente noutras *villae* romanas, durante a ocupação visigoda entre os sécs. V e VII, não é possível criar um padrão geral destas reformas pela Hispânia.

No Gatillo de Arriba foi possível comprovar que a construção das piscinas laterais foi contemporânea à construção da piscina central. Pelos dados recolhidos parece que a própria piscina foi construída à pressa ou foi construída numa divisão pré-existente. A entrada para a divisão é feita diretamente a partir do exterior, isto é, não está inserida numa divisão ligada por corredores ou outras salas, para manter a intimidade do ato, no interior da basílica. Posto isto, com as datações de Idanha, este exemplo insere-se na segunda fase tardo antiga referida por Caballero Zoreda e Sáez Lara.

Neste contexto, o último exemplo deste grupo encontra-se em Garrovillas de Alconétar, com uma ampliação feita presumivelmente no séc. VII. Os investigadores responsáveis admitem a dificuldade na datação das fases construtivas da basílica, sendo as balizas cronológicas propostas pouco seguras, face à falta de estratigrafia e material datável. Por outro lado, não há fundamentos para a identificação das ditas duas fases da piscina batismal, sendo esta proposta somente baseada na própria planta da estrutura. O que se traduz na grande dificuldade em aplicar as datações recentes do batistério Sul de Idanha-a-Velha, porque não temos materialidades para suportar esta hipótese.

Um elemento cronológico que, possivelmente suportaria essas datações seria a análise estratigráfica (níveis de construção ou de abandono) através de materiais datáveis e as análises químicas de Radiocarbono ou OSL às argamassas, como aquelas que foram feitas em Idanha-a-Velha, podendo resultar, eventualmente, no recuo das datações de ambos os grupos descritos. Todavia, estas análises absolutas necessitam da recolha de boas amostras, de um protocolo de recolha e registo bem definido em escavação, e sabemos que neste momento não é possível porque a maioria dos sítios não possui sequer uma estratigrafia que proporcione isso ou, como o caso de Alconétar, sendo de todo impossível por o local se encontrar atualmente submerso.

Assim sendo, este nosso exercício analítico foi muito difícil de tentar resolver, pela inexistência de um estudo organizado com base num registo estratigráfico bem definido. A não importância dada durante escavações arqueológicas às estruturas sobrepostas à fase romana originou também que se perdesse muita informação cronológica que provavelmente responderia às perguntas relativas ao abandono ou ao pós-abandono. Isto leva à limitação da

análise das datações por radiocarbono, visto não terem uma estratigrafia de apoio, como se observou em Torre de Palma.

Este impasse decorre também da descontextualização estratigráfica dos materiais recolhidos, ao não serem registados na sua deposição primária e em unidades estratigráficas específicas relacionadas com a construção do batistério ou também com o seu abandono. Por isso, exemplos como o de Idanha-a-Velha são importantes para criar uma discussão em torno das cronologias dos batistérios conhecidos da Lusitânia, propostas a partir das sequências estratigráficas associadas e não a partir do estabelecimento de paralelos tipológico/estilísticos, baseando-se ainda, por sua vez, essas analogias em referências cronológicas de batistérios cujas datações não assentam em cronologias absolutas (estratigráficas e físico-químicas).

Se estes fossem mais antigos do que se pensava, quais seriam as possibilidades para os outros exemplos descritos no catálogo? Tentamos responder a esta questão, tentando verificar se poderiam ser apoiados pelo espólio recolhido, o que foi novamente muito difícil. Por serem resultados de escavações com muitas décadas, sem registo estratigráfico preciso, como acontece na *villa* romana de La Cocosa ou em San Pedro de Mérida, a revisão torna-se impossível. Apesar da multiplicidade de trabalhos dedicados a estes sítios, muitas vezes têm com base materiais exíguos/perdidos/deslocados/descontextualizados ou limitando-se a repetir o que outros autores tinham proposto, sem que os dados onde assentam essas propostas cronológicas sejam suficientemente sólidos.

Estes critérios comparativos, tipológicos e artísticos são a base para todas as datações dos batistérios da Lusitânia, excluindo agora ambos os batistérios de Idanha-a-Velha. Este é exatamente o principal desafio associado a esses locais: a ausência de documentação fiável. Quando se estuda ou se propõe cronologias e teorias sobre os edifícios ou o seu funcionamento, é importante lembrar que essas interpretações não têm como base um registo seguro. Frequentemente, elas derivam da suposição de arqueólogos e investigadores que não escavaram os locais em questão, como Godoy Fernández, Caballero Zoreda ou a escola alemã. Ou muitas vezes, a área de estudo destes investigadores não é a Arqueologia, mas sim a História de Arte, não atribuindo o devido valor à importância determinante de uma escavação estratigráfica.

## 8. CONCLUSÕES

Sabemos que o Cristianismo não resultou da invasão de outros povos ou de uma transformação cultural, mas sim de um fenómeno que ocorreu no seio do império e da cultura romana. A cristianização não foi um processo acelerado, mas sim, um processo lento, feito no âmbito de um sincretismo religioso e cultural. O Cristianismo implantou-se de forma lenta e progressiva na paisagem das velhas *civitates* romanas, à medida que vai assumindo maior protagonismo na vida dos cidadãos.

Se em época clássica o centro político-religioso se situava no *forum*, a cidade cristã começou por polarizar a sua religiosidade nas zonas suburbanas, afirmando-se depois o papel do bispo e da catedral no centro das cidades. A partir do séc. V, em muitos casos a antiga zona do *forum* passou a ser composta por uma *ecclesia* episcopal anexada a um *baptisterium*, com a presença de uma ou mais igrejas de carácter funerário construídas sob *martyria* e túmulos dos primeiros bispos da cidade na zona suburbana. Em pleno séc. VI, os complexos eclesiásticos dominam a topografia dos centros urbanos, convertendo-se no foco principal do dia-a-dia citadino. Desde o ponto de vista religioso, social e económico, estes espaços religiosos centrais agregam funções de reunião, de oração comunitária, de batismo, de comércio (na praça em frente às igrejas), administrativas e de assistência social (com a distribuição de alimentos).

Por outro lado, a maior parte dos edifícios eclesiásticos rurais conectados ou não a *villae* correspondem a esta segunda fase, do séc. VI ou VII, momento em relação ao qual se produz uma verdadeira expansão do cristianismo no campo. Foi um processo lento e variado, sendo o caso mais antigo conhecido a basílica da Casa Herrera (ano 500), demonstrando como uma paróquia atuaria como centro de atração da população rural. Ainda assim, esta ideia tem um suporte documental muito escasso. As transformações nas *villae* também estão refletidas na instalação de necrópoles hispano-romanas que explicariam a existência de objetos de filiação visigoda no seu interior. Ou poderiam pertencer, possivelmente, às comunidades campesinas, explicando a dispersão deste fenómeno por toda a península. A continuidade de ocupação das *villae* romanas, parece estar ligada à sua proximidade das grandes vias de comunicação romanas (que se mantêm ativas), como no caso de La Cocosa. Muitas das grandes *villae* romanas desenvolveram-se, atraíram população rural, sendo convertidas numa espécie de *vicus*, face à sua transformação em realidades mais aldeãs, com adaptação de espaços da *pars urbana* em áreas de produção, de armazém ou em necrópoles.

Neste estudo foi importante a catalogação dos casos conhecidos de batistérios e/ou piscinas batismais, com uma síntese crítica (histórica e arqueológica) de cada um, com base na sua historiografia, interpretações antigas, análise do registo material (materiais arqueológicos, arquitetura), etc... Esta revisão permitiu o cruzamento atualizado dos dados existentes sobre os 11 exemplares identificados na Lusitânia. O seu grande número tem de ser valorizado tendo uma relação direta com o processo de cristianização que carece de mais estudos aprofundados.

Contudo, conseguimos perceber que os autores que se debruçaram sobre o Cristianismo primitivo relacionam os monumentos preservados com o inventário total dos edifícios cristãos primitivos. Ainda assim, sabemos que há uma grande possibilidade de futuramente serem identificadas novas piscinas batismais, como por exemplo no litoral português, onde não temos nenhum registo. Da mesma forma, pouco se conhece da história por trás da decadência dos monumentos religiosos, em parte pelos danos causados pelos trabalhos agrícolas, destruição por forças naturais, decadência lenta por negligência e destruição decorrente da sua substituição por novas construções.

Estas contingências irrevogavelmente prejudicaram a escavação destes sítios arqueológicos. No entanto, cremos que o maior “inimigo” do seu estudo foi a utilização da metodologia então em voga, algo que fizemos questão de mencionar ao longo do catálogo. Temos a perfeita noção de que os critérios comparativos (a busca de paralelos tipológicos e a extrapolação de cronologias a partir das semelhanças construtivas entre batistérios) foram o método de datação mais usado no séc. XX. Ainda assim, os estudos destes sítios arqueológicos têm de ser analisados com atenção e, se possível, conhecer novas escavações de modo a estabelecer uma estratigrafia adequada. Seria importante, no caso de se identificar um novo batistério, tanto em ambiente rural como em contexto urbano, que se seguissem o protocolo de investigação posto em prática em Idanha-a-Velha: uma sequência estratigráfica bem definida e articulada com as crono-tipologias dos materiais e, ao mesmo tempo, recorrendo a métodos de datação absoluta (físico-químicos) do material orgânico.

No entanto, como a quase totalidade dos exemplos existentes e catalogados na Lusitânia não têm uma estratigrafia definida ou um conjunto de espólio associado bem datado, a análise crítica que fizemos foi com base nas plantas dos batistérios de Idanha e do estabelecimento de paralelos com os outros de casos de estudo. É precisamente este o grande problema destes sítios, a falta de documentação fiável. Quando se lêem ou apresentam cronologias ou hipóteses sobre os edifícios ou o seu funcionamento, é preciso ter consciência

de que essas interpretações não se baseiam num registo material e, por vezes, nem sequer no conhecimento *in loco* dos próprios lugares sobre os quais alguns autores escrevem.

A presença de práticas batismais tem vindo a ser documentada a partir do séc. IV, desde o Concílio de Elvira onde os batistérios *ex novo* ou reaproveitando estruturas termiais anteriores, se generalizam a partir deste mesmo século. Pela primeira vez, temos a prova física desta generalização face à datação recuada atribuída ao Batistério Norte de Idanha-a-Velha, sendo um dos primeiros batistérios (documentado por datações absolutas) construídos na Lusitânia. Infelizmente, a analogia que estabelecemos com os outros casos de estudo, tendo em conta as semelhanças tipológicas não pode ser confirmada ou dada como certa a sua atribuição cronológica pela falta de uma estratigrafia definida ou a falta de materiais que confirmem estas preposições. Lamentavelmente o mesmo se aplica às cronologias do batistério Sul de Idanha-a-Velha, datado da primeira metade do séc. V, onde só pudemos aplicar a quatro casos conhecidos de piscinas de planta cruciforme. Ainda assim, percebemos que estas construções *ex-novo* (na Casa Herrera, no Gatillo de Arriba e no batistério Sul de Idanha-a-Velha) coincidem com uma fase final de reformas, tipicamente associada ao séc. VI/VII.

Com base no que foi apresentado, a utilidade deste tipo de análise e a relevância da revisão do que atualmente sabemos sobre os primórdios do Cristianismo, ajuda na identificação de novos padrões de construção dos batistérios. Entender o porquê das suas ampliações ou o seu abandono total em certos casos e perceber o raio de influência das dioceses consoante o número de basílicas com batistérios, tanto nas cidades, disseminadoras do Cristianismo, como no panorama rural, onde surgem em maior quantidade, revela-se importante. Portanto, se surgir a possibilidade de confirmar o recuo das balizas cronológicas para pelo menos alguns dos batistérios da Lusitânia, tal mudaria definitivamente o nosso entendimento sobre os primórdios do Cristianismo, incluindo nas suas representações arquitetónicas iniciais e na disseminação do batismo por toda a península.

## 9. BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

- ALARCÃO, J. (1974) - Portugal Romano. Série *Historia Mundi*, 33. Editorial Verbo, Lisboa.
- ALARCÃO, J. (1976) - Milreu. In *The Princeton Encyclopedia of Classical Sites*. Princeton, New Jersey.
- ALARCÃO, J.; ETIENNE, R. (1977) - *Fouilles de Conimbriga I L'architecture*. Paris: Diffusion de Boccard.
- ALARCÃO, J. (2012) - Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia - VI. In *Rev Port Arqueol* 15:113-137.
- ALARCÃO, J. (2017) - A Lusitânia e a Galécia: do séc. II a.C. ao séc. VI d.C. Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN: 978-989-26-1478-6.
- APOSTOLOS-CAPPADONA, Diane (2011) - "I understand the mystery, and I recognize the sacrament." On the Iconology of Ablution, Baptism and Initiation. In *Ablution, Initiation and Baptism: Late Antiquity, Early Judaism and Early Christianity*, edited by Tor Vegge, et al. De Gruyter, Inc., 2011. ProQuest Ebook Central, <http://ebookcentral.proquest.com/lib/ulinc/detail.action?docID=765876>
- BASCH, M. A., & POUS, A. M. (1958) - Excavaciones de ruinas de época visigoda en la aldea de San Pedro de Mérida. *Revista de estudios extremeños*, 14(1), 75-93.
- ALMEIDA, Fernando de (1965) - O baptisterio paleocristão de Idanha-a-Velha (Portugal). *BSAA*, 31(1965), 134.
- ALVAREZ MARTÍNEZ, Jose María (1983) - El mosaico de Tritón de la *villa* romana de "La Cocosa" (Badajoz). In *Homenaje al profesor Martín Almagro Basch*, págs. 379-388.
- ARBEITER, A. (2003) - Los edificios de culto cristiano: Escenarios de la liturgia, en P. Mateos, L. Caballero (dir.), *Repertório de arquitectura cristiana en Extremadura. Época Tardoantigua y alto-medieval*, Mérida, 2003, pp. 177-230. <https://doi.org/10.3989/aem.2019.49.2.04>
- ARCE, Javier de (1982) - El último siglo de la España romana, 284-409. Alianza Universidad, Madrid. ISBN: 8420623474.

ARCE, J. (2006) - *Fana, templa, delubra destrui praecipimus*: el final de los templos de la Hispania romana. *Archivo Español de Arqueología*, Vol. 79, 115-124.

ARCE, Javier (2007) - Bárbaros y romanos en Hispania: (400-507 A.D.). Marcial Pons Historia, 2007, Madrid. ISBN: 978-84-96467-57-6.

BANGO TORVISO, I. G. (2001) - La vieja liturgia hispana y la interpretación funcional del templo prerrománico, en VII Semana de estudios medievales. Nájera, Logroño, 1997, pp. 61-120. Este artículo sería después ampliado y revisado en su libro *Arte prerrománico hispano. El arte en la España cristiana de los siglos VI al XI*, Madrid, 2001.

BARRAL I ALTET, X., (1982) - Transformacions de la topografia urbana a la Hispània cristiana durant l'Antiguitat Tardana, II Reunió d'arqueologia Paleocristiana Hispànica (Montserrat, 1978), Barcelona, p. 105-132.

BELTRÁN DE HEREDIA, Julia, GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (2017) – La Dualitat de Baptisteris en les Ciutats Episcopals del Cristianisme Tardoantic. Actes del I Simposi d'Arqueologia Cristiana, Barcelona, FHEAG-AUSP, 26-27 de maig de 2016.

BERNAL, D. (1989) - La basilica paleocristiana de Ceuta, *Revista de Arqueología*, 101, septiembre de 1989.

BERNARDES, João Pedro (2009) – As transformações no fim do mundo rural romano no SudOeste Peninsular: Evidências e Problemas Arqueológicos (sécs. V-VII). *In Anales. De Arqueologia Cordobesa*, Universidade de Córdoba, nº20, 2009, págs. 323- 348.

BERNARDES, João Pedro (2017) - A transformação do espaço funerário no ocidente entre os séculos IV e VI. Ambiguidades e *loci sepulturae* em espaços rurais do Sul da Lusitânia: o caso dos templos. Série *Humanitas Supplementum* Estudos Monográficos - Arqueologia da Transição: Entre o mundo romano e a Idade Média. Coord. Cláudia Teixeira, André Carneiro. Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN: 978-989-26-1352-9.

BOAVENTURA, Rui (2001) - O sítio calcolítico do Pombal (Monforte). Uma recuperação possível de velhos e novos dados. Dissertação de Mestrado de Pré-História e Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa (1997-1999).

BRAGANÇA, Joaquim O. (1997) - Tipologia arcaica do Baptismo. *In Didaskalia*, nºXXVII, págs. 121-136. Faculdade de Teologia de Lisboa, da Universidade Católica Portuguesa.

CABALLERO ZOREDA, L.; ARRIBAS CHAPADO, F. (1970) - Alconétar. En la via romana de la plata. Garrovillas (Cáceres). Langa y Cía. Nicolás Morales, 23. Madrid. Depósito legal: M. 23.717-1970.

CABALLERO ZOREDA, L.; ULBERT, Th. (1976) - *La basílica paleocristiana de Casa Herrera en las cercanías de Mérida*. Madrid 1976. T. ULBERT «El Germo. *Madnder Mitteilungen*. 9. (1968), pág. 329- 398; Id. «Die westgotenzeitliche Kirche von Valdecebadar bei Olivenza (prov. Badaioz)», *Madnder Metteilungen*. 11, (1970).

CABALLERO ZOREDA, L.; SÁNCHEZ SANTOS, J. C. (1990) - Reutilizaciones de material romano en edificios de culto cristiano. *In Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano. Antigüedad y Cristianismo*, (Murcia) VII, págs. 431-485. <https://revistas.um.es/ayc/article/view/61861>

CABALLERO, L; GALERA, V.; GARRALDA, M-D. (1991) - La iglesia de época paleocristiana y visigoda de “El Gatillo de Arriba” (Cáceres), *I Jornada de Prehistoria y Arqueología en Extremadura (1986-1990)*, *Extremadura Arqueológica*, 2, (1991), págs. 471-492.

CABALLERO ZOREDA, L.; MATEOS CRUZ, P. (1998) - Hallazgos arqueológicos en la iglesia de Santa Eulália de Mérida. *In Arqueología, paleontología y etnografía*, ISSN 1131-6241, Nº. 4, 1998 (Ejemplar dedicado a: Jornadas Internacionales "Los visigodos y su mundo". Ateneo de Madrid. Noviembre de 1990), págs.338- 365.

CABALLERO ZOREDA, L. (2006) - Aportaciones de la lectura de paramentos a la polémica sobre la Sé de Idanha-a-Velha. *In Al-Ándalus*. Espaço de mudança, 2006, pp. 266-273.

CABALLERO ZOREDA, Luis, SAÉZ LARA, Fernando (2007) – La iglesia de el Gatillo de Arriba (Cáceres). Apuntes sobre una iglesia rural en los siglos VI al VIII. *In Anejos de AEspA*, LI, 2009, págs. 155-184.

CABALLERO ZOREDA, Luis, MATEOS CRUZ, Pedro, CORDERO RUIZ, Tomas (Ed.) (2012) – Visigodos y Omeyas el Territorio. Ramallo Asensio, Sebastián F., Garcia Blánquez, Luis A., Vizcaino Sánchez, Jaime. Poblamiento rural de época Tardia en el Entorno de Murcia. *In Anejos de AEspA LXI*, Mérida.

CABALLERO ZOREDA, L., SASTRE DE DIEGO, Isaac (2013) - Espacios de la liturgia hispana de los siglos V-X. Según la arqueología, en *El canto mozárabe y su entorno. Estudios sobre la música de la liturgia viejo hispánica*, Madrid, 2013, pp. 259-291.

CADRECHA CAPARRÓS, Miguel Ángel (1983): p. 156. Ramelli refiere una inscripción griega de Edesa que en el siglo III habla del bautismo como “divino lavado” (*λουτρον*): RAMELLI, Ilaria (2003): p. 121.

CARDOSO, João Luís (2007) - Vida e obras de Estácio da Veiga. In XELB 7. Encontro de Arqueologia do Algarve, 4, Silves, 2006 - "Percurso de Estácio da Veiga [Em linha] : atas". [Silves] : [Câmara Municipal de Silves], 2007. p. 15-72.

CARNEIRO, André (2009) - Sobre a Cristianização da Lusitânia: novas reflexões a partir dos dados históricos e das evidências arqueológicas. In *Espacio, Tiempo y Forma. Série I, Nueva época. Prehistoria y Arqueología*, t. 2, 2009, págs. 205-220.

CARRERO, Eduardo; RICO, Daniel (2015) – La Organización del Espacio Litúrgico Hispánico entre los siglos VI y XI. In *AnTard*, 23, 2015, p. 239-248.

CARVALHO, Pedro (2007) – Cova da Beira. Ocupação e exploração do território na época romana (um território rural no interior da Lusitânia). Edição: Câmara Municipal do Fundão e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra (2007a) – El final de las villae en Hispania (siglos IV-VII d.C.) (Bibliothèque de l'Antiquité tardive, 7), Association pour l'Antiquité tardive / Brepols, Turnhout, 2007. *Revue archéologique*, Presses Universitaires de France, 2009, 1 (47), pp.149-152.

CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra. (2007b) - Aristocracias tardoantigua y cristianización del territorio (Siglos IV-V): ¿Otro mito historiográfico?. In *Revista di Archeologia Cristiana LXXXII*, 201-230.

CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra (2021) - Arqueología De Las Primeras iglesias del Mediterráneo (Siglos IV-X). *Monumenta Christiana Baetica. Monografías y suplementos 2*. Publicaciones de la Academia de Historia de la Iglesia en Andalucía.

CORDERO RUIZ, Tomas; SASTRE DE DIEGO, I. (2010) - El Yacimiento De Casa Herrera En El Contexto Del Territorio Emeritense (Siglos Iv-Viii). Espacios urbanos en el occidente mediterráneo (s. VI-VIII): 211-218.

CORDERO RUIZ, Tomas (2013) – El territorio emeritense durante la Antigüedad Tardía (siglos IV-VIII). Génesis y evolución del mundo rural lusitano. Instituto de Arqueología de Mérida. ISBN: 978-84-00-09743-1

CORDERO RUIZ, Tomas (2019) - La organización de la diócesis Egitaniensis y la configuración territorial del interior de Lusitania durante la Alta Edad Media (400-800). *Anuario de estudios medievales*, 49 nº2, págs. 479-508. <https://doi.org/10.3989/aem.2019.49.2.04>

CORDERO RUIZ, Tomas (2020) - Configuración administrativo-territorial de la provincia Lusitania: Desde su creación al período islámico (ss. I a.n.e.-VIII). Antonio Pizzo (eds.). MYTRA, Monografías y Trabajos de Arqueología. Instituto de Arqueología de Mérida, nº6, págs. 31-43.

CORDERO RUIZ, T.; TENTE, C.; CARVALHO, Pedro C.; CRISTÓVÃO, J.; DIAS, P.; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ (2020) – Los baptisterios de Egitania (Idanha-a-Velha, Portugal). Contexto arqueológico y cultural. *In Munibe. Antropologia-Arkeologia*, nº71. S. C. Aranzadi. Z. E. Donostia/San Sebastián.

CORREIA, V., (1928) - Arte Visigótica, História de Portugal, vol. 1, Barcelos, Portucalense Editora.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2004) - Coexistência e revolução: urbanismo e arquitetura em Conimbriga (séc. I a.C. - séc. III d.C.). In Lopes, M. C. e Vilaça, R. (eds) O passado em cena: narrativas e fragmentos. Coimbra: CEAUCP, 261-298.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2014) - A propósito de uma obra recente sobre o período tardo-antigo e medieval em Conímbriga. *In Conimbriga L* (2011), p. 127-146. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CRISTÓVÃO, José (2002) - A aldeia histórica de Idanha-a-Velha. Guia para uma visita. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

CRISTÓVÃO, José (2008) – A aldeia histórica de Idanha-A-Velha. Guia para uma visita. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. ISBN: 978-972-8285-42-5.

DE ALMEIDA, F. (1965) - O batistério paleocristão de Idanha-a-Velha (Portugal). Boletim dei Seminário de Estudos de Arte y Arqueologia XXXI:134-136.

DE ALMEIDA, F. (1966) - Um *Palatium Episcopi* do século VI em Idanha-a-Velha. *In atas do IX Congresso Nacional de Arqueologia*. Valladolid, págs. 408-411.

DE MAN, Adriaan (2004) - “Conimbriga Tardo-Antiga”. Biblos. Coimbra: Faculdade de Letras. II (Nova Série).

DUVAL, N. (1990) - Le III Congrès International d'Archéologie Chrétienne (Mahon, septembre 1988). *Revue des Études Augustiniennes*. Paris. 36:I, págs. 155-180.

ESCRIBANO PAÑO, M. V. (2012) - El concepto de decadencia y la Antigüedad tardia. *In Salduie: Estudios de prehistoria y arqueología*, ISSN 1576-6454, ISSN-e 2794-0055, N.º. 11-12, 2012, págs. 135-145.

ESPARRAGUERA, J. M. G. (2002) - Transformaciones en el tejido de las ciudades hispanas durante la Antigüedad tardía: dinámicas urbanas. *In Zephyrus*, 53-54, págs. 443-471. Universidade de Salamanca.

ESPARRAGUERA, J. M. G.; SÁNCHEZ RAMOS, Isabel (2009) - La ciudad cristiana en el Mediterráneo occidental. La comprensión del mundo urbano tardío desde una perspectiva material. *In Mainake*, XXXI, 2009, págs. 131-147. ISBN: 0212-078-X.

FERNANDES, Edgar (2020) - Os baptistérios do complexo religioso de Idanha-a-Velha (Idanha-a-Nova, Portugal). resultados do levantamento arqueológico das piscinas baptismas (2012) e novas perspectivas de investigação. Horizontes artísticos da Lusitânia. Dinâmicas da Antigüidade Clássica e Tardia em Portugal. Séculos I a VIII. Amadora, Editora Canto Redondo, p. 158-204.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo, CARVALHO, Pedro C., CRISTÓVÃO, José, SANJURJO-SÁNCHEZ, Jorge, DIAS, Patricia (2019) - Dating the early Christian baptisteries from Idanha-a-Velha – the Suebi-Visigothic Egítania: stratigraphy, radiocarbon and OSL. *In Archaeological and Anthropological Sciences*. Springer. ISSN: 1866-9557.

FRANCO, Mário Lyster (1943) - As ruínas romanas de Milreu. *In* Boletim da Junta de Província do Algarve 1 (1942); T. Hauschild, Der Kultbaus neben dem römischen Ruinenkomplex bei Estoi in der Provincia Lusitania (1964).

GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (1986) - Reflexiones sobre la funcionalidad litúrgica de pequeñas pilas junto a piscinas mayores en los baptisterios cristianos hispánicos. “Atas del I Congreso de Arqueología Medieval Española. 17,18, 19 Abril 1985. Huesca”. Tomo II. Págs. 125-137. Diputación General de Aragón. Zaragoza.

GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (1989a) – Arquitectura cristiana y liturgia: reflexiones en torno a la interpretación funcional de los espacios. *Espacio. Tiempo y Forma, S. I, Prehist. y Arqueol.*, t.2, 1989, págs. 355-387.

GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (1989b) - Baptisterios hispánicos (siglos IV al VIII) arqueología y liturgia. In: Actes du XI e congrès international d'archéologie chrétienne. Lyon, Vienne, Grenoble, Genève, Aoste, 21-28 septembre 1986. Rome : École Française de Rome, 1989. pp. 607-634. (Publications de l'École française de Rome, 123); [https://www.persee.fr/doc/efr\\_0000-0000\\_1989\\_act\\_123\\_1\\_3480](https://www.persee.fr/doc/efr_0000-0000_1989_act_123_1_3480)

GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (1995): Arqueología y liturgia. Iglesias hispánicas (siglos IV al VIII). Universidade de Barcelona. ISBN: 84-475-1223-1.

GÓMEZ MORENO, M. (1964) - Prémices de l'art chrétien espagnol, *L'Information d'Histoire de l'Art*, 5, fig. 13.

GUTIÉRREZ LLORET, Sonia (2008) – Los orígenes de Tudmir y el Tolmo de Minateda (ss. VI-X). *In Regnum Murciae. Génesis y configuración del reino de Murcia*, (separata, pp. 1-16).

HAUSCHILD, T.; TEICHNER, F. (2002) - Milreu: ruínas. Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 9. Lisboa: IPPAR, 2002. ISBN: 9728736037.

HAUSCHILD, Theodor (2008) - A arquitectura e os mosaicos do "edifício de culto" ou "aula" da villa romana de Milreu. *In* Revista de História da Arte.

HELENO JÚNIOR, Manuel Domingues (1962) - A “villa” lusitano-romano de Torre de Palma (Monforte), *O Arqueólogo Português*, 4-2, (1962), págs. 313-338.

ITURGAIZ, D. (1968) - *Baptisterios paleocristianos de Hispania*. “Analecta Sacra Tarraconensia”, XLI. Págs. 209-244. Fundación Balmesiana. Barcelona, 1969. Pág. 209-295.

JORGE, Ana Maria C. M. (2002) - L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité tardive (IIIe VIIIe siècles). Lisboa : Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia ; 21), p. 198.

LABAHN, Michael (2011) - Kreative Erinnerung als nachösterliche Nachschöpfung. Der Ursprung der christlichen Taufe. In *Ablution, Initiation and Baptism: Late Antiquity, Early Judaism and Early Christianity*, edited by Tor Vegge, et al. De Gruyter, Inc., 2011. ProQuest Ebook Central, <http://ebookcentral.proquest.com/lib/ulinc/detail.action?docID=765876>

LAWRENCE, Jonathan D. (2006) - Washing in Water: Trajectories of Ritual Bathing in the Hebrew Bible and Second Temple Literature, Society of Biblical Literature, Atlanta.

LOPES, Maria da Conceição, CARVALHO, Pedro e GOMES, Sofia de Melo (1997) - Arqueologia do Concelho de Serpa. Serpa: Câmara Municipal de Serpa.

LOPES, Maria da Conceição (2003) - A Cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca da "civitas" de PAX IVLIA. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2003.

LOPES, Virgílio (2005) – Os mosaicos do baptistério de Mértola. O Mosaico Romano, no Centro e nas Periferias. Originalidades, Influências e Identidades. In *Conimbriga*, pp. 915-928.

LOPES, Virgílio (2013a) – Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia (séculos IV-VIII). Tesis Doctoral. Huelva, octubre de 2013.

LOPES, Virgílio (2013b) - A Antiguidade Tardia em Mértola, balanço das novas descobertas arqueológicas. VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninular. Aroche-Serpa. Campo Arqueológico de Mértola.

LOPES, Virgílio (2015) – La Antigüedad Tardía en Mértola (Portugal). In *Revista Onoba*, Campo Arqueológico de Mértola, 2015, nº03, págs. 105-128.

LOPES, Virgílio (2018) - O complexo religioso e os batistérios de Mértola na Antiguidade Tardia, in *Medievalista*, nº23 (2018).

LÓPEZ QUEJIDO, Enrique (1998) - El rito hispano-visigodo: síntesis y nuevas perspectivas. In *Arqueología, paleontología y etnografía*, ISSN 1131-6241, Nº. 4, 1998 (Ejemplar dedicado

a: Jornadas Internacionales "Los visigodos y su mundo". Ateneo de Madrid. Noviembre de 1990), págs. 108-113.

LÓPEZ QUIROGA, Jorge (2013) - *Conimbriga tardo-antigua y medieval. Excavaciones arqueológicas en la domus Tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*. Oxford, Archaeopress, 2012 British Archaeological Reports – International Series 2466 (Archaeological Studies on Late Antiquity and Early Medieval Europe AD 400-1000 [ASLAEME] Archaeological Excavations & Catalogues 2).

MACEDO, Marta Lacasta, GOMES, Sofia de Melo, BRAZUNA, Sandra e DUARTE, Cidália (2000) - A villa romana de Milreu. *In (Era) Arqueologia*. Lisboa. 2, p. 6883.

MALONEY, S. J. (1989) - Excavations at the Early Christian Church of Torre de Palma. Final Report, Allen P. Hite Art Institute, University of Louisville, Louisville, 1989.

MALONEY, Stephanie J., POWELL, M. L., MCNABB, S. P. (eds.) (2022) - Life and death at Torre de Palma: two millennia of rural life in the Alto Alentejo, Portugal. *O Arqueólogo Português*, 0874-579X; Supl. 11.

MARTÍNEZ JIMÉNEZ, Javier; SASTRE DE DIEGO, Isaac (2022) - A Late Antique Rural Community in Mérida: The site of Casa Herrera. *In Studies in Late Antiquity* (2022) 6 (1): 54-100. University of California Press. <https://doi.org/10.1525/sla.2022.6.1.54>

MATEOS CRUZ, P. (1995) - La cristianización de la Lusitania (siglos IV-VII). Extremadura en época visigoda. *Extremadura Arqueológica*, 4, págs. 217-237.

MATEOS CRUZ, P. (2000) - Augusta Emerita, de capital de la Diocesis Hispaniarum a sede temporal visigoda. G. Ripoll y J. M. Gurt (eds.), *Sedes Regiae* (Ann. 400-800), Barcelona, 491-520.

MATEOS CRUZ, P., CABALLERO ZOREDA, L. (2003) - Repertorios de Arquitectura Cristiana en Extremadura - Epoca Tardoantigua y alto-medieval (Anejos de AEspA XXIX, Instituto de Arqueología de Mérida - CSIC, 2003).

MATEOS CRUZ, Pedro (2005) - Los orígenes de la Cristianización urbana en Hispania, VI Reunión de Arqueología Cristiana Hispánica, págs. 49-62.

MORGADO, P.; ROCHA, L. (2011) - Carta Arqueológica de Monforte: primeiros dados. VI Encontro del Arqueología del Suroeste Peninsular.

ORLANDOS, A. C. (1957) - «Les Baptistères du Dodécanèse» en Actes du V\* Congrès International d'Archéologie Chrétien. Città del Vaticano. Paris, 1957, pp. 199-212, cfr. por Th. ULBERT, op. cit., pp. 158-159.

PALOL, P. DE (1966) - La arqueología paleocristiana en España: estado de la cuestión. *atas de la I Reunión APH*, (Vitória, 1966), Vitória, págs. 17-27.

PALOL, P. DE (1967) - Arqueología Cristiana de la España Romana, (siglos IV al VI), CSIC, Instituto Enrique Flórez, Madrid-Valladolid.

PALOL, P. DE, ROSSELLO BORDOY-A, G., ALOMAR-J. GAÍPS, *Notas sobre las basílicas de Manacoi. en Mallorca*, Valladolid (1967). P. DE PALOL, «Catalunya i Baleara en temps paleocristians I visigòtics. Les noves descobertes arqueològiques i literàries». *Memoria de l'institut d'Arqueologia i Prehistoria*, Universidad de Barcelona, 1981, págs. 37-47; «La basílica des Cap des Port, de Fornells Menorca», *tf Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispànica*, (Montserrat, 1978), Barcelona 1982, págs. 353-404. R. PITA-P. DE PALOL, «La basílica de Bobala y su mobiliario litúrgico». *VIII CIAC*, (Barcelona, 1969), Barcelona-Ciudad del Vaticano 1979, págs. 383-401.

PALOL, P. DE (1972) - Los monumentos de Hispania en la arqueología paleocristiana. *In atas del VIII Congreso Internacional de Arqueología Cristiana*, págs. 167-185.

PUERTAS, Rafael (1966) - Terminología arqueológica en los concilios hispano-romanos y visigodos. *atas de la I Reunión APH*, (Vitória, 1966), Vitoria, págs. 199-221

QUEVEDO-CHIGAS, E. (1996) - Early Medieval Iberian Architecture and the Hispanic Liturgy: A Study of the Development of Church Planning from the Fifth to the Tenth Centuries, New York.

RAPOSO, Jorge (2001) - Sítios arqueológicos visitáveis em Portugal. *In Al-Madan*. Almada. 2ª série: 10, p. 100157. BA: 0006a.

REAL, Manuel Luís (2000) - Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe. In *Visigodos y Omeyas: un debate entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media* (Mérida, abril de 1999). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 21–75.

REIS, M. P.; CORREIA, V. H., (2006) - Jardins de Conimbriga: arquitectura e gestão hidráulica. In Morel, J.P., Tresseras, J. J. e Matamala, J. C., *The Archaeology of Crop Fields and Gardens* (Ravello, CUEBC, Studio, tutela e fruizione dei Beni Culturali n° 2), 293-312.

RIPOLL, G., & ARCE, J. (2001). Transformación y final de las villae en occidente (siglos IV-VIII): problemas y perspectivas. *Arqueología Y Territorio Medieval*, 8, 21–54. <https://doi.org/10.17561/aytm.v8i0.1672>

RIPOLL, G., CHAVARRÍA, A. (2003) - Arquitectura religiosa en Hispania (siglos IV al VIII). En torno a algunos nuevos hallazgos. *Hortus Artium Medievalium*. Brepols Publishers. Pags. 95-112.

RISTOW, S. (1998) - *Frühchristliche Baptisterien* (Vol. 27). Aschendorff.

RODRIGUEZ VELASCO, Maria (2016) – El Bautismo de Cristo. Universidade CEU San Pablo. In *Revista Digital de Iconografía Medieval*, vol. VIII, nº15, 2016, pp. 5-25.

ROLÃO, Paulo (2022) - Torre de Palma, opulência no Alentejo. In *National Geographic*, publicado online a 17 de fevereiro de 2022.

RUIVO, José da Silva; CORREIA, Virgílio Hipólito (2017) - Um quarto de século de investigação arqueológica em Conimbriga. In *Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación*, atas da IX Mesa Redonda Internacional de Lusitania, Mérida, págs. 209-232.

SALES CARBONELL, Jordina (2011) - Edificia cristiana hispana de la antigüedad tardía: La "Tarraconensis", Tese Doctoral, Universidade de Barcelona. ISBN: 978-84-694-4210-4.

SÁNCHEZ RAMOS, Isabel (2014a) - Nueva lectura arqueológica del conjunto episcopal de Egítania (Idanha-a-Velha, Portugal). *Madrider Mitteilungen*, 55, 2015, pp. 398-428.

SÁNCHEZ RAMOS, I., MORÍN DE PABLOS, J. (2014) - Idanha-a-Velha. Portugal. El episcopio de Egítania en época tardoantigua, Audema.

SÁNCHEZ RAMOS, Isabel (2020a) - La arquitectura urbana de Idanha-a-Velha (Portugal) en el contexto de la Lusitania en la Antigüedad tardia. *Pyrenae*, vol. 51, nº1, págs. 145-182.

SÁNCHEZ RAMOS, Isabel (2020b) - Estudio de las transformaciones del paisaje urbano de la civitas Igaeditanorum en la Antigüedad tardia (Idanha-a-Velha, Beira Baixa, Portugal). *Saguntum*, nº52, págs. 153-178.

SANJUÁN DEL OLMO, Laura (2013) - Patrimonio en Peligro: La *villa* romana de la Dehesa de la Cocosa. In Plataforma MUPART, atualizado em outubro de 2018.

SASTRE DE DIEGO, Isaac (2009): *El altar en la arquitectura cristiana hispánica. Siglos V-X. Estudio Arqueológico*. Tesis doctoral, Universidad Autónoma de Madrid, Facultad de Filosofía y Letras. URI: <http://hdl.handle.net/10486/243> Acceso: <https://repositorio.uam.es/handle/10486/243>

SASTRE DE DIEGO, Isaac; SABIO GONZÁLEZ, Rafael (2020) - Escultura arquitectónica y litúrgica en la Basílica Tardoantigua de Casa Herrera (Mérida, Badajoz). Novedades aportadas desde la revisión de fondos del MNAR (Museo Nacional de Arte Romano de Mérida). In *Anas* 33 (2020), pp. 291-317. ISSN: 1130-1929.

SCHLUNK, H. (1978) - «Die frühchristlichen Denkmäler aus dem Nord-Westen der Iberischen Halbinsel», *Legio VII Gemina*. León 1970, pág. 477-509; Id., «La Iglesia de San Giáo, cerca de Nazaré. Contribución al estudio de las influencias de la liturgia en la arquitectura de las iglesias prerrománicas de la Península Ibérica», *atas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra 1971, págs. 509-528; en colaboración con T. HAUSCHILD, *Die Denkmäler der frühchensachen und westgotischen Zeit Hispania Antigua*, Maguncia 1978.

SERRA I RAFOLS, J C. (1952) - La *villa* romana de la dehesa de la Cocosa. In *Revista de Estudios Extremeños*, Supl. 2, Vol. 34. Badajoz.

SOTOMAYOR, Manuel (1982) - Reflexión histórico-arqueológica sobre el supuesto origen africano del Cristianismo hispano, II Reunió d'arqueologia Paleocristiana Hispànica (Montserrat, 1978), Barcelona, p. 11-30.

TEICHNER, Felix (2001) - Uma nova interpretação da área 21, a partir da planta elaborada por Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, sobre a Villa romana de Milreu (Estói, Algarve) - notícia preliminar. In *O Arqueólogo Português*, série IV, 19, 2001, pág. 187-198.

TEICHNER, Félix (2008a) - La pars urbana tardorromana de la villa de Milreu (Estói, Portugal): nuevos descubrimientos y antiguos documentos. In *Las villae tardorromanas en el Occidente del imperio: arquitectura y función*. IV Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón.

TEICHNER, Felix (2008b) - Entre tierra y mar. *Zwischen land und meer*. Studia Lusitania, 3; vol.1, 2. Mérida: Junta de Extremadura. ISBN: 9788461278930.

TEICHNER, F.; DURR, R. (2020) - *Instrumentum domesticum*: Objetos de hierro encontrados en la *villa* romana de «La Dehesa de la Cocosa» (Lusitania). In: V. Revilla Calvo, A. Aquilera Martín, L. Pons Pujol, M. García Sánchez (Hrsg.), *Ex Baetica Romam. Homenaje a José Remesal Rodríguez*. Col Lecciò Homenatges 58 (pp.895-921).

TEJA, Ramón (1990) - *La carta 67 de S. Cipriano a las comunidades cristianas de León-Astorga y Mérida: algunos problemas y soluciones*. In *Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano*. Antig. crist. (Murcia) VII, 115-124.

ULBERT, Thilo (1978) - *Frühtichnstliche Basiliken mit Doppelapsiden auf der Iberischen Halbinsel: Studien zur Architektur-und Liturgiegeschichte*, Berlín, Gebr. Mann Verlag, 1978. ISBN: 3786111464.

ULBERT, EGER (2006) - *Valdecebadar bei Olivenza (Badajoz). Neue Untersuchungen in der kreuzförmigen Kirche und ihrem Umfeld*, Madrider Mitteilungen vol. 47 (2006) p. 221-252.

UTRERO AGUDO, M. A. (2006): *Iglesias tardoantiguas y alto-medievales en la Península Ibérica. Análisis arqueológico y sistemas de abovedamiento*. Anejos de AespA XL: 569570. Madrid. Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

UTRERO AGUDO, M. A. (2009) - *Las iglesias cruciformes del siglo VII en la Península Ibérica. Novedades y problemas cronológicos y morfológicos de un tipo arquitectónico*. Caballero, L., Mateos, P. y Utrero, M.<sup>a</sup> Á. (Ed.): *El Siglo VII Frente Al Siglo VII*. Arquitectura. Visigodos y Omeyas – IV (Mérida 2006), Madrid.

UTRERO AGUDO, M. (2011) - *Sepulturas e iglesias en la Hispania tardoantigua. Una relación difícil*. Gausac 17-35.

VARELA LÓPEZ, T. A. 1974-75: *Estudio antropológico de los restos óseos procedentes de necrópolis visigodas de la Península Ibérica*, “Trabajos de Antropología”, 17, 2-4.

VERA, Domenico (1983) - *Strutture agrarie e strutture patrimoniali nella tarda antichità: l'aristocrazia romana fra agricoltura e commercio*. *Opus*.

VICASTILLO, Salvador (2008) - *La estructura sacramental del Bautismo según Tertuliano*, *Estudios Eclesiásticos*, vol. 83, no 324, pp. 87-98.

VILELLA MASANA, Josep (1998) - Las primacías eclesiásticas en Hispania durante el siglo IV. In *Polis: revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad*, ISSN 1130-0728, Nº 10, 1998, págs. 269-285.

VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J. (2007), *La presencia bizantina en Hispania (Siglos VI-VII): La documentación arqueológica, Monografías sobre la Antigüedad tardía XXIV, Murcia, Eds. 2009.*

WOLFRAM, Mélanie (2011) – A Cristianização do mundo rural no Sul da Lusitânia. Tese de Doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia. Lisboa.

WOLFRAM, Mélanie, SOARES, António M. Monge (2014) - Baptismo e batistérios durante a Antiguidade Tardia no Império romano ocidental. O exemplo de Vila Verde de Ficalho (Beja, Portugal). O Sudoeste Peninsular entre Roma e o Islão. Campo Arqueológico de Mértola.

## **WEBGRAFIA:**

Consultado dia 27 de abril de 2022.

[https://www.youtube.com/watch?v=1rzfXuirnxk&ab\\_channel=MunicipiodeMonforte](https://www.youtube.com/watch?v=1rzfXuirnxk&ab_channel=MunicipiodeMonforte)

Consultado dia 19 de janeiro de 2023.

<https://www.catacombesancallisto.it/en/index.php>

Consultado no dia 01 de março de 2023.

<https://www.turismo-prerromanico.com/en/monumento/iglesia-de-valdecebadar-20130420183513/>

Consultado no dia 02 de março de 2023.

<http://museoarqueologicobadajoz.juntaex.es/web/view/portal/index/standardPage.php?id=157>

Consultado ao longo do processo de elaboração da dissertação.

<https://fonspalol.icac.cat/biografia-pere-palol-salellas/>

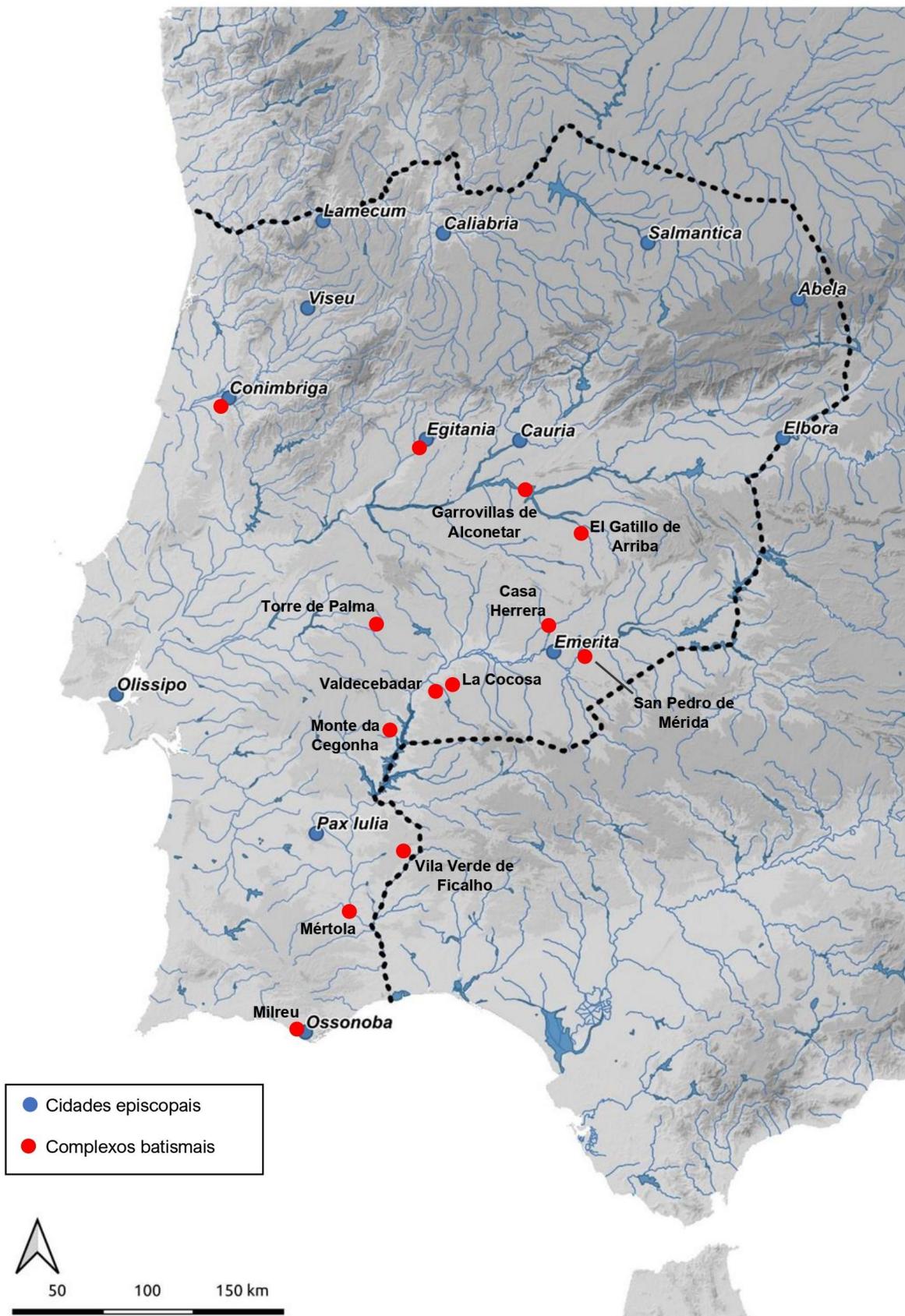
Consultado no dia 07 de março de 2023.

<https://listaroja.hispanianostra.org/ficha/villa-romana-de-la-cocosa/>

Consultado no dia 21 de julho de 2023.

<https://www.conimbriga.pt/guias2/7/pt>

## ANEXOS



**MAPA 1** - As cidades episcopais e as possíveis piscinas batismais identificadas na Lusitânia. Autoria da autora.

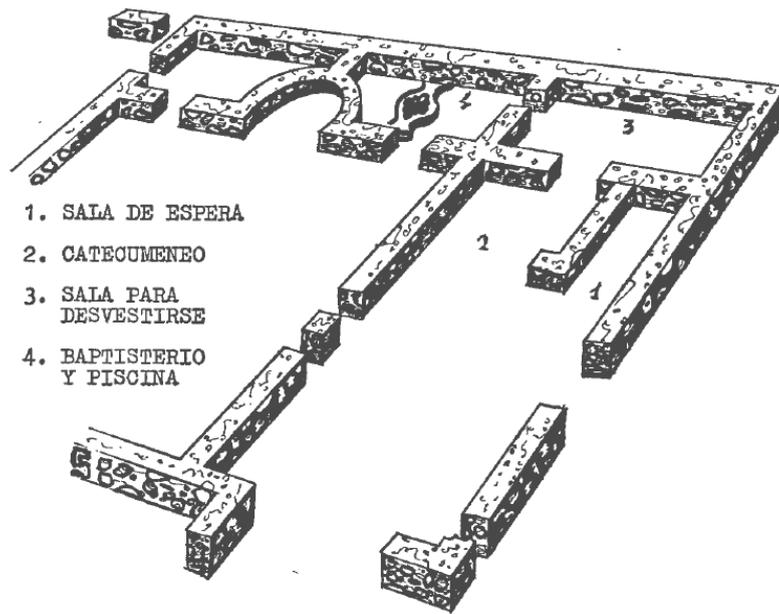


FIG. 1 - Complexo religioso de San Pedro de Alcántara (Málaga). (ITURGAIZ, 1968)

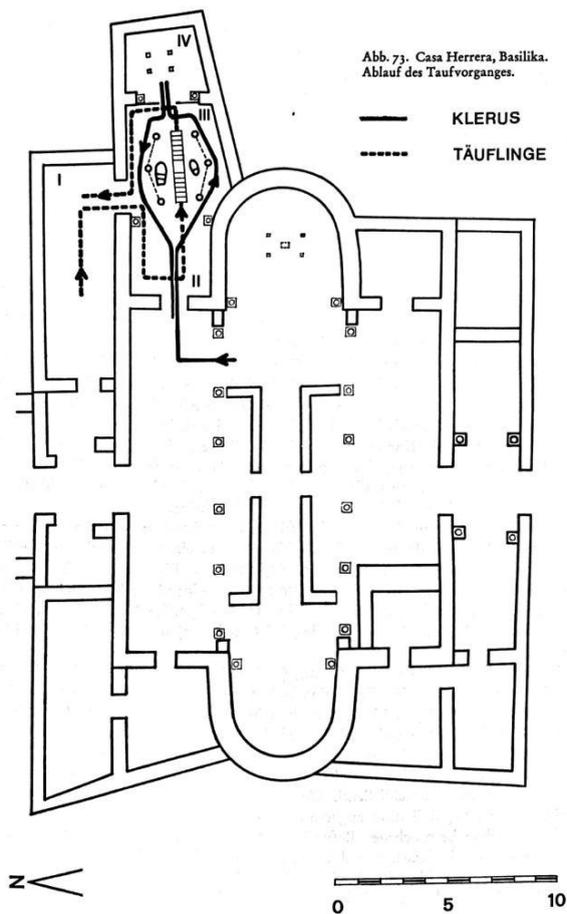
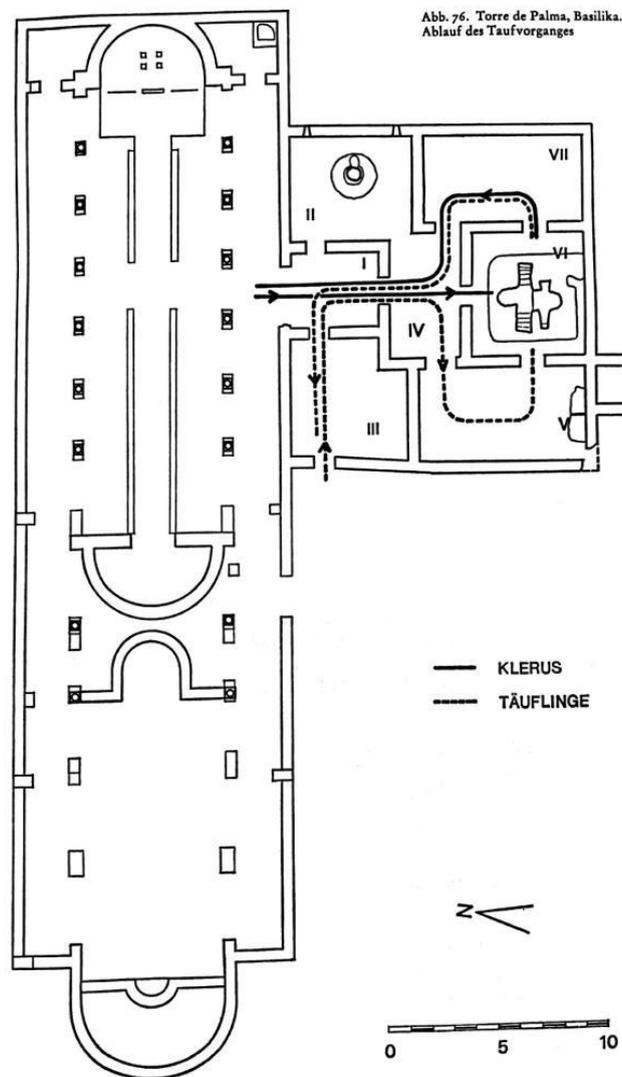
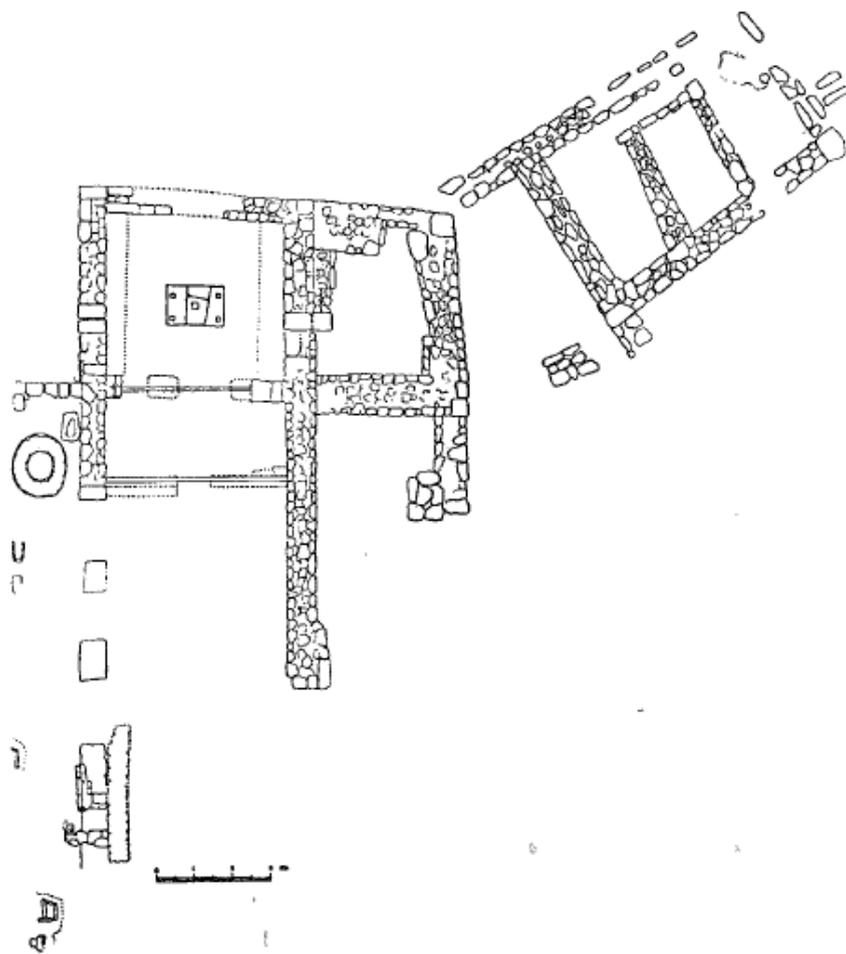


FIG. 2 - Recriação por Ulbert (1978) dos possíveis percursos que os iniciantes e o clero fariam durante a cerimónia do batismo na basílica da Casa Herrera.



**FIG. 3** - Recriação do percurso do clero e dos catecúmenos aquando do seu batismo, na basílica de Torre de Palma, elaborado por Ulbert (1978).



**FIG. 4** - Planta das piscinas batismais de Son Peretó, segundo Palol. (ULBERT, 1978)

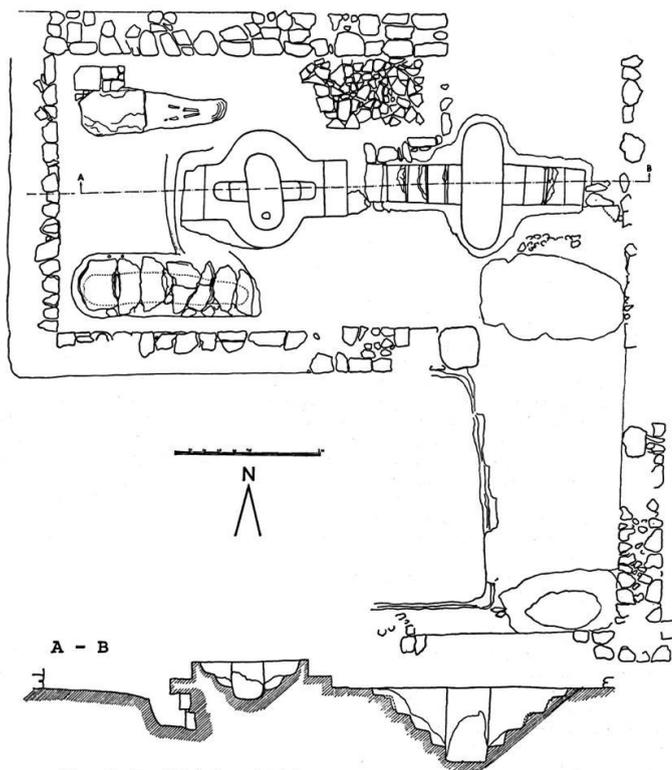


Abb. 59. Son Peretó. Taufanlage nach Palol

FIG. 5 - Planta da basílica de Fornàs de Torelló, Menorca. (PALOL, 1967)

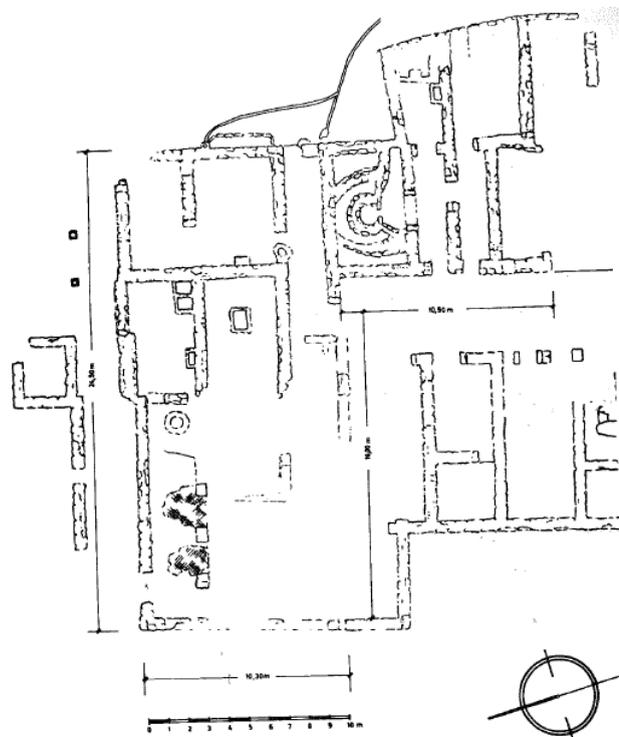
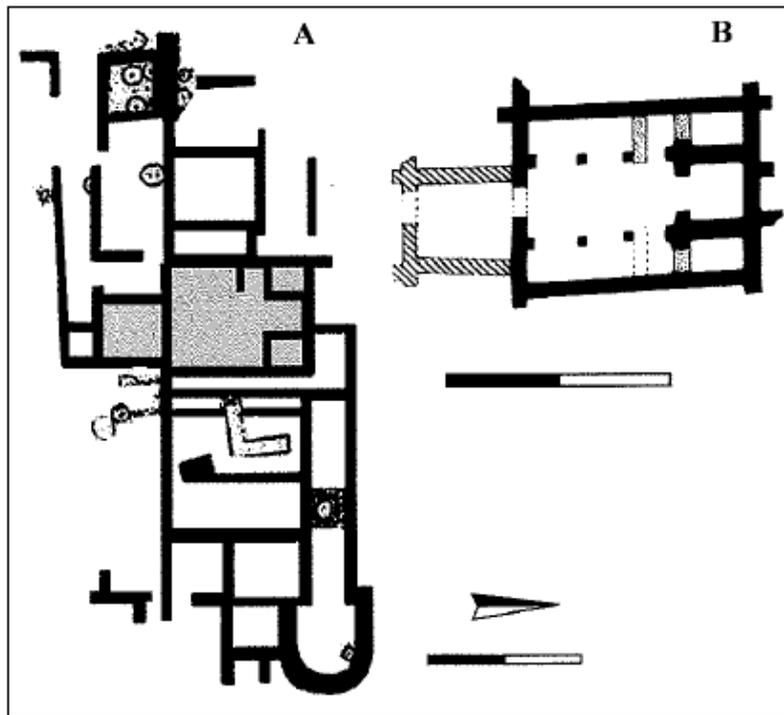


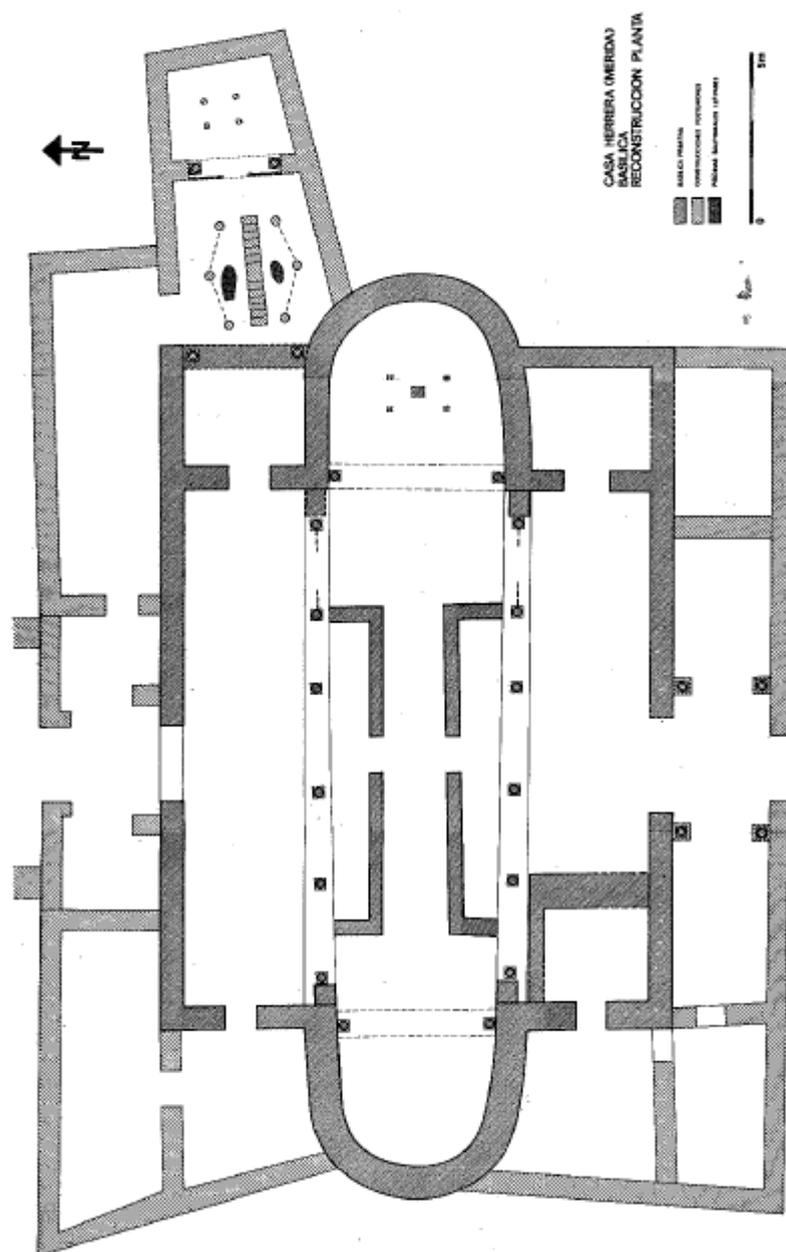
FIG. 6 - Planta da basílica da Isla del Rei, Menorca. (SERRA, 1967)



**FIG. 7** - Planta do sítio do Monte da Cegonha. A- A cinzento, o espaço de culto segundo Alfenim e Conceição Lopes (1995); B - Planta do edifício segundo Real (2000). (CORDERO RUIZ, 2013)

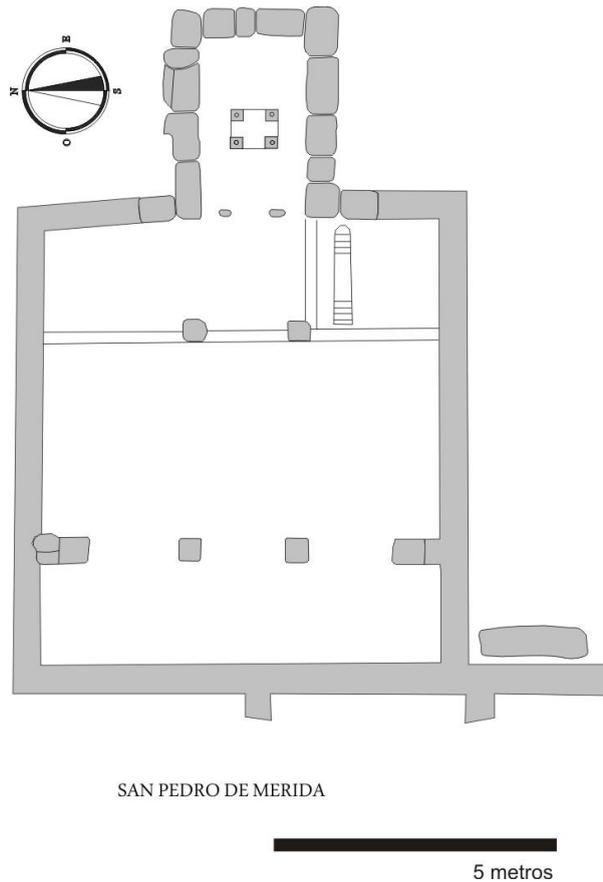


**FIG. 8** - Fotografia da villa do Monte da Cegonha. (ALFENIM, LOPES, 1995)



**FIG. 9** - Planta da basílica da Casa Herrera, Badajoz. (CABALLERO ZOREDA, ULBERT, 1976)

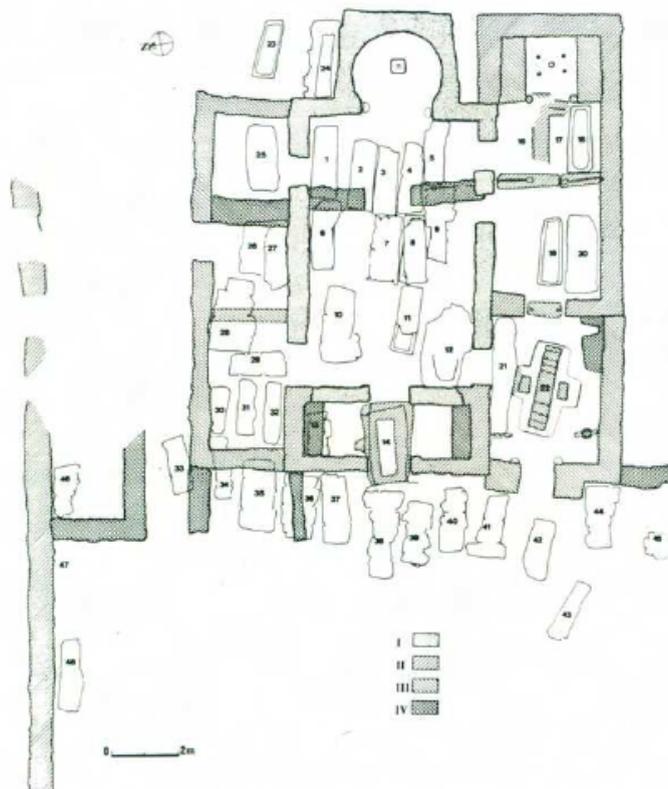




**FIG. 12** - Basílica de San Pedro de Mérida, Badajoz. (ARBEITER, 2003)



**FIG. 13** - Fotografia da piscina batismal de San Pedro de Mérida, Badajoz, fornecida por Tomas Cordero Ruiz.



**FIG. 14** - Planta das sucessivas etapas da construção da igreja do Gatillo de Arriba, Cáceres. (CABALLERO ZOREDA *et al*, 1991)



**FIG. 15** - Fotografia da piscina batismal do Gatillo de Arriba, Cáceres. (CABALLERO ZOREDA *et al*, 1991)



FIG. 16 - Planta da basílica de Garrovillas de Alconétar, Cáceres.

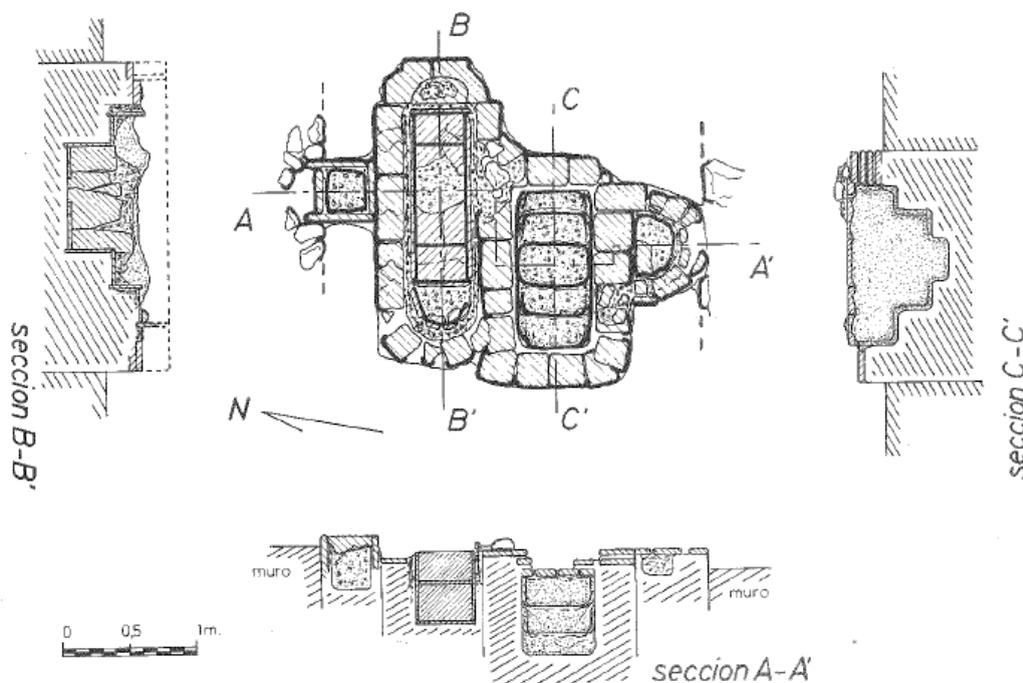
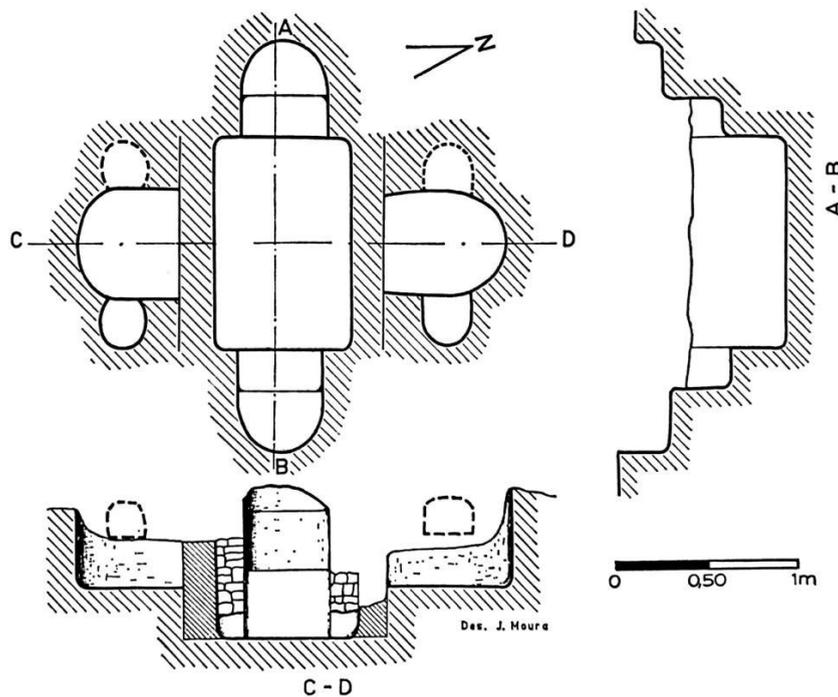
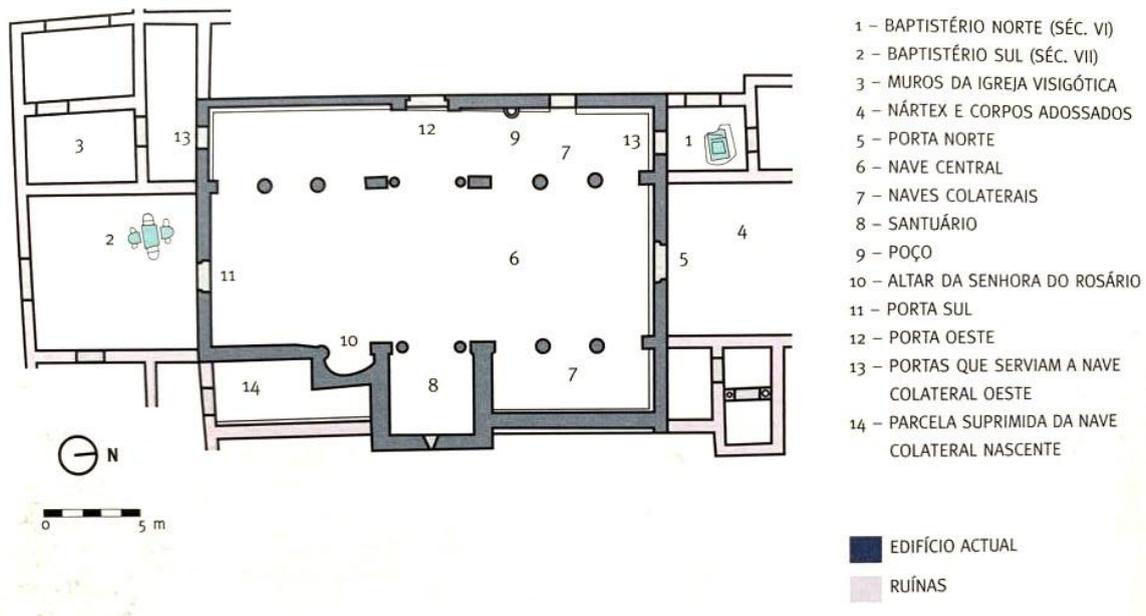


FIG. 17 - Planta geral e do perfil do batistério de Garrovillas de Alconétar, Cáceres. (GODOY FERNÁNDEZ, 1989b)



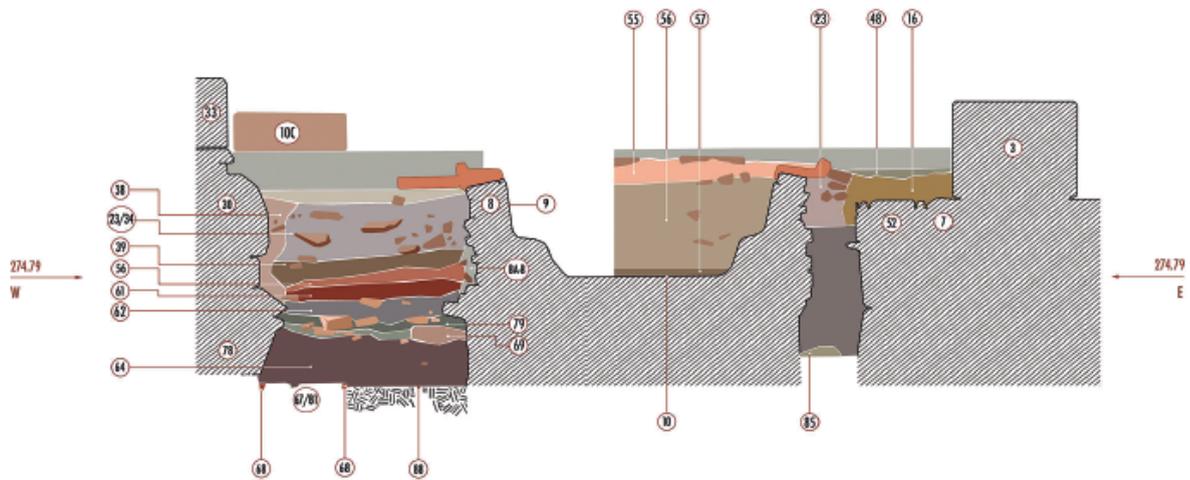
**FIG. 18** - No topo, fotografia (CORDERO RUIZ *et al*, 2020) atual do batistério Sul de Idanha-a-Velha e em baixo, a sua planta (ALMEIDA, 1965), Castelo Branco.



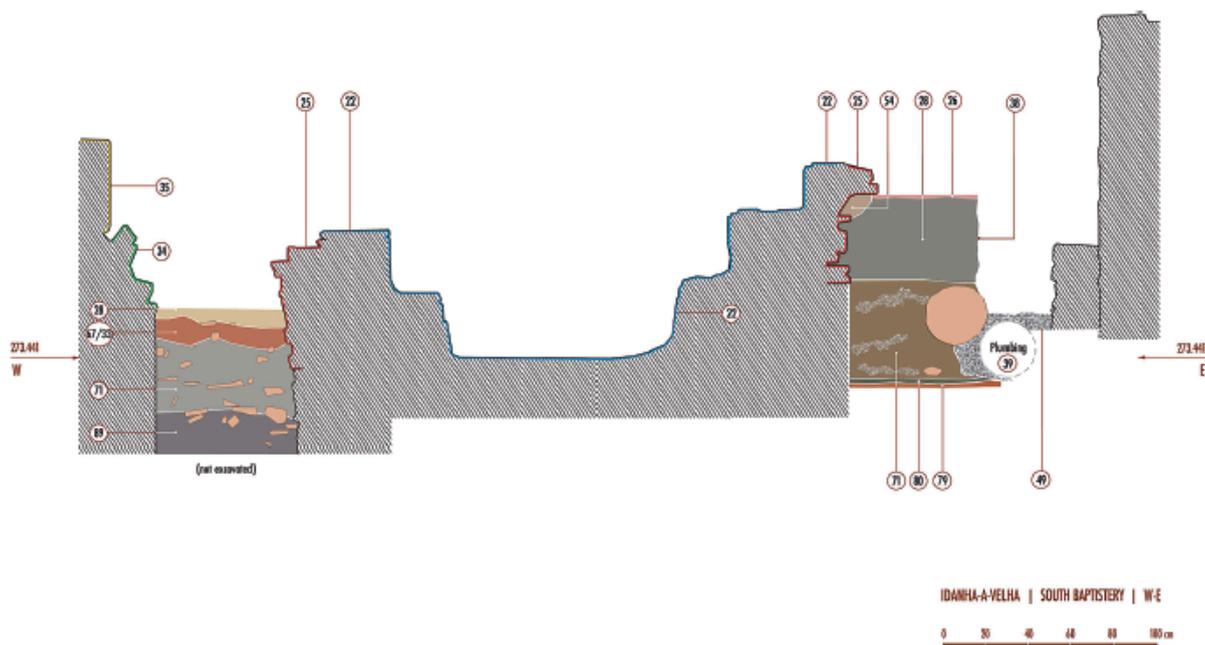
**FIG. 19** - Planta geral da Sé de Santa Maria após as escavações de 2005. (CRISTÓVÃO, 2008)



**FIG. 20** - Fotografia do batistério Norte de Idanha-a-Velha, Castelo Branco, após a finalização dos trabalhos arqueológicos de Cristóvão. (CORDERO RUIZ *et al*, 2020)



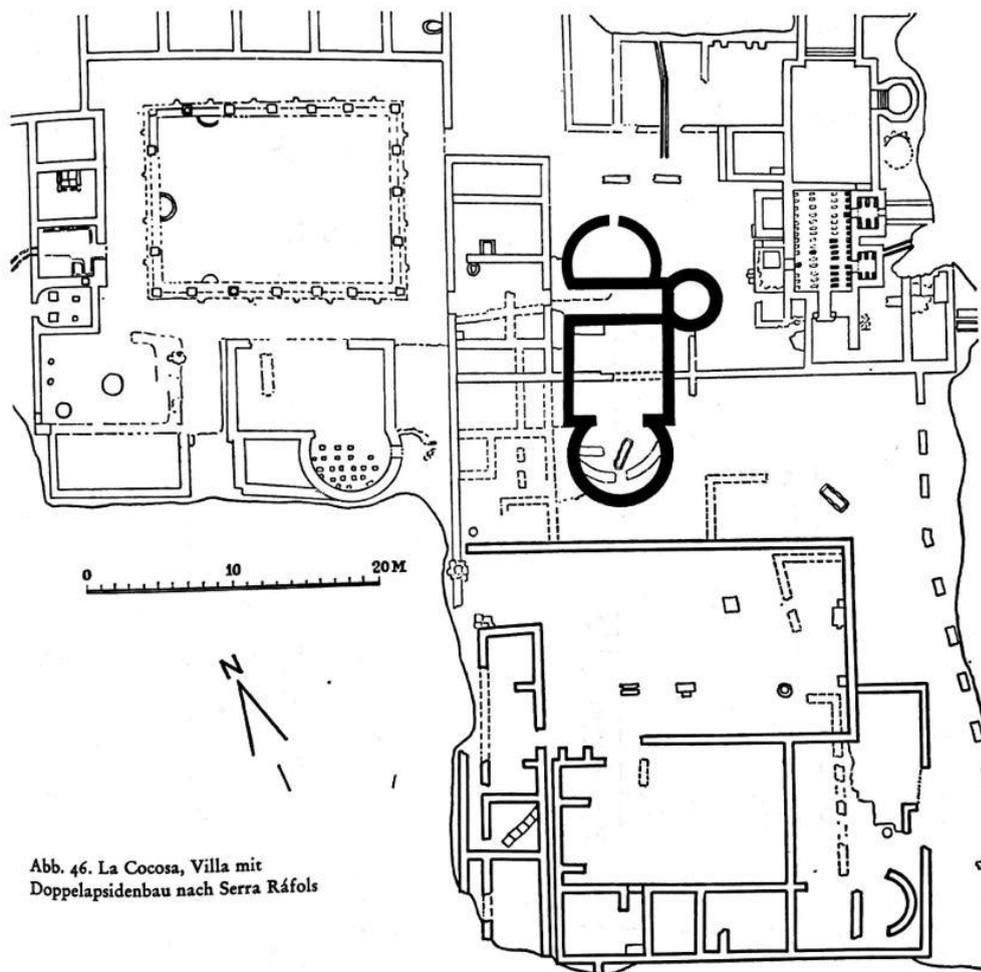
**FIG. 21** - Perfil estratigráfico do batistério Norte de Idanha-a-Velha, Castelo Branco. (CORDERO RUIZ *et al*, 2020)



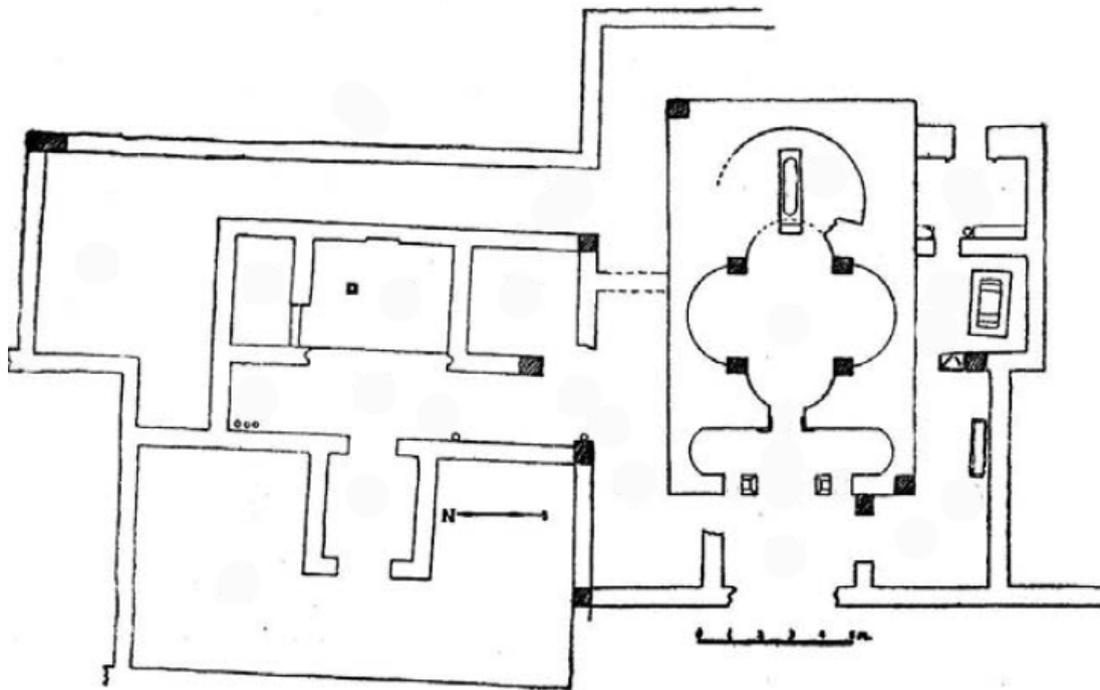
**FIG. 22** - Perfil estratigráfico do batistério Sul de Idanha-a-Velha, Castelo Branco. (CORDERO RUIZ *et al*, 2020)



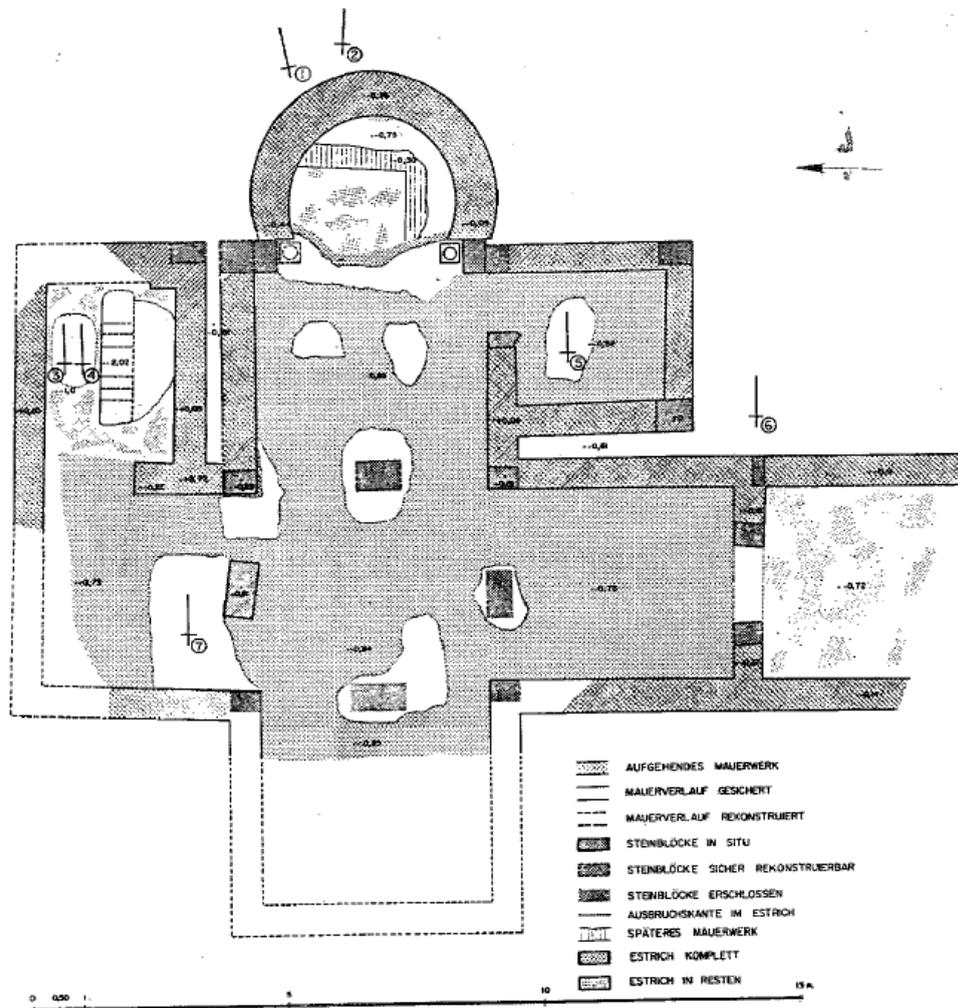
**FIG. 23** - Fotografia aérea da *villa* romana de La Cocosa, Badajoz. Autoria de naturelezaysenderosbadajoz, publicada a 9 de setembro de 2011.



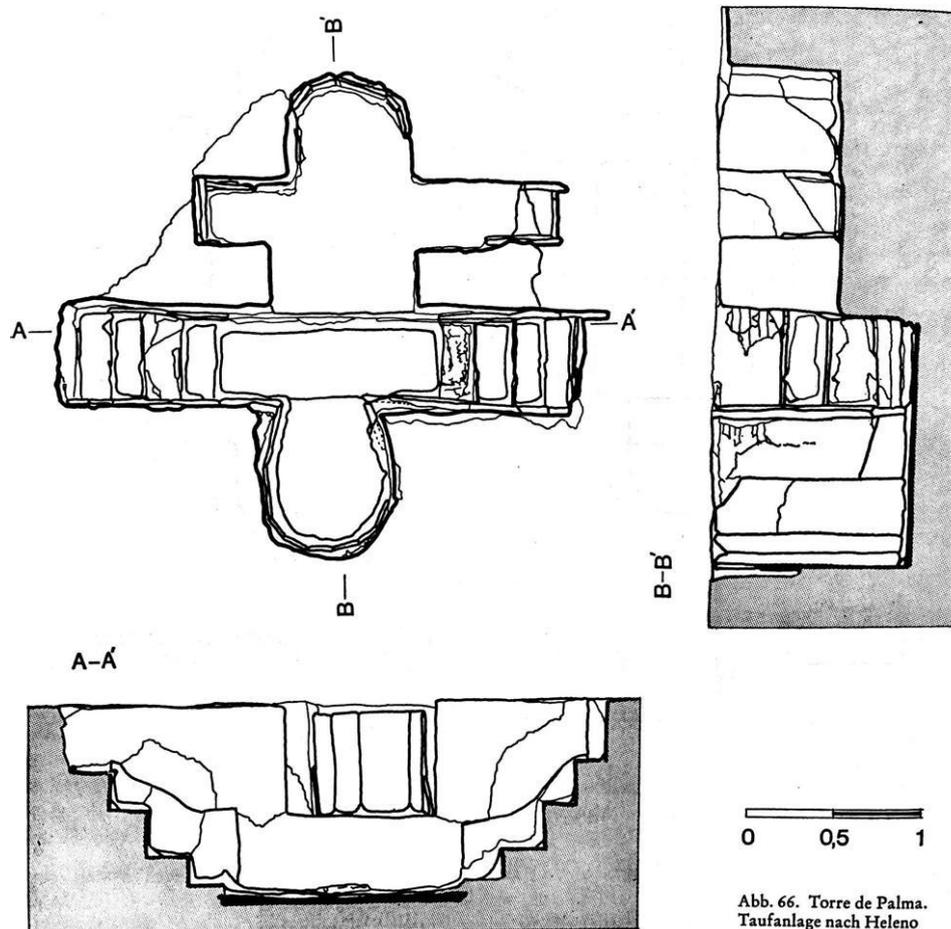
**FIG. 24** - Planta geral da villa romana de La Cocosa, Badajoz. Com ênfase para a basílica de dupla abside, por Serra i Rafols (1952). (ULBERT, 1978)



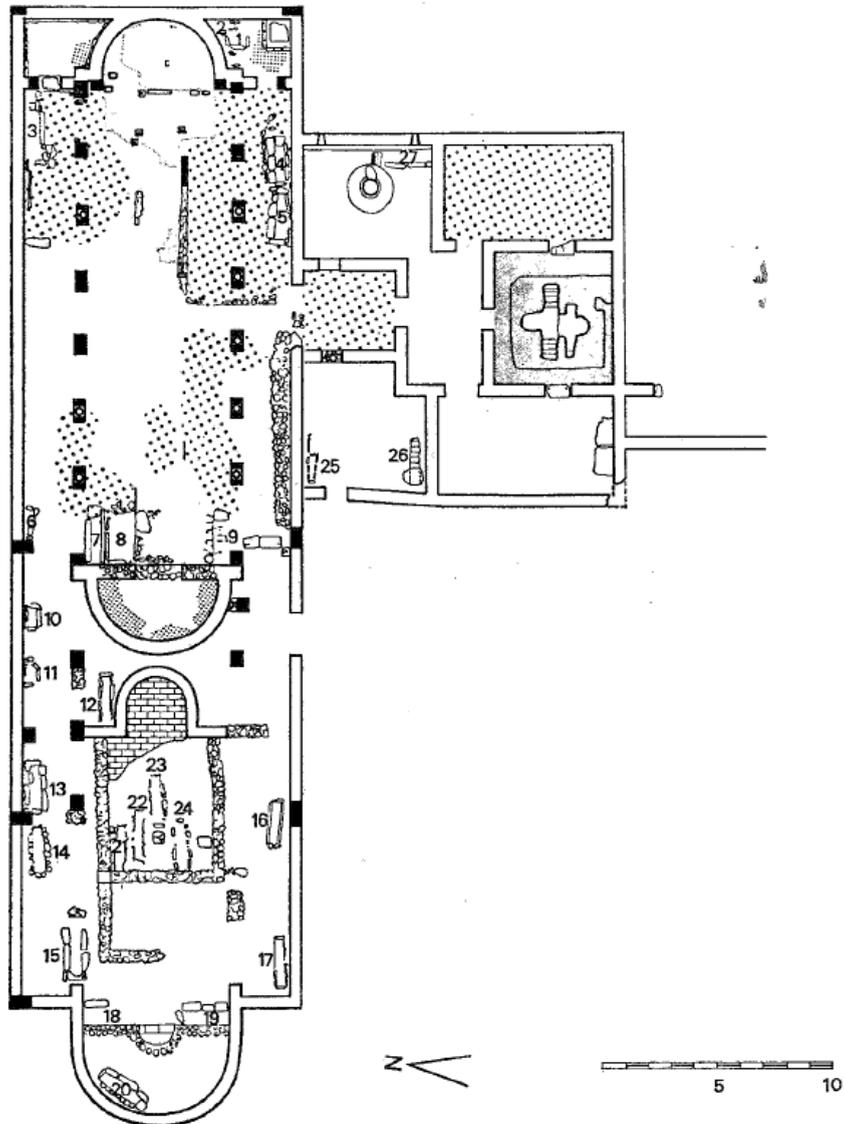
**FIGS. 25** - Em cima, planta do *martyrium* e posterior edifício cristão; e fotografia do batistério por Serra i Rafols (1952). (CORDERO RUIZ, 2013)



**FIGS. 26** - Planta da basílica de Valdecebadar, Badajoz. E, fotografia aérea da basílica. (ULBERT, 1973)



**FIG. 27** - Planta do batistério de Torre de Palma, desenhado por Dario Moreira de Sousa. (HELENO, 1962)



**FIG. 28** - Planta da basílica de Torre de Palma, Monforte, segundo Ulbert (1978). (GODOY FERNÁNDEZ, 1995)

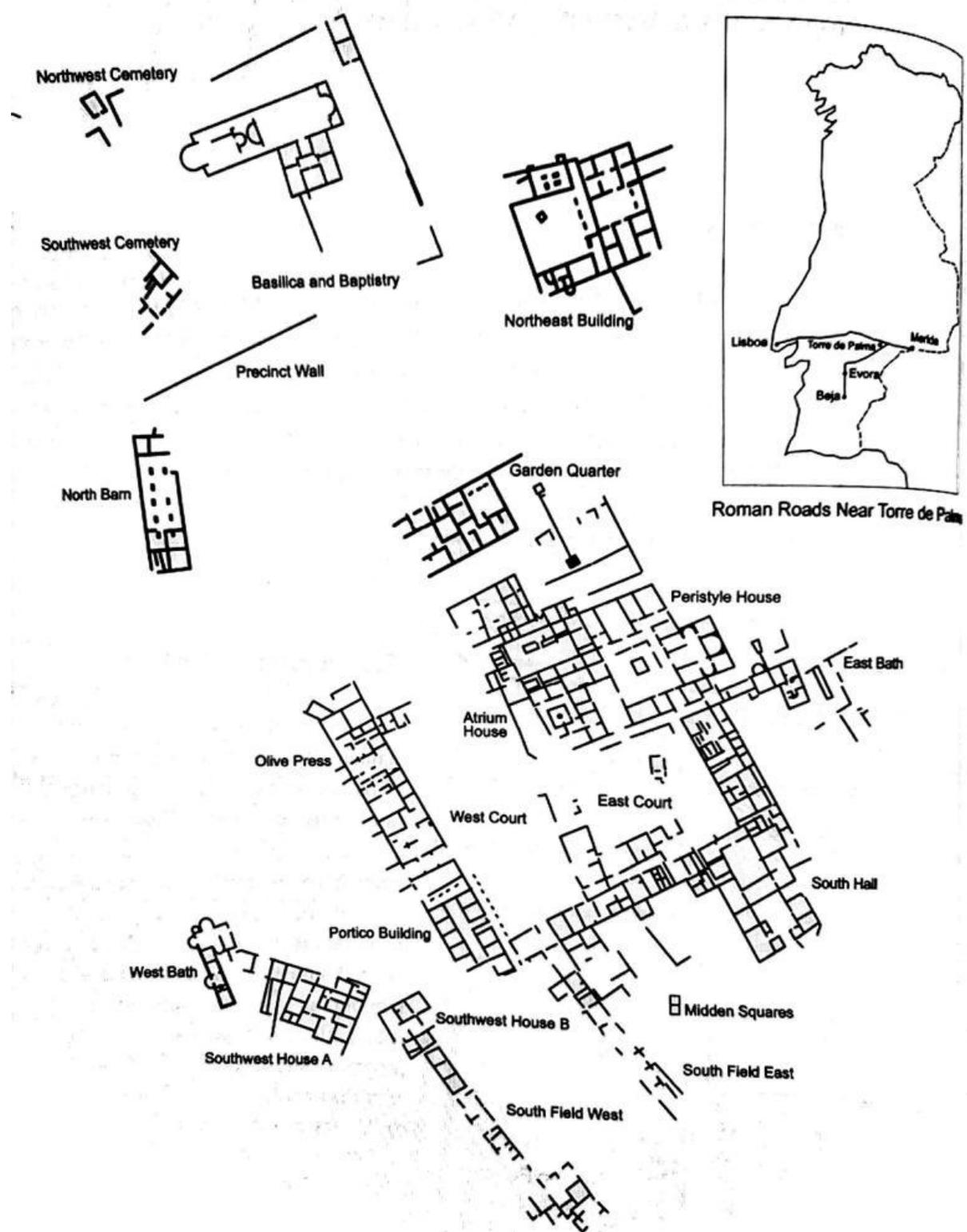
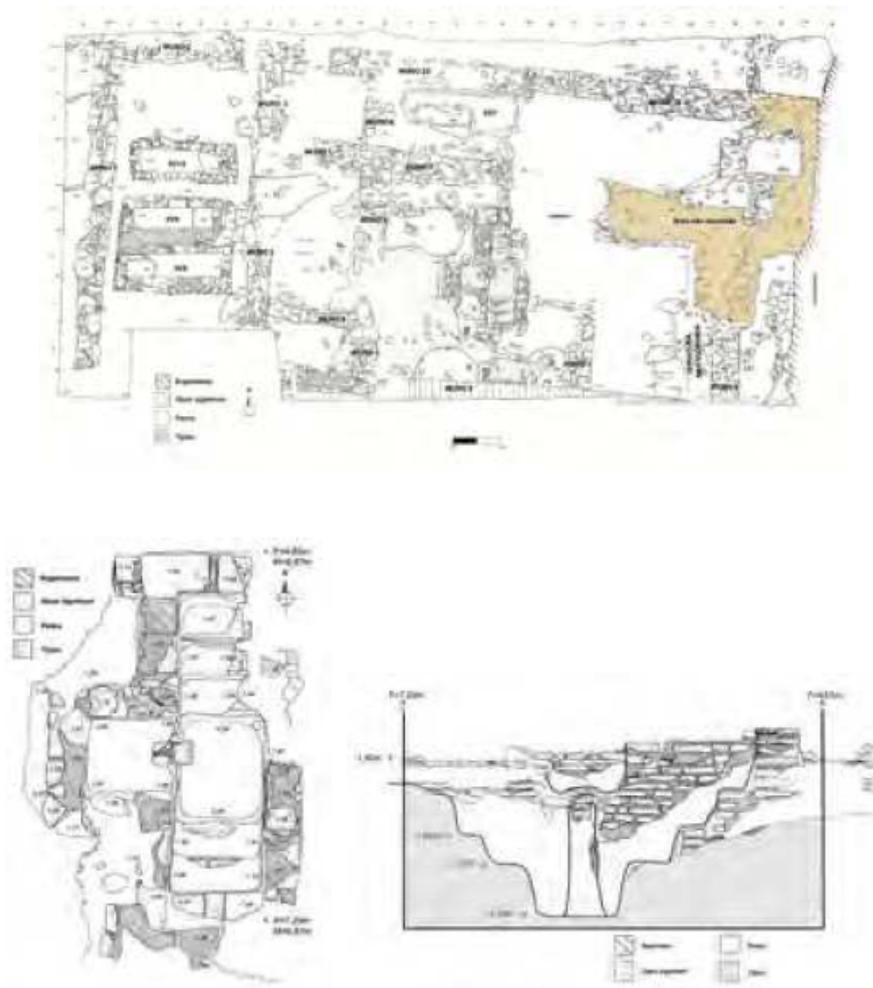


FIG. 29 - Planta completa da *villa* de Torre de Palma, Monforte. (MALONEY *et al*, 2022)



**FIGS. 30** - Fotografias atuais do batistério de Torre de Palma, Monforte. (Autoria: Isabel Figueiredo)

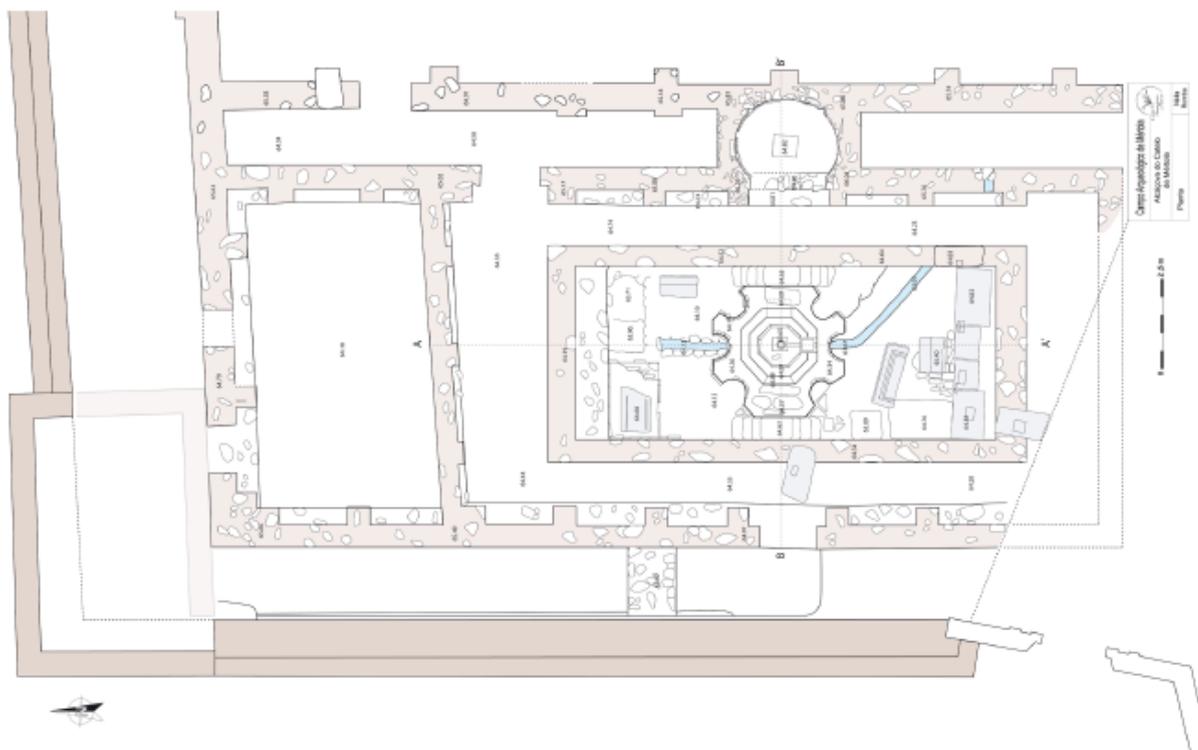


**FIGS. 31** - Em cima, planta geral do setor A, nas escavações da Igreja de São Jorge, Vila Verde de Ficalho, Serpa. Em baixo, a planta geral e de perfil do batistério<sup>534</sup>. (WOLFRAM, SOARES, 2014).

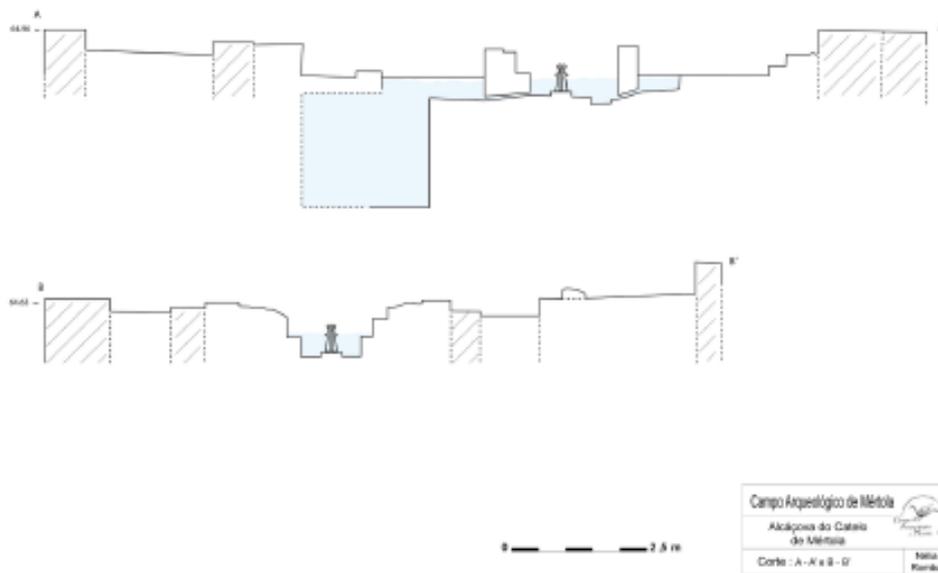
<sup>534</sup>Infelizmente no próprio artigo as imagens, tanto plantas como fotografias têm pouca qualidade.



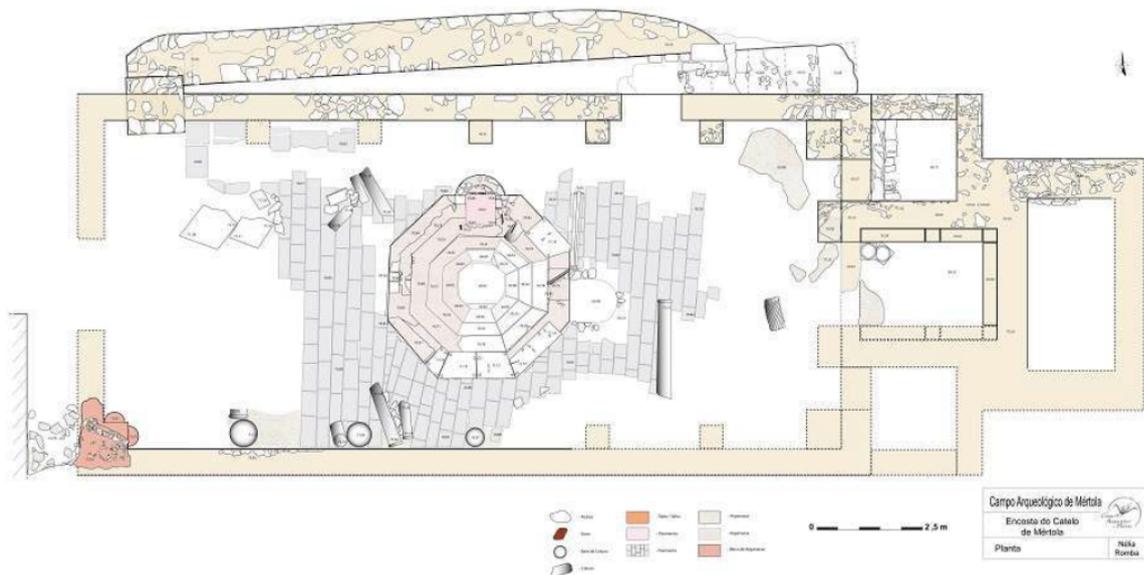
**FIG. 32** - Planta geral das estruturas postas a descoberto na alcáçova de Mértola, Beja. (LOPES, 2015)



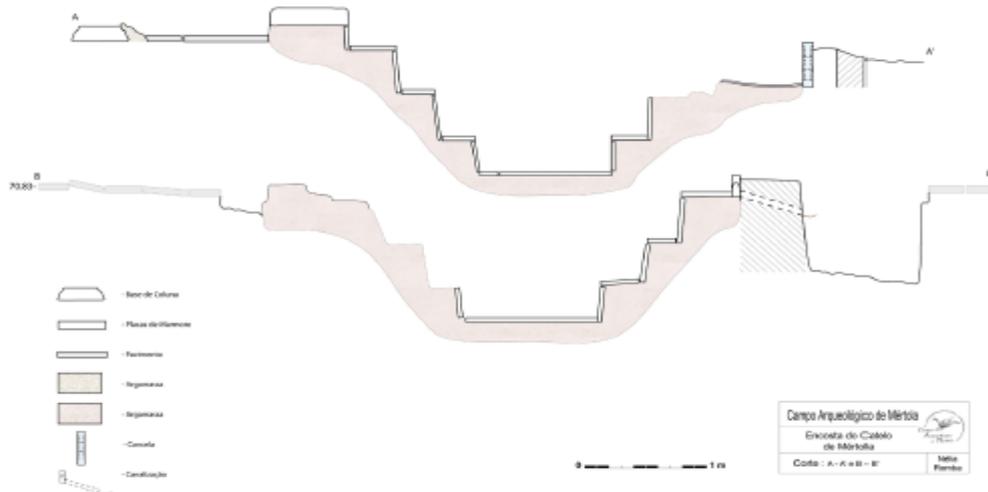
**FIG. 33** - Planta das estruturas do batistério 1 de Mértola, Beja. (LOPES, 2015)



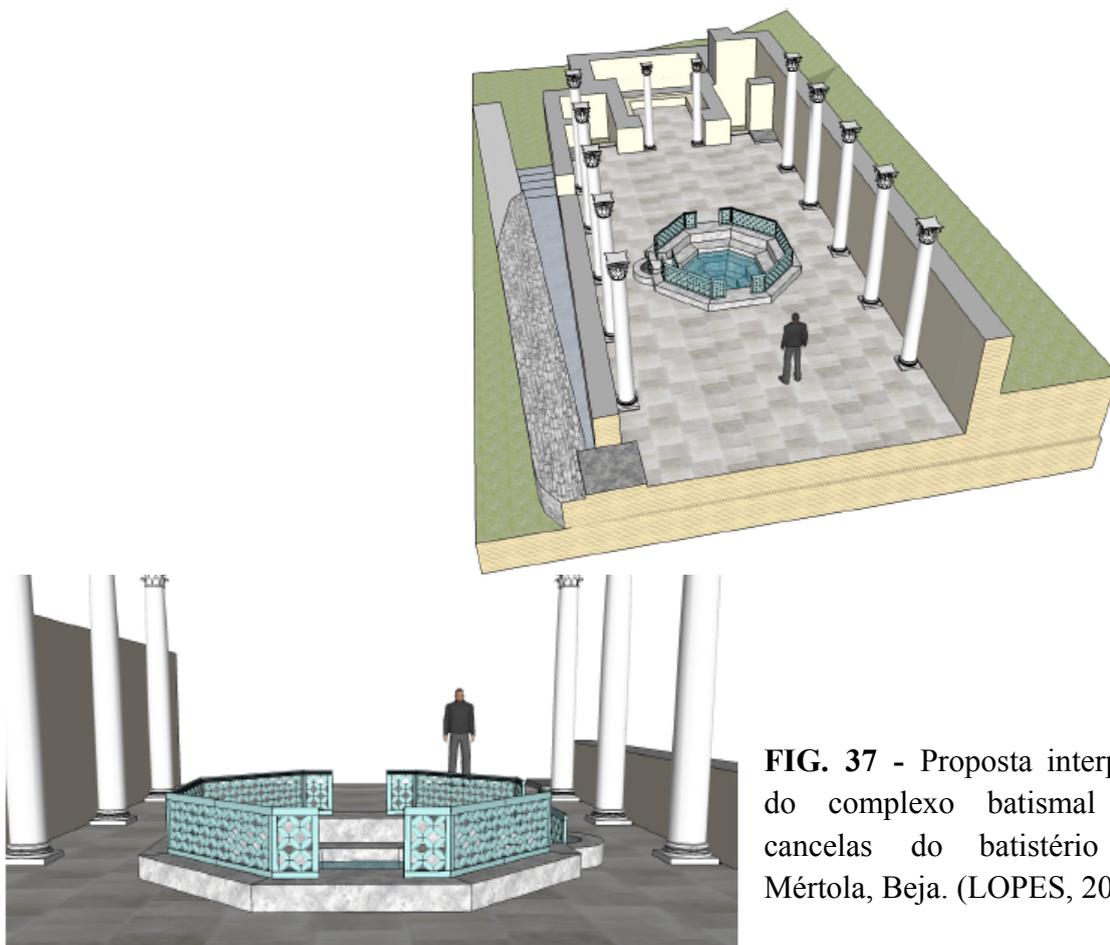
**FIG. 34** - Perfil do batistério 1 de Mértola, Beja. (LOPES, 2015)



**FIG. 35** - Planta do batistério 2 de Mértola, Beja. (LOPES, 2018)



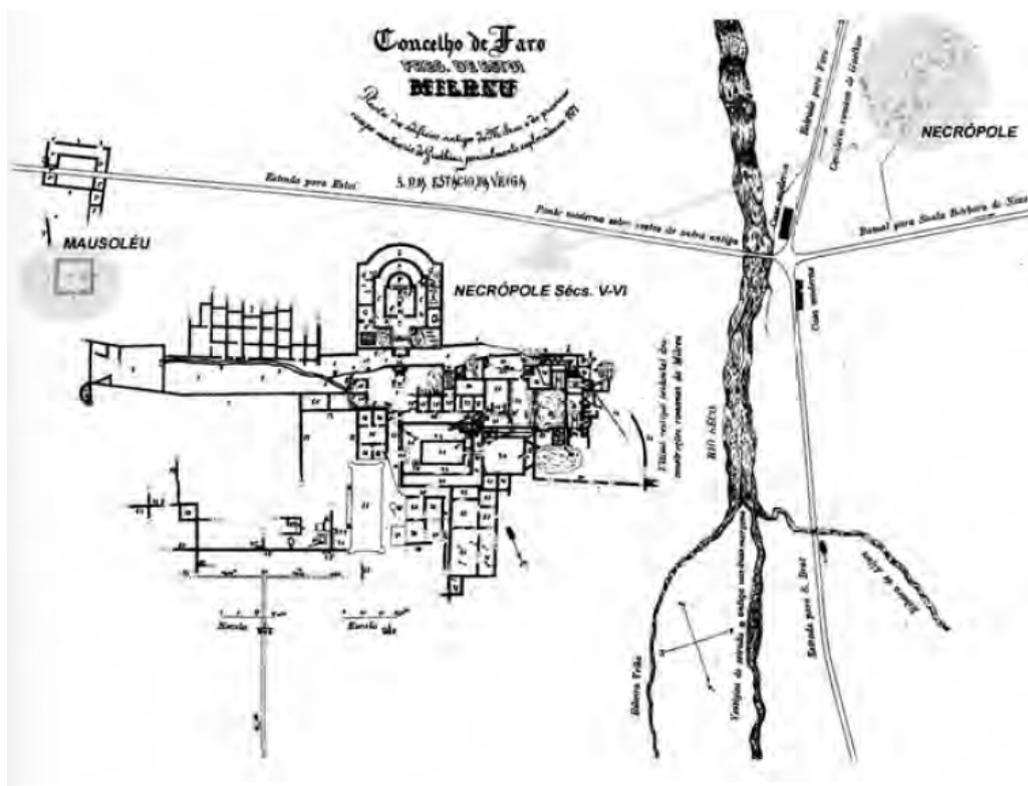
**FIG. 36** - Perfil do batistério 2 de Mértola, Beja. (LOPES, 2015)



**FIG. 37** - Proposta interpretativa do complexo batismal e das cancelas do batistério 2 de Mértola, Beja. (LOPES, 2013)



**FIG. 38** - Fotografia das explorações efetuadas por Estácio de Veiga em 1878, na villa romana de Milreu, Faro. (CARDOSO, 2007)



**FIG. 39** - Planta da villa romana de Milreu, Faro, elaborada por Estácio da Veiga. (BERNARDES, 2017)

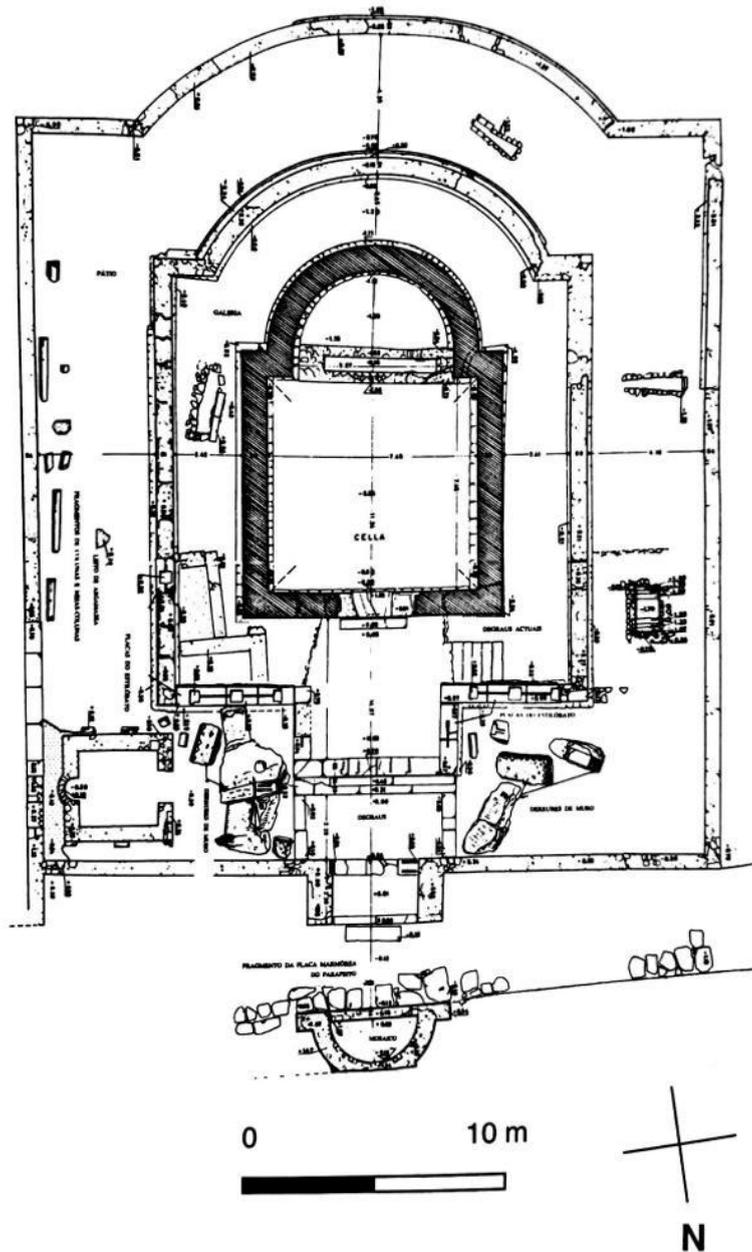
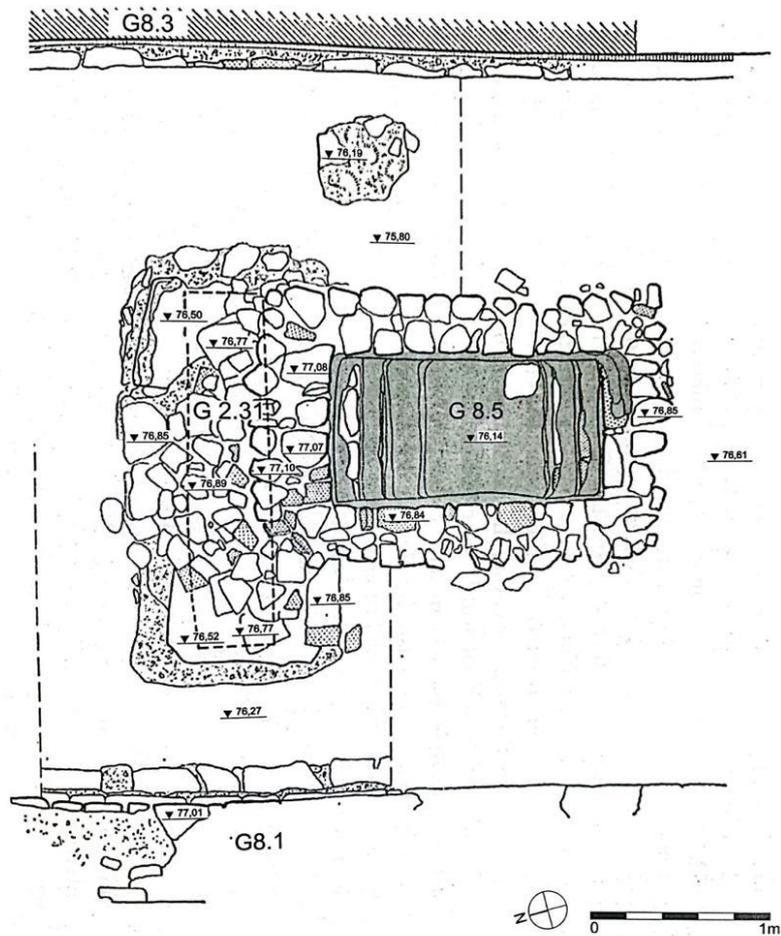


FIG. 40 - Planta da basílica/templo das Ninfas, de Milreu, Faro. (HAUSCHILD, 1965)



**FIGS. 41** - Em cima, a planta do batistério de Milreu, Faro. (HAUSCHILD, 1980) Em baixo, fotografia da piscina retirada de Hauschild, Teichner, 2002.

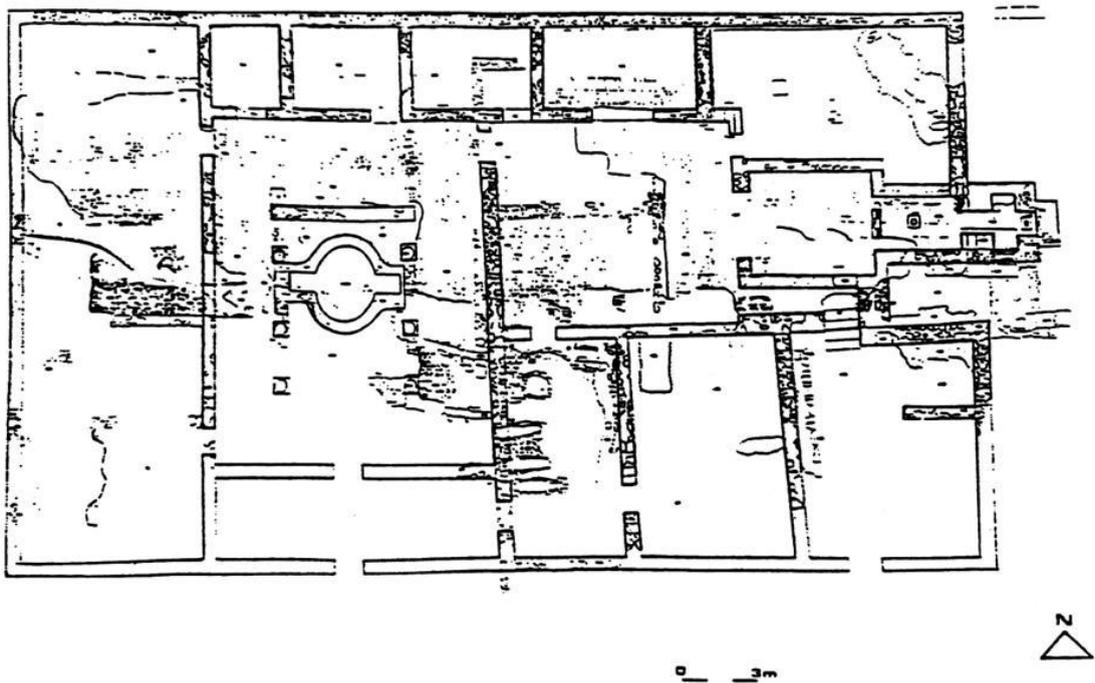
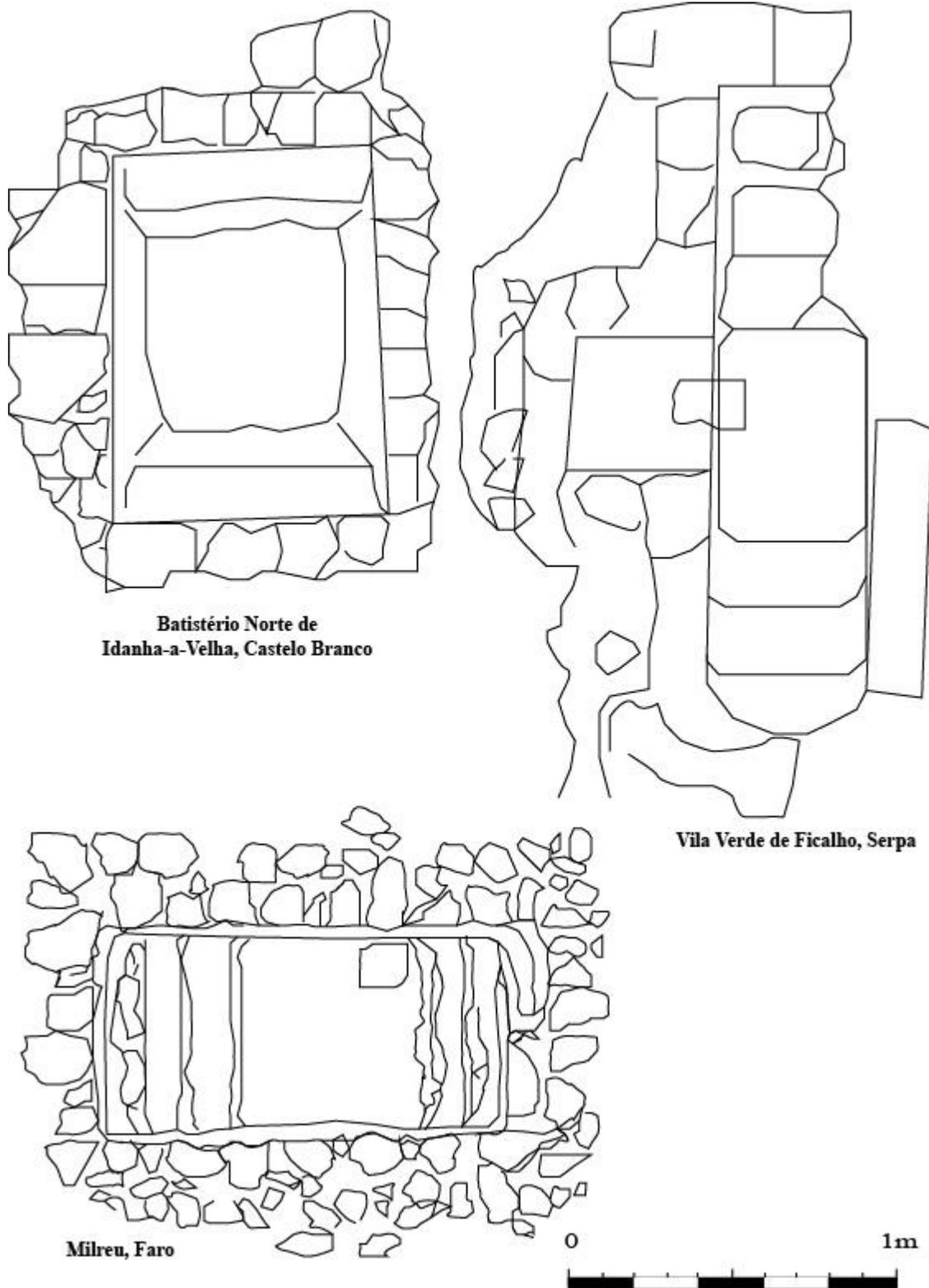


FIG. 42 - Planta da Casa *Tancinus*, Conimbriga. (ALARCÃO, 1992)



FIG. 43 - Vista aérea do suposto batistério de Conimbriga, Condeixa-a-Nova. (CORREIA, 2014)



**FIG. 44** - Batistérios de planta simples/retangulares da Lusitânia. Autoria da autora.

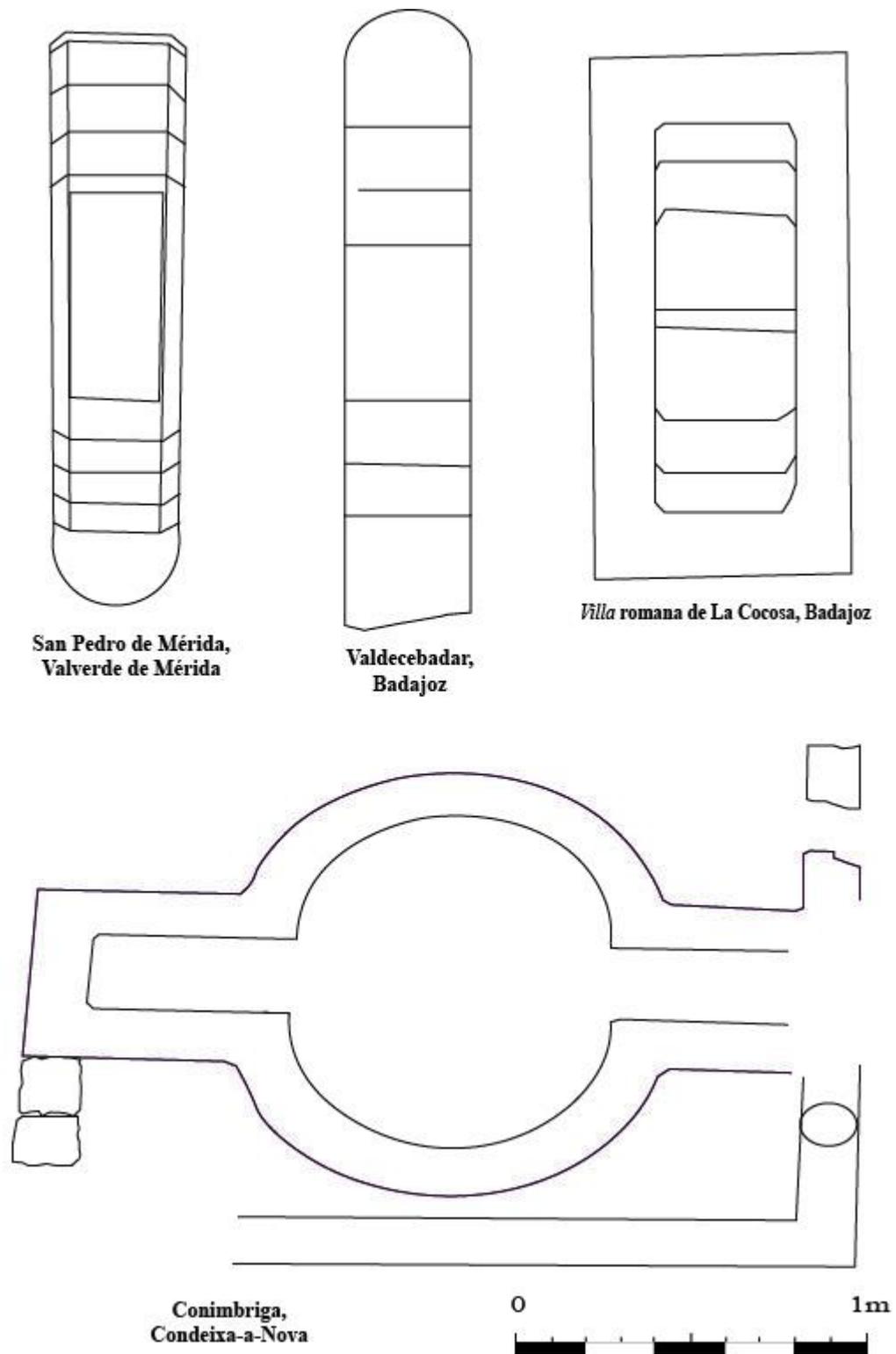
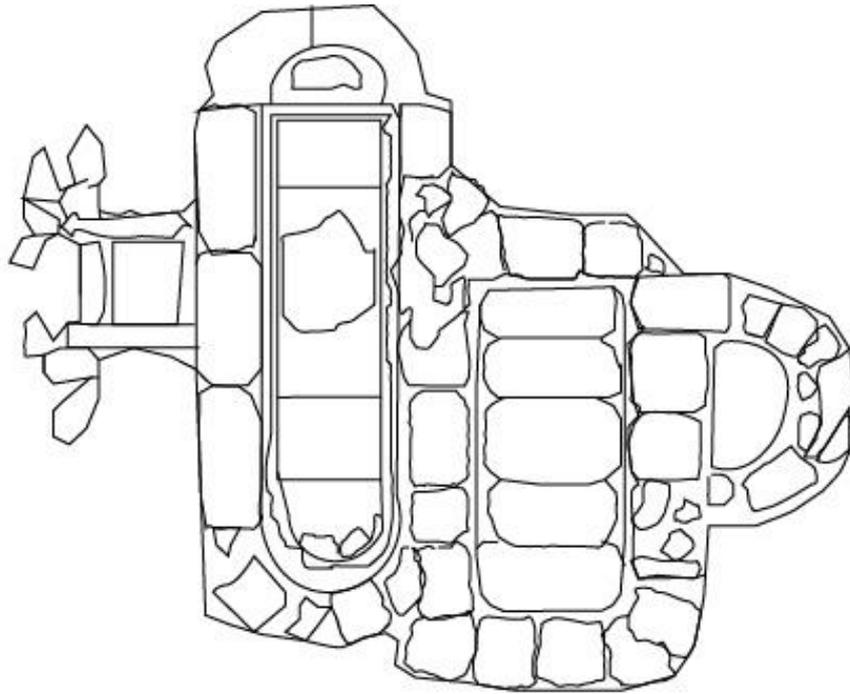
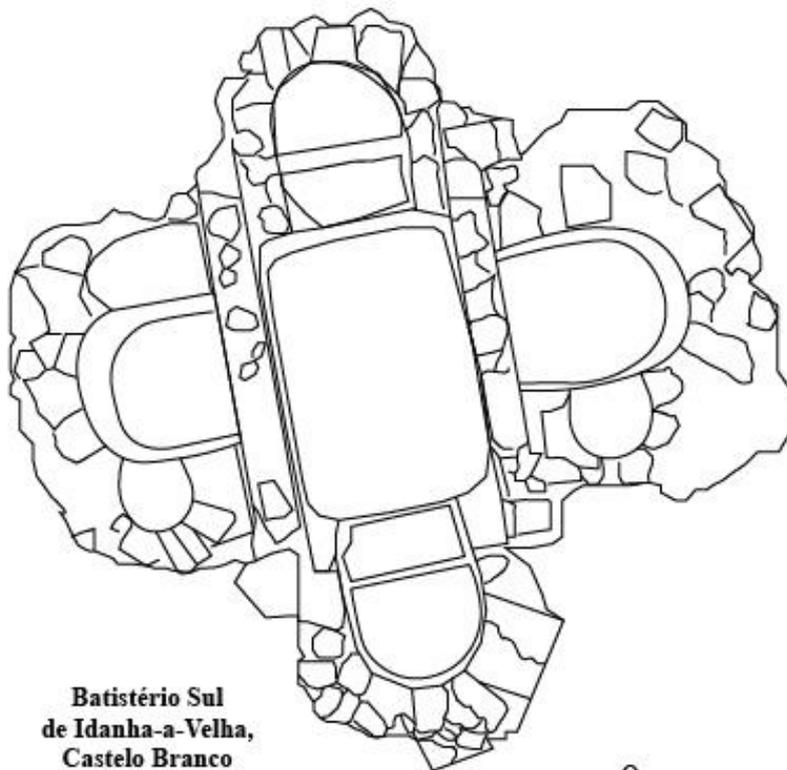


FIG. 45 - Batistérios de planta simples/retangulares da Lusitânia. Autoria da autora.



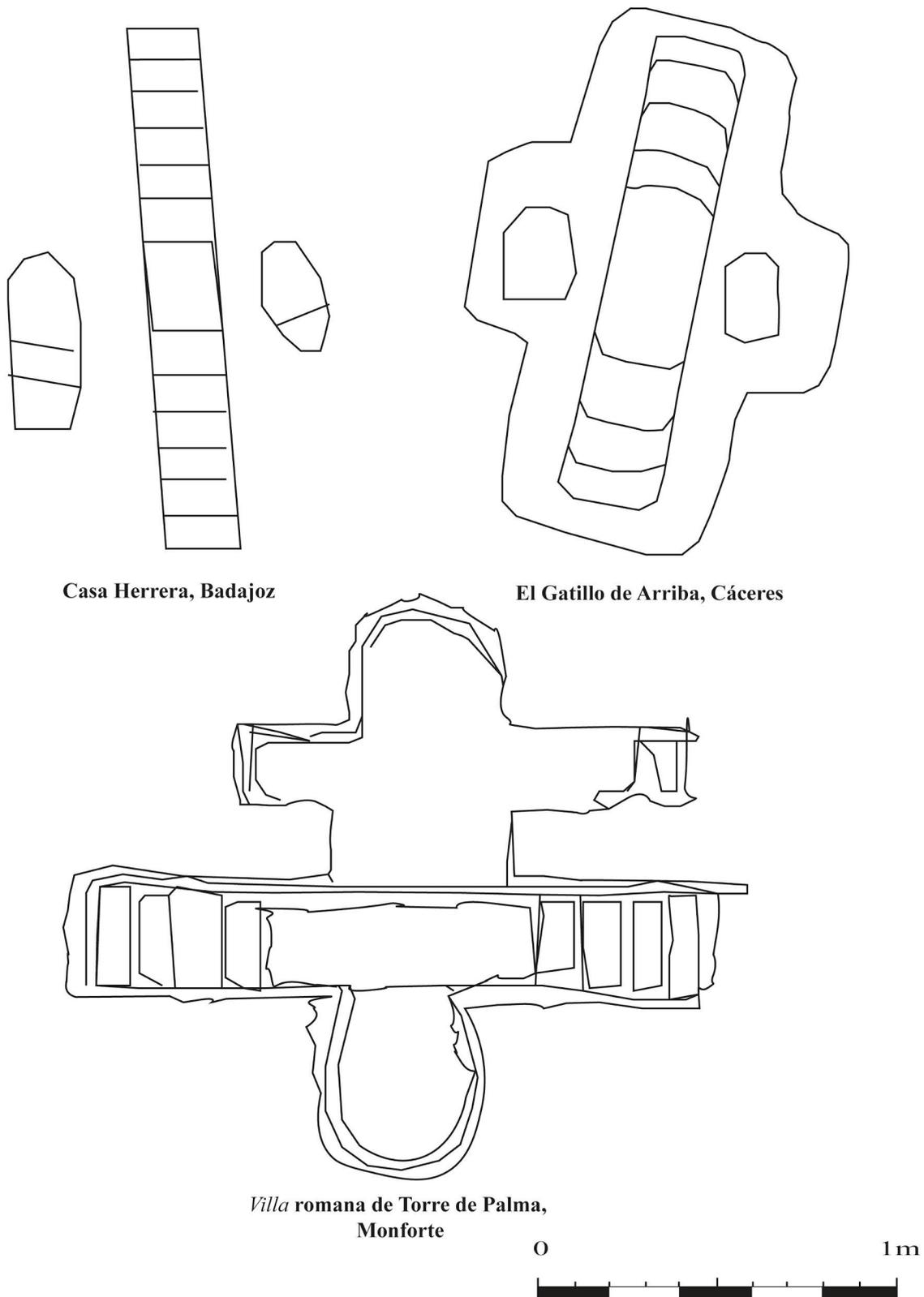
**Garrovillas de Alconétar, Cáceres**



**Batistério Sul  
de Idanha-a-Velha,  
Castelo Branco**



**FIG. 46 - Batistérios de planta cruciforme da Lusitânia. Autoria da autora.**



**FIG. 47** - Batistérios de planta cruciforme da Lusitânia. Autoria da autora.

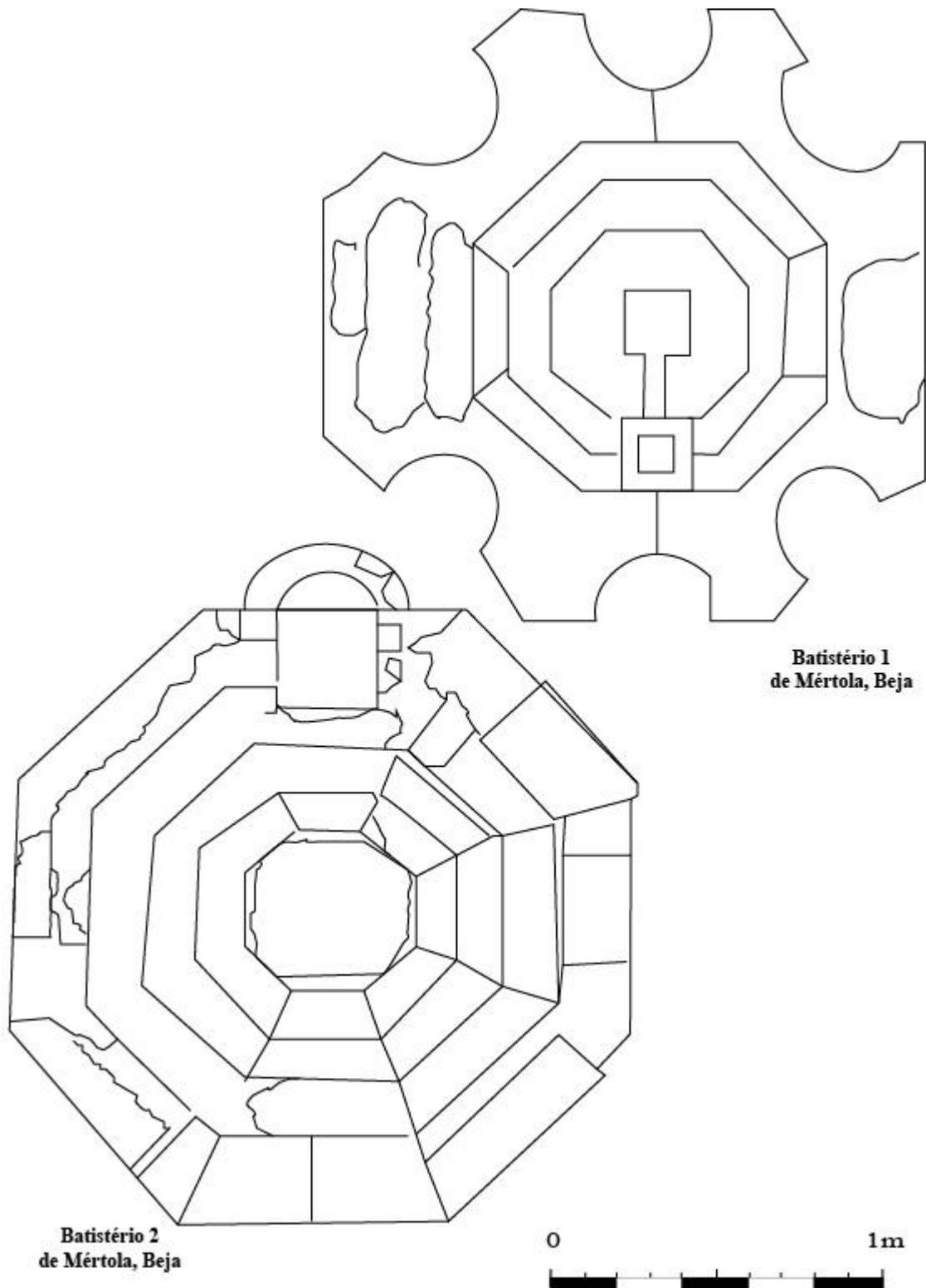


FIG. 48 - Batistérios de planta octogonal da Lusitânia. Autoria da autora.

